

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

39 / 40

«A Família entre Educação Cristã e proposição da Fé»

**A família entre a educação cristã e a proposta da fé:
problemática [9-19]**

STIJN VAN DEN BOSSCHE

**O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese.
Começar a partir da família? [21-32]**

SALVATORE CURRÓ

A problemática do Congresso [33-36]

JOËL MOLINARIO

**Evolução da relação com a temporalidade e dificuldade
de transmissão [39-58]**

DOMINIQUE FOYER

**Breve comentário à conferência de
Dominique Foyer [59-64]**

CRISTINA SÁ CARVALHO

Amoris laetitia, uma aplicação da *Evangelii gaudium* à realidade da família [65-90]

ANTONIO ÁVILA

A família na Bíblia: dom de Deus e desafio para o homem!

[91-106]

CHRISTOPHE RAIMBAULT

Educação e ética no judaísmo [109-119]

VERÓNICA NEHAMA

Uma aplicação catequética prática no Reino Unido, Grã-Bretanha [121-138]

CAROLINE DOLLARD

Na linha de *Amoris laetitia*: o modelo das jornadas de catequeses intergeracionais [139-151]

FRANÇOIS XAVIER AMHERDT

Ousar em família. Dez anos depois do Texto Nacional: princípios e concretização [153-160]

PIETRO BIAGGI

Colaboração pastoral entre a paróquia, a escola e a família no mesmo bairro em ordem à evangelização

[161-171]

ALFREDO DELGADO GÓMEZ

Modelos de catequese familiar na Alemanha [173-184]

ANGELA KAUPP

A tarefa missionária da família na iniciação cristã dos filhos. Um modelo [185-194]

LUCIANO MEDDI

A família entre a educação cristã e a proposta de fé. Reflexão sobre os modelos catequéticos em curso

[195-200]

ANDRZEJ KISINSKI

Uma releitura parcial do Congresso [201-208]

FREI ENZO BIEMMI

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Telef.: 21 885 12 85

E–Mail: snec@snec.pt

Diretor

Acácio José Pereira Lopes

Conselho de Redação

Manuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira, António Moiteiro Ramos,
Nuno Brás Martins, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redação

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

1200 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354–909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

DIÁC. ACÁCIO JOSÉ PEREIRA LOPES (*)

Dedicamos a edição 39/40 da nossa revista «Pastoral Catequética» à publicação de todas as comunicações do Congresso da Equipa Europeia de Catequese, ocorrido em Madrid, de 31 de maio a 5 de junho de 2017.

O próprio título do tema do Congresso indica-nos, desde logo, a problemática essencial que mobiliza a reflexão dos atuais responsáveis pela catequese e a educação da (na) fé na Europa: «*A família entre a educação cristã e a proposição da fé*».

A temática em causa, como se depreende da própria Introdução ao Congresso, apresentada por Stijn Van den Bossche, e que subjaz a todas as comunicações dos diversos conferencistas, tem como “pano de fundo” dois dos textos fundamentais do Papa Francisco: «*Evangelii Gaudium*» e «*Amoris Laetitia*». O que está em causa é a questão da família, tanto como *objeto* da pastoral catequética como *sujeito* da mesma, bem como a dinâmica missionária da catequese, quer no interior das comunidades cristãs locais quer na sua projeção para as realidades existenciais, sociais e culturais exteriores à centralidade cristã. Tendo em conta a realidade social que vivemos na nossa contemporaneidade, como operar “a transição do cristianismo cultural para o cristianismo missionário”? e como posicionar “a família entre a educação cristã e a proposta missionária”, obrigação inquestionável da Igreja? Se a fé, entendida como tradição a transmitir às gerações futuras, se encontra, cada vez mais, em crise no mundo contemporâneo, que implicações isso acarreta para a família cristã entendida como instituição sociorreligiosa e eclesial? A família deverá ser encarada “como destinatário ou como sujeito da educação para a fé”? E que modelos e estratégias

(*) Diretor.

catequéticos esta nova realidade exige (quer a nível das famílias, das crianças, dos jovens e das comunidades eclesiais em geral)?

É a toda esta complexa problemática que pretendem responder, cada uma à sua maneira e com perspetivas algo distintas, as comunicações que constituem a primeira parte do Congresso.

A segunda parte apresenta uma variedade de modelos práticos e estratégias catequéticas desenvolvidas em vários países e comunidades eclesiais da Europa. Nenhum deles se atreve a apresentar-se como solução provada, antes como tentativas (“tateamentos”) na procura de propostas e caminhos que se pretendem aproximar o mais adequadamente possível à problemática atual da educação na fé e para a fé, e que passam por dinâmicas distintas, ainda que, em muitos casos, complementares (modelos de estilo catecumenal, diversos tipos de catequese familiar, catequeses paroquiais, catequeses intergeracionais, catequeses bíblicas, diversas formas de preparação para os sacramentos, reevangelização das famílias, aproveitamento dos *media*...).

A concluir, apresenta-se a releitura, elaborada por Frei Enzo Biemmi, de todo o Congresso, a qual aconselho, vivamente, que seja entendida como complemento indispensável deste Editorial.

PROBLEMÁTICA

A família entre a educação cristã e a proposta da fé: problemática

STIJN VAN DEN BOSSCHE (*)

Introdução

Para o Comité da Equipa Europeia de Catequese, o tema não foi difícil de escolher, há já dois anos: havia naquela altura um grande entusiasmo e *momentum*, entre os dois Sínodos sobre a família (2014-2015) que o Papa Francisco tinha convocado; e uma grande maioria dos membros da EEC era a favor deste tema da família. Entretanto, surgiu a *Amoris Laetitia*, o que em todo o caso significa uma revolução na teologia moral com o seu critério de discernimento, mas que examinaremos aqui de um ponto de vista mais catequético. Também queremos explorar mais amplamente o tema da família na perspetiva de uma catequese missionária que inclua a *Evangelii gaudium*, como também os nossos próprios congressos, pelo menos desde Lisboa 2008 (O primeiro anúncio), Cracóvia 2010 (A catequese narrativa), Malta 2012 (A pluralidade das linguagens da fé) e Celje 2015 (Conversão).

Este Congresso de Madrid pode até ser considerado como a nossa modesta contribuição para o Sínodo sobre «Juventude, Fé e Discernimento Vocacional», em 2018. No Congresso do CCEE¹ em Barcelona, no final de março de 2017, o Cardeal Baldisseri comunicou-nos que foi o Papa quem acrescentou pessoalmente o tema do discernimento vocacional, que obviamente tem muito a ver com a comunicação da fé na família.

(*) Leigo, casado e pai de família. Professor no Instituto Lumen Vitae de Namur (Bélgica). Secretário da Comissão Interdiocesana de Catequese, diocese de Neerlandófonas (Bélgica). Presidente da Equipa Europeia de Catequese.

¹ CCEE Symposium on the accompaniment of young people today, Barcelona, Spain, 28-31 March 2017.

Volto-me, agora, para o «privilégio presidencial»: posso fazer perguntas difíceis e problemáticas, e outros devem responder-lhes mais tarde. Noutras palavras, começo com a problemática do nosso congresso. Em duas partes: A = a transição do cristianismo cultural para o cristianismo missionário, e B = A família 'entre' a educação cristã e a proposta missionária, uma parte da qual também falarei de passagem.

A. É SEMPRE NECESSÁRIO RECORDAR: UMA CATEQUESE QUE SE TORNOU MISSIONÁRIA

Quando se viaja da Bélgica para Espanha de carro passa-se, algures no sul da Borgonha, a famosa «linha de separação das águas». É mágico, porque a partir daí a água flui noutra direção: já não em direção ao Mar do Norte e ao Oceano Atlântico, mas em direção ao Mar Mediterrâneo. No entanto, vê-se apenas no sinal na autoestrada, caso contrário, nada parece mudar. Continuamos no caminho e não vemos nada de especial, imediatamente, na paisagem, mas na verdade tudo mudou e vamo-nos gradualmente apercebendo disso: passamos da Europa da manteiga para a do azeite, da cultura da cerveja para os grandes vinhos, do frescor, nuvens e chuvas do norte, para o calor, o céu azul e o sol do sul.

Isto é um pouco a mudança de paradigma de uma cultura Cristã para uma cultura de fé como uma escolha pessoal: tudo mudou, mas levamos tempo para nos apercebermos disso. Parto do meu próprio contexto, em Bruxelas, com os nossos piores números, que indicam a mudança radical de paradigma na cultura da fé, mas ainda não queremos aceitar as suas consequências.

1. Bruxelas: no coração da Europa...? Os nossas piores números

Às vezes, aos Domingos, pensamos: «Ai!, há poucas pessoas na missa»? Às vezes pensam: «Ai!, há poucos jovens no meio das pessoas na missa»? Infelizmente, é necessário combinar os dois. Na Bélgica, de momento, ainda temos 5-6% de praticantes semanais, 7% mensais, 10-12% nas festas principais. Desses números, 1,8% têm entre 18 e 35 anos, e são as famílias que se formarão. Isso significa 0,75% dos belgas entre 18 e 35 anos, ou cerca de 10 mil pessoas, uma grande paróquia, para 12 milhões de belgas. Não estou a dizer que todos os outros jovens belgas sejam descrentes, ou que alguns jovens adultos não se encontrem com a Igreja, fora da paróquia.

Mas os sociólogos dizem-nos duas coisas importantes: 1) quando se vai à missa menos que mensalmente, a fé torna-se muito vaga e desaparece por falta de formação: bíblica (pelo menos nisso, os belgas permaneceram católicos que não leem a Bíblia em casa...), eclesial, etc. E, 2) por essa razão, as pessoas não deixam de ir à missa porque deixaram de acreditar: elas deixaram de acreditar porque deixaram de ir à missa. A prática do Domingo é, portanto, importante para o Senhor, mas também funcional para a fé. Em vez de relativizar imediatamente a prática do Domingo para medir a fé dos católicos, devemos dizer a mesma coisa que os judeus que dizem: nós não mantemos o Sabbath, ao contrário, é o Sabbath que nos mantém.

Mas ainda batizamos mais de 50% de todos os bebés nascidos na Bélgica, cujos pais dificilmente frequentam a missa. E mais: neste momento, pelo menos 75% dos pais que apresentam um bebé para o batismo, não são casados. Mais uma vez, estou pronto para aceitar todas as possíveis situações excepcionais, mas há um sério problema eclesiológico aqui: normalmente, o casamento como um sacramento edifica a igreja e a partir daí deixamos os seus filhos serem batizados.

E, por último, mas não menos importante: esta situação representa uma evolução desde a década de 1930, quando já tínhamos cruzado a linha de separação das águas do batismo, sem o perceber o suficiente. Foram 4 gerações a «sacramentalizar sem cristianizar» – título de um congresso sobre este tema, na Bélgica de... 1957!

No entanto, sei que o nosso Presidente Honorário Enzo Biemmi distinguiu corretamente, na Europa, entre norte e sul, leste e oeste, e que a verdadeira exculturação da fé em Bruxelas, Amsterdão e Paris, não corresponde inteiramente aos fragmentos de cristianismo cultural realmente melhor preservados no sul da Europa. Mas a orientação geral é a mesma, em toda a Europa, diz Biemmi, e é a missionária. E o nosso anfitrião destes dias em Madrid, José Maria Pérez Navarro, reagiu na revista *Lumen Vitae*² (sou obrigado a nomeá-lo, pois o meu diretor está presente...) a esta contribuição de Biemmi, afirmando que, de facto, a Espanha do sul já se poderia ter juntado às áreas da exculturação da fé. E ele indica a linha de separação

² J.M. PEREZ NAVARRO, «L'initiation chrétienne. Réflexions à partir de la situation espagnole», *Lumen Vitae*, 66 (2011), 189-202.

das águas como isto: «A Associação Espanhola de Catequetas (AECA) escreve: “Aceitamos que estamos a viver um tempo de mudança, mas ainda estamos relutantes em aceitar uma mudança de tempos (épocas)». José Maria acrescenta: «Para isso precisamos de um novo paradigma pastoral que abranja todas as instâncias pastorais: a figura do catequista, o perfil do sacerdote e do bispo, o conceito da família cristã, o modelo paroquial, a política de nomeação, o modelo de formação no seminário sacerdotal, e assim por diante». (Pérez Navarro, 2011, 195). Esse é o nosso tema.

2. Enzo Biemmi e Denis Villepelet, sobre o passado que deixamos

Anuncio pela segunda vez Enzo Biemmi, no seu livro sobre o segundo anúncio³. Nele descreve muito bem de onde viemos (estou a parafrasear). Até ao passado recente, um duplo, tradicional e cultural sistema de transmissão e de educação estava operacional:

Transmissão:

- A catequese = catecismo: classe, professor, livro, método, obrigação;
- Que está ao serviço de uma modalidade específica de iniciação Cristã: focado nas crianças e nos próprios sacramentos (sacramentalização);
- E localizado num modelo de paróquia Tridentino: uma «estação de serviço» para os que já são crentes.

E isto num ambiente educacional:

Educação: família -> escola católica -> aldeia abrangente -> para «'cidadão = cristão'».

Tudo isto já não funciona: nós o permitimos, avisa Enzo! E o nosso membro filósofo e catequista Denis Villepelet (Paris) adverte que o Cristianismo, que por muito tempo pertenceu às fundações instituídas da cultura, deve aprender a agir como não lhe pertencendo mais, mas como uma força

³ Enzo Biemmi, *Il secondo annuncio. La grazia di ricominciare*, Turino, EDB, 2011.

instituinte na cultura, que, assim sendo, oferece novidade e uma alternativa para a média cultural (Villepelet, 2009, 132⁴). Nós ainda consideramos, como Cristãos, muito da nossa situação e da nossa posição numa esperança implícita de recuperar o que estava no passado, afirma. No entanto, não se trata de um tecido cristão perdido que deve ser recuperado – «Como é que a nossa sociedade pode recuperar seus (Cristãos) pedais?» – mas sobre um novo tecido social que se desenvolveu, ao qual a fé Cristã deve responder a partir de fora.

3. Do Cristianismo cultural ao Cristianismo missionário: um marco mais amplo que podemos reconhecer

Os bispos belgas (que por contrato sou obrigado a citar em todas as intervenções públicas), lançaram, na sua Declaração de 2006, *Devenir Adulte dans la Foi*, as palavras de Tertuliano: «Não se nasce cristão, tornamo-nos cristãos». Desde então, estas palavras ressoam em toda a parte na Igreja belga (até já estamos um pouco cansados disso, depois de 11 anos...). E penso que já aceitámos a primeira parte do discurso: observamos, de facto, que já não nascemos como Cristãos. Por exemplo, ouço no comboio duas raparigas que falam sobre quando a Páscoa calha este ano. Olham para os seus calendários: «Ah, é uma pena, é um Domingo, não teremos um dia de feriado...» Mas ainda não aceitámos a segunda parte da palavra de Tertuliano: reorganizar a nossa vida de Igreja de acordo com o sermos capazes de *nos tornarmos* Cristãos! Aceitamos, mais ou menos, que devemos iniciar. Mas gostaríamos muito de continuar com a pedagogia da iniciação do Cristianismo cultural: o caminho conjunto de se tornar humano e de se tornar cristão através da educação... Falamos, assim, da crise antropológica na educação, que até é verdadeira, mas como se nossa cultura já estivesse a procurar um novo humanismo sem nenhum lugar para Deus... A solução para esta crise antropológica pode ir em várias direções, mas não será na Bélgica o retorno à educação Cristã (na sociedade – ainda não estou a falar da família).

Para mostrar, em poucas palavras, em que consiste essa mudança eclesiológica, proponho um esquema que tem a vantagem e a desvantagem

⁴ Denis Villepelet, *Les défis de la transmission dans un monde complexe: nouvelles problématiques catéchétiques*, Paris, Desclée de Brouwer, 2009.

da esquematização: é muito claro, mas às vezes demasiado claro, a realidade é mais subtil. Mas de qualquer maneira:

<p>CRISTÃO POR NASCIMENTOLÓGICA DA HERANÇA</p> <p>– Tipo de Igreja e fé: Pressupor a fé, evidente Socialização no cristianismo (Soc. Catecismo) “Fé em <u>casa</u>”, para <u>ser</u> cristão</p> <p>Fé Cristã por transmissão evidente Igreja popular</p> <p>– Catequese: Catequese como língua nativa(não) aprendida Catequese para crianças Catecismo: aprender acrescentando a experiência de vida</p> <p>Difícilmente um processo de aprendizagem consciente Simbiose cultural (fé sociológica provável) Na educação</p> <p>– Sacramentos (de iniciação): Batismo infantil Sacramentos de iniciação aos 0, 7, 12 anos Sacramentos como ritos de passagem A confirmação é o mais importante (fé adulta)</p> <p>– Edificação da igreja: Igreja de duas classes (nascido-chamado) <u>Comunidade</u> da igreja (paróquia x território civil)</p>	<p>PARA SE TORNAR UM CRISTÃO / / DISCÍPULO LÓGICA DA PROPOSIÇÃO</p> <p>Propor a fé, graça Iniciação na fé Cristã em curso para / na fé, fé como caminho, para se tornar <u>Cristão</u></p> <p>Fé por escolha pessoal (- a família?) Igreja missionária (centrípeta e centrífuga)</p> <p>Catequese como aprender uma língua estrangeira Catequese para todos <i>Catequese</i>: iniciação na Fé e na Igreja</p> <p>Aprendizagem ao longo da vida ou discipulado até Emaús Difícil “segunda socialização” (improvável) Opcional, “privado”, como um instrumento musical</p> <p>Catecumenato antes ou depois (!) do Batismo sacr. de iniciação crescendo na fé (site francês!) sacr. depois da proclamação e completando a iniciação batismo (fé) e eucaristia (Igreja) são o mais importante</p> <p>Comunhão na Igreja como comunidade de convocados (Chamados) Comunidade na <u>Igreja</u> (assembleia de Domingo)</p>
--	--

4. Sobre a impossibilidade da transmissão da fé

Agora, vou arriscar uma declaração ousada. A crise pela qual a nossa Igreja está a passar é menos uma crise de fé (é-o, também) do que a de um modelo de ser crente: aquele crente «de nascimento». Não é a possibilidade da fé que é superada, e até penso que a fé recuperará alguma plausibilidade (cf. 0,75%...) assim que nos acostumarmos a uma cultura sem uma função para Deus. Mas o que parece ultrapassado para um futuro mais ou menos previsível é a fé como evidência, por assim dizer, sem ter que acreditar nela pessoalmente. Isso está muito claro no estudo «*Le pèlerin et le converti*»⁵, da socióloga francesa Danielle Hervieu-Léger, em que a autora dedica um capítulo inteiro ao «fim das identidades religiosas herdadas». Nele, ela fala das nossas sociedades onde há «uma alienação, menos da crença em deuses e profetas, do que do modo propriamente religioso de acreditar neles, que consiste em fundar a crença na autoridade legitimadora de uma tradição (Hervieu-Léger, 1999, 68). A fé não é mais transmitida por uma cultura religiosa – é o que Hervieu-Léger entende como o desaparecimento do «modo estritamente religioso» de acreditar nela. Nem as instituições socioculturais nem as instituições eclesiais podem herdar a fé como tradição numa cultura moderna, sem a intervenção da afirmação pessoal. E isso vale também para a escola católica, os movimentos juvenis, a «alma do povo» e para qualquer instituição. Cito novamente Hervieu-Léger: «Num universo moderno que se caracteriza ao mesmo tempo pela aceleração da mudança social e cultural e pela afirmação da autonomia do sujeito, nenhuma instituição pode, de maneira duradoura, prescrever a indivíduos e à sociedade um código unificador de sentido, e menos ainda lhes impõe a autoridade de normas deduzidas por ele» (Hervieu-Léger, 1999, 53). A fé como dimensão cultural do ser humano faz parte da história. E Karl Rahner disse-o, de facto, já em 1966: «O cristão do futuro será um místico», alguém que tenha experimentado algo, ou não existirá de forma alguma... porque a vida na fé do amanhã não será mais sustentada por uma consensual, evidente convicção pública e o costume religioso de todos, que antecedem uma experiência e escolha pessoal; e porque a educação religiosa, até agora generalizada, pode passar a ser apenas um «berbequim» muito secundário (= o que fazemos em piloto automático) para a instituição religiosa.

⁵ Danielle Hervieu-Léger, *La religion en mouvement: le pèlerin et le converti*, Paris, Flammarion, 1999.

Resumindo: a *transmissão* da fé ou a fé como tradição (*tradere* = transdare) parece não ser mais possível. Com a pergunta ainda em suspenso: o que é que isso significa para a instituição da família cristã?

B. E A FAMÍLIA EM TUDO ISTO? ‘ENTRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ E A PROPOSTA DA FÉ’?

À primeira vista, parece que também a família não pode substituir o contexto cultural em que a fé era uma evidência que vinha com a educação... Mas a família é provavelmente o único lugar onde a fé pode ser vivida também hoje ‘antes’ de uma escolha de vida pessoal: quando os pais cristãos a transmitem aos seus filhos. Ou, para a colocar em termos de Bruxelas: pelo menos aqueles 0,75% de jovens adultos que praticam a fé pessoalmente, poderão talvez, ainda, transmiti-la de alguma forma...?

Estou aqui apenas a improvisar para introduzir um pouco o «entre» educação e proposta na família. Apresento-o como um dilema, sabendo que a solução católica final será sempre a proposta e... e...: e educação, e proposta da família. Mas uma das minhas questões para o nosso Congresso é precisamente como este famoso e... e... não funcionará como uma fuga à mudança de paradigma neste caso.

– Nas suas fundações, a **fé combina escuta (por apelo pessoal) e visão (por reflexão, educação)**. Isso desenvolve-se muito bem na encíclica dos dois Papas *Lumen fidei*. A história da fé em Deus começa quando Deus chama Abraão pelo seu nome. «A fé está ligada à escuta. (...) A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama pelo nome.» (Nº 8) E essa fé, como escuta e resposta, ensina Abraão a ver: «A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé «vê» na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus.» (Nº 9) E mais adiante: «o cristão pode ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos, a sua predisposição filial, porque é feito participante do seu Amor, que é o Espírito; é neste Amor que se recebe, de algum modo, a visão própria de Jesus» (Nº 21). No segundo capítulo, a encíclica desenvolve a relação entre ouvir e ver de uma maneira mais estrutural. O ouvir está associado ao chamamento à obediência (obedecer, ir ao encontro). Ver é contemplar no amor.

«A propósito do conhecimento da verdade, pretendeu-se por vezes contrapor a escuta à visão, a qual seria peculiar da cultura grega. (...) Segundo esta conceção, haveria oposição entre a abordagem bíblica do conhecimento e a grega, a qual, na sua busca duma compreensão completa da realidade, teria associado o conhecimento com a visão. Mas tal suposta oposição não é corroborada de forma alguma pelos dados bíblicos: o Antigo Testamento combinou os dois tipos de conhecimento, unindo a escuta da Palavra de Deus com o desejo de ver o seu rosto. Isto tornou possível entabular diálogo com a cultura helenista, um diálogo que pertence ao coração da Escritura. O ouvido atesta não só a chamada pessoal e a obediência, mas também que a verdade se revela no tempo; a vista, por sua vez, oferece a visão plena de todo o percurso, permitindo situar-nos no grande projeto de Deus; sem tal visão, disporíamos apenas de fragmentos isolados de um todo desconhecido» (Nº 29).

Voltemos ao nosso assunto: saímos de um tipo de educação «visão Cristã» sobre o mundo, a pessoa (e Deus). Uma Igreja missionária dará mais ênfase ao chamamento de Deus. Além disso, no passado, sempre situámos a iniciação cristã na formação humana, e a Encíclica coloca uma grande ênfase na transformação realizada pela fé: a conversão após o chamamento.

– Em ligação a isto, **toda a questão parte da pedagogia religiosa (situando a fé na extensão da dimensão religiosa de cada ser humano) e da pedagogia da fé (DGC)**. Denis Villepelet (Villepelet, 2009, 391-457) fala de três modelos pedagógicos: saber, saber-fazer e saber-ser, que eu ligaria às expressões: enquadramento pela fé, gerar a fé e propor a fé. Mesmo que Villepelet considere esta última a mais adequada ao nosso tempo, ele reconhece que todos os três modelos têm o seu momento de verdade.

– A família cristã parece ser **a última instância em que os filhos podem crescer na fé através da educação**. Uma pesquisa que os Diretores Nacionais de Catequese da Europa fizeram há alguns anos sobre os espaços onde os jovens encontraram ou não a fé, confirma a importância da tradição da fé na infância e na educação. Esta pesquisa é confirmada por mais estudos científicos. E, espelhando isto, «novos» católicos que se converteram na sua vida adulta dizem que há algo que eles nunca conseguem chegar a alcançar. Um escritor holandês que se tornou católico disse: «Tenho

a sensação de que só posso tentar ser um Católico, mas nunca conseguirei o mesmo que os que nasceram Católicos».

– E, no entanto, **é necessário ter uma família cristã para alcançar esta tradição / transmissão.** Como é que esta tradição / transmissão da fé na família poderá ser feita num contexto social em que a fé é pouco plausível? Numa família, muitas vezes recomposta, com cicatrizes no amor e na referência à Igreja? Numa família em que apenas um dos pais está interessado na fé (o que já acontece muito, em média!) e onde a criança vê desde o início que a fé é uma escolha e não uma evidência?

– Os bispos franceses no «*Texte National pour l’Orientation de la Catéchèse en France (TNOC) et principes d’organisation*» (2005) insistem na liberdade como o primeiro elemento de uma pedagogia missionária: «A pessoa entra num caminho catequético decidindo tomar a iniciativa ou aceitando o convite para entrar. Quando se trata de crianças pequenas, é claro que a liberdade é antes de mais nada a liberdade exercida pelos pais. **Mas esta liberdade deve, logo que possível, tornar-se a das próprias crianças.** Na catequese, o recetor deve poder manifestar-se como sujeito ativo, consciente e corresponsável, e não como um recetor silencioso e passivo» (TNOC p. 26, com citação do DGC 167).

– **O Papa Francisco parece hesitar um pouco sobre o assunto**, se assim posso dizer. Eu situo a *Evangelii Gaudium* mais do lado da proposta, e a *Amoris Laetitia* como um pouco de retorno à educação cristã – mas estou curioso para ouvir mais durante estes dias. O Papa mostra as suas hesitações, talvez em AL 288: «A educação na fé sabe adaptar-se a cada filho, porque os recursos aprendidos ou as receitas às vezes não funcionam. As crianças precisam de símbolos, gestos, narrações. Os adolescentes habitualmente entram em crise com a autoridade e com as normas, pelo que é conveniente estimular as suas experiências pessoais de fé e oferecer-lhes testemunhos luminosos que se imponham simplesmente pela sua beleza. Os pais, que querem acompanhar a fé dos seus filhos, estão atentos às suas mudanças, porque sabem que a experiência espiritual não se impõe, mas propõe-se à sua liberdade. É fundamental que os filhos vejam de maneira concreta que, para os seus pais, a oração é realmente importante. Por isso, os momentos de oração em família e as expressões da piedade popular podem ter mais força evangelizadora do que todas as catequese e todos os discursos. Quero exprimir a minha gratidão de forma especial a todas as mães

que rezam incessantemente, como fazia Santa Mónica, pelos filhos que se afastaram de Cristo.»

– **E o batismo infantil no meio de tudo isto...?** Sem mencionar a ordem dos sacramentos da iniciação, a impossibilidade da primeira comunhão com a idade de 7 anos fora de um contexto de cultura ou família Cristã, etc.?

– Mas também: o que dizer de uma catequese intergeracional, comunitária e / ou familiar?

...

É aqui que vou passar para dois advogados e para a verdadeira intriga do nosso Congresso. Porque um deles vai falar pro Deo, o outro é na verdade o advogado do diabo! Mas: não sabemos quem é o defensor de Deus e quem é o advogado que representa Satanás, e isto é o que falta ser descoberto nos dias que virão. Não será fácil, pois um é chamado modestamente de *Salvatore*, e o outro tem o nome de *Joël*, como todos vocês conhecem, o profeta do Pentecostes. Como sempre, o Cristo e o Anticristo são muito parecidos, ou assim parece.

Antes de mais nada, ouviremos Salvatore Currò, que fará um apelo à educação cristã, no que eu chamaria depois de já ter visto o seu texto: a experiência de comunhão na família, e não o ensinamento da fé. De seguida, vamos ouvir Joël Molinario, que vai defender.

O programa que se segue foi construído de uma forma totalmente pedagógica:

- As fundações: Fr. Foyer, com uma resposta de Cristina Sá Carvalho;
- Os pilares: a bíblia, *Amoris laetitia*;
- Um lugar especial para os nossos irmãos e irmãs mais velhos do judaísmo que sobreviveram como minoria na família e na sinagoga por tantos séculos;
- 7 abordagens catequéticas: por diferentes membros e convidados;
- Uma releitura do Congresso, por Frei Enzo Biemmi.

O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese.

Começar a partir da família?

SALVATORE CURRÓ (*)

A problemática do Congresso do ponto de vista da educação cristã.

1. A família é destinatária ou sujeito da educação para a fé?

A família está no centro da atenção e da evangelização da Igreja e no centro de toda a pastoral catequética. Podemos pensar em muitas experiências: o acompanhamento pastoral dos namorados e dos casais jovens, os cursos de preparação para o batismo, o envolvimento dos pais nos percursos da iniciação cristã das crianças e dos jovens, a catequese para membros específicos da família (adultos, crianças, jovens), etc. A família é, portanto, destinatária privilegiada da proposta de fé. Mas também é sujeito? Em princípio, é ou deveria ser. Ela é o primeiro sujeito de educação para a fé, o primeiro “campo” de crescimento na fé; é, ainda mais, “Igreja doméstica”.¹ É por isso que os pais são os “primeiros educadores da fé” e “na fé” de seus próprios filhos.² O “lugar” da família tem, portanto, entre os lugares catequéticos uma prioridade ligada ao facto de ter “uma prerrogativa única”: ela “transmite” o Evangelho enraizando-o no contexto dos profundos valores humanos.»³

(*) Religioso Josefino. Professor do Instituto Pastoral da Pontifícia Universidade Lateranense, Roma. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ DGC 255. Sobre o assunto da igreja doméstica é feita referência a LG 11, AA 11 e FC 49; este tema é repetido em AL (ver parágrafos 15, 67, 86, 227, 292, 318, 3 24).

² DGC 226 e 255 . Veja também AL 287-290.

³ DGC 255.

Como podemos ver, a prerrogativa é de tipo educativo; está ligada ao facto de a família ser “a primeira escola de valores humanos”, que marca fortemente a pessoa, nas suas inclinações e emoções fundamentais.⁴ Como “o campo da socialização primária”, “é o primeiro lugar onde se aprende a colocar-se perante o outro, a escutar, a partilhar, a suportar, a respeitar, a ajudar, a conviver”.⁵ É o princípio do crescimento na sociedade, mas também o princípio de um verdadeiro crescimento da sociedade e de toda a família humana.⁶ O crescimento na fé precisa de ser enxertado e enraizado no crescimento humano e integral da pessoa. A Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre o Amor na Família desenvolve-se nesta perspetiva.⁷ No entanto, o surgimento e o desenvolvimento da fé numa base educativa, ou seja, a partir do crescimento humano que ocorre na família, é de facto complexo. Por que motivos? Por dificuldades das famílias no atual contexto sociocultural? Por falta de visão estratégica na pastoral eclesial?

As declarações do magistério, mencionadas anteriormente, relativas à centralidade do lugar da família para o crescimento na fé, são tão importantes do ponto de vista teológico, como irrelevantes – pelo menos ao que parece – do ponto de vista pastoral, porque estão distantes da situação real das famílias. Dizem, no máximo, um ideal desejável, certamente não um ponto de partida. As várias experiências familiares são realisticamente marcadas por fortes questões relacionais, educativas, sociais, económicas e éticas.⁸ A capacidade de transmitir a fé enfraqueceu-se; muitas vezes recusamo-nos

⁴ AL 274.

⁵ AL 276.

⁶ “A família é o lugar principal do crescimento de cada um, pois é através dela que o ser humano se abre à vida e àquela exigência natural de se relacionar com o próximo. Podemos constatar frequentemente que os vínculos familiares são essenciais para a estabilidade dos relacionamentos sociais, para a função educativa e para um desenvolvimento integral, porque animados pelo amor, pela solidariedade responsável entre as gerações e pela confiança recíproca. São estes os elementos capazes de tornar menos gravosas inclusive as situações mais negativas e levar a uma verdadeira fraternidade a humanidade inteira, levando-a a sentir-se como uma única família, na qual as atenções mais importantes são dirigidas aos seus membros mais frágeis.” (Discurso do papa Francisco aos participantes da 38ª Conferência da Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (FAO), Roma, 20 de junho de 2013.)

⁷ A sensibilidade para a educação na AL é muito forte. A educação na dinâmica do amor (cap. IV), na fecundidade do amor (cap. V), na educação dos filhos (cap. VII). O texto sublinha que a dinâmica educativa, a sua promoção e o seu acompanhamento devem ser preocupação pastoral essencial da Igreja.

⁸ O mesmo AL pretende “ter os pés no chão”, a partir da realidade e desafios atuais das famílias (v. 31ss.).

a fazê-lo, muitas vezes somos indiferentes. Mesmo em contextos em que a tradição cristã ainda está viva, a socialização religiosa é retardada e a transmissão da fé pela família está a tornar-se cada vez mais difícil. Nessa situação, a comunidade eclesial, convencida de que a família já não é capaz de educar a fé, assumiu-se, cada vez mais, o sujeito e o lugar privilegiado para o crescimento na fé, substituindo, de alguma forma, a família. A pastoral eclesial dirige-se à família, interpela-a para uma ação corresponsável na catequese, mas não deixa de se considerar o centro. Envolve a família depois de antes se ter apropriado da iniciativa; procura-a depois de a ter colocado em segundo plano.

É a comunidade cristã, geralmente entendida como uma comunidade paroquial, o primeiro sujeito da catequese, não a igreja doméstica, mesmo que a família seja evidentemente parte integrante da comunidade cristã. De facto, os temas da igreja doméstica e da família como o primeiro sujeito da educação da e na fé são, na realidade, no próprio contexto dos documentos, temas um pouco isolados; as implicações pastorais não são desenvolvidas, pelo menos no sentido de uma perspetiva de repensar o cuidado pastoral. Parecem quase uma dívida a ser paga às *origens domésticas da Igreja*, mas depois deparam-se perante a crise atual da família e do clima cultural de secularização e progressiva insatisfação com a fé. De facto, prevalece a ideia de que a família, num contexto cada vez mais secularizado, já não é capaz de educar para a fé.⁹

Suscitam-se questões. A deslocação gradual, na transmissão da fé, da família para a comunidade cristã (paroquial) era realmente necessária? Foi determinado apenas pela situação cultural, isto é, pelo processo de secularização? É profícuo continuar a ler a realidade, incluindo a das famílias, com a chave primária da secularização? Colocar a comunidade cristã no centro, para recuperar a contribuição dos outros sujeitos (e da família), é um caminho de futuro? E o que se entende por comunidade cristã? Por que continuamos a privilegiar a comunidade paroquial nesse processo? A comunidade paroquial é mais saudável do que a família? E ainda: a igreja doméstica, a família como sujeito da educação da fé e a insubstituível tarefa

⁹ Quer isto dizer que a Exortação Apostólica sobre o amor na família vai, neste sentido, contra a corrente, pondo a tónica na dimensão positiva e encorajante sem ignorar as dificuldades. O convite não é apenas para não deixar-se levar pelo pessimismo, mas também fazer uma salutar autocrítica: por vezes, a Igreja, nos modos de apresentar a doutrina e tratar as pessoas, provoca isso mesmo. (AL 36)

dos pais na educação cristã dos seus filhos, não poderiam tornar-se critérios para a renovação da catequese? Não poderiam tornar-se chaves interpretativas da situação atual, para os ajudar a ter a uma compreensão mais profunda das experiências familiares, como lugar de ação de Deus? As famílias não são, verdadeiramente, o primeiro lugar da ação de Deus e o primeiro lugar eclesial, precisamente nas suas dificuldades e fragilidades? Não poderiam elas sequer tornar-se um lugar privilegiado e uma perspectiva de renovação da comunidade eclesial e, nela, da reflexão catequética?¹⁰

Vale a pena investigar essa possibilidade. Mas passa por uma conjuntura essencial: é necessário entender a relação entre a catequese e a educação e procurar devolver à catequese um horizonte educativo, de modo radical, que faça da catequese uma ação educativa de Deus.

2. É necessário devolver à catequese um horizonte educativo, o da pedagogia de Deus?

A catequese renovou-se na relação com a educação. O processo de renovação aconteceu no confronto com as instâncias educativas e com o contributo da pedagogia.¹¹ Nessa linha, a catequese foi entendida essencialmente como *educação para a fé*. E, no entanto, a evolução da renovação catequética, a relação entre educação e catequese ocupou o segundo lugar no que diz respeito à relação catequese-Palavra de Deus e, sobretudo, à relação catequese-Igreja ou catequese-evangelização. A catequese, de facto, é pensada hoje “na missão evangelizadora da Igreja”.¹² É claro que a dimensão educativa continua a marcar a catequese, e mesmo toda a atividade pastoral,¹³ mas o horizonte é dado pela comunidade cristã e as suas tarefas de evangelização.

¹⁰ Se, como sugere o Papa Francisco, é dentro de casa que se inicia a ética e a política de não-violência e a transformação da “inteira família humana, por que não deve começar a partir da família a renovação de uma comunidade cristã? (v. a *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2017. Não-violência: o estilo de uma política para a paz*, 8 de dezembro de 2016, 5).

¹¹ A primeira fase deste movimento catequético, como sabemos, é a fase da renovação metodológica e valorização da catequese e dos desenvolvimentos da pedagogia moderna (cf. G. Biancardi - U. Gianetto, *Storia della catechesi. 4. Il movimento catechistico*, LAS, Roma, 2016, 163ss.).

¹² É o título da primeira parte do DGC.

¹³ Seguindo esta linha estão as orientações pastorais do episcopado italiano para a década 2010-20 (Conferência Episcopal Italiana, *Educare alla vita buona del Vangelo*, 4 de outubro de 2010).

Este horizonte dá à catequese um carácter de intra-eclesialidade, na medida em que a missão da Igreja está imbuída por uma conversão missionária. No centro permanece a preocupação eclesial de evangelizar, esperando-se que os interlocutores sejam não só destinatários, mas também sujeitos da ação pastoral-educativa. Mas não devemos ir mais longe? A educação não poderia ser o horizonte para a proposta da fé, no cuidado pastoral da Igreja? Será que o crescimento na fé dos sujeitos, que certamente necessitam da experiência e da proposta eclesial, não tem o seu fundamento último na ação educativa de Deus, que faz o seu caminho no coração de cada um? E esse fundamento não deveria ser também a pedra angular da ação catequética? O ser humano, antes de ser alcançado pela proposta da fé, não é já tocado por traços divinos, os quais deve a proposta eclesial considerar radicalmente?

Redescobrir o horizonte educativo significa, então, medir-se com a ação educativa de Deus. O sentido da catequese joga-se na sua capacidade de interceder ou não a obra educativa de Deus. É desafiada a ser mediadora nessa obra, a prolongá-la, e, antes de tudo, acolhê-la. É, portanto, uma ação educativa porque está na senda da ação educativa de Deus; é educação para a fé na medida em que está de *acordo com* a obra educativa de Deus, isto é, da sua iniciativa de amor. Há, de facto, uma profunda conexão entre a polaridade da catequese-educação e a polaridade da catequese-Revelação, também central no caminho da renovação da catequese.¹⁴ A catequese vê, assim, cruzarem-se duas linhas no seu caminho de renovação.

Este cruzamento é notório na intencionalidade da *pedagogia de Deus*, como refere o *Diretório Geral da Catequese*.¹⁵ E, todavia, tal intencionalidade colocada no *Diretório* na parte metodológica, que aponta uma pedagogia e uma metodologia catequéticas inspiradas na Revelação, não tem a força de tornar-se a intencionalidade dominante que dá significado à própria catequese, que permanece capturada “na missão evangelizadora da Igreja”. Mas não deveríamos pensar na mesma missão evangelizadora no horizonte da pedagogia de Deus e, portanto, na abordagem pastoral no horizonte da educação? Em suma: mais que pastoral com uma dimensão educativa, é necessária uma educação com uma dimensão pastoral. Com a condição, no entanto, de assumir, na educação, a inspiração e a medida da pedagogia de Deus.

¹⁴ Ver cap. 1 da primeira parte do DGC (36ss.).

¹⁵ DGC 139ss.

O tema da pedagogia de Deus não é um tema recorrente da reflexão catequética. Esta tem dificuldade em articular ação catequética e ação educativa de Deus, permanecendo, em geral, no desenvolvimento das ciências humanas (educação, comunicação), respeitando a sua epistemologia na interpretação na originalidade da catequese, no seu relacionamento com os conteúdos e valores da fé. Percebe-se que a relação entre catequese e experiência educativa (assim como entre catequese e pedagogia) permanece, no fundo, extrínseca, como se fossem duas realidades separadas. Deveríamos, em vez disso, estudar como a catequese pode criar raízes no coração, ou na verdade, e deveríamos saber ainda como ver o crescimento da fé nos processos de crescimento de humanidade a partir dos traços da obra de Deus inscrita no ser humano.

Para este fim, é decisivo superar uma concepção neutra do humano que, em geral, não é questionada, mas apenas comparada (extrinsecamente) com a fé. O humano está sempre marcado pelo dilema. Toda a ação humana, mesmo antes de se tornar uma escolha ou decisão de vontade, está marcada pelo sinal do bem ou do mal, da verdade ou da mentira, da reconciliação consigo ou da fuga de si mesmo, do acolhimento do outro ou do isolamento narcísico e imanente. Está sempre em sintonia ou em dissonância relativamente ao chamamento e promessas de Deus, inscritos na trama da existência. Por outras palavras, o nosso posicionamento na vida está sempre próximo ou longe de Deus. A reflexão catequética deveria trabalhar os dilemas, chamamentos, promessas, traços de criação e de redenção do humano, e ver como o evangelho (tanto na fase do primeiro anúncio como na catequese) pode habitá-los. Trata-se de re-situar o evangelho nos lugares que lhe são *consonantes* para readquirir nova tonalidade; trata-se também de procurar a sintonia no plano mais corpóreo e afetivo que cognitivo.

A fragilidade da reflexão catequética sobre estes aspetos tem o seu peso na fadiga, que encontramos nas experiências educativas onde a fé se faz inspiração.¹⁶ Experiências que deveriam encontrar-se, mas permanecem

¹⁶ Sobre a relação entre estas duas formas em que se expressa o compromisso educativo eclesial, cf. G. Angelini, *L'educazione cristiana. Congiuntura storica e riflessione teorica*, in «La Rivista del Clero Italiano» XC (2009)7-8, 516-534.

O autor lamenta a falta de reflexão teológica que diz respeito à educação: “Como todos os temas de carácter antropológico fundamental também o tema da educação assentou, durante séculos, em temas obrigatórios da teologia. Também na atualidade, o interesse por esta temática a nível pastoral e teológico e esporádico” (ibid., 516-517).

paralelas. A catequese pertence mais diretamente ao território eclesial, a educação inspirada pela fé (por exemplo, a escola católica, o ensino da religião, o ensino de várias disciplinas por professores motivados pela fé, etc.) pertence, praticamente e mentalmente, a um território laico (fora ou na fronteira com a comunidade eclesial). A catequese ocupa-se da proposta de fé e quer ser significativa para o ser humano; a educação cristã relaciona-se com o humano e quer conduzi-lo à verdade intercetando, assim, o evangelho de Jesus Cristo. Ainda mais do que a falta de diálogo entre duas perspectivas, é problemática a falta de profundidade e de qualidade de ambas as experiências. A catequese quer alcançar o humano, mas muitas vezes não o interceta verdadeiramente; a educação inspirada na fé parte do humano, mas não consegue que o seu caminho de verdade se cruze com os dons eclesiais. As duas perspectivas são marcadas por um subtil dualismo; ambas valorizam o cognitivo mais do que o afetivo; falta-lhes inspiração (de Revelação e de verdadeira humanidade); tratam o evangelho no plano dos significados, sem considerar as suas ressonâncias; carecem de uma verdadeira antropologia, capaz de interpretar o sentido verdadeiro do humano e da Revelação; definitivamente, não captam a pedagogia de Deus.

A experiência familiar não possui as chaves da relação que cruza catequese e educação inspirada pela fé? Não tem as chaves para conferir profundidade a essa relação? Para devolver a inspiração da fé à educação cristã (mas também à catequese) e situar a catequese (tal como toda a educação cristã) no horizonte da pedagogia de Deus, não deveríamos deixar-nos questionar, seriamente, sobre a dinâmica da família? A família não é o primeiro lugar para a colaboração com a obra criadora de Deus e o reflexo dessa mesma obra?¹⁷ Não é, antes de mais, na experiência familiar que captamos (não porque entendamos, mas de certo modo, porque experimentamos) os primeiros e mais fundamentais traços da obra educativa de Deus?

3. É necessário situar a inteligência da fé na prática corpórea e afetiva?

A experiência da família pertence a todos; une-nos, mesmo na diversidade de formas e percursos; marca-nos radicalmente e para sempre. Seremos sempre filhos, mesmo que nos tornemos pais; somos devedores à vida,

¹⁷ “A atividade geradora e educativa [...] é um reflexo da obra criadora do Pai” (LA 29).

mesmo quando começamos por nós próprios; ancorados numa história, mesmo que tenhamos que construir o futuro; ligados aos outros, mesmo que tenhamos que construir autonomia; com os traços dos outros, até mesmo no corpo, mesmo que sejamos livres. A experiência familiar mantém-nos com os pés na terra, dá-nos alicerces para construir solidamente. A história familiar de cada um passa pelo dilema de ser amado ou não amado, acolhido ou não acolhido; de aprender a amar ou não. É claro que as experiências podem ser mais ou menos felizes, mas ninguém escapa a estes dilemas. É difícil avaliar com absoluta certeza as experiências e as contradições que são frequentes: o amor pode de repente tornar-se opressivo; uma traição pode tornar-se motivo para o reencontro; a atenção ao outro (à esposa, ao marido, ao filho) pode repentinamente revelar apego a si mesmo; a manifestação de fraqueza pode ser força. A experiência da família é marcada pelo concreto, pelo desafio à sinceridade e à reconciliação, pelo interminável exercício da responsabilidade, tendo constantemente que lidar com a verdade de si e do outro.

A experiência familiar é abertura à verdade da vida e, por isso, possibilidade de descobrir, mais ou menos explicitamente, um pouco por si mesmo e um pouco ajudado por alguém, traços de filiação divina e até mesmo de salvação ou redenção já acontecida. Somos filhos de Deus, somos redimidos por Jesus Cristo e somos irmãos nele, não a partir do momento em que alguém no-lo anuncia ou no momento em que cremos nele, mas somo-lo realmente (cf. 1 Jo 3, 1), pelos traços que carregamos, mesmo no corpo. Eles dizem que viemos dos outros, que estamos ligados aos outros no bem e no mal, que já fomos alcançados pelo bem, mais forte que todo o mal. O encontro com o Evangelho não é como se um sentido surgisse de fora; não é, antes de mais nada, o encontro com chaves interpretativas da vida. É a possibilidade, mediada pela Igreja, pelos cristãos, pelos dons eclesiais, do encontro com Cristo, enquanto percorremos os caminhos da vida. Jesus Cristo, mais do que o sentido da vida, é um companheiro de caminho; com ele, abrimo-nos aos apelos da verdade, habitamos aqueles percursos que, antes de serem interpretados, pedem para serem habitados na coragem da reconciliação (connosco próprios, com os outros, com Deus, com a verdade da vida).

Está patente uma transmissão da fé no sinal de “por Cristo, com Cristo e em Cristo” mais do que no *para* Cristo. Mas antes de tudo há uma transmissão da fé enraizada, com os pés no chão, que não propõe

superestruturas, mas que remete para a verdade (ao concreto, às evidências) da vida. A visão pastoral-catequética de *Cristo* também nos liberta da ideia de que, para encontrar Cristo, é necessária uma base experiencial (e familiar) positiva (ou que julgamos positiva, geralmente de um ponto de vista moral).¹⁸ O encontro com Cristo é possível para todos. Do ponto de vista eclesial, não é de restituir Cristo aos mais pobres? E não é de reconhecer, por parte da comunidade eclesial, que Cristo está particularmente presente onde existe pobreza, fraqueza, fracasso? O Papa Francisco convida insistentemente a Igreja a um olhar a vida que saiba reconhecer, antes que tudo, os sinais da obra de Deus, sem se deixar levar pelo pessimismo.¹⁹ O Jubileu da Misericórdia encorajou-nos a ler os nossos tempos como “*kairos* de misericórdia”²⁰ e advertiu-nos para não colocar condições à misericórdia de Deus.²¹

Os sinais, inscritos na vida, são indelévels e, como já dissemos, não são, em primeiro lugar, para ser compreendidos; isto é, eles não são sinais que se referem a um significado. Eles devem ser seguidos, precisamente para viver, aceitando o risco da confiança e do amor. Abrem-se à dimensão afetiva mais que à cognitiva (sem a excluir), à corporeidade mais do que à vontade (sem a desvalorizar). Estes são os elementos constitutivos da experiência familiar. Na família somos acolhidos (ou não) antes de sermos compreendidos, ou melhor: somos compreendidos porque somos acolhidos; ama-se ou não se ama, é-se responsável pelo outro ou não, e é por isso que se compreende ou não o outro; os pais responsabilizam-se pelos filhos sem os questionar, antecipando a sua liberdade e as suas escolhas, e até mesmo tornando-as possíveis; os filhos confiam nos pais porque se sentem amados; manifestam uma obediência confiante e grata, mesmo que não os compreendam bem; aderem a práticas, sem necessidade de entender sempre o seu significado, porque sabem que eles os amam e ajudam a crescer.

¹⁸ Como aparece por exemplo no DGC, onde, quando falamos da catequese para crianças e adolescentes, liga-se com a “catequese familiar” num ambiente “positivo e acolhedor” (178). Reconhece-se que há situações de crianças gravemente desfavorecidas que não têm apoio religioso em ambiente de família, ou porque não têm uma verdadeira família, ou porque sofrem condições de instabilidade social: “Cabe à comunidade cristã tomar o encargo generoso, competente e realista de um serviço de suplência, procurando o diálogo com as famílias, e propondo formas adequadas de educação”(180).

¹⁹ V. EG 84-8 6 (o título que introduz esta parte é: «Não ao pessimismo estéril»). Mas, primeiro, veja-se a referência à alegria como razão fundamental da evangelização e da própria vida cristã (1 ss.); trata-se da alegria que ninguém nos poderá tirar (4).

²⁰ Papa Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, Uma conversa com A. Torielli, Piemme, Milão, 2016, 22. Veja-se também Id., *Misericórdia et misera*, Carta Apostólica na conclusão do Jubileu extraordinário da Misericórdia, 20 de novembro de 2016, 21.

²¹ *Ibid.*, 2.

O crescimento da fé em família, quando se é sensível a ela, está entrelaçado com todas essas dimensões. Aprende-se a rezar, faz-se o sinal da cruz, aprendem-se as fórmulas tradicionais, por afeição ou hábito antes da sua consciência. Aprende-se a ir à missa como sendo uma boa prática, não porque se entenda o seu significado. Aprende-se a estabelecer contacto com Jesus Cristo no meio das alegrias e tristezas da vida, de dilemas, na fraqueza e nas abundâncias da vida. Estabelece-se ligação com Ele, corporal, emocionalmente, por hábito; podemos também dizer, quase sacramentalmente, que é precisamente pelo contacto, e não pela compreensão. O sentido de fé *toma* corpo no coração (ou na carne) da vida. A fé cresce, fortalece-se, purifica-se, torna-se verdadeira, enquanto crescemos na verdade da vida: enquanto amamos, enquanto somos responsáveis, enquanto nos doamos a nós mesmos. Neste caminho, a experiência de sentir-se amado ou não por Deus toma forma, numa base sensível e afetiva. Naturalmente, o itinerário é feito de altos e baixos e também de purificação da fé. A fé também se fortalece pelo contributo da razão, mas antes de mais nada pela persistência no amor verdadeiro, no dom, na entrega de si, no amor de Cristo. Em resumo, nós aproximamo-nos verdadeiramente de Cristo, enquanto já estamos na dinâmica de seu amor pascal. Quem ama e dá a vida conhece a Deus, porque Deus é amor e porque o amor é sacrifício de si, é assumir o risco de perder a vida para a reaver como dom. Quem não ama não conhece a Deus porque Deus é amor (1Jo 4, 8).

É necessário questionar-se se toda catequese não se devia modular no registo afetivo-corpóreo da experiência familiar. A catequese paroquial, na realidade, inverte a perspetiva. A razão subjacente é: aqueles que conhecem a Deus podem amar; mais precisamente: o conhecimento de Deus e das coisas da fé abre à prática litúrgica e à prática da caridade. É no princípio do primado do conhecimento que se entende o motivo tradicional pelo qual a fé vem do ouvir, *ex auditu* (Rm 10, 17). Mas ouvir, antes de ser orientado para a compreensão da palavra ouvida, é atitude corporal, é uma harmonia sonora e afetiva com a Palavra, assim como a escuta de uma criança para com a sua mãe que, com palavras sem sentido, transmite não significado mas afeto.²² A renovação da catequese, embora digna e importante, permaneceu

²² Cf. A. Fossion, *E la parola si è fatta carità*, Prefazione a S. Currò, *Perché la Parola riprenda suono. Considerazioni inattuali di catechetica*, pref. di A. Fossion, Elledici, Torino, 2014, 3-4 (in francese: *Et le Verbe s'est fait «cher»*, dans S. Currò, *Pour que la Parole retentisse à nouveau. Considérations inactuelles de catéchétique*, prefácio por André Fossion, tr. por A. Ilunga Nkulu e B. De Luzenberger, Lumen Vitae, Namur, 2016, 2).

no registo da compreensão: de uma compreensão doutrinária da mensagem cristã, passámos para um entendimento mais bíblico, mais significativo, teológico e existencial. Reconhece-se a centralidade do sujeito, mas em ordem à compreensão da fé; reconhece-se ativo, mas porque entendia existencialmente a fé, já que *se aprende fazendo*. Há muitos sinais dessa primazia da compreensão. Veja-se, por exemplo, a insistência na *fé adulta* e na primazia da catequese dos adultos. Tal insistência é frequentemente atravessada pelo pré-entendimento de que a experiência da fé requer fundamentalmente a inteligência própria do adulto; certamente, uma inteligência aberta, situada no caminho da integralidade da experiência, mas uma inteligência que conserva uma posição de primado.²³ É o preço que a transmissão da fé ainda hoje paga à componente racionalista e iluminista de nossa tradição cultural. Mas a nossa tradição é mais do que isso, e seria necessário retomar hoje outros filões, como o da patrística ou da espiritualidade ou ainda, em perspetiva ecuménica, algumas vertentes das tradições dos irmãos separados.

A inteligência, na realidade, vive do outro: vive de afetividade, de posturas corpóreas (para com os outros, consigo próprio, para com Deus). Por outro lado, o essencial da vida acontece sem o nosso conhecimento, antes mesmo do nascimento. A inteligência deve ser liberta da sua pretensão de primazia, precisamente para que possa desempenhar a sua tarefa, bem e em verdade. Se a fé não é primordialmente uma questão de inteligência, também a transmissão da fé não pode ter o seu fundamento no paradigma da inteligência. A fé, antes de tudo, é prática, posição do corpo, o treino no amor, saída do próprio mundo, entrar em comunhão, tornar-se pequeno. O Reino de Deus pertence aos pequeninos (Mt 19, 14), isto é, aos *in-fanti*, aos *não-falantes*. Quando chega a palavra, algo de essencial já aconteceu. E a palavra não significa a partir do momento em que o seu significado é compreendido. É som, ação, relação. Já é uma ressonância do bem ou do mal, da revelação ou da imanência, da verdade ou da falsidade. A catequética deveria aprofundar o sentido de *ressonância* da Palavra, que é o próprio significado da catequese ou o traço da verdade que passa por ela.

²³ Também a perspetiva do *encontro com Cristo*, opção fundamental em *Orientamenti per l'annuncio e la catechesi in Italia* (Conferenza episcopale italiana, *Incontriamo Gesù*, 29 de junho de 2014) permanece presa ao primado da inteligência, como procurei demonstrar in *Il problematico orizzonte teologico-pastorale degli "Orientamenti" [sulla catechesi]. Entre "Documento base" e novos desafios*, in «Catechesi» 84(2014-15)6, 29-32 (a sessão sobre «La difficoltà di pensare l'incontro con Cristo come contatto»).

O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese. Começar a partir...

Temos que nos interrogar sobre o significado da transmissão da fé, se queremos devolver à catequese o horizonte da pedagogia de Deus, se queremos reconciliar o cognitivo com a base afetivo-corpórea do humano, se estamos conscientes de que a inteligência da fé se situa na sua prática, se queremos partir da família para uma verdadeira educação.

A problemática do Congresso

JOËL MOLINARIO (*)

Romper com a herança e mobilizar para o que é novo

A cultura moderna elaborou-se sobre um princípio de rutura e de mobilização para o que é novo. Rutura, quer dizer liberdade face aos antigos e liberdade face aos pais e mobilização, isto é, admissão de um princípio de validade da novidade sobre o antigo, do contemporâneo sobre o herdado. Esta rutura histórica, quer dizer, esta entrada fracassante da história nos processos culturais do Ocidente, apareceu com a reforma e os diferentes cismas religiosos e políticos que lhes estão ligados, e também com os episódios revolucionários do final do século XVIII e do início do século XIX. Este princípio foi formalizado pela Revolução Francesa no artigo 28 da declaração dos direitos do homem e do cidadão de 26 de agosto de 1789, «uma geração não pode submeter às suas leis as gerações futuras»¹. Esta novidade foi resumida e antecipada pela famosa fórmula de madame de Pompadour, «Depois de nós o dilúvio»².

Ora esta prevalência do novo sobre o antigo, do inventado sobre o recebido, apoia-se nalgumas inesperadas posturas cristãs: o eco de Jesus de Nazaré ressoa de um modo totalmente novo no mundo antigo: «Ouvistes o que foi dito [...] Eu, porém, digo-vos» Mt 5, 38, e sobre a família, «Quem amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. Quem amar o filho ou

(*) Leigo, casado e pai de família. Diretor do Instituto Superior de Pastoral Catequética do Instituto Católico de Paris. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ No original, «une génération ne peut assujettir à ses lois les générations futures». N.T.

² É também o título do último livro de Peter Sloterdijk, *Après nous le déluge, Les temps modernes comme expérience antigénéalogique*, traduzido do alemão por Olivier Mannoni, Paris, Payot, 2016.

filha mais do que a mim, não é digno de mim» Mt 10,37, «Julgais que Eu vim estabelecer a paz na Terra? Não, Eu vo-lo digo, mas antes a divisão. [...] o pai contra o filho e o *filho contra o pai*, a mãe contra a filha e a *filha contra a mãe*, a sogra contra a nora e a *nora contra a sogra*» Luc 12,51 etc. O Apocalipse mostra-nos Jesus Cristo apresentando-se como aquele que «renovou todas as coisas» Ap 21,5. No seguimento de Jesus as grandes figuras do cristianismo nasceram da rutura, tais como Francisco de Assis, Lutero e muitos outros. Deste modo, o cristianismo forneceu elementos determinantes do princípio da rutura e da mobilização em direção ao novo, ou às noções de revolução permanente, de novidades permanentes correspondentes à conversão permanente e à renovação das promessas. O passado não pode impor-se unilateralmente e nisso o cristianismo afastou-se da cultura de transmissão da antiguidade e abriu a brecha moderna.

De certo modo, o cristianismo não está bem colocado para falar de transmissão, ou talvez sim, mas de um modo descodificado. Um duplo índice bíblico bem conhecido dá conta desta complexidade: o verbo transmitir é pouco utilizado e, quando o é, a palavra fé nunca é complemento de objeto direto do verbo transmitido (1 Cor 15,22). Não se transmite a fé. Como se uma religião da fé, «a tua fé te salvou» não pudesse acomodar-se bem a um princípio evidente de transmissão. De algum modo, a crise de transmissão da fé é constitutiva do cristianismo. Deste modo, quando os sociólogos qualificam os movimentos neo-pentecostais, e todos os movimentos religiosos que lhes estão ligados, de «cristianismo de conversão»³, poder-se-ia dizer que recorrem a uma tautologia.

A rutura entre transmitir e aprender

Num livro sobre educação⁴, o filósofo Marcel Gauchet mostra que a escola moderna viveu de modo observável sobre o método racional-científico cartesiano «trabalhando secretamente com o universo da transmissão» tradicional e invisível⁵.» A escola francesa da III^a República fez o seu sucesso a partir do método racional de ensino, ligada como estava a uma transmissão

³ Sébastien Fath, *Le protestantisme évangélique, un christianisme de conversion, entre ruptures et filiations*, Turnhout, Belgique, 2004.

⁴ Marie-Claude Blais, Marcel Gauchet, Dominique Ottavi, *Transmettre et apprendre*, Paris, Stock, coll. Les essais, 2014.

⁵ *Ibid.* p.16. N.T.: no original «tout en composant secrètement avec l'univers de la transmission».

em tudo tradicional dos valores da pátria. A escola da República não funciona somente sobre o saber-fazer dos professores da República, ela supunha uma transmissão efetuada para além da escola.

Deste modo, tanto para a escola como para a catequese, a querela dos métodos não tem objeto, no sentido em que não responde à crise da transmissão da idade moderna em fim de vida. A crise da transmissão não é uma crise dos métodos. O facto está estabelecido, os métodos e as pedagogias da educação nova⁶, salvo alguns extremismos ideológicos, são bem melhores e muito mais eficazes que os métodos repetitivos do ensino dos séculos precedentes. Assim, a crise atual da transmissão situa-se noutro lugar, trata-se de uma crise da tradição, num duplo sentido, o da herança recebida e o da autoridade dessa herança transportada pela fragilização dos diferentes vetores da tradição e da autoridade. Dito de outro modo, explica Gauchet, é a rutura de transmitir e de aprender que está no nó da crise da escola que reproduz e, mesmo, acentua as desigualdades apesar do progresso desses métodos: «se a escola falhar na redução das desigualdades, é ela que é lançada contra o poder das transmissões informais asseguradas pelas famílias»⁷.

Este risco de rutura entre transmitir e aprender, a Igreja tem consciência dele há já muito tempo e tentou ultrapassá-lo. Durante toda a sua história, fê-lo querendo articular transmissão e aprendizagem, o que cobria a articulação família-clero no período moderno. Por exemplo, durante esse período a invenção do catecismo foi concebida como estando ao nível da aprendizagem, confiada ao clero – quer dizer, ao *intellectus fidei* – e o nível da tradição transmitida era destinada à família – a *auditus fidei*. Uma não podia ser pensada sem a outra. A Igreja reagiu ao debate do século XX quando se apercebeu que o catecismo supunha uma transmissão familiar que já não funcionava de modo evidente. Pio XI deu início a um campo de reflexão novo com a primeira encíclica sobre a educação da juventude, *Divini illuſtri Magistri* de 1929. Depois disso, a reflexão eclesial não cessou até Francisco, com *Amoris Laetitia*.

⁶ Sobre este tema, o texto de referência é: Marc-André Bloch, *Philosophie de l'école nouvelle*, Paris, PUF 1^{ère} édition 1948.

⁷ *Transmettre et apprendre, op.cit.* p.9. N.T.: no original «si l'école échoue à réduire les inégalités, c'est qu'elle achoppe sur la puissance des transmissions informelles assurées par les familles».

Uma aliança ente família e comunidade cristã?

O nº 279 de AL é particularmente interessante para o nosso propósito. Cito: «Para tornar eficaz o prolongamento da paternidade e da maternidade para uma realidade mais ampla, «as comunidades cristãs são chamadas a dar o seu apoio à missão educativa das famílias»,^[297] particularmente através da catequese de iniciação. Para favorecer uma educação integral, precisamos de “reavivar a aliança entre a família e a comunidade cristã”». Para Francisco, a possível educação integral exige uma aliança entre educação familiar e catequese de iniciação. É a sua maneira de rearticular, transmitir e aprender. Nesta passagem, Francisco, depois de ter sublinhado que era necessária uma educação integral que diga respeito a todo o homem, evoca a catequese da iniciação cristã como o prolongamento desta educação que a completa para fazer com que ela seja realmente integral. O *Diretório Geral da Catequese* de 1997 dizia já que a catequese deveria ser uma iniciação à vida cristã integral⁸. Os dois textos completam-se bem e apelam um ao outro. A iniciação cristã é um paradigma de toda a catequese e de toda a educação. A iniciação cristã não pode resolver sozinha a crise da transmissão; antes de toda a iniciação cristã, há sempre algo de uma transmissão e de uma iniciação que já lá está.

Durante séculos a Igreja soube, num contexto de unidade cultural e religiosa, articular a vida cristã, transmitida pela família, e a inteligência da fé da Igreja. Em que medida a Igreja sabe, hoje, articular as transmissões familiares mais fragmentadas, num mundo em que o princípio da liberdade prevalece em relação à tradição recebida? Num mundo em que o cristianismo é uma opção⁹, mesmo no seio de uma família cristã, o que significa a aliança entre família e comunidade cristã? Não deveríamos conceber essa articulação como uma aliança de fragilidades?

⁸ N°63.

⁹ Charles Taylor, *L'âge séculier*, Paris, Seuil, 2011.

ESTUDOS

Evolução da relação com a temporalidade e dificuldade de transmissão

DOMINIQUE FOYER (*)

Introdução

«Proponho-me explorar as distinções que existem entre as coisas que vendemos, as que damos, e aquelas, finalmente, que não devemos vender nem dar, mas continuar a transmitir»¹. Esta frase do antropólogo Maurice Godelier servirá de ponto de partida para esta comunicação. Mais precisamente, é o terceiro situação que me chama a atenção: quais são essas coisas que não devemos vender nem dar, mas continuar a transmiti-las?

A fé cristã é entendida como o fundamento de uma identidade tanto individual quanto coletiva dessa ordem? A Fé não é apenas verdades às quais se adere, um conjunto que pode ser chamado de «dogmático». É também, e inseparavelmente, ritos que devem ser realizados, um conjunto «simbólico». E estas são, finalmente, formas de comportamento, valores característicos, um certo *ethos* ou modo de vida, um conjunto que podemos chamar de «ética».

O dogmático, simbólico e ético são a essência da religião e da fé. É isso que queremos manter para transmitir aos filhos. Por enquanto, parece que em todas as civilizações as famílias humanas têm sido o principal local de transmissão de valores, fé e ritos. Todas as famílias, qualquer que seja a

(*) Sacerdote da diocese de Cambrai, França. Professor e investigador da Universidade Católica de Lille, área de Teologia Moral.

¹ Maurice Godelier, *Au fondement des sociétés humaines. Ce que nous apprend l'anthropologie* (Albin Michel, Paris, 2007). p. 67.

sua organização ou estrutura, desempenham esse papel. No entanto, surge hoje uma questão: no contexto da modernidade tardia ou da pós-modernidade, em que estamos, as famílias ainda são esse lugar privilegiado de transmissão?

Neste ponto introdutório, (1) vamos primeiro sinalizar o desconforto que atualmente caracteriza a transmissão. Depois (2) examinaremos os transtornos que afetam a compreensão de si mesmo e do mundo. Em seguida, (3) proporemos uma análise das modificações que afetam a percepção do Tempo, bem como suas consequências sobre a transmissão. Vamos então tentar (4) entender como a civilização ocidental chegou a esse ponto crítico. Será possível para nós (5) delinear os contornos da existência pós-moderna que se torna nossa? Para concluir, (6) deter-nos-emos na hipótese de uma liquefação das relações sociais e, portanto, familiares, com as consequências que isso implica para a transmissão.

1. Constatar um «mal-estar» na transmissão.

Freud descreveu o «mal-estar» na civilização.² Devemos analisar esse «mal-estar» no campo da transmissão do que não se pode vender nem comprar, nem dar e receber como um presente, mas sim, obrigatoriamente, manter para o transmitir. Lembro a injunção bíblica: «Escuta, Israel! O SENHOR é nosso Deus; o SENHOR é único! Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e refletirás sobre eles, tanto sentado em tua casa, como ao caminhar, ao deitar ou ao levantar» (Dt 6, 4-7). O israelita é convidado a manter algo essencial – o coração da fé – para o transmitir a seus filhos. E o que ele deve manter é tanto dogmático quanto ético ou simbólico. Mas, atualmente, ouvimos o lamento dos pais ou dos avós que se apercebem que não conseguiram «transmitir» a herança dogmática, ética e simbólica que caracteriza sua fé. E perguntamo-nos o que está a correr mal, ou a não correr de todo, na transmissão.

Logicamente, a família é questionada: por que é que ela não é ou já não é este lugar de transmissão da fé e dos valores cristãos? Acredita-se que ela não exerça mais o papel essencial que desempenhou durante séculos

² Sigmund Freud, *Malaise dans la civilisation* (1930).

nesta transmissão. Mas tem-se assim tanta certeza? Temos de o ir ver mais de perto.

Partamos de uma hipótese: há atualmente uma clivagem pronunciada entre gerações, entre os adultos e aqueles que em tal se deveriam tornar, os adolescentes.³ A clivagem teria a sua origem no considerável alongamento do período chamado de adolescência. E isso explicaria a dificuldade. Além disso, essa clivagem entre gerações provocaria uma verdadeira rutura cultural no interior da civilização. A partir daí, todos os processos de transmissão intergeracional seriam profundamente afetados ou mesmo impossibilitados.

Escutamos dizer: «Os jovens adultos são imaturos, frágeis, delicados. Temos medo de lhes confiar responsabilidades: não irão faltar ao compromisso, mostrar-se pouco fiáveis? Podemos realmente contar com eles? Etc.» Temos a impressão que há uma geração em ascensão (a geração dos que têm menos de 30 anos – a «geração Y» e agora a «geração Z») que não sabe bem aquilo que quer. Que quer, mas sem realmente querer... Um clima de hesitação e incerteza identificável na vida afetiva, familiar, nas relações humanas e na entrada no mundo do trabalho, nos compromissos a todos os níveis.

Um refrão regressa: falta de maturidade, dificuldade para entrar numa existência verdadeiramente adulta. No entanto, existe uma energia que pode muito bem mobilizar-se e desbloquear-se repentinamente. Há entusiasmo e generosidade. Esses jovens adultos são simpáticos, amigáveis e atenciosos. Eles não estão amargurados nem desiludidos. Eles amam os seus pais, eles continuam colocando a família no topo da lista de valores (como todas as pesquisas indicam) e eles olham com otimismo para o mundo e para a vida. Mas eles não se projetam mais no futuro e vivem sobretudo no momento presente.

Tudo isso acontece num contexto em que sentimos que estamos a ficar sem tempo: tudo anda rápido demais⁴. O sociólogo Claude Martin observa:

³ Lembremos que em latim, *adultus* designa aquele que se tornou um indivíduo na íntegra, completando o processo de maturação, enquanto *adulescens* designa aquele que entra no mesmo processo. O adulto completou a maturação que o adolescente apenas começou.

⁴ Ver: Harmut Rosa, *Accélération. Une critique sociale du temps* (La Découverte, Paris, 2013).

«A questão dos tempos sociais é importante porque leva tempo para construir uma família, para cuidar dos filhos, para se ser um casal, para sustentar a família e os parentes, etc.».⁵ É verdade que a aceleração dos ritmos de vida não facilita as coisas. Mas é simplesmente um problema do final da adolescência, a dificuldade usual que caracteriza cada geração: o desfasamento entre o tempo vivido pela geração dos pais e a dos filhos? Ou estamos testemunhando algo de realmente novo? É o surgimento de uma nova geração, e talvez de uma nova civilização?

Pode ser algo diferente de uma adolescência que dura um pouco demasiado. Trata-se provavelmente de **uma mudança de civilização**, uma nova maneira de apreender a realidade e a vida, o que Tony Anatrella pressentiu em 1988 quando falava de «sociedade adolescêntrica»⁶. Ele via a causa no enfraquecimento do vínculo intergeracional: «A cooperação intergeracional é essencial para o desenvolvimento dos jovens, assim como para os adultos que, embora os deixem no seu lugar, precisam dos jovens para envelhecer bem. Caso contrário, a adolescência, que deve ser uma etapa, corre o risco de se tornar um estado.»⁷

A questão é, então, esta: existe uma (ou várias) dificuldade própria do nosso tempo, que retarda, modifica ou impede a transição para a vida adulta? Haverá razões para acreditarmos que a adolescência se torne um estado durável em vez de uma fase de transição? Como é que isso afeta a vida familiar e a transmissão de uma geração para a próxima? Formulemos uma série de hipóteses:

1º) as dificuldades atuais têm a sua origem numa modificação que eu qualificaria como «ontológica». O mundo não é mais percebido e entendido como antes. O Espaço não é mais habitado da mesma maneira.

2º) as atuais dificuldades de transmissão têm sua origem numa importante modificação da relação com a temporalidade e, portanto, com a História (tanto a história pessoal quanto a História coletiva). Isso afeta o nosso modo

⁵ Diretor de Investigação no CNRS. Autor de *Être un bon parent. Une injonction contemporaine* (Presses de l'EHESP, 2014). Entrevista no jornal *Le Monde* (07-10-2014).

⁶ Tony Anatrella, *Interminables adolescences. Les 12/30 ans* (Cerf-Cujas, Paris, 1988).

⁷ Tony Anatrella, op. cit., p. 217.

de habitar o Tempo, portanto, de fazer memória, para sermos capazes de nos projetar para diante, para aspirar, com base na experiência adquirida, a fazer algo novo, etc. Isto diz respeito à forma como a cultura e a sociedade estão a formar-nos para habitar o Tempo, mais ainda do que o Espaço. Mas, como o Papa Francisco costuma escrever, «O Tempo é maior do que o Espaço⁸». Parece-me que essa segunda série de dificuldades supera a primeira. E também que a ilumina.

Todas essas mudanças têm um claro impacto nas formas de viver as relações familiares. Isso explicaria por que a família não aparece mais como um lugar de transmissão eficaz. É essa dupla perspectiva de trabalho que gostaria de vos apresentar. Para isso, analisaremos sucessivamente o que está em causa na relação com o Espaço e na relação com o Tempo. Estas são as duas dimensões do nosso «estar no mundo»: a ontologia e a temporalidade.

2. Espaço: as modificações «ontológicas» do nosso «ser-no-mundo» e seus efeitos sobre a «transmissão».

a) A obliteração de Deus como fonte e finalidade da existência. No seu tempo, Bento XVI lamentou que se aja *etsi Deus non daretur* (como se Deus não existisse). Vemos desenvolver-se um tipo de ateísmo tranquilo, um ateísmo mais prático do que teórico. Sem agressividade. Esse ateísmo é, aliás, compatível com uma espécie de busca espiritual: uma espiritualidade sem deus, como a proposta pelo filósofo André Comte-Sponville. Tal conduz à exaltação da vontade subjetiva. No lugar de um deus todo-poderoso, é a minha vontade todo-poderosa que faz a unidade das coisas e da minha vida.

Eu qualifico isso de «mudança ontológica», referindo-me à noção de «ontologia plana⁹» proposta pelo jovem filósofo e romancista Tristan Garcia. Para ele, não há mais nenhuma hierarquia natural, nenhuma estrutura preexistente à nossa existência singular. Somente a intensidade do momento vivido individualmente dá relevo às nossas vidas e, portanto, significado. Daí ele faz decorrer que cada um deve tornar-se o produtor do sentido da sua vida.

⁸ Por exemplo, em *Amoris Laetitia*, n°3 et 261; em *Laudato 'Si* n°178; em *Evangelii Gaudium* n° 222-225.

⁹ Tristan Garcia, *Forme et objet. Un traité des choses* (PUF, Paris, 2010).

E é no espaço familiar que tudo isso começa. Menciono de passagem o seu pequeno livro: *Nos vies sans destin*¹⁰, sobre a série de TV «Six Feet Under», onde ele escreve o seguinte:

«A família é menos concebida em *Six Feet Under* como uma origem, uma estrutura natural ou um sistema de parentesco e alianças, do que como um campo de mobilização dos indivíduos e das suas identidades forjadas pela transmissão de valores e pelo afeto. [...] *Six Feet Under* tenta descrever em detalhe a possibilidade de uma outra conceção da família após um século individualista. A família é um espaço de referência em miniatura dentro do qual o indivíduo se forma e se identifica, antes de se apresentar no grande palco do mundo.»¹¹

Se eu entendi bem o pensamento de T. Garcia, agora é o indivíduo que se constitui a si mesmo criando laços humanos. A família não pré-existe para os indivíduos, mas é o resultado dos laços afetivos atados pelos indivíduos. A adoção tem precedência sobre o engendramento biológico. O mesmo vale para o todo do corpo social. O que é motor e fonte de significado são os vínculos contratuais que os indivíduos podem criar entre eles.

b) A ideia da norma em si é seriamente questionada. Na sequência de Georges Canguilhem e de Michel Foucault, afirma-se que não existem normas universais, mas apenas ordens particulares, refletindo relações de poder ou de interesses.

Por exemplo, a noção de «boa saúde» ou de «bem-estar» perde todo o valor universal e, em vez disso, reflete uma certa conceção das coisas, de um dado momento, num dado contexto. O que faz, de acordo com a OMS, a boa «saúde reprodutiva» pressupõe o controlo da fertilidade, incluindo a possibilidade de aceder ao aborto. Consequência: o aborto torna-se uma prática de boa saúde. Evidentemente, nesta transição, existem algumas distorções de vocabulário: as palavras «boa saúde» não significam exatamente a mesma coisa, conforme as pessoas que as usam...

O pluralismo de situações, especialmente situações familiares, é erigido como norma. A recusa em escolher uma norma é erigida como uma nova

¹⁰ Tristan Garcia, *Six Feet Under. Nos vies sans destin* (PUF, Paris, 2012).

¹¹ Tristan Garcia, op. cit., p. 70-71.

norma. A pluralidade de modelos torna-se um princípio de governo. Mas isso leva os responsáveis políticos a terem de conciliar dois requisitos contraditórios: por um lado, querem ajudar as famílias a existir (é a preocupação da fraternidade), enquanto, por outro lado, não querem privilegiar nenhum modelo (é a preocupação pela liberdade e a igualdade). Aos meus olhos, o risco é real. Em algum momento, temos de escolher entre duas prioridades: «liberdade-igualdade» ou «fraternidade». Mas parece-me que a tendência atual é a de elevar a liberdade e a igualdade a valores supremos, em detrimento da fraternidade.

c) É então o reinado do «contrato»: tudo pode/deve ser constantemente negociado. É uma postura tipicamente «liberal-libertária», da qual encontramos bons exemplos em Michel Houellebecq¹². Provavelmente estamos a entrar numa civilização onde tudo se torna possível, ou pelo menos pensável como tal, e portanto desejável. Em definitivo, o que comanda é o desejo. Estou impressionado com o poder do «capitalismo cognitivo e afetivo», que comercializa o desejo de possuir e desfrutar indefinidamente o que se possui ou se acredita possuir. É o reinado da «pleonexia», esse desejo desesperado de acumular bens consumíveis. O impulso torna-se a norma ética, ao mesmo tempo que o motor da economia e da vida social¹³. Essa «pleonexia» é triunfante e temos um bom exemplo disso na indústria-lização do desejo sexual: porque o sexo vende, o sexo estimula a economia, tanto melhor se o desejo de desfrutar é uma matéria-prima inesgotável e disponível gratuitamente. Neste contexto, a família também se torna uma mercadoria comercial: veja-se o desenvolvimento de sites de namoro on-line, a venda on-line de gâmetas, a indústria florescente da Procriação Medicamente Assistida, o aluguer de ventres maternos (GPA), etc. «Fazer família» compra-se e vende-se, especialmente porque está ligada a um forte desejo de não se estar sozinho e de poder satisfazer os seus desejos.

d) Finalmente, devemos mencionar o crescente fascínio pelas tecnociências. As três grandes questões metafísicas do passado («Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?»), depois de terem dado lugar às três perguntas kantianas (O que posso saber? O devo saber? O que me é

¹² Por exemplo, o seu primeiro romance: Michel Houellebecq, *Extension du domaine de la lutte* (Maurice Nadeau, Paris, 1994; rééd. J'ai lu, 1998).

¹³ Pode ter-se como referência: Dany-Robert Dufour, *La cité perverse. Libéralisme et pornographie* (Denoël, Paris, 2009).

permitido esperar?»), são atualmente completamente substituídos por três questões técnico-científicas: «Como funciona? Para que serve? Quanto custa?». Isso muda consideravelmente a abordagem das questões familiares.

E devemos acrescentar isto, que é talvez a consequência do que precede: a ascensão poderosa de uma antropologia que pode ser qualificada de dualista. Tendencialmente, o corpo/mente são dissociados, com uma clara depreciação do corpo, considerado como um simples material biológico, para o benefício do espírito, reduzido ao pensamento, concebido como um poder de cálculo, tendo como modelo os sistemas de computação. Por exemplo, pensamos no que está a acontecer com o «transumanismo»¹⁴ e o seu desprezo pelo carnal, reduzido ao corporal, material biológico totalmente instrumentalizável. Ora, aos olhos do teólogo católico, toda a realidade humana deve ser considerada como uma realidade espiritual, certamente, mas profundamente encarnada. É na lógica da fé na Encarnação do Filho de Deus. A vida de Jesus começa no seio de uma família muito real.

Tudo isso define o novo «espaço» onde a nossa existência se desenrola, com uma nova maneira de habitar esse «espaço», tornando-se um adulto. Mas, como o Papa Francisco nos lembra, há algo mais importante do que o «Espaço», há o «Tempo».

3. A temporalidade. Três maneiras de habitar o tempo, representá-lo e, assim, «tornar-se». As suas repercussões na «transmissão».

Inspirando-me nos trabalhos de François Hartog sobre os diferentes regimes de historicidade¹⁵, considerarei sucessivamente três formas de habitar o Tempo e de o representar: o Tempo como é vivido nas sociedades tradicionais; o Tempo na modernidade, com suas diferentes declinações; e finalmente Tempo naquilo que deve ser chamado de «pós-modernidade».

¹⁴ Sobre o transhumanismo, pode ler-se: Jean-Michel Besnier, *Demain les posthumains: Le futur a-t-il encore besoin de nous?* (Hachette, coll. «Haute Tension», Paris, 2009; rééd. Fayard/Pluriel, 2012); e: id., *L'Homme simplifié: Le syndrome de la touche étoilé* (Fayard, Paris, 2012).

¹⁵ François Hartog, *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps* (Seuil, Paris, 2003).

1º) Nas sociedades **tradicionais**: heteronomia e ritos de iniciação.

Aqui, «tornar-se adulto» é, acima de tudo, deixar-se fazer, deixar-se ser formatado pelo grupo social e cultural ao qual se pertence. A etnologia e a antropologia comparativa mostram-no bem. Daí a importância dos ritos de iniciação e não apenas na época da puberdade. Nas sociedades tradicionais, o adulto é aquele que ocupa o lugar que lhe é atribuído pela tradição. E ele nem precisa estar ciente disso. Estamos numa «heteronomia» (a «lei» vem de fora de si mesmo). A família não tem uma consistência própria: ela funde-se com o grupo global (grupo étnico, clã, tribo). O tempo histórico não existe, propriamente falando. É tempo cíclico em que o mesmo volta sempre: as noites e os dias, as estações, os anos... Mesmo os nascimentos não são realmente novos eventos: o recém-nascido é a reencarnação de um antepassado cujo espírito é passado de geração em geração. A adolescência não é um «tempo», um período da vida em que alguém poderia se estabelecer. É uma passagem bastante curta, dolorosa, marcada por ritos de iniciação. É uma extirpação, um novo nascimento.

Estas sociedades são caracterizadas por um tipo de narrativa: a narrativa mítica, que se refere a um «tempo antes do tempo», a uma origem localizada fora da História. O significado da vida é preservado para ser transmitido tal como é. Não há acontecimentos, não há evolução possível.

2º) Nas sociedades **modernas**: autonomia referenciada e autoconstrução com os outros visando um dado propósito.

Nós, «modernos», saímos desse modo de vida tradicional. Para nós, tornar-se um sujeito adulto, é adquirir uma certa autonomia. Trata-se de se tornar alguém, tornando-se um indivíduo em que a sociedade possa reconhecer a realização do seu ideal coletivo. Podemos falar de subjetivação. O que é notável nesta «modernidade» é a valorização da autonomia. Tornar-se adulto, é tornar-se responsável pela sua própria vida e pela do grupo social a que se pertence. A família emerge como um grupo portador de uma identidade e de um projeto comuns. Note-se que, se a autonomia dos sujeitos modernos é real, ela ainda é condicionada, limitada pela sua relação com o grupo social a que pertencem.

A autonomia é «referenciada» a um conjunto de ideais, de crenças ou de valores que caracterizam esse grupo social e lhe dão a sua consistência.

Seria inaceitável que um indivíduo se dissociasse do seu grupo de referência. Caso contrário, ele seria rapidamente marginalizado e perseguido como tal.¹⁶

Esta transição para a modernidade corresponde a uma mudança profunda na percepção do tempo: passamos de um tempo cíclico para um tempo orientado, «flechado». Para a modernidade, há necessariamente um passado, um presente e um futuro. Essa orientação do tempo pode ser feita de duas maneiras diferentes.

a) Tempo «flechado» por referência a um ideal originário, um *arché* desempenhando o papel de *nomos*. A fonte das normas éticas que regem a existência dos indivíduos situa-se no passado, num evento-fonte (origem ancestral, fundação lendária de uma cidade, revelação religiosa, etc.). É toda a questão da legitimidade das leis e da sua fonte que é colocada aqui: as leis que estruturam a existência têm uma origem divina e/ou humana? Neste caso, o adulto é aquele que aprendeu a assumir a sua liberdade individual, em referência às «leis» políticas e morais que sempre o precedem e enquadram a sua vida. Desde o século XIX, nos países ocidentais, o ideal de referência é o dos valores democráticos liberais europeus. O tempo da infância e adolescência é sobretudo o tempo da aprendizagem de todas essas normas. É por isso que a família e a escola eram consideradas os lugares privilegiados da aprendizagem ética.

b) Tempo flechado pela referência a um objetivo, uma meta final, um *telos* que se torna o *nomos*. Este objetivo pode ser de tipo religioso (Céu, Jerusalém celestial) e/ou secular (Progresso, Paz Universal, a Prosperidade, a República, a sociedade sem classes). O adulto é aquele que aceita, voluntária e conscientemente, subordinar a sua liberdade individual, as suas escolhas e as suas ações a esse objetivo comum (falar-se-á do bem comum, da justiça, da democracia, etc., ou da «grande família dos filhos de Deus»). A adolescência é uma época de aprendizagem, mas certamente não é um momento da vida que se prolongue. Aqui a influência do cristianismo é clara, especialmente porque a visão cristã das coisas combina as duas setas do tempo: o Deus da Bíblia é ao mesmo tempo Criador, fonte de tudo o que existe, e Redentor, objetivo de toda a existência.

¹⁶ Remeto aqui para Michel Foucault, principalmente em *Surveiller et punir* (Gallimard, 1975).

Nas sociedades modernas, até recentemente, o tempo da adolescência era bem enquadrado pelos adultos¹⁷. Para os rapazes, é o momento em que alguém pode «ter as suas primeiras aventuras» e aprender a «tornar-se um homem» com o serviço militar, as primeiras experiências sexuais, o primeiro salário. Para as raparigas, este é o momento em que se deixam cortejar, onde se preparam para casar com aquele que os pais terão proposto ou que se conheceu numa ocasião social prevista para esse efeito (baile da aldeia, quermesse paroquial, etc.). A adolescência permaneceu um momento de aprendizagem, uma transição.

Essas sociedades modernas são caracterizadas por um tipo de narrativa: a narrativa histórica, a crónica tão abrangente que o grupo humano que a lê e a transmite a considera universal. Encontramos a tendência para a «grande narrativa», fundadora e totalizadora. A História é, acima de tudo, a «grande história». Transmitir é contar a história do grupo humano considerado. A minha história pessoal fará sentido na medida em que se integrar nessa «grande narrativa» coletiva. A Bíblia judaica, e ainda mais a cristã, funciona assim: é a «grande narrativa» por excelência, o «grande código» com um propósito abrangente e escatológico¹⁸. E a família é o lugar prioritário da conservação e da transmissão.

Mas esta «modernidade» começa a transformar-se e talvez a perder o seu poder, quando a origem já não funciona como referência coletiva suficientemente forte ou quando o objetivo comum deixa de ser percebido como suficientemente crível e desejável. O desejo de autonomia permanece muito poderoso, mas gradualmente perde os seus pontos de apoio. A autonomia é agora uma não-referência, impulsionada pelo poder único do desejo dos indivíduos. Em seguida, entramos no tempo «hipermoderno». O movimento já não é referido apenas a si mesmo. Como esta situação é fundamentalmente instável, pode a qualquer momento mudar para um terceiro tipo de relação com o Tempo: o tempo «pós-moderno».

¹⁷ Como as «abadias da juventude» no final da Idade Média e na época moderna que permitiam canalizar as escapadas da adolescência. Também pensamos em todos os «ritos» sociais e folclóricos que organizam a transição para a vida adulta.

¹⁸ Ver, por exemplo, Northrop Frye, *The Great Code. The Bible and Literature* (1982); Pierre Gibert, *La Bible à la naissance de l'histoire* (Fayard, Paris, 1979).

3º) *Nas sociedades pós-modernas: autonomia absoluta, ausência de objetivo, exaltação do desejo individual.*

A nossa era viu a transição trabalhosa da condição moderna para um outro modo de vida, situado além da modernidade: a vida hipermoderna, a menos que simplesmente a chamemos, como Jean-François Lyotard, «a condição pós-moderna»¹⁹. Nesta terceira situação, a consciência de si modifica-se porque a condição dos sujeitos mudou.

A relação com o tempo muda porque o tempo é fragmentado, atomizado. O que conta é o momento, o momento presente. O que vivemos é avaliado de acordo com a intensidade do que vivenciamos no momento em que vivemos: intensidade das sensações, do prazer, do sentimento de sucesso ou de felicidade. Os momentos sucedem-se uns aos outros sem estarem conectados uns com os outros. Todo o instante se torna um absoluto.

Do ponto de vista ético, a autonomia é sempre a regra, mas esta não está em referência com nada mais do que ela mesma. Devemos falar de autonomia «ab-solue», desligada. Neste mundo, o sujeito é aquele que é totalmente o seu próprio mestre, sem outra referência além de si mesmo. Nietzsche deu-nos um belo retrato desse indivíduo pós-moderno:

«Seria pensável um prazer e uma força na determinação de si mesmo por si mesmo, uma *liberdade* da vontade com a qual um espírito dá licença a toda a crença, a todo o desejo de certeza, exercido como ele é, a manter-se equilibrado sobre cordas ligeiras, possibilidades, e mesmo à beira dos abismos, para dançar novamente. Um tal espírito seria o *espírito livre por excelência.*» (*A Gaia Ciência*, § 347).

É bastante sugestivo: dançar a sua vida com ligeireza é a nova maneira de habitar o espaço e o tempo. É tentador, mas muito exigente! Nestas condições, o que significa «ser um adulto»? É ser uma espécie de «eterno adolescente», alguém que renuncia fixar-se, para se estabilizar. Alguém que vive intensamente no momento presente, sem se preocupar com o passado ou com o futuro.

¹⁹ Jean-François Lyotard, *La condition post-moderne* (éditions de Minuit, 1979).

Que tipo de relato é adequado para a pós-modernidade? Jean-François Lyotard falou do «fim das grandes narrativas²⁰». De facto, como se pode ainda acreditar numa grande narrativa coletiva e englobante, quando são os indivíduos que se afirmam, cada um com a intensidade das experiências particulares que o próprio incorpora? A «grande narrativa» bíblica perde a sua força mobilizadora, em benefício de muitas «pequenas histórias» das quais esta grande história bíblica é constituída. A exegese «canónica» mostra como essa verdadeira tecelagem é feita.

Ainda podemos transmitir algo, mas será mais um «estilo», segundo as palavras do teólogo Christoph Theobald²¹. É também uma maneira de nos encontrarmos ao espelho das pequenas histórias bíblicas, com os inúmeros personagens que habitam a grande narrativa. Tudo isso permanece muito individual. É esta a fundadora da pertença a uma comunidade humana, à Igreja?

4. Como chegámos aqui?

A pergunta pode parecer legítima: «Como chegámos então aqui?» De facto, vemos que o que torna a sociedade moderna «segura», com seu tempo flechado, o seu passado tranquilizador e o seu futuro necessariamente melhor, não existe mais ou pelo menos não funciona mais. Os homens não conseguem mais viver sendo orientados para um objetivo comum, simplesmente porque esse objetivo comum não é mais credível. Não existe mais uma referência comum. Os grandes ideais coletivos de civilização, os dos séculos XVIII e XIX, estão mortos. Eles morreram entre 1914 e 1945 com o terrível massacre humano, com o colapso das grandes instituições religiosas e políticas, com as repetidas crises económicas, financeiras e atualmente ecológicas. Não acreditamos mais em nada, nem mesmo em nós mesmos, especialmente desde que o freudismo e o estruturalismo passaram por ali. O relativismo generaliza-se. O ideal da modernidade ocidental burguesa não se sustenta mais diante do choque do real. É uma situação de **crise** generalizada: religiosa, moral, política, económica e social. Até mesmo a

²⁰ Jean-François Lyotard, *La condition post-moderne* (éditions de Minuit, 1979).

²¹ Christoph Theobald, *Le christianisme comme style. Une manière de faire de la théologie en postmodernité* (Cerf, Paris, 2007).

racionalidade é suspeita²². A democracia também o é: o debate democrático, juntamente com o individualismo liberal, resulta na fragmentação da sociedade, em vez de unir os cidadãos entre si. Não acreditamos mais em nada, nem mesmo em nós mesmos, e nem sequer acreditamos que ainda seja possível acreditar.

O Espaço tornou-se um terreno baldio. E o Tempo não tem futuro. A flecha do Tempo não funciona mais, sendo referida apenas a si mesma. A História tornou-se o movimento pelo movimento. Nessas condições, resta apenas uma possibilidade: viver o momento presente com a maior intensidade possível. Em seguida, passar para outra experiência de intensidade. E assim por diante.

Esta maneira de viver como um adulto pós-moderno ou como um «eterno adolescente» parece muito atraente para alguns. Mas, como se adivinha, também é muito exigente. Para outros, faz medo, desencadeando reações de abstinência: apegamo-nos a qualquer custo aos ideais da modernidade. Outros, finalmente, tentam reinventar o estilo de vida das sociedades tradicionais: o neotribalismo, a submissão ao totalitarismo, a adesão a uma seita, o integrismo, etc.

5. Algumas características dessa vida «pós-moderna».

Com a pós-modernidade, o indivíduo contemporâneo espera adquirir uma autonomia total, sem referência prévia nem um objetivo comum designável. O lema é: «Sê tu mesmo!» Cada pessoa deve constantemente inventar e reinventar a sua vida e também o que faz o **sentido** da sua vida. Não há pacto transcendente para cimentar vidas individuais. Na melhor das hipóteses, haverá contratos efêmeros, revogáveis a qualquer momento: a união livre ou o pacto civil substituem o casamento, o contrato provisório e o temporário substituem o emprego estável. O descartável substitui o durável... Observe-se uma tendência atual: os compromissos e as nomeações

²² Ver, sobre este ponto, Theodor W. Adorno cujo pensamento está centrado na crítica à Razão que ele associa ao termo *Aufklärung* («Luzes», em alemão), no sentido em que considera tanto como emancipadora como instrumento de dominação: «As Luzes são totalitárias» (*Aufklärung ist totalitär*). Sem no entanto cair no antirracionalismo ou na mística, Adorno desenvolve uma crítica da razão em nome da própria razão. Poder-se-ia falar de uma «filosofia negativa», como há uma «teologia negativa».

tornam-se acordos negociados «no último minuto». O uso do telefone celular acentua o fenómeno.²³ Tudo deve permanecer permanentemente possível. É o reino da fluidez²⁴.

O adulto pós-moderno, o jovem adulto, o pós-adolescente e o adolescente já não se distinguem muito bem uns dos outros. Vemos constituir-se uma vasta classe etária que vai dos 10-15 anos a 30-35-40 anos – 50 anos até! A adolescência alonga-se pelos dois lados. O estado adulto não é mais um «estado», mas torna-se um processo interminável.

Alguns aspetos da existência quotidiana podem/puderam favorecer a emergência dessa pós-modernidade: a precocidade, a valorização social e cultural do corpo jovem, o imediatismo do mundo virtual, as identidades múltiplas, a inversão do relacionamento entre as gerações. Existe uma crise óbvia de transmissão. Fala-se também de uma crise de autoridade. Os idosos perdem a credibilidade aos olhos dos mais jovens. Esse fenómeno é reforçado pelo desenvolvimento da «cultura de pares» (*peer-to-peer*). Os «pares» substituem os «pais» como fonte de autoridade moral. O mesmo fenómeno se encontra na evolução do direito de família: cada vez mais, é a criança que cria o casal.

A condição pós-moderna é excitante, mas também é um fardo extraordinariamente pesado. Ser adulto tornou-se muito difícil, talvez impossível. Pode-se entender que muitos hesitem ao entrar na sua vida adulta. Porque o adulto pós-moderno está numa situação impossível: ele deve inventar a sua vida permanentemente, carregar o mundo e carregar-se a si mesmo²⁵. E sozinho! A solidão é inerente à condição pós-moderna. Paradoxalmente, cada um está virtualmente conectado a uma multidão de outros, nomeadamente através das TIC, mas todos permanecem sozinhos, terrivelmente sozinhos, constantemente reenviados para si mesmos. Um

²³ Nunca nos comprometemos verdadeiramente, sendo dado como adquirido que outras possibilidades mais interessantes poderão surgir.

²⁴ Reenvio aqui para os numerosos trabalhos de Zygmunt Bauman sobre a «sociedade líquida».

²⁵ Jacques Arènes desenvolveu este ponto analisando os pedidos atuais de «auto-suporte»: «A subjetivação contemporânea entrelaça-se num protesto individual muito forte [...]. Mas luta dificilmente contra a atomização e o peso das existências que devem se carregar.» (J. Arènes, *Nos vies à créer*; Paris, Cerf, 2014, p. 90-91).

pouco como nos romances de Michel Houellebecq²⁶. Tudo isso pode ser assustador. Escutemos Nietzsche novamente:

«Nós deixamos a terra e embarcámos! Nós cortamos as pontes atrás de nós; muito mais, nós despedaçámos a terra atrás de nós! Agora, pequeno barco, tem cuidado! Ao teu lado, estende-se o oceano, que nem sempre ruge, é verdade, e às vezes estende-se como seda, ouro e devaneio de bondade. Mas chegam horas em que tu reconhecerás que é infinito e que nada é mais assustador que o infinito. Oh, pobre pássaro que te sentiste livre e que agora bates nas barras de uma tal gaiola! Ai de ti, se a saudade te dominar, como se houvesse mais *liberdade* lá longe – agora que não há mais ‘terra’!» (*A Gaia Ciência*, § 124).

Concretamente, a dificuldade de existir na condição pós-moderna faz-se sentir nos vários sinais bem conhecidos de psys e funcionários de saúde pública, educadores e especialistas no acompanhamento de adultos jovens: fadiga física e mental, alternância de períodos de excitação e de colapso depressivo, consumo de estimulantes ou antidepressivos, uso de narcóticos, práticas aditivas, comportamentos de risco, suicídio...

O quadro não é brilhante. Mas, se é sempre preciso encontrar em si mesmo os recursos mentais e psíquicos necessários para existir e dar sentido à própria existência, pode-se entender que seja difícil! A estratégia de sobrevivência é, então, procurar «deslizar» na superfície das coisas e dos eventos, um pouco como um surfista ou um esquiador. A mania atual dos «desportos deslizantes» não encontra as suas raízes aqui?

6. Conclusão: a perspetiva de uma «sociedade líquida».

Uma imagem me surge: o Capitão Nemo, o herói do romance de Júlio Verne, «*20.000 léguas submarinas*»! Com o seu submarino, ele é indescritível, sempre entre duas águas. Ele encarna um absoluto de liberdade: «nem deus nem mestre». Os adultos pós-modernos, os «*adolescents*» (tal como o termo utilizado por T. Anatrella), adaptaram-se a uma forma de liquefação na sociedade: «“A vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente

²⁶ Em particular : Michel Houellebecq, *La possibilité d'une île* (Paris, Fayard, 2005).

ligadas», declarou Zygmunt Bauman.²⁷ É uma sociedade em que nada tem consistência por si mesmo, especialmente porque tudo é comprado, vendido, trocado. O valor das coisas e seres depende do mercado, da oferta e da procura, que em última análise deriva da capacidade desses bens para serem consumidos e consumados. Não é apenas o dinheiro que é «líquido»: na pós-modernidade, tudo se torna líquido, fluido. Deve fluir, deslizar livremente, sem restrições. A sociedade e o mundo tornaram-se um imenso oceano, onde cada um tem de aprender a navegar. Deste ponto de vista, a internet oferece uma imagem falante da realidade: na internet, «navegamos».²⁸

Neste ponto juntamo-nos às constatações do demógrafo e historiador Emmanuel Todd. A propósito de um dos seus últimos trabalhos²⁹, ele declarou:

«Em contradição com a ilusão democrática na moda, temo que estejamos na Europa na fase de emergência de um sistema político oligárquico. De um ponto de vista antropológico, o tema geral é o de um indivíduo que escapa à família e que cessa simplesmente de ser capaz de pensar sobre o coletivo. O atual estado de atomização social e política favorece as derivas autoritárias. O indivíduo, mais solitário que livre, é a presa fácil dos poderes.»³⁰

O triunfo do individualismo sem as amarras familiares, sociais ou políticas – e eu acrescento, religiosas – não promove o desenvolvimento da democracia, mas arrisca-se a preparar o leito de organizações oligárquicas ou tirânicas. Todd já o havia esboçado em *Après la démocratie*. Para sobreviver no mundo pós-moderno, o «adulescent» deve ser como um peixe na água: flexível, móvel, fugidio... Adotou o lema do Capitão Nemo: *Mobilis in mobili*³¹. Quer-se completamente mestre do seu destino e deve sê-lo. No entanto, se

²⁷ Zygmunt Bauman, *La vie liquide. De la fragilité des liens entre les hommes* (Editions du Rouergue, 2004). Du même auteur: *La Vie en miettes. Expérience postmoderne et moralité* (Editions du Rouergue, 2003).

²⁸ Voir par exemple: Stéphane Hugon, *Circumnavigations. L'imaginaire du voyage dans l'expérience internet* (CNRS éditions, 2010).

²⁹ Emmanuel Todd, *L'origine des systèmes familiaux*, tome 1: «L'Eurasie» (Gallimard, Paris, 2011).

³⁰ Entrevista com A. Peillon, em *La Croix* (7 octobre 2011), p. 11.

³¹ «Móvil no elemento móbil».

nemo significa «pessoa», também acontece que «ninguém» é «toda a gente».(**) Na pós-modernidade, cada um é potencialmente todas as pessoas.

Cada um – não importa qual seja a sua idade real – pode sonhar como um eterno «adulcent», viajando no seio do oceano social, indo de experiência em experiência, do gozo efêmero ao prazer efêmero. Livrement e dançando... Mas essa perspectiva hedonista não é uma quimera ou, ainda mais, uma ilusão perigosa. Pois surge uma questão: onde encontrar as energias necessárias para a invenção permanente de si mesmo? Como forjar uma história credível?

Nesta comunicação, procurámos entender uma evolução que afeta as civilizações:

- nas sociedades tradicionais, não há adolescência. Os indivíduos vivem sob um regime de heteronomia, porque é o grupo que faz a transmissão tanto quanto a transmissão faz o grupo. A entrada na idade adulta é então ineludível e é a iniciação tradicional que a efetua.
- nas sociedades modernas, os indivíduos adquiriram uma real autonomia, mas esta está sempre em referência a leis e a ideais comuns. A entrada na idade adulta corresponde, então, à aceitação responsável dessas leis e desses ideais coletivos. Cada um conscientemente entra no processo coletivo de transmissão pelo qual se torna responsável.
- nas nossas sociedades pós-modernas, os indivíduos têm liberdade absoluta, sem qualquer referência externa. Cada um depende inteiramente de si mesmo. Não tendo outra esperança fora deste mundo material, já que não há futuro³², mais não do que passado – porque o passado não voltará! – e é preciso limitar a sua ambição de viver o momento presente, o instante presente, e vivê-lo o mais intensamente possível. Viver intensamente e depois desaparecer!

(**)O autor joga com o sentido múltiplo do termo «personne»: Or, si *nemo* veut dire «personne», il s'avère aussi que «personne», c'est «tout le monde». N.T.

³² Faço alusão ao slogan punk: «no future!».

O mundo pós-moderno aparece então como uma cena de teatro infinita – muito limitada, no entanto – onde todos podem evoluir de acordo com o capricho da sua vontade e dos seus instintos. Uma cena de onde desapareceremos de repente. O importante é representar bem o seu pequeno papel... E tirar o maior prazer possível. Nenhuma maturação é necessária. Pelo contrário, a espontaneidade, a sinceridade do momento presente, a ingenuidade³³ serão as qualidades preponderantes, os valores em torno dos quais cada um organizará a sua existência. O eterno «adulescent» é a sua encarnação emblemática.

Ao contrário, vivendo de acordo com a referida modernidade, como um itinerário que parte de uma origem e leva à conclusão, pode-se considerar a vida pessoal e coletiva como um crescimento, um acesso à maturidade. Um perpétuo adolescente seria completamente ilusório. Cada um deve entrar na sua maturidade renunciando aos seus sonhos todo-poderosos. Cada um deve submeter-se às leis do Espaço e do Tempo, ao princípio da realidade. E é necessário fazê-lo com lucidez.

Nesse contexto, podemos considerar um além dos limites espaciais e temporais? Para os crentes que reconhecem um Deus capaz de tudo recriar, um Deus desejoso de comunicar a sua divindade a cada indivíduo, isso não é apenas pensável e crível, mas também esperável e, portanto, desejável, isto é, amável.

BIBLIOGRAFIA

- ANATRELLA, Tony, 1988, *Interminables adolescences. Les 12/30 ans*, Paris, Cerf-Cujas
- ARENES, Jacques, «L'individu autonome: du bon usage d'un mythe», in *Etudes*, novembre, 2010, p. 485-494
- BLANCHARD Véronique, REVENIN Régis et YVOREL Jean-Jacques (dir.), 2010, *Les jeunes et la sexualité. Initiations, interdits et identités*, éditions Autrement, coll. «Mutations/Sexe en tous genres»

³³ Do latim *nativus*: aqueles que acabam de nascer.

- BAUMAN, Zygmunt, 2003, *La Vie en miettes. Expérience postmoderne et moralité*, Editions du Rouergue
- BAUMAN, Zygmunt, 2004, *La vie liquide. De la fragilité des liens entre les hommes*, Editions du Rouergue
- EHRENBERG, Alain, 1995, *L'individu incertain*, Paris, Calmann-Lévy
- EHRENBERG, Alain, 1998, *La fatigue d'être soi*, Paris, Odile Jacob
- GARCIA, Tristan, 2011, *Forme et objet. Un traité des choses*, Paris, PUF, collection «Métaphysiques»
- GARCIA, Tristan, 2012, *Six Feet Under. Nos vies sans destin*, Paris, PUF
- HAMEL, Jacques ; PUGEAULT-CICCHELLI, Catherine; GALLAND, Olivier; CICCHELLI, Vincenzo (dir.), 2010, *La jeunesse n'est plus ce qu'elle était*, Presses Universitaires de Rennes
- HARTOG, François, 2003, *Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps*, Paris, Seuil
- KAUFMAN, Jean-Paul, 2004, *L'invention de soi. Une théorie de l'identité*, Paris, Armand-Colin
- LYOTARD, Jean-François, 1979, *La condition post-moderne*, Paris, éditions de Minuit
- MARTY, François et MISSONIER, Sylvain, «Adolescence et monde virtuel», in *Etudes*, novembre 2010, p. 473-484.

Breve comentário
à conferência de Dominique Foyer
«Evolução da relação com a temporalidade
e dificuldade de transmissão»

CRISTINA SÁ CARVALHO (*)

Farei um breve comentário à Conferência de Dominique Foyer em três etapas:

1. Abordando a temática e o seu tratamento;
2. Contando uma história;
3. Fazendo uma advertência essencialmente eclesial.

1. A temática é, seja ela como for tratada, muito importante. Dizia o Cardeal Policarpo que vivíamos uma patologia do tempo, uma «cronopatia»... e era um homem sábio.¹

Apreciei muito a conferência: reconheço os argumentos, muito bem expostos e explorados, e aprecio as fontes; algumas delas são também uma boa proposta de exploração futura, que agradeço. Identifico, além, disso, alguns pontos muito relevantes para o **diagnóstico**:

- I. A clivagem muito pronunciada entre gerações e a rutura cultural que isso supõe, significa;

(*) Casada e mãe de família. Docente na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Diretora do Departamento de Catequese do Secretariado Nacional da Educação Cristã. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ A D. José Policarpo (1936-2014) é dedicado este humilde texto: porque sempre viu mais e mais longe e ensinou-nos – a muitos – a olhar com detalhe, acuidade, delicadeza, interesse e misericórdia.

- II. A aceleração do ritmo de vida;
- III. A mudança civilizacional da sociedade “adolescêntrica”;
- IV. Quão frágil é a família como transmissora de cultura, valores, crenças...
- V. O ateísmo prático;
- VI. A ausência de normas universais e o incremento do pluralismo – e, além disso, é muito oportuno observar que a liberdade e a igualdade se sobrepõem à fraternidade;
- VII. O pulsional como norma ética;
- VIII. O fascínio pelas tecno-ciências.

Além disso, foi-nos depois facilitada **uma leitura** da evolução social em torno ao Tempo como o grande eixo estruturante ou aglutinador, e que pôs de manifesto as diferenças observadas entre adultos e adolescentes nas sociedades tradicionais, nas modernas e nas nossas, pós-modernas (embora, realmente, a adolescência seja um fenómeno social do século XX e que só assumiria a forma psicológica que agora conhecemos e o estatuto de classe social que nos preocupa nos anos cinquenta do século XX):

- O tempo fragmentado;
- O absoluto do instante;
- A autonomia como regra maior;
- O fim das grandes narrativas;
- A transmissão, que se resume a um «estilo».

E, por quê?

«*Dançar a sua vida com ligeireza é a nova forma de habitar o espaço e o tempo*»: as pessoas não encontram uma finalidade comum, os ideais comuns já não são credíveis, o relativismo generaliza-se e até a racionalidade é contestada, de facto, como a democracia: o adulto pós-moderno é um «eterno adolescente».

«*Já não há um pacto transcendente para cimentar as existências individuais*»: o ser-se adulto é um processo interminável, há uma crise de autoridade, os mais velhos não são fonte de sabedoria, a solidão é uma condição da condição pós-moderna, NISTO CONSISTE a «*dificuldade de*

existir» na sociedade líquida, dependente dos mercados, da atomização social e política que favorece todo o tipo de «*derivadas autoritárias*».

Como transmitir a experiência de um Deus capaz de tudo recriar, desejoso de comunicar a sua divindade a cada pessoa?

2. Contar-vos-ei uma história...

O meu filho mais novo, que tem agora 23 anos, foi uma criança muito interessada em Deus desde os seus primeiros anos de vida. Talvez um pouco – ou muito – explorado por mim, tudo via e interpretava a partir da presença de Deus. Desde os quatro anos estudando num colégio católico, acontecia que a religiosa que orientava a formação religiosa estava sempre a repreendê-lo porque fazia muitas perguntas... e ainda por cima comparava-o constantemente com a irmã, mais velha e mais decidida a adaptar-se aos desejos dos adultos, dizendo-me que ele «não tinha valores», embora fosse incrivelmente generoso, meigo, preocupado com toda a gente. Aos seis anos levámo-lo para a catequese. Na paróquia preparavam as crianças para a Primeira Comunhão em apenas dois anos, ele era muito pequeno e a catequista estava sempre a faltar! Quando um dia me telefonaram dizendo que ele receberia a Comunhão dentro de uma semana, eu respondi à catequista argumentando que precisava de, pelo menos, seis meses de trabalho em casa para o preparar, ao que ela me respondeu que «a fé já viria». Em consequência, comprei um guia de preparação para a Primeira Comunhão e, cada sábado, antes de lermos as histórias de Harry Potter em conjunto, para melhorar o ritmo da sua leitura, falávamos de Jesus, da Igreja e de como Deus ama os meninos, do bem e do mal, cuja luta J.K.Rowlings sabe expor magnificamente num registo educativo muito eficaz. A sua competência de leitura melhorou imenso e, no ano seguinte, ele fez a sua primeira comunhão na celebração do quinquagésimo aniversário de casamento dos meus pais. Todavia recordo-me dele escutando o sacerdote, amigo nosso, sozinho perante o altar, depois de comungar.

Um ano mais tarde, o nosso sobrinho mais velho morreu de repente, num acidente. Tinha 21 anos e os primos, muito mais novos, viam-no como um herói ou, pelo menos, um personagem muito interessante. Estávamos de férias na praia e o funeral não foi em Lisboa, pelo que deixámos as crianças com os meus sogros e fizemos a viagem do grande silêncio apenas nós os dois, o meu marido e eu. Creio que tive pesadelos todas as noites

durante dezoito meses e o luto foi muito longo. O meu filho sofreu muitíssimo. No seu coração instalou-se algo incompreensível, um «porquê» enorme diante de Deus em quem confiava e que agora já não reconhecia. Aos doze anos deixou de ir à missa e ao entrar no Instituto Superior Técnico, aos dezasseis anos, a postura perante a fé assumiu-a como a uma nova cultura. Na escola católica tinha descoberto que os adultos propõem muitas vezes algo que não vivem e isso foi uma desilusão enorme. Eu sempre lhe tinha falado da minha fé, da minha experiência mais pessoal e do meu trabalho nos serviços da Conferência Episcopal Portuguesa, e aos poucos dias da eleição do Papa Francisco, disse-lhe: «Olha como é uma pessoa fantástica, pagou ele mesmo a conta da residência em que se alojou durante o conclave». Respondeu-me de seguida: «Isso é o que fazem as pessoas normais.» Pois eu tentei seguir sendo normal na minha fé...

Há pouco mais de um ano, uma manhã saí de casa para uma revisão médica de rotina e regressei ao lar com um cancro. Pareceu-me uma boa oportunidade para viver a fé com uma esperança reforçada. Assim que o meu marido chegou a casa e, depois, os nossos filhos, disse-lhes o que se passava, sem mais, e que o médico tinha dito que era...tratável. Uns dias depois, comenta comigo: «Olha lá o que esse teu Deus te mandou». Bem, naquela altura ele já estava a estudar Comunicação na Universidade Católica e demonstrando ter antes disso recebido muita informação religiosa qualificada (o colégio...), assim que tive de argumentar valorosamente desde o ponto de vista da ciência: o que é um cancro (cada cancro é «um» cancro), como se desenvolve e porquê,... e como Deus não manda doenças nem a inimigos nem a amigos! Quando chegámos ao argumento da fragilidade como preço a pagar pela plasticidade do organismo, o argumento de Deus voltou..., e aí seguimos ambos, ainda hoje!²

Depois de ter sido operada no IPO de Lisboa, o meu filho acompanhava-me quase todos os dias aos tratamentos que antecederam a quimioterapia. Parecia-me importante que o visse, que o compreendesse, mas a verdade é que os jovens de hoje, no hospital oncológico ou noutra sítio qualquer, dão-se conta de que as pessoas são boas, generosas, trabalhadoras,

² Faz parte deste processo dialogal que ele me tenha autorizado a publicar este texto, mesmo em Portugal. Aquando da conferência em Madrid ainda não tínhamos conversado sobre isso, mas não só não me levou a mal como reagiu com total normalidade, seja lá o que for «normal».

resistentes, sem referência a Deus, enquanto muitos crentes e muitos praticantes não o são. Mas, mesmo que não mo diga, creio que se dá conta que a fé me sustém e me cura para além da ótima medicina moderna. Eu compreendo que ele me ajuda muitíssimo a viver a fé em coerência e verdade, e como são boas todas as suas perguntas e todas as vezes em que me recorda, perante algum comentário meu, essencialmente, pouco maduro: «E tu, não és cristã?». Hoje, a vida é muito longa e há que procurar outros pontos de vista e fazer o teste da fé no seio do mundo tal como ele é.

Estas são as questões que creio fundamentais para discutir a problemática da transmissão da fé: dar-mo-nos conta de que as pessoas são mais e mais complexas, e mais polifacetadas, do que as análises que utilizamos para mapear o nosso mundo e para procurar o tom correto da Palavra da nossa Igreja num mundo em transformação rápida. A família é uma «organização» também muito complexa, diversa, variada e variável, disfuncional e imprescindível... há que olhá-la de perto ou os nossos argumentos de sábios serão cínicos e desproporcionados. E desta forma cheguei ao meu último ponto:

3. Uma advertência eclesial

São muitas as vezes em que a Igreja – nós mesmos – falamos da cultura ocidental com receio, desconfiança e medo. Esquecemo-nos muito rapidamente do conselho de S. João Paulo II porque abrir as portas a Cristo é abri-las no mundo real, o mundo das pessoas correntes, e todas as pessoas – desde o ponto de vista da fraternidade – são muito esquisitas, estranhas, e muito banais. E as famílias estão feitas de pessoas, de todas as pessoas, da sua carne e do seu espírito, na dor e na alegria, na fidelidade e na infidelidade, pecando e reconciliando-se... Não podemos viver a fraternidade sem liberdade nem sem igualdade... Nós, as mulheres, compreendemo-lo muito bem! E, digamos em abono da verdade e da proficiência pastoral, há que encontrar resposta para os problemas que as pessoas de verdade vivem, como sempre nos recorda Emílio Alberich... E fazer uma teologia da família, da mulher e, como nalguma ocasião já escutámos de André Fossion³, do

³ André Fossion, «Anúncio e proposta de fé hoje. Apostas e desafios», *Pastoral Catequética* – Sob o acolhimento da nova evangelização, n.º 28/29, pp. 49-70. Este texto é a transcrição de uma conferência apresentada no Seminário Maior de Milão, a 26 de abril de 2012.

prazer... Seguramente que neste Congresso encontraremos boas respostas e dançaremos as nossas vidas em harmonia:

“Dance Me To The End Of Love”

Dance me to your **beauty** with a burning violin
Dance me through the **panic** 'til I'm gathered safely in
Lift me like an **olive branch** and be my homeward **dove**
Dance me to the end of love
Dance me to the end of love

Oh let me see your beauty when the **witnesses** are gone
Let me feel you moving like they do in Babylon
Show me slowly what I only know **the limits of**
Dance me to the end of love
Dance me to the end of love

Dance me to the **wedding now**, dance me on and on
Dance me very tenderly and dance me very long
We're both of us **beneath our love**, we're both of us above
Dance me to the end of love
Dance me to the end of love

Dance me to the **children who are asking to be born**
Dance me through the curtains that our kisses have outworn
Raise a tent of shelter now, though every thread is torn
Dance me to the end of love

Dance me to your beauty with a burning violin
Dance me through the panic till I'm gathered safely in
Touch me with **your naked hand** or touch me with your glove
Dance me to the end of love
Dance me to the end of love
Dance me to the end of love

Leonard Cohen

Amoris laetitia, uma aplicação da *Evangelii gaudium* à realidade da família

ANTONIO ÁVILA (*)

Os organizadores deste encontro propuseram-me que a minha intervenção se baseasse na Exortação Apostólica *Amoris laetitia* e na catequese da família, tal como aparece neste documento e noutras contribuições do Papa Francisco. A partir daqui, as minhas reflexões foram amadurecendo e fundindo-se até chegar ao texto que têm nas mãos. Nele não pretendo fazer mais nenhum comentário, entre os muitos que suscitaram as duas exortações apostólicas do Papa Francisco, mas dar alguns passos para além do que me foi proposto. Na minha intervenção, partirei da mudança sociocultural e eclesial, para enquadrar a situação das famílias e, em particular, das famílias cristãs. Num segundo momento, focalizarei a minha intervenção na família como a realização de um projeto de vida e de comunhão, capaz de dar sentido e realização aos seus membros, e como lugar privilegiado para iniciar a experiência de fé e o exercício da vida cristã. Para finalmente concluir sobre o tema específico da catequese familiar. Ao longo do desenvolvimento, usarei, além das minhas próprias reflexões, várias contribuições do Papa Francisco para essas questões nas suas duas Exortações Apostólicas e nas suas inúmeras intervenções públicas, refletidas nas notas.

(*) Sacerdote. Psicólogo, Teólogo e especialista em catequética. Professor da Universidade Pontifícia de Salamanca. Diretor do Instituto Superior de Pastoral de Madrid.

I. Análise da realidade

Irei começar com o número 4 da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, em que se afirma que

“A raça humana atravessa um novo período da sua história, caracterizado por mudanças profundas e aceleradas. [...] Assim já se pode falar de uma verdadeira metamorfose social e cultural, que também afeta a vida religiosa”.

A. Uma profunda mudança social que afeta os modelos familiares

Assim, o Concílio já alertou para uma mutação cultural caracterizada pela sua profundidade e rapidez. Uma mutação que afeta a forma como os seres humanos enfrentam as questões finais e a maneira como lhe respondemos.

A partir do ano de 1965, em que o texto conciliar foi aprovado, até hoje, ocorreram tantas mudanças, tão rápidas e profundas, que o que foi então anunciado, é evidente atualmente.

Mas a questão não é quais são essas mudanças, mas quais são as que afetam mais diretamente a família, a sua estrutura e a realização do seu projeto, e em particular a experiência e a transmissão da fé dentro dela.¹

Vivemos em tempos em que não podemos entender as famílias a partir de um único modelo. Uma das características do momento atual, no que diz respeito às famílias, é a pluralidade de modelos, o que nos permite superar a identificação da família cristã com um modelo de família única (AL 52). Um modelo que muitas vezes tinha mais de burguês do que de cristão, e provavelmente nunca foi tão ideal quanto queríamos acreditar, porque em muitos casos escondia um número significativo de dores e de escravidão sob uma certa ordem e bem-estar. “Panos sujos são lavados em casa”, dizia-se em Espanha! Quanto machismo, violência física e psicológica, vidas duplas, incomunicação, resignação forçada, do “que dirão...” estava escondido

¹ J.M. BERGOGLIO, La escuela como lugar de acogida. Mensaje a la comunidad educativa (28 de marzo de 2001)”, em *Papa Francisco y la familia. Enseñanzas de Jorge Mario Bergoglio-Papa Francisco acerca de la familia y la vida, 1999-2015*

atrás das cortinas das casas! Quanta dor e solidão chegaram aos confesionários! Em quantos becos sem saída se encontravam muitas pessoas que saíam da norma ou viviam presas dela (AL 53)!

Tudo isso sofreu uma mudança e rotura, para melhor e para pior, em não mais dum século. A secularização das leis sobre o casamento e a família (a lei do divórcio, da interrupção da gravidez, dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo); a cultura líquida, que gera um amor líquido; uma psicologia do provisório, do primado dos desejos e dos sentimentos sobre o valor do compromisso e da palavra dada... faz com que o compromisso matrimonial e a estabilidade da família sejam questionados, e que quando isso ocorre, é quase percebido como um prémio da lotaria, que às vezes sai, e não como resultado de uma adequada e constante cultura do amor na família (AL 39-42).

Intimamente relacionado com o exposto acima, devido às consequências que tem quando se trata de configurar a ideologia coletiva, é o modelo propagado pelos meios de comunicação social. Nos diários do coração e nas novelas, consumidos por tantas pessoas simples, espalham-se modelos de família, valores e imaginações sobre o amor e o caminho para alcançá-lo, que circulam entre nós. O mundo das estrelas e das celebridades propõe modelos de identificação. As redes sociais servem de canal para formas de relacionamento, e até para buscar um parceiro, que não devemos deixar de considerar. Além disso, as redes sociais entraram nos espaços privados tornando público o que antes era íntimo. O que uma vez se viveu em casa, agora é transmitido e espalhado nas redes sociais, que entram nos quartos e na privacidade das pessoas transformando tudo num espetáculo público. É a cultura da frivolidade, da fofoca e da mentira, onde a calúnia pode ficar impune. Tudo isso gera uma consciência de que o que deveria ser um projeto importante para a vida das pessoas é reduzido a um jogo de paixões (labirinto das paixões, diria Pedro Almodóvar) ou simplesmente à física e à química, ou dito mais claramente: contacto físico e hormonas.

Além disso, há outras mudanças que também afetam direta e dramaticamente a maneira como muitas famílias vivem hoje, o que não podemos e não devemos esquecer: a crise económica global, a diferença Norte-Sul, os confrontos bélicos, nos quais se decidem os novos centros de poder do planeta, os fenómenos migratórios, motivados por umas ou outras causas... tudo isso afeta os problemas familiares (AL 43-49). Famílias desfeitas, separadas por quilómetros, situações de pobreza, inclusivé extrema, que

provocam uma perda irreparável, vivendo em culturas estrangeiras, que estão numa situação de ilegalidade e de arbitrariedade, que sofrem a exploração do trabalho, que são vítimas de máfias e de tráfico de pessoas... Uma análise social resumida permite-nos perceber a vulnerabilidade das famílias e muitas vezes é precisamente a causa de grande parte da fragilidade das relações entre os seus membros e explicam e justificam a falência dessas relações (EG 74).

B. A mutação do cristianismo na Europa

Mas se a mudança social e cultural, à qual nos referimos, é importante, não o é menos a mutação que o cristianismo está vivendo na velha Europa, que também afeta diretamente o assunto em questão. Uma mutação que tem suas raízes nas diferentes ondas que ocorreram no processo de secularização, que levou a Igreja a colocar-se na defensiva do mundo moderno ao longo do século XIX; que durante o século XX provocaram os movimentos de renovação eclesial: litúrgicos, ecuménicos, teológicos, pastorais, catequéticos, etc.; e que tanto tiveram a ver com a preparação, o desenvolvimento e a receção do Concílio Vaticano II, com todas as suas idas e vindas².

Tudo isso nos tornou cada vez mais conscientes de que a interpretação dos sinais dos tempos e da dinâmica do Espírito nos leva a um novo modo de nos localizarmos como cristãos na velha Europa. Um processo que pode ser resumido como a passagem de um cristianismo vivido em regime de cristandade a um cristianismo que viveu na situação de diáspora e de significativa minoria, que pastoralmente resulta na passagem de uma pastoral de conservação e/ou defensiva a uma pastoral de evangelização.

Quais são, a meu ver, as características dessa mudança, que afetam diretamente a catequese? Podemos destacar como principais: 1) a passagem de um modo de viver a fé, sustentada no meio ambiente para outra, personalizada; 2) a articulação de uma espiritualidade encarnada, que excede o espiritualismo individualista e de evasão, e permite uma relação de toda a Igreja e de cada cristão com a sociedade plural em que vivemos, caracterizada pela colaboração e pelo serviço; e 3) a articulação das relações dentro da

² G. ALBERIGO (Dir.), *Historia del Concilio Vaticano II, I-V*, Sígueme, Salamanca 1999-2008; A. ÁVILA, "La renovación Pastoral", *La renovación pendiente*, Tirant Humanidades, Valencia 2015, pp. 263-288.

Igreja baseada na fraternidade e na corresponsabilidade. Tudo isso envolve uma série de mudanças, umas mais abruptas e outras mais lentas e progressivas, que estamos a viver.

1. De uma fé sociológica a uma fé personalizada

Em primeiro lugar, e como chave para todo o processo, podemos apontar a necessidade da passagem de uma fé sociológica para uma fé mais personalizada. Um passo que não tem uma única direção, mas segue caminhos e atinge objetivos muito diferentes. Porque, por um lado desencadeou um processo massivo de abandono, que o Papa Bento XVI denomina apostasia massiva, em que uma grande parte dos fiéis, vivendo uma fé sociológica, deixaram a prática frequente, até mesmo ocasional, para engrossar progressivamente as fileiras da indiferença religiosa; e, por outro lado, como fenómeno inverso, existe uma minoria da população que, baseada em motivações muito variadas, faz o caminho do retorno ou da personalização da fé.

“É verdade que nalguns lugares houve uma “desertificação” espiritual, resultado do projeto de sociedades que se quer construir sem Deus ou que destroem as suas raízes cristãs. Aí «o mundo cristão está-se a tornar estéril, e esgota-se como uma terra sobre-explorada, que se transforma em areia»³ [...] Mas «precisamente da experiência desse deserto, desse vazio, é como podemos descobrir a alegria novamente para acreditar, a sua importância vital para nós, homens e mulheres».” (EG 86)

2. De uma fé individualista e “espiritualizada” a uma fé que assume uma dimensão política

Uma segunda característica desse processo é a consciência de que a experiência de Deus e o exercício da vida cristã não podem ocorrer fora da sociedade, trancados em espaços de conforto, nos quais nos sentimos seguros. Nem, também, num confronto constante com a sociedade, a partir de posições fundamentalistas, argumentos apologeticos ou declarações de condenação indiscriminada a tudo o que nos rodeia. A vida cristã não se

³ J. H. NEWMAN, “Letter of 26 January 1833”, em *The Letters and Diaries of John Henry Newman*, III, Oxford 1979, p. 204.

pode desenvolver fechada como a lâmpada colocada sob o alqueire, porque, como esta, acaba por se apagar por falta de oxigénio. A fé conduz necessariamente a envolvimento social, tal como o sal ou o fermento do Evangelho, num processo de anúncio missionário da Boa Nova e colaboração com todas as causas nobres e justas que existem no contexto social em que vivem os cristãos (EG 205).

O cristão atual é chamado a superar os limites apropriados de uma fé individualista e espiritualizada, para assumir a dimensão sociopolítica, que por um lado torna a experiência da fé mais arriscada, mas por outro torna-a mais credível e eficaz, tanto para quem a experimenta como para aqueles que o rodeiam.

3. De uma massa de fiéis a um povo de Deus articulado em comunidades significativas

Essa experiência de Deus, por sua própria natureza, não pode ser vivida de outra maneira senão em comunhão. Além disso, a atual situação sociocultural na Europa torna praticamente insustentável, para a maioria dos crentes, uma maneira de viver que não seja partilhada com outros crentes e celebrada em comunidade. A recuperação da vida comunitária tornou-se uma necessidade vital para aqueles de nós que vivem a nossa fé, culturalmente falando, numa situação de diáspora, numa sociedade plural. Comunidades formadas por cristãos adultos. Comunidades plurais e pluriformes (comunidades de “saco e teto”, comunidades de base, comunidades paroquiais, movimentos apostólicos, etc.), em que a família cristã, ou “comunidade doméstica”, desempenha um papel vital para o futuro do cristianismo no nosso continente.

Essa transformação eclesial e pessoal, proposta pelo Concílio, permitiu-nos tomar consciência de como formarmos parte de um povo e recuperarmos a vida comunitária e também nos permitiu tomar consciência do papel dos leigos, que vão muito além de ser massa amorfa e passiva de fiéis, para recuperar o seu lugar na vida da Igreja e no anúncio do Evangelho. O desenvolvimento da teologia dos leigos permitiu-nos uma nova compreensão destes, da sua vocação específica e da sua própria espiritualidade, em comunhão com o resto das vocações.

C. A modo de síntese

De tudo o exposto podemos formular algumas conclusões que posteriormente desenvolverei durante a minha intervenção:

- Primeiro: Estou cada vez mais convencido de que um modelo familiar único e unitário, ao qual todas as famílias tinham de responder, nunca aconteceu, mesmo na Europa. Acho que é um mito de que nos devemos libertar. Basta um estudo dos relatórios anteriores, para as missões populares nas cidades de Espanha, para reconhecermos a quantidade de situações “irregulares” que existiram nos séculos passados. Criámos um modelo difícil de impor a toda a população, com o qual gerámos estruturas e relações familiares que nem sempre são evangélicas.
- Segundo: Neste momento histórico, que tivemos que viver, as mutações, a superficialidade e as contradições nos projetos pessoais e familiares aumentaram, poderíamos dizer que exponencialmente, ao ponto de nos encontrarmos numa situação de desconforto relacionado com a família, que não se resolve apelando para o que se deu em chamar de “o modelo de família tradicional”.
- Terceiro: Esta situação, que afeta diretamente o tipo de resposta pastoral que devemos dar, convida-nos a articular outras propostas pastorais apropriadas. Isto, na minha opinião, é o que os dois sínodos e a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* tentaram resolver com realismo e coragem.
- Quarto: A mutação religiosa, embora nos torne conscientes da distância de uma grande parte da população europeia face à Igreja e do projeto de casal que ela propõe, também nos permite recuperar o caráter vocacional do projeto de família, e a sacramentalidade do matrimónio cristão, porque nele o modo de amar por Deus o seu povo manifesta-se e torna-se visível para todos os que o contemplam (Jo 13,35).
- Quinto: Este quadro atual, tanto social como religioso, é onde devemos colocar o lugar e o papel da catequese, em geral, e da catequese familiar e o seu papel na transmissão da fé. Uma catequese capaz de gerar novos cristãos e de renovar as comunidades, precisamente graças à redescoberta e ao reconhecimento do projeto conjugal e familiar como exercício de uma vocação específica.

II. A situação das famílias baseada nas contribuições do Papa Francisco

Neste segundo momento, destacarei as linhas principais contidas nas duas Exortações Apostólicas do Papa Francisco, nas quais reside o núcleo e a estrutura do seu pensamento e as suas propostas pastorais.

A. Uma primeira abordagem: Evangelii gaudium

Na *Evangelii Gaudium*, o documento programático do atual pontificado, o tema da família aparece de maneira incipiente mas muito esclarecedora, para entender o que será desenvolvido posteriormente. Das suas contribuições podemos falar de três olhares sobre a família: um olhar de preocupação, um olhar de ternura e misericórdia e um olhar de esperança.

1. Um olhar de preocupação

O olhar do Papa sobre a família é realista. No número 66, ele reflete a sua preocupação com a fragilidade dos laços familiares:

“A família está passando por uma profunda crise cultural, como todas as comunidades e laços sociais. No caso da família, a fragilidade dos laços torna-se especialmente séria porque é a célula básica da sociedade, o lugar onde se aprende a viver na diferença e a pertencer aos outros, e onde os pais transmitem a sua fé aos seus filhos” (EG 66).

E, posteriormente, aponta a sua preocupação pela situação de fragilidade familiar, que é maior nas famílias que se encontram em situação de exclusão social e, em particular, na situação de muitas mulheres, nas quais podemos reconhecer o rosto do sofrimento e do heroísmo (EG 212).

2. Um olhar de ternura e misericórdia

Este primeiro olhar, que não é uma visão de julgamento sobre a situação sociocultural, mas de preocupação, abre as portas para um segundo olhar, neste caso de misericórdia, sobre as famílias que estão sujeitas a todos os tipos de tensões e desafios. Assim, na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco convida a uma atitude que aparecerá repetidamente em *Amoris laetitia*: ser

“sinais de misericórdia e proximidade” (AL 5), para poder acompanhar as famílias, a fim de se aproximar o mais possível ao ideal evangélico (EG 44).

3. Um olhar de esperança

E, como consequência do acima mencionado, o seu último e principal olhar é um olhar de esperança. Uma esperança realista, baseada no valor terapêutico do Evangelho e na sua proposta capaz de curar corações feridos, respondendo à busca de sentido dos seres humanos e encher as suas vidas de alegria (EG 67). Um olhar esperançoso que lhe permite dizer na sua viagem a Cuba⁴, e depois em *Amoris laetitia*, que as famílias “não são um problema, são principalmente uma oportunidade” (AL 7).

B. Uma proposta: Amoris laetitia

1. Uma leitura global sobre o conteúdo da exortação

Uma leitura continuada da *Amoris laetitia* permite-nos descobrir uma série de características que fazem com que uma família possa ser considerada cristã. Destas, indubitavelmente, o amor e a fertilidade são os principais e fundamentais fatores (AL 11 13-14), que atravessarão transversalmente todo o documento. E, além disso, aponta outros, que devem ser levados em conta, tais como: a casa, o lar, como espaço vital, e não apenas como espaço físico, no qual se desenvolve a vida quotidiana da família (AL 15); um espaço que deve ser de liberdade, crescimento e personalização (AL 18); mas, também, de conflito, porque na família nem tudo é felicidade e harmonia, mas frequentemente é confrontado com conflito e pobreza (AL 19-21); portanto, o trabalho, necessário para a subsistência, ocupa um papel importante entre as suas preocupações (AL 23-26). Mas acima de tudo, e isso é importante para o Papa Francisco, dadas as vezes que ele o enfatiza nas suas diferentes intervenções, uma característica fundamental, que deve adornar a família, é ser um espaço para o desenvolvimento da ternura e do cuidado (AL 28-29). Finalmente, a todas essas características, teríamos de acrescentar uma última, à qual dedicaremos mais tarde uma parte da minha intervenção: a família como um espaço em que a fé é vivida e é a sede da catequese dos filhos (AL 16-17).

⁴ PAPA FRANCISCO, Discurso no Encontro com as famílias de Santiago de Cuba (22 de outubro de 2015).

No segundo capítulo (AL 31-57), ele olha para a situação atual da família, as suas luzes e as suas sombras. Um olhar de ternura e não de julgamento, que não fecha os olhos para as sombras, mas que não fica nelas nem para emitir um juízo de condenação nem para se lamentar. Dá a impressão de que o Papa Francisco assumiu o que o Papa João XXIII disse na abertura do Concílio: “Não devemos prestar atenção aos profetas das calamidades”⁵.

Este capítulo conclui com o número 57 que, dada a sua importância, passo a transcrever:

“Agradeço a Deus porque muitas famílias, que estão longe de serem consideradas perfeitas, vivem no amor, realizam a sua vocação e seguem em frente, mesmo que caíam muitas vezes ao longo do caminho. Das recreações sinodais não existe um estereótipo da família ideal, mas uma “colagem” interpelante formada por tantas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos. As realidades que nos interessam são desafios. Não caímos na armadilha de nos desgastarmos em lamentações autodefensivas, em vez de despertar uma criatividade missionária” (AL 57).

Onde está a importância deste texto? Na afirmação feita sobre a existência de uma pluralidade de modelos familiares, que rompem o sonho de um único modelo, o que nos permite reconhecer nessa “colagem” a existência de grandes valores do matrimônio e da família cristã em cada um deles, nas suas procuras e processos. Daí o convite que a Exortação Apostólica faz a todos os cristãos para que redobrem nas energias da esperança e sejam criativos. Com essa capacidade criativa e utópica dos profetas, capaz de gerar ações transformadoras.

2. O sétimo capítulo sobre a educação das crianças (AL 259-290)

Dispensamos os restantes capítulos, para chegar ao sétimo capítulo, que aborda a educação dos filhos. Este é, sem dúvida, o capítulo central da nossa reflexão, que merece uma análise mais detalhada, a fim de contextualizar algumas questões especificamente relacionadas com a catequese familiar, o que terá consequências para o que direi na segunda parte da minha intervenção.

⁵ JOÃO XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*, Discurso na solenidade de abertura do Concílio Vaticano II (11 de outubro de 1962).

Nela se resume, de forma clara e sugestiva, muito do que o Papa disse nas suas múltiplas intervenções relativas às famílias.

No capítulo anterior, citando os Padres sinodais, o Papa disse que as famílias devem ser sujeitos ativos de pastoral familiar, e para este fim “é necessário um esforço evangelizador e catequético dirigido à família, que a oriente neste sentido” (AL 200). É por isso que não é estranho que este sétimo capítulo comece afirmando que...

“Os pais sempre afetam o desenvolvimento moral dos seus filhos, para bem ou para mal. Portanto, é mais apropriado que eles aceitem essa função inevitável e a cumpram de maneira consciente, entusiasta, responsável e adequada.” (AL 259).

A partir daqui, afirma mais uma vez que “o tempo é superior ao espaço”, neste caso aplicado ao processo educativo dos filhos, porque o mais importante é não ficar obcecado com o controle de todos os seus movimentos e de todas as suas relações, não é controlar os seus espaços, mas o que é realmente importante é acompanhar o seu processo de amadurecimento com muito amor, potenciando o amadurecimento da sua liberdade, da sua formação, do seu crescimento integral. O mais importante é criar e acompanhar o cultivo de uma autêntica autonomia.

“Só assim este filho terá em si mesmo os elementos de que precisa para saber defender-se e agir com inteligência e cautela em circunstâncias difíceis. [...] Por isso, eis as perguntas que faço aos pais: «Procuramos compreender “onde” os filhos verdadeiramente estão no seu caminho? Sabemos onde está realmente a sua alma? E, sobretudo, queremos sabê-lo?»” (AL 261).

Isto é central, porque todo o processo educativo, desenvolvido com prudência e sentido comum, deve estar orientado para influenciar precisamente dentro da pessoa, “para ser exato, no centro da sua liberdade”, porque “a educação implica a tarefa de promover liberdades responsáveis” (AL 262).

O capítulo continua a desenvolver diferentes aspetos da educação dos filhos, como a formação afetiva e ética (AL 263-267), a educação sexual (AL 280-286) ou a transmissão da fé (AL 287-290). Para o Papa, o lugar

apropriado para essa educação é a família (AL 274-279), porque nela são tecidos o amor (AL 263), um realismo paciente (AL 271-273) e o castigo entendido como um estímulo mais do que como punição (AL 268-270).

III. Um olhar sobre o papel da família na transmissão da fé e na iniciação cristã

Depois deste longo percurso, chegou o momento de nos perguntarmos sobre o papel da família na transmissão da fé e na iniciação cristã. Sem dúvida, o ponto de partida para esta reflexão não pode ser outro senão a consciência, mais uma vez, de que na velha Europa o fio da transmissão da fé está seriamente em perigo. Precisamente por isso o futuro do cristianismo, mais do que nunca, ainda depende da experiência educativa das famílias (EG. 66) e da sua capacidade de criar espaços de convivência e vida em comunidade, onde a fé é uma experiência vivida e partilhada, e não apenas uma doutrina a ser ensinada e aprendida.

A. O fio da transmissão da fé está seriamente ameaçado

Que a transmissão da fé para as novas gerações “está por um fio” não é algo novo. Muitas vezes se fizeram ouvir a este respeito a partir do século passado. Isto foi indicado pelas análises pastorais anteriores ao Concílio⁶ e, sobretudo, pelos anos que se seguiram à sua celebração, quando a maioria dos países da Europa e da América do Norte tomou consciência da gravidade do problema⁷. Neste sentido, devemos entender que o projeto da Nova

⁶ A. ÁVILA, “La renovación pastoral” em *La renovación pendiente*, Tirant humanidades, Valencia 2015, pp. 263-288; H. GODIN y Y. DANIEL, *France, pays de misión? Texte et interrogations pour aujourd’hui*, Karthala, Paris 2014.

⁷ A este tema se dedicou no ano 1990 a Semana de Teologia Pastoral do Instituto Superior de Pastoral de Madrid, porque a integração é feita com preocupação: INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL, *La transmisión de la fe en la sociedad actual*, Verbo Divino, Estella, 1991. E diferentes Conferências Episcopais e dioceses europeias publicaram documentos sobre esses temas. Podemos citar a modo de exemplo: CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *orientaciones pastorales para la coordinación de la familia, la parroquia y la escuela en la transmisión de la fe*, Edice, Madrid, 2013; CONFÉRENCE ÉPISCOPALE FRANÇAISE, “*Proposer la foi*” em Documents des églises, Cerf, Paris, 2012; A.M.. ROUCO, *La transmisión de la fe: esta es nuestra fe, esta es la fe de la Iglesia*. Plano Pastoral para la Archidiócesis de Madrid. Curso 2000-2001, Arzobispado de Madrid, Madrid 2000; assim como teólogos e pastoralistas. Em primeiro lugar, no nosso país destaca a obra que dedica a este tema vários dos seus livros: J. MARTÍN VELASCO, *El malestar religioso en nuestra cultura*, San Pablo, Madrid 1993; *Ser cristiano en una cultura posmoderna*, PPC, Madrid 1996; *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Sal Terrae, Santander 2002.

Evangelização proposto pelo Papa João Paulo II, na sua encíclica *Redemptoris missio*, 1990, está principalmente preocupado com os países de antiga tradição cristã, em que sente a fé em perigo (RM 33). Esses esforços também terão impacto nos projetos da catequese. A catequese da iniciação infantil cristã é considerada como uma ocasião auspiciosa para aproximar pais que só mantêm uma prática ocasional. Cuidamos do acolhimento, do conhecimento mútuo e procuramos envolvê-los na catequese dos seus filhos e na continuidade do projeto. Planos de catequese continuada são propostos além da Primeira Comunhão (Pastoral com os jovens, propostas de inclusão nas comunidades cristãs da juventude, movimentos eclesiais de todos os tipos, o voluntariado na Cáritas e outras instituições caritativas da Igreja, participação em grupos de oração, Páscoa da juventude, Jornadas Mundiais da Juventude...). O objetivo é que a primeira comunhão não seja também a última. E para isso parece necessário recuperar a família na vida da Igreja. Entre todas as propostas, vale a pena mencionar uma à qual me referirei mais adiante: a catequese familiar.

Não é agora o momento para avaliar estes esforços, sem dúvida, muito louváveis e com resultados muito diferentes, por razões muito diversas, mas notar que não se conseguiu parar o processo de secularização e deserção em massa, como indicado na *Evangelii gaudium*, número 70.

É, portanto, necessário em qualquer projeto catequético tomar como ponto de partida o facto de que o fio da transmissão da fé está seriamente tocado, portanto, também deve aplicar-se aqui o que o Papa Francisco diz na *Evangelii Gaudium*: “não se pode deixar as coisas como elas estão” (EG 25). Não podemos continuar a manter uma catequese infantil pré-sacramental como se nada tivesse acontecido. Atualizado na sua pedagogia e conteúdo, mas mantendo as propostas de um cristianismo vivido em regime de cristandade.

B. O desafio da família em relação à educação dos filhos e à transmissão da fé

Neste contexto, as famílias em geral, e as famílias cristãs em particular, enfrentam o desafio da educação integral dos seus filhos, que “é um direito primário e uma obrigação muito séria” (AL 84), na qual somente de forma subsidiária, outras instituições, como o Estado, podem intervir. Por isso, a própria Igreja “é chamada a colaborar, com uma ação pastoral adequada, para que os próprios pais possam cumprir a sua missão educativa” (AL 85),

porque nem na educação da fé se deveria substituir a ação dos pais. É por isso que a família é o lugar onde se aprende a amar e é o centro natural da vida humana (EG 66). Além disso, para o Papa Francisco, a família não é apenas o lugar da transmissão da fé, mas é, ou pelo menos deveria ser, a sede da catequese dos filhos (AL 16-17), como já se indicava no documento de Aparecida referindo-se a ela como a primeira escola de fé (DA 302-303), e isso apesar das dificuldades que essa tarefa acarreta no mundo de hoje (AL 287).

IV. Propostas de ação

A partir daqui, parece pertinente colocarmos algumas perguntas: Realisticamente, a família atual tem algum papel na transmissão, crescimento e permanência da fé dos seus membros mais jovens, numa igreja em regime de diáspora e de minoria cognitiva? Qual? Não estaremos pedindo uma tarefa superior às suas forças? No caso de que a nossa resposta às perguntas anteriores seja afirmativa, quais devem ser os projetos pastorais e catequéticos mais apropriados? *Amoris laetitia*, a esse respeito, aponta para que sejam “as diferentes comunidades que devem elaborar propostas mais práticas e eficazes que levem em conta tanto os ensinamentos da Igreja quanto as necessidades e desafios locais” (AL, 199). Por isso, sentimo-nos convidados a procurar aqui algumas propostas gerais que possam ser úteis para as nossas diferentes comunidades. Com essa finalidade, quando as formular, fá-lo-ei diferenciando duas formas de compreender a catequese de família, analisando o que considero estar por detrás da proposta do Papa Francisco.

A. Uma dupla proposta na catequese familiar

No meu modo de ver, há uma proposta dupla, bem diferente, quando falamos de catequese de família. Há uma longa tradição daquilo que em geral tem sido entendido como tal, que eu, daqui em diante, chamarei de “missionária” ou “evangelizadora”, cujo objetivo é envolver as famílias, geralmente remotas ou pouco envolvidas na vida da comunidade cristã, na catequese dos seus filhos. E há outro tipo de catequese familiar, geralmente incluída no ministério da família, que neste caso se realiza no seio das famílias, que tentam viver o projeto da família como uma concretização da sua vocação cristã; ou aquela feita, pelo menos por um dos seus membros, que, a partir da sua opção cristã, está interessado em transmitir a sua experiência de fé à nova geração. Este segundo tipo de catequese familiar é o que está

continuamente presente nas intervenções do Papa Francisco, motivo pelo qual lhe dedico a maior parte da minha reflexão.

1. A catequese missionária da família

No nosso contexto social europeu, com diferenças importantes de um país para outro, ainda existe um grupo populacional, embora cada vez menor, que solicita os sacramentos da iniciação cristã para os seus filhos. As suas motivações são muito diferentes e até espúrias. Na maioria das vezes referem-se à tradição familiar ou ao costume social, e não garantem que o processo de iniciação não seja abortado antes de ser devidamente completado, mas, em muitos casos, como observado com alguma ironia por alguns pastoralistas, a celebração dos sacramentos da iniciação cristã torna-se a despedida solene das crianças e adolescentes da Igreja.

A maneira de responder a esta situação tem sido muito diferente de um lugar para outro. Enquanto que nalguns aumentaram os níveis de exigência, noutros, considerando que a catequese infantil é uma ocasião, quem sabe se a última, para ter contacto com as famílias, redobraram-se os esforços e tem-se cuidado a catequese infantil, tornando-a numa ocasião privilegiada para fazer uma proposta evangelizadora para toda a família. Para isso, articularam-se propostas muito diferentes: encontros de pais, catequese paralela dirigida a pais e filhos, eucaristias familiares de catequese e evangelização, etc. Provavelmente, uma das propostas mais interessantes feita a partir destas propostas é a chamada catequese familiar. A “catequese da família evangelizadora”, estudada e muito bem documentada por Emilio Alberich⁸.

Uma avaliação das suas propostas permite-nos descobrir que em muitas das suas realizações concretas, este projeto ainda está localizado num modelo de Igreja que não assumiu a pluralidade cultural e religiosa atual, mas continua ancorado numa conceção do cristianismo vivido em regime de cristandade, e que tenta, conscientemente ou não, recuperar esse tipo de presença. Destina-se a pais com uma certa identidade cristã, mas que não personalizaram a fé. Ao fazer uma avaliação sobre os resultados, podemos dizer que, embora, sem dúvida, antes dos sacramentos de iniciação pode ser a ocasião de se

⁸ E. ALBERICH, *La familia, ¿lugar de educación en la fe?*, PPC, Madri 2010. N.T.: com edição em português a cargo do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

aproximar e, até mesmo voltar, para a fé de alguns pais, em vez de estar num processo de recuperação, o número de pais que vêm às nossas paróquias para pedir os sacramentos para os seus filhos diminui. Isso não deve significar que abandonamos esse tipo de catequese familiar, mas devemos ser realistas sobre as suas possibilidades.

2. A catequese familiar como parte do projeto cristão da família

Junto com este projeto pode-se apontar para outro tipo de catequese familiar, que neste caso parte de dentro da família e, portanto, ocorre em famílias que vivem o seu projeto familiar como uma resposta consciente a uma vocação específica (72). Essas famílias, como todas elas, vivem inseridas na cultura atual e são abaladas por mudanças de todos os tipos, às quais já me referi. Mas são as famílias em que se faz verdade, por uma suposição consciente do que foi proposto pelo Papa Francisco quando ele diz que está dentro dela, onde é dada a primeira transmissão de fé e de iniciação cristã.

Muitas delas vivem sem apoio suficiente na tarefa da educação e da transmissão do significado e esperança para os seus filhos. São conscientes dos riscos que o exercício da liberdade em todos os níveis têm para crianças e jovens (AL 261), mas optam por ela porque sabem que é a única maneira de criar homens e mulheres de bom nome, e crentes adultos, e até mesmo correr o risco de que possam afastar-se da fé cristã⁹. Sem dúvida, entre um modelo e outro há uma continuação, muitas das coisas que dizem respeito a este modelo de catequese familiar podem e devem ser aplicadas ao modelo de catequese familiar de evangelização, embora seja importante ver as diferenças.

Este tipo de catequese nasce do e no centro da família, e não da catequese paroquial, nem dos movimentos ou das escolas católicas. A sua razão de ser está no projeto de família, no qual a experiência de fé ocupa um lugar suficientemente importante para desempenhar um papel no processo educacional dos mais jovens. A sua estrutura última é a referência ao exercício da vida cristã dos adultos que são parte da família, de modo que neste tipo de catequese é verdadeiro o que afirmou Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*

⁹ M. GARCÍA BARÓ E M. HUARTE, "Tres matrimonios, tres generaciones, ante el Concilio", em *Recibir el Concilio 50 años después*, Verbo Divino, Estella 2012, pp. 365-366.

quando apela para o papel de testemunho no anúncio do Evangelho (EN 21). Por isso, a sua proposta não implica um programa articulado, mas impregna a totalidade e os pequenos detalhes da vida quotidiana. Não está preocupada tanto com o conteúdo da fé como com a experiência de Deus e com a confiança de que Ele está sempre perto das nossas vidas. Provavelmente esta é a sua força e também a sua fraqueza, porque, enquanto sublinhando a experiência de Deus, muitas vezes parte das insuficiências e até mesmo de algumas perversões que podem afetar a religiosidade popular. Perigos mais sérios, quanto maior é a necessidade de ter uma fé suficientemente iluminada, que permita às gerações futuras resistir às inclemências em que a fé é vivida na sociedade de hoje.

Creio que este é o contexto de família e de catequese familiar em que poderíamos colocar muitas das intervenções do Papa Francisco sobre estas questões. A título de exemplo, podemos mencionar uma dirigida precisamente aos bispos da Áustria:

“A família é, portanto, um lugar privilegiado para a evangelização e para a transmissão vital da fé. Façamos todo o possível para que se reze nas nossas famílias e se experimente e transmita a fé como parte integrante da vida quotidiana”¹⁰.

B. Uma proposta de catequese familiar que parte da família como comunidade doméstica

A partir daqui vou tentar desenvolver diretrizes para a catequese familiar que deve ser desenvolvida na comunidade doméstica (AI 86), convertida em “escola de fé¹¹”. Com esse objetivo, analisaremos as múltiplas intervenções do Papa Francisco, nas quais desenvolve o papel da família e de cada um dos seus membros nessa tarefa. Para isso tentarei organizar o conteúdo dessas intervenções, para que a partir delas possamos esboçar um projeto de catequese familiar.

¹⁰ PAPA FRANCISCO, “A los miembros de la Conferencia Episcopal Austriaca en visita «ad limina apostolorum»”, en Papa Francisco y la familia..., p. 336

¹¹ CARDEAL JORGE MARIO BERGOGLIO, “La familia a la luz del documento de Aparecida”, en Papa Francisco y la familia..., p. 51; J.A. PAGOLA, “La familia «escuela de la fe». Condiciones básicas”, en *Sal Terrae*, 1997, pp. 743-754.

1. O seu objetivo: criar na fé

Como ponto de partida, deve-se notar que o objetivo prioritário deste tipo de catequese não é outro senão criar a fé nos seus membros mais jovens, como indicado no número 43 da encíclica *Lumen Fidei*. Mas não só nos mais jovens. Não devemos esquecer que todos, também os membros adultos da família, estão num processo de maturação da fé como no resto das facetas humanas. Assumir a responsabilidade de ser pais, sem dúvida, provoca novas questões, novas esperanças e novos medos. É uma ocasião para levar a vida e a fé mais a sério. E, também, é frequente que a convivência matrimonial entre crentes e indiferentes provoque nos segundos, quando há uma coerência pessoal dos primeiros, questões pessoais e reflexões que levam a uma conversão.

A geração da fé que não é simplesmente uma aceitação da existência de Deus ou das verdades da fé, mas também a assunção de um projeto vital, o discipulado, capaz de dar sentido pessoal à existência numa sociedade com ofertas muito variadas e tentadoras e com poucos apoios para a experiência da fé¹².

2. O seu conteúdo: a experiência

Do exposto deduz-se que o seu conteúdo não é outro senão a abertura à experiência de Deus. Frente a uma preocupação, no meu modo de ver excessiva, pelo conteúdo da fé, que caracterizou em grande parte a catequese destes últimos anos, numa tentativa desesperada, para que o esplendor e a evidência da verdade continuassem a manter íntegra a identidade dos católicos, e fosse capaz de convencer os que estavam à sua procura, o atual pontificado, seguindo a esteira de Aparecida, inclina-se para que a experiência da fé, a jubilosa alegria do Evangelho, seja a força capaz de transformar tudo.

¹² Peter Berger dirá: “Efectivamente, trata-se de algo libertador, pois abrem-se novos horizontes em todas as partes. A situação é também individualizadora. O indivíduo vê-se obrigado a escolher, a tomar decisões e perseverar nelas. É uma tarefa bastante complicada. As fontes tradicionais de apoio social estão bastante debilitadas e completamente ausentes: a família, o parentesco mais amplo, a comunidade aldeã, o clã, a tribo, a casta, a igreja ou a mesquita. Anonimamente, os indivíduos são obrigados a construir o seu próprio programa pessoal para viver.”(PL BERGER, *Los numerosos altares de la modernidad. En busca de un paradigma para la religión en una época pluralista*, Sígueme, Salamanca 2016, p. 39).

Nesse sentido, resulta esclarecedora uma intervenção do Santo Padre, por ocasião da visita *ad limina* dos bispos da Polónia:

“Nesse sentido, a catequese oferece amplas possibilidades. Sei que na Polónia participam a maioria dos estudantes das escolas, que alcançam um bom conhecimento das verdades da fé. A religião cristã, no entanto, não é uma ciência abstrata, mas um conhecimento existencial de Cristo, um relacionamento pessoal com Deus que é amor. Talvez seja necessário insistir mais na formação da fé vivida como um relacionamento, no qual se experimenta a alegria de ser amado e poder amar.”¹³

3. Os seus meios

Isso terá consequências nos meios disponíveis para esse tipo de catequese familiar. Entre estes, o amor e a exemplaridade dos adultos desempenham um papel fundamental. Um amor e um exemplo fundamental em todos os momentos, mas especialmente nos primeiros anos de vida, porque, graças ao sentir-se queridos pelo amor dos seus pais, as crianças podem entender, não intelectualmente, mas de forma vital, que aquilo que o adulto vive e lhe quer testemunhar é uma experiência de amor semelhante àquele amor de mãe ou pai manifestado nos pequenos detalhes e nas grandes ocasiões da vida quotidiana. Portanto, este é o principal meio de abrir e criar a experiência da fé. Mas o amor e a exemplaridade não são os únicos meios, mas são apoiados por muitos outros, que vão tecendo a personalidade dos filhos, como “a educação da vontade e o desenvolvimento de bons hábitos e inclinações afetivas em favor do bem” (AL 264-267), a iniciação à oração e à vida de piedade; o exercício da caridade e o cuidado dos fracos (AL 287), etc.

4. O seu processo

A catequese, que se desenvolve no quotidiano sem programação, tem, no entanto, um carácter progressivo. Não há ninguém melhor do que os pais, que amam os seus filhos, capazes de conhecer as necessidades progressivas da criança. O Papa Francisco, apaixonado pelos acompanhamentos pastorais,

¹³ PAPA FRANCISCO, “A los miembros de la Conferencia Episcopal Polaca en visita «ad limina apostolorum»”, en Papa Francisco y la familia..., pp. 339-340.

lembra aos pais num texto interessante que “o mais importante é criar na criança, com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, formação, crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia” (AL 261). Assim, embora neste tipo de catequese não exista uma série de objetivos claramente marcados, conteúdos explicitamente formulados, nem um programa educacional formulado em função da aquisição desses objetivos, podemos reconhecer o objetivo fundamental e um processo progressivo na forma para alcançá-lo e, portanto, podemos apontar pelo menos dois momentos diferentes:

a) O despertar religioso

O primeiro, o despertar religioso, é caracterizado por propiciar, cultivar e encorajar tudo o que se abre à transcendência. Para abrir as fontes, tantas vezes cegas, de espanto, beleza, questões, a profundidade dos símbolos... Hoje, muitos se referem à teoria das inteligências múltiplas de H. Gardner¹⁴, e especificamente à teoria da inteligência espiritual¹⁵. Tudo isso acontece, ou pelo menos deveria acontecer, na família, de maneira espontânea¹⁶ graças ao cuidado dos idosos, aos jogos das crianças, à época das férias, aos passeios dominicais... Cada família tem a sua própria sensibilidade, cada um vive em habitats muito diferentes, mas é provavelmente a admiração e o amor das pessoas que amamos e nos amam, acima de situações concretas, o que permite atravessar o limiar da transcendência¹⁷ e descobrir a profundidade da vida.

A partir daqui começa o despertar religioso. A entrada nesta área que nos permite intuir e experimentar a profundidade da existência e Aquele que a habita. É o momento em que começa a experiência de amizade com Deus, o encontro pessoal com Ele, as primeiras orações, a incorporação nas celebrações da comunidade cristã, a tomada de consciência da sua vontade e,

¹⁴ H. GARDNER, *Inteligencias múltiples. La teoría en la práctica*, Paidós Ibérica, Barcelona 2011.

¹⁵ D. ZOHAR e I. MARSHALL, *Inteligencia Espiritual*, Plaza & Janes, Barcelona 2002.

¹⁶ Os bispos da Conferência Episcopal do Canadá lamentaram há alguns anos que, em seu contexto sociocultural, essa era uma das dificuldades para o ministério de jovens. Cf. CONFERENCIA EPISCOPAL CANADIENSE, *Proponer hoy la fe a los jóvenes. Una fuerza para vivir*, (2000), recolhido em espanhol em D. MARTÍNEZ, P. GONZÁLEZ y J.L. SABORIDO, *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*, Sal Terrae, Santander 2005.

¹⁷ J. MARTÍN VELASCO, *La experiencia cristiana de Dios*, Trotta, Madrid 1995, pp. 17-85.

portanto, as atitudes. O que Ele quer de nós. É o tempo em que descobrimos que Jesus é para nós o amigo e o mestre, que nos serve de modelo para viver de acordo com a vontade de Deus. Em última análise, é o momento da primeira personalização da fé. Uma fé inicial, básica, mas que responde ao nuclear, à consciência de que Deus está aí e me ama.

Uma presença que acompanhará o crente ao longo de toda a sua vida, às vezes desde a certeza e outras desde as trevas e da noite, mas que, como o Papa Francisco assinala na Vigília de Pentecostes de 2013, permite-nos manter a fé apesar da sua fragilidade:

“Também falaram sobre a fragilidade da fé, como se faz para superá-la. O maior inimigo da fragilidade – engraçado, não é? – é o medo. Mas não tenham medo! Somos frágeis e sabemos isso. Mas Ele é mais forte. Se tu estás com Ele, não há problema. Uma criança é muito frágil – já vi muitas hoje – mas como estava com o pai, com a mãe: está segura. Com o Senhor nós estamos seguros. A fé cresce com o Senhor, precisamente da mão do Senhor; isso faz-nos crescer e fortalece-nos.”¹⁸

b) A personalização da fé

O segundo momento é caracterizado pela personalização da fé e pelo desenvolvimento de atitudes, que tornam o exercício da vida cristã plausível no seu contexto vital. Na *Lumen Fidei* (53) lemos:

“Na família, a fé está presente em toda as etapas da vida, começando com a infância: as crianças aprendem a confiar no amor dos seus pais. Portanto, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanham o crescimento da fé dos filhos. Acima de tudo, os jovens, que passam por uma idade tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento na fé”.

Esta etapa tem como objetivo que cada um dos membros da família, que recebeu a fé nesse seu meio, o personalize, de maneira que não dependa da

¹⁸ PAPA FRANCISCO, “Vigília de Pentecostes 18 de maio de 2013”, em Papa Francisco y la familia..., pp. 291-292.

vida familiar, dos seus hábitos e costumes, mas sim de atitudes que permitam à experiência da fé continuar a ser a espinha dorsal do significado da sua vida e do seu projeto de vida, mesmo quando se deixam os espaços administrados pela família, como o centro de estudos, o grupo de amigos, a universidade, os lugares de trabalho e lazer...

5. Os princípios que o encorajam

Neste momento analisamos os princípios que encorajam todo o processo que deve ser transmitido pela família e assumido por cada um dos seus membros. Entre eles, cito apenas aqueles que considero vitais.

Primeiro, mencionamos o amor que, sem dúvida, ocupa um lugar preferencial, e é o veículo privilegiado da família usado para abrir a experiência de fé. É precisamente desse amor que descobrimos duas formas essenciais de amar a vida cristã: a filiação e a fraternidade. Uma fraternidade que assume a forma de serviço (AL 194-195). Duas maneiras de amar, que são essenciais em todos os projetos da família cristã; que são transmitidos nos pequenos detalhes diários, curam os conflitos de convivência e geram uma maneira de resolvê-los, o que tem a ver com a compreensão e o perdão.

Juntamente com estes, poderia apontar outros, como confiança e relacionamento amigável com Deus na escuta, o silêncio, a oração, a festa... A capacidade de integrar e de dar sentido à dor, ao fracasso... E, ao mesmo tempo, a capacidade de superar, rebelando-se contra toda injustiça, comprometendo-se com causas nobres... e não esquecendo o início, cada vez mais necessário num mundo pluralista e cheio de ofertas que nos tenta, que é o de ser capaz de ter o seu próprio critério, sentido crítico, liberdade de espírito, capacidade de defender a própria fé e o projeto que emerge dela, tolerância com outras posições e outros credos...

6. As atitudes que pretende

Com a finalidade, portanto, de permitir uma fé adulta que se possa manter numa sociedade pluralista e numa cultura indiferente e pós-cristã, o Papa Francisco lembra às famílias a necessidade de uma série de atitudes básicas (AL 289), que devem ser transmitidos por todo o discípulo-missionário, por todo o agente pastoral, mas têm um lugar privilegiado na família e no processo catequético que nelas se realiza. Estas são, muito resumidamente: a

experiência da liberdade, a capacidade de fazer e manter estáveis e definitivas escolhas de vida, vivendo o Evangelho como uma experiência alegre, a prática da vida cristã em diálogo com a cultura atual, atitude crítica em relação à injustiça social e incoerência eclesial, e saber viver contra a corrente sem ser um esquisito, mas uma pessoa significativa¹⁹.

7. Os seus principais agentes

Com isso, chegamos aos agentes pastorais da família, que não são senão os membros da família. Cada um deles ocupa um lugar único e irrepetível. Para além dos seus papéis estão as pessoas com as suas características pessoais. É precisamente no exercício desses papéis que o exercício da vida cristã é proposto. É por isso que o Papa faz referências repetidamente a cada um dos membros da família e aos diferentes papéis que desempenham nela.

Sem dúvida, para o Papa, o papel principal é o dos pais. Eles são os principais responsáveis na tarefa educacional. E é nessa tarefa que eles desenvolvem a sua vocação específica (AL 85 e 200). A Igreja, como recorda o número 85 de *Amoris laetitia*, só tem um papel como colaboradora nesta tarefa. Em diferentes ocasiões alude à mãe, pelo papel que tradicionalmente assumiu na educação dos filhos, mas o Papa não ignora a transformação que ocorreu nas famílias, especialmente no nosso contexto, principalmente a partir da incorporação das mulheres no mundo do trabalho²⁰, por isso, embora faça frequente referência à figura materna, assume naturalmente que hoje esse papel está muito diversificado. Por isso, faz repetidas referências ao resto dos membros da família, entre os quais se destacam especialmente os avós. Estes não são apenas a representação da tradição viva da família, e portadores de sabedoria e experiência, mas, muitas vezes, são eles quem realmente mantêm a fé e a iniciam nos mais pequenos, por isso não é estranho que lhes dedique dois números da exortação apostólica (AL 192 e 193), e lembro-me disso em numerosas intervenções:

“Eu tive a graça de crescer numa família em que a fé era vivida de maneira simples e concreta; mas foi sobretudo a minha avó, mãe do

¹⁹ PAPA FRANCISCO, “Encontro com os voluntários da XXVIII Jornada Mundial da Juventude”, em Papa Francisco y la familia..., p. 289.

²⁰ F. ELIZONDO, “Las mujeres y la transmisión de la fe”, em INSTITUTO SUPERIOR DE PASTORAL, *La transmisión de la fe en la sociedad actual*, Verbo Divino, Estella, 1991, pp. 233-246.

meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Ela era uma mulher que nos explicou, nos contou sobre Jesus, nos ensinou o Catecismo. [...] recebi o primeiro anúncio cristão dessa mulher, da minha avó! Isso é lindo! O primeiro anúncio em casa, com a família! E isso faz-me pensar no amor de tantas mães e de tantas avós na transmissão da fé. Elas são as que transmitem a fé. Isso também aconteceu nos primeiros tempos, porque São Paulo disse a Timóteo: “Eu evoco a memória da fé da sua avó e da sua mãe” (2Tm 1,5).²¹

Finalmente, o Papa atribui à Igreja em geral, e em particular à comunidade eclesial mais próxima, como é o caso da paróquia, o papel de acompanhar as famílias, não as abandonando ao seu destino (AL 84). Isso requer uma preocupação com a vida das famílias e a sua tarefa educacional, formando agentes pastorais treinados para essa tarefa (AL 202-204.279) e fornecendo às famílias todos os tipos de meios e recursos apropriados ao caso²². Esta tarefa de acompanhar a vida familiar, sem dúvida, deve ser complementada por uma segunda, que é a incorporação de todos os membros da família na vida da comunidade cristã local.

V. Como saldo final. Luzes e sombras

Numa tentativa de sintetizar todos os itens acima, vou agora avaliar as intervenções do Papa Francisco, a fim de sublinhar os seus aspetos mais positivos, bem como apontar o que penso serem algumas insuficiências.

A. As principais contribuições

Como principais contribuições do Papa Francisco, devemos primeiro destacar aquelas que se referem ao que ele chama “mudança de tempo”²³. Uma mudança de tempo que tem profundas consequências na vida das famílias

²¹ PAPA FRANCISCO, “Vigília de Pentecostes 18 de maio de 2013”, em Papa Francisco y la familia..., p. 291.

²² CARDEAL JORGE MARIO BERGOGLIO, “La familia a la luz del documento de Aparecida”, en Papa Francisco y la familia..., pp. 51-52.

²³ “*Hoje estamos num novo momento. Como o Documento de Aparecida expressou bem, não é um tempo de mudanças, mas uma mudança de época. Então, também hoje é urgente perguntar: O que é que Deus nos pede? Gostaria de tentar oferecer algumas linhas de resposta a essa questão.*” (Discurso do Papa Francisco no encontro com o Episcopado Brasileiro, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013).

e até no conceito de família, que se encontra em diferentes imaginários coletivos. Isto supõe uma rutura com um conceito único de família cristã e identificado em muitas ocasiões com a imaginação da família burguesa ocidental, abrindo a porta ao reconhecimento do amor cristão em modelos e situações muito diferentes através dos quais passam as famílias concretas. O papel do amor no projeto da família predominará sobre a estrutura jurídica, na minha opinião. Há também um reconhecimento de que as mudanças sociais influenciam diretamente a articulação de papéis que ocorrem nas relações familiares. A incorporação das mulheres no trabalho, o contexto urbano em que a maioria das famílias vive, etc. etc. tornam o papel do pai e da mãe mais complementares e os avós adquirem uma relevância na educação que provavelmente antes não tinham.

Nesta situação, e num contexto de indiferença como o nosso, a catequese familiar será uma questão permanentemente abordada pelo Papa, porque parte do futuro se desenvolve nela. Mas uma catequese familiar entendida como aquela que se realiza dentro da família, pelo facto dos que a formam sentirem o projeto familiar como parte de um projeto eclesial. Isso significa que a família é entendida como “uma escola de fé” e que a sua transmissão às novas gerações é, antes de tudo, uma tarefa para os pais.

Tudo isso coloca a catequese familiar na atual corrente catequética. Uma catequese de criação e não de doutrinação. Numa catequese mais preocupada em abrir-se à experiência de Deus e tentar responder à sua vontade mais do que aprender as verdades da fé. Uma catequese em que se dá um valor importante à liberdade frente à imposição. Daí a necessidade de acompanhar os processos do interior das pessoas, o que requer conhecimento e amor.

B. Algumas deficiências

Mas também podemos reconhecer algumas deficiências e ambiguidades, provavelmente porque a profundidade das mudanças nunca é totalmente assumida por aqueles que vêm de situações anteriores.

Muitas vezes dá a impressão de que, no contexto das intervenções papais e dos documentos deste pontificado, o modelo familiar tradicional e a distribuição clássica de papéis continuam a estar presentes. O Papa, como qualquer um de nós, não pode renunciar à família em que nasceu e que o

abriu para a fé. Assim, alguns casais jovens não se sentem suficientemente identificados com alguns números de *Amoris laetitia*, considerando que a família que é descrita não é o modelo de família que eles vivem e tentam encarnar.

Uma segunda insuficiência vem neste caso motivada pelo valor que o Papa dá à religiosidade popular e da fé das pessoas simples. Quando este valor é levado ao campo da catequese, aqueles de nós que ouvem ou leem as intervenções papais temem que haja uma redução no projeto de catequese familiar, reduzindo-a à transmissão de piedades e devoções, que são, sem dúvida, valiosas, mas insuficientes, quando se trata de manter a fé num mundo como o atual.

A família na Bíblia: dom de Deus e desafio para o homem!

CHRISTOPHE RAIMBAULT (*)

Introdução

No seu contributo para a revista *Lumen Vitae* de 2005 sobre a questão da Bíblia, a família e a catequese Henri Derroitte escrevia: «Não se encontra nos textos sagrados nem resposta imediata para as nossas preocupações metodológicas nem consciência das diversas realidades sociológicas atuais. No entanto, falar da família à luz dos dados bíblicos continua a ser possível.»¹

Mostrava a dificuldade de abordar a questão da família a partir da Bíblia. Mas se é possível, tendo em conta a sequência do inquérito nessa revista, e interrogando os escritos bíblicos numa nova perspetiva, que podemos encontrar? Que indícios sobre a família nos dá a Bíblia? Como fala dela? Que desafios contêm hoje para nós as referências ou alusões à família?

1. A família na Bíblia: mas que família?

AL 8: «A Bíblia aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares, desde as primeiras páginas onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência mas também com a força da vida que continua (cf. Gn 4), até às últimas páginas onde aparecem as núpcias da Esposa e do Cordeiro (cf. Ap 21, 2.9). As duas casas de que fala Jesus, construídas ora sobre a rocha ora sobre a areia (cf. Mt 7, 24-27), representam muitas situações familiares, criadas pela liberdade de quantos

(*) Sacerdote diocesano de Tours, França. Biblista, Professor no Instituto Católico de Paris. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ H. DERROITTE, «Une catéchèse qui change avec des familles qui changent», *Lumen Vitae*, «Qui est ma famille?», vol. LX/4, dezembro 2005, pp. 367-383, p. 371.

habitam nelas, porque – como escreve o poeta – “toda a casa é um candelabro” (Borges, «Calle Desconocida», em *Fervor de Buenos Aires*, Buenos Aires, 2011, p. 23)».

1.1. A família: um vocabulário pouco bíblico

Sejamos diretos: a palavra «família» como tal não figura na Bíblia. Como diz P. Lefebvre: «Na realidade, não existe uma palavra em hebraico que corresponda exatamente àquilo que nós entendemos hoje como família, concebida como uma comunidade que se restringe a duas ou três gerações, centrada no casal e nos seus filhos.»²

Dito isto, há duas palavras em hebraico que são traduzidas por «família» em muitas publicações.

- *bayit*, a construção; com o verbo *banat*, construir, de onde são tiradas as palavras *ben*, filho, e *bat*, filha. Esta família de palavras desenvolve a ideia de descendência, de desenvolvimento genealógico. Designa a ideia de edifício e de clã. Os filhos são como a construção de um povo. A construção é uma imagem para dizer o surgir de uma família. Em 2 Sm 5 a 7 é assim que é designada a ascendência e a dinastia do rei. É a ligação vertical no âmbito de uma árvore genealógica. A ideia de construção encontra-se explicitamente, por exemplo, em Rt 4,11: «O Senhor torne essa mulher, que entra na tua casa (*bayit*), semelhante a Raquel e a Lia, que juntas construíram (*banah*) a casa (*bayit*) de Israel!»
- *mishepâhâh*, o clã, com o verbo *shaphâh*, estar em ligação com, mas também o substantivo *shiphehâh*, a serva. Esta família de palavras designa de preferência as relações horizontais, ao contrário da família de palavras precedente, grupo de pessoas que têm como referência um antepassado comum. Em latim, fala-se de *famuli*, escravos ou servos ao serviço de uma *familia*.

Na realidade, encontramos as duas famílias de palavras em Gn 12,1-3: Deus convida Abraão a deixar a casa de seu pai (*bayit*). Assim, todas as nações (as famílias, no sentido de clãs, *mishepahah*) da terra serão abençoadas.

² P. LEFEBVRE, *Ce que la Bible dit sur... la famille*, Bruyères-Le-Chastel, Nouvelle Cité, 2014, p. 17.

Em grego, surge a mesma noção, com duas famílias de vocabulário que aparecem pouco: *oikos/oikia*, a casa, ou as pessoas da casa e, por vezes, *genos/suggeneia*, os parentes e a descendência.

1.2. Noções bíblicas para evocar a família

Se a «família» não é explicitamente mencionada na Bíblia, há várias grandes noções principais que permitem considerar as questões relativas à família: os noivados e as bodas, a fecundidade e a descendência, a filiação, a fraternidade (os irmãos), a fidelidade e a infidelidade, ou o abandono. A família é assim abordada de forma subtil e rica, não tanto do ponto de vista da sua estrutura firme, única e definitiva, como do ponto de vista da sua diversidade, do seu papel e dos seus desafios para a vida humana.

Segundo P. Lefebvre «A referência à família na Bíblia tem mais a ver com um estaleiro do que com um enquadramento»³. Esta profusão de vocabulário cria como que uma rede de sentido, um campo semântico, acerca da família.

AL14: «O homem e a sua esposa estão sentados à mesa, aparecem os filhos que os acompanham “como rebentos de oliveira” (Sl 128, 3), isto é, cheios de energia e vitalidade. Se os pais são como que os alicerces da casa, os filhos constituem as “pedras vivas” da família (cf. 1Pe 2,5). É significativo que, no Antigo Testamento, a palavra que aparece mais vezes depois da designação divina (YHWH, o “Senhor”) é “filho” (ben), um termo que remete para o verbo hebraico que significa construir (banah). Por isso, no Salmo 127, exalta-se o dom dos filhos com imagens que aludem quer à edificação duma casa, quer à vida social e comercial que se desenrolava às portas da cidade... A presença dos filhos é, em todo o caso, um sinal de plenitude da família na continuidade da mesma história de salvação, de geração em geração.»

Para falar da família, prefere-se falar de descendência, pondo a tónica na fecundidade e na multiplicação da vida (cf. a descendência prometida a Abraão e a Noé).

Trata-se, portanto, de uma noção dinâmica. A família manifesta-se como um dom de Deus e um projeto a construir, como uma construção a realizar, uma pedra de cada vez.

³ P. LEFEBVRE, *id.*, p. 9.

1.3. A família bíblica: para além de qualquer família

Na Bíblia, não há um modelo de família único e perfeito. Não se pode realmente falar de família homogénea, em todos os sentidos do termo!

- Descendências com métodos consideravelmente duvidosos. As descendências e as linhagens não são puras nem diretas. A realidade ultrapassa as linhagens sonhadas. Todos nós recordamos certos casamentos na origem das descendências do povo bíblico. A história de Tamar, de Raab, de Rute, de Betsabé... que se encontram mencionadas na genealogia de Jesus em Mt 1,1-17. As linhagens derivam também de abusos de família: assim, a descendência de Abraão com Agar, em Gn 16 ou a artimanha de Jacob e Esaú.
- As descendências são mais que complexas, longe das representações admitidas, com risco de contradição numa perspetiva humana. Assim, Moisés une na sua pessoa diversos povos: é hebreu de nascimento, cresceu como um egípcio junto da sua mãe adotiva, filha do Faraó, e casou com uma madianita (Ex 2). No entanto, era precisamente a sua lei que tinha estipulado que não se tomasse um cônjuge originário de uma nação estrangeira (Dt 7,1-6).
- Descendências misteriosas: podemos recordar também as descendências de tipo misterioso. Abraão e Sara geram Isaac quando têm perto de cem anos. Raquel, a esposa de Jacob, dá à luz José, embora fosse estéril. Acontece o mesmo com Ana, igualmente estéril, que dá à luz Samuel. No Novo Testamento, Zacarias e Isabel têm João Batista de maneira misteriosa. E, claro, também Maria e José.

A fecundidade do casal é assim vista como o fruto da misteriosa intervenção divina, corrigindo a maldição da esterilidade.

Vê-se então que a família é o lugar da presença e da manifestação de Deus.

2. A família na Bíblia: um lugar teológico

2.1. Lugar de imitação. O ser humano criado à imagem e à semelhança de Deus.

- Deus é uma família.

AL 11: «O casal que ama e gera a vida é a verdadeira “escultura” viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador. Por isso, o amor fecundo chega a ser o símbolo das realidades íntimas de Deus (cf. Gn 1, 28; 9, 7; 17, 2-5.16; 28, 3; 35, 11; 48, 3-4)... A relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade que, em Deus, contempla o Pai, o Filho e o Espírito de amor. O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivo. A propósito, são elucidativas estas palavras de São João Paulo II: “O nosso Deus, no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em Si mesmo paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor. Este amor, na família divina, é o Espírito Santo”. (Homilia por ocasião da Eucaristia celebrada em Puebla de los Angeles, 28 de janeiro de 1979). Concluindo, a família não é alheia à própria essência divina. Este aspeto trinitário do casal encontra uma nova representação na teologia paulina, quando o Apóstolo relaciona o casal com o “mistério” da união entre Cristo e a Igreja (cf. Ef 5, 21-33).

- Deus revela-se com traços tomados do domínio familiar. Poder-se-á falar de antropomorfismo? Sem ir tão longe, o campo semântico da família permite aos redatores bíblicos construir a revelação divina. Deus é ao mesmo tempo pai e mãe. Dá simultaneamente a imagem da misericórdia, com os traços maternos (os *rahamim*), e ao mesmo tempo o papel do legislador e do justiceiro.
- Deus procura estabelecer com os homens uma relação de paternidade/filiação. O povo de Israel é apresentado como o seu filho primogénito desde Ex 4,22⁴ sem que, no entanto ele o autorize a qualificá-lo como «Pai». Será necessário esperar a revelação de Jesus Cristo para que os

⁴ Ex 4,22-23: «E dirás ao faraó: “Assim fala o Senhor: O meu filho primogénito é Israel. Eu digo-te: Deixa partir o meu filho para que me sirva!”»

crentes se atrevam a isso (cf. Mc 12,35-37; Rm 8,14-17⁵; cf. também a oração do Pai-Nosso, evidentemente). Esta relação de filiação tem como consequência o compromisso de Deus de libertar o povo da servidão. A paternidade é uma condição de vida (cf. Sl 2,7⁶). A paternidade de Deus é um dom. Entrar na relação de filiação precisa da aceitação e do consentimento por parte dos homens. Deus sofre com as recusas dos homens em reconhecer-se como filhos, como na parábola do pai dos dois filhos em Lc 15: está à espera da resposta por parte dos filhos... Filhos chamados para ir trabalhar na vinha dizem que sim, mas há outros que dizem que não (Mt 21,28-32).

- A relação com Deus é de ordem sponsal. Ou se é fiel a Ele ou infiel (cf. o livro de Oseias). Deus pode até revelar-se ciumento, e isso é positivo no AT: esse aspeto qualifica a dedicação total e sem limites que Deus oferece e quanto ele se compromete pessoalmente.

Esta dimensão sponsal na relação com Deus permite compreender a noção de aliança, que é proposta unilateralmente por Deus, que espera um regresso por parte dos homens, recíproca sem por isso ser simétrica.

AL 63: «A aliança sponsal, inaugurada na criação e revelada na história da salvação, recebe a revelação plena do seu significado em Cristo e na sua Igreja. O matrimónio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça necessária para testemunhar o amor de Deus e viver a vida de comunhão. O Evangelho da família atravessa a história do mundo desde a criação do homem à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27) até à realização do mistério da Aliança em Cristo no fim dos séculos com as núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19, 9)».

⁵ Mc 12,35-37: «Ensinando no templo, Jesus tomou a palavra e perguntou: “Como dizem os doutores da Lei que o Messias é filho de David? O próprio David afirmou, inspirado pelo Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés’. O próprio David chama-lhe Senhor; como é Ele seu filho?»

Rm 8,14-17 : «De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados.»

⁶ Sl 2,7: «Tu és meu filho, Eu hoje te gerei.»

As consequências disto: a família é apresentada como sagrada, ao serviço da vida.

AL 83: «A família é o santuário da vida, o lugar onde a vida é gerada e protegida...»

2.2. Um lugar de desafio. O que está em perspectiva: a fraternidade universal

- As lutas fratricidas do AT mostram o desafio existente: Caim e Abel, Jacob e Esaú, José e os seus irmãos... Se a filiação é um desafio, a fraternidade não o é menos. Assim, o filho mais velho recusa a fraternidade tal como a filiação em Lc 15.
- Jesus veio revelar um parentesco de uma ordem nova. O verdadeiro parentesco com Jesus não é fundado nos laços do sangue, ou carnis, mas na aceitação da vontade de Deus e na escuta da sua Palavra (Mc 3,31-35⁷; Lc 8,19-21). Todo o crente pode reconhecer-se neste parentesco e aceitá-lo.

A perspectiva final é de facto a boda (cf. o banquete nupcial em Mt 22,1-14). Todos são convidados. A Bíblia fala pouco de casamento, mas muito de boda, como observa P. Lefebvre⁸. Nem todos são chamados ao casamento, mas todos são chamados às bodas. Para isso, todos são convidados a voltar para Cristo, o esposo que chega (cf. Mt 25,1-13; Mc 2,18-22).

De facto, Cristo é o revelador, o fundamento e o projeto desta nova paternidade-filiação-fraternidade. É o Filho bem-amado revelado por ocasião do batismo e da Transfiguração. Considera os outros como seus irmãos, sobretudo aqueles que estão mais carenciados, ao ponto de se identificar com eles (cf. Mt 25,40: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes». Ele próprio é o «o primogénito de muitos irmãos, modelo da imagem-ícone com a qual

⁷ Mc 3,35: «Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»; Lc 8,21: «Mas Ele respondeu-lhes: "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática".»

⁸ P. Lefebvre, pp. 86-87. Evoca Israel e as Nações; Deus e a humanidade; o céu e a terra; Elias e a viúva de Sarepta; Booz e Rute.

os crentes são chamados a identificar-se» (cf. Rm 8,29). Tendo-se revelado assim, Cristo torna-se um apelo para os crentes. Aliás, Jesus chama irmãos de sangue a segui-lo (Simão e André, Tiago e João...) com a finalidade de constituir e manifestar uma fraternidade mais alargada.

As relações de ordem familiar são o suporte e o meio de formalizar e de significar o apelo de Deus à conversão, à metamorfose que Ele dirige aos crentes.

Os crentes são assim convidados a tomar parte nas bodas do Cordeiro, numa perspetiva escatológica (Ap 19).

Assim, o cristianismo encontra nas relações familiares o lugar onde se revelar como uma relação de fraternidade, e uma fraternidade universal (cf. os trabalhos de Alain Badiou sobre o cristianismo como invenção do universal). Paulo pode então dizer que em Cristo já não há nem Judeu nem Grego, nem homem nem mulher, nem escravo nem homem livre (cf. Gl 3,28). As imagens familiares desembocam na perspetiva de unidade do género humano, de solidariedade e do ser universalmente partilhado, em Cristo.

Para revelar essa finalidade, Jesus Cristo, Adão do *eschaton* (1 Co 15,45) interessa-se pelas relações familiares, levando a sério os seus dramas.

AL 21: «O próprio Jesus nasce numa família modesta, que à pressa tem de fugir para uma terra estrangeira. Entra na casa de Pedro, onde a sua sogra está doente (cf. Mc 1, 29-31), deixa-Se envolver no drama da morte na casa de Jairo ou no lar de Lázaro (cf. Mc 5, 22-24.35-43; Jo 11, 1-44), ouve o pranto desesperado da viúva de Naim pelo seu filho morto (cf. Lc 7, 11-15); atende o grito do pai do epilético numa pequena povoação rural (cf. Mc 9, 17-27). Encontra-Se com publicanos, como Mateus ou Zaqueu, nas suas próprias casas (cf. Mt 9, 9-13; Lc 19, 1-10), e também com pecadoras, como a mulher que invade a casa do fariseu (cf. Lc 7, 36-50). Conhece as ansiedades e as tensões das famílias, inserindo-as nas suas parábolas: desde filhos que deixam a própria casa para tentar alguma aventura (cf. Lc 15, 11-32) até filhos difíceis com comportamentos inexplicáveis (cf. Mt 21, 28-31) ou vítimas da violência (cf. Mc 12, 1-9). Interessa-Se ainda pela situação embaraçosa que se vive numa bodas pela falta de vinho (cf. Jo 2, 1-10) ou pela recusa dos convidados a participar nelas (cf. Mt 22, 1-10), e conhece também o pesadelo que representa a perda duma moeda numa família pobre (cf. Lc 15, 8-10).»

AL 64: «A postura de Jesus é paradigmática para a Igreja (...). Ele inaugurou a sua vida pública sob o signo de Caná, compartilhou momentos diários de amizade com a família de Lázaro e suas irmãs (cf. Lc 10, 38) e com a família de Pedro (cf. Mt 8, 14). Escutou o pranto dos pais pelos seus filhos, restituindo-os à vida (cf. Mc 5, 41; Lc 7, 14-15) e mostrando assim o verdadeiro significado da misericórdia, a qual implica a restauração da Aliança» (cf. o encontro com a Samaritana e com a mulher adúltera.)»

AL 22: «Nesta breve resenha, podemos comprovar que a Palavra de Deus não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise ou imersas nalguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho, quando Deus “enxugar todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21, 4).»

- Os desafios das famílias passam pela procura de condições sociais e económicas favoráveis. Assim, como recorda AL 23, o SI 128 apresenta o pai como um trabalhador que, pela obra das suas mãos, pode assegurar o bem-estar físico e a serenidade da sua família. Isto vai ao encontro da vocação do homem para cultivar o jardim, como o menciona Gn 2,15. M. Baujard insiste neste ponto na sua contribuição⁹ (cf. também AL 23-26).

2.3. Lugar de conversão ao *agapè*

A família tem como cimento, como razão de ser e como projeto o *agapè*. Fundamenta-se no *agapè* no casal.

Ef 5 coloca isto magistralmente. «Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos bem amados, e procedei com amor, como também Cristo nos amou e se entregou a Deus por nós...» (Ef 5,1-2). É precisamente a título do *agapè* que a comparação é feita entre o amor no casal (Ef 5,21-33) e o amor de Deus pelos homens.

AL 9: «No centro da família, encontramos o casal formado pelo pai e a mãe com toda a sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio

⁹ M. BAUJARD, «Société cherche Famille», Conferência dos Bispos de França, Serviço Nacional Família e Sociedade, *Notre Bien Commun*, Paris, Éditions de l'Atelier, 2014, pp. 67-80.

primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: “Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher?” (Mt 19, 4). E retoma o mandato do livro do Génesis: “Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24).»

AL 10: «Surpreendentemente, a “imagem de Deus” tem como paralelo explicativo precisamente o casal “homem e mulher”... a fecundidade do casal humano é “imagem” viva e eficaz, sinal visível do ato criador.»

Isto reflete-se nas relações entre pais e filhos (Ef 6,1-4) e nas relações entre senhores e escravos (Ef 6,5-9). Fala-se habitualmente de «códigos domésticos», que se encontram também em Col 3,18-25. A família é uma Igreja doméstica.

AL 86: «Na família, “como numa igreja doméstica” (LG 11), amadurece a primeira experiência eclesial da comunhão entre as pessoas, na qual, por graça, se reflete o mistério da Santíssima Trindade. “É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e sobretudo o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida” (Catecismo da Igreja Católica, 1657)».

AL 87: «A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas.»

Notemos com A. Wénin¹⁰ que Gn 2-3 não fala de casamento. É a retroprojeção da interpretação do texto por Mc 10,7-8 e paralelos, onde Jesus responde a uma questão-cilada sobre o divórcio, que provocou uma confusão de leitura.

Aproveitemos também este ponto para precisar que a Bíblia, AT e NT, embora fale de fidelidade e de infidelidade, não fornece ensinamentos construídos explicitamente sobre a sexualidade. Compreende-se que a família é criada e portanto dom de Deus, na diferença dos sexos (cf. Gn 1,27). Recebemos também o ensinamento de Jesus que declara que o adultério, tanto para o homem como para a mulher, começa na disposição do coração (Mt 5,27-30).

¹⁰ A. Wénin, em Coll., *Synode sur la Vocation et la Mission de la Famille dans l'Église et le monde contemporain*. 26 *Théologiens répondent*, Paris, Bayard, 2015, p. 77.

Ela é o lugar de aprendizagem do *agapè*. O *agapè* é um dom de Deus e torna-se um projeto para o homem.

3. Entre educação e proposta da fé

3.1. Uma aprendizagem do *agapè*

Em grego, recorre-se a outras famílias de palavras para dizer o amor familiar: entre esposos, ou entre pais e filhos, a *storgè* (cf. Rm 12,10, única ocorrência, combinada com *philia*). Conhece-se também o *eros*, palavra quase ausente da bíblia. O NT prefere falar de *agapè*, que insiste na sua fonte divina (cf. Rm 5,5.8). Quanto à *philia*, designa mais um amor de amizade, respondendo a sentimentos recíprocos, naturais e imediatos.

Dom e projeto: O *agapè* derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo e manifestado na cruz de Cristo (Rm 5,5.8) é um dom de Deus e torna-se um projeto para o homem: tomar consciência desse *agapè*, viver dele, partilhá-lo e concretizá-lo, «viver em *agapè*». Paulo chegará a dizer que é uma dívida: o homem é devedor do *agapè* (Rm 13,8). Aquele que o concretiza, amando o próximo, cumpre plenamente a lei, mas a dívida de *agapè* fica para sempre por pagar. Jesus propõe até amar com *agapè* todos os outros, sejam eles quem forem (Lc 10), até os inimigos (Mt 5,44 e Lc 6,27.35). Os crentes recebem mesmo esta «definição»: são aqueles que amam a Deus (Rm 8,28). E todo o crente é convidado a ser o discípulo bem-amado do evangelho segundo S. João.

O outro torna-se na comunidade «aquele por quem Cristo morreu também» (Rm 14,15). Por outras palavras, o *agapè* revelado e realizado em Cristo torna-se o critério das relações humanas e orienta a maneira de receber e de entender o outro. Cristo é «o *agapètos*» de Deus (na narrativa do batismo). E Cristo é a imagem do homem, o primogénito de uma multidão de irmãos (Rm 8,29). Compreende-se assim que, ao longo de toda a bíblia, e mais precisamente do NT, é apresentado um verdadeiro caminho de revelação que espera da parte do leitor crente um longo processo de conversão, de resposta a um apelo. O crente entra assim num processo de metamorfose (cf. P.-M. Beaude) para chegar à sua realização, «como o Pai» (cf. Mt 5,48), à sua imagem e à sua semelhança (Gn 1,26-27). Pode-se então falar de uma aprendizagem do *agapè*, que passa por anúncios sucessivos e contínuos.

A família é o lugar dessa aprendizagem. Primeiro pela sua fundamentação no casal, ligado pelo *agapè* entre os esposos. Em seguida pela concretização do *agapè* na família.

AL 70: «Bento XVI, na Encíclica *Deus caritas est*, retomou o tema da verdade do amor entre o homem e a mulher, que se vê iluminado plenamente apenas à luz do amor de Cristo crucificado (cf. n. 2). Sublinha que “o matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano” (n. 11). Além disso, na Encíclica *Caritas in veritate*, destaca a importância do amor como princípio de vida na sociedade (cf. n. 44), lugar onde se aprende a experiência do bem comum».

Em família, a verdade do *agapè* é experimentada. Assim, a experiência de José, figura do perdão, e dos irmãos que não sabiam gerir os seus ciúmes, é um belo exemplo para compreender a família como lugar de aprendizagem. Da mesma forma, novamente Caim e Abel, Jacob e Esaú... A vida em família permite receber uma educação para a alteridade, não só entre irmãos, mas também com os pais e com as pessoas mais frágeis, como por exemplo os mais velhos¹¹, ou aquele que se vê confrontado com a doença, a deficiência, o luto... E esse lugar de educação que é a família reflete-se para além dela. A família desempenha um papel de laboratório do *agapè*, e tem uma missão de testemunho.

¹¹ Acerca do respeito devido aos mais velhos:

- Os cabelos brancos merecem respeito: Ex 20,12 «Honra pai e mãe... a fim de que os teus dias...» (solidariedade intergeracional?); Lv 19,32 «Levanta-te perante uma cabeça branca e honra a pessoa do ancião. É assim que mostrarás o temor de Deus.»; Sir 8,6 «Não desprezes um homem porque é velho»; 1 Tm 5,1ss (os anciãos que exercem bem a presidência merecem uma dupla honra); 1 Pe 5,5 «jovens, sede submissos aos anciãos»; os filhos devem prestar auxílio aos pais idosos (Sir 3,12-15: «Meu filho, ampara o teu pai na velhice, não o desgostes durante a sua vida; mesmo se ele vier a perder a razão, sê indulgente, não o desprezes, tu que estás na plenitude das tuas forças. A caridade que exerceres com o teu pai não será esquecida, e ser-te-á considerada, em reparação de teus pecados. No dia da aflição, o Senhor há de lembrar-se de ti»).
- O idoso é aquele que é ouvido: cf. Simeão, Paulo já velho (Flm v.9), Pedro «eu, o ancião entre os anciãos» (1 Pe 5,2), os anciãos do Apocalipse.
- Uma pista: Deus é um velho? Cf. o ancião de Dn 7,9, ou no livro do Apocalipse, Ap 4,4; 5,14... Cf. as representações pictóricas (Miguel Ângelo). O velho à imagem de Deus, à imagem da eternidade ?

AL 194 : «A relação entre os irmãos aprofunda-se com o passar do tempo, e “o laço de fraternidade que se forma na família entre os filhos, quando se verifica num clima de educação para a abertura aos outros, é uma grande escola de liberdade e de paz. Em família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana (...). Talvez nem sempre estejamos conscientes disto, mas é precisamente a família que introduz a fraternidade no mundo. A partir desta primeira experiência de fraternidade, alimentada pelos afetos e pela educação familiar, o estilo da fraternidade irradia-se como uma promessa sobre a sociedade inteira”».

3. 2. Uma pedagogia divina

Pode-se falar de pedagogia divina (cf. Hb 12,4-9): Deus comporta-se com os crentes como um pai que «corrige» e educa o filho. «Deus trata-vos como filhos». Ensina aos filhos a perseverança nas provações.

A educação está no coração da missão da família, como uma missão confiada aos pais em relação aos filhos.

AL 17: «Os pais têm o dever de cumprir, com seriedade, a sua missão educativa, como ensinam frequentemente os sábios da Bíblia (cf. Pr 3, 11-12; 6, 20-22; 13, 1; 22, 15; 23, 13-14; 29, 17). Os filhos são chamados a receber e praticar o mandamento “honra o teu pai e a tua mãe” (Ex 20, 12), querendo o verbo “honrar” indicar o cumprimento das obrigações familiares e sociais em toda a sua plenitude, sem os transcurar com desculpas religiosas (cf. Mc 7, 11-13). Com efeito, “o que honra o pai alcança o perdão dos pecados, e quem honra a sua mãe é semelhante ao que acumula tesouros” (Sir 3, 3-4).»

AL 29 : «Com este olhar feito de fé e amor, de graça e compromisso, de família humana e Trindade divina, contemplamos a família que a Palavra de Deus confia nas mãos do marido, da esposa e dos filhos, para que formem uma comunhão de pessoas que seja imagem da união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por sua vez, a atividade geradora e educativa é um reflexo da obra criadora do Pai. A família é chamada a partilhar a oração diária, a leitura da Palavra de Deus e a comunhão eucarística, para fazer crescer o amor e tornar-se cada vez mais um templo onde habita o Espírito.»

Trata-se de uma pedagogia para a educação dos filhos, mas também podemos dizer que é uma pedagogia para os pais: convidá-los a um certo desprendimento.

AL 18: «O Evangelho lembra-nos também que os filhos não são uma propriedade da família, mas espera-os o seu caminho pessoal de vida.»... «Por isso, exalta a necessidade de outros laços mais profundos, mesmo dentro das relações familiares: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8, 21). Por outro lado, Jesus presta tal atenção às crianças – consideradas, na sociedade do Médio Oriente antigo, como sujeitos sem particulares direitos e inclusivamente como parte da propriedade familiar...»

3.3. O ato de memória e de transmissão

É à família que pertence a missão de transmitir e providenciar o ato de memória, particularmente no Deuterónimo. É interessante notar que AL liga esta temática da transmissão à missão catequética da família.

AL 16: «A Bíblia considera a família também como o local da catequese dos filhos. Vê-se isto claramente na descrição da celebração pascal (cf. Ex 12, 26-27; Dt 6, 20-25) – mais tarde explicitado na haggadah judaica –, concretamente no diálogo que acompanha o rito da ceia pascal. Eis como um Salmo exalta o anúncio familiar da fé: “O que ouvimos e aprendemos e os nossos antepassados nos transmitiram, não o ocultaremos aos seus descendentes; tudo contaremos às gerações vindouras: as glórias do Senhor e o seu poder, e as maravilhas que Ele fez. Ele estabeleceu um preceito em Jacob, instituiu uma lei em Israel. E ordenou aos nossos pais que a ensinassem aos seus filhos, para que as gerações futuras a conhecessem e os filhos que haviam de nascer a contassem aos seus próprios filhos” (SI 78/77, 3-6). Por isso, a família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos. É uma tarefa “artesanal”, pessoa a pessoa: “Se amanhã o teu filho te perguntar (...), dir-lhe-ás...” (Ex 13, 14). Assim, entoarão o seu canto ao Senhor as diferentes gerações, “os jovens e as donzelas, os velhos e as crianças” (SI 148, 12).»

E é toda a educação da fé e da prática religiosa que a família é convidada a assumir.

AL 15: «No Novo Testamento fala-se da “igreja que se reúne em casa” (cf. 1 Cor 16, 19; Rm 16, 5; Col 4, 15; Flm 2). O espaço vital duma família podia transformar-se em igreja doméstica, em local da Eucaristia, da presença de Cristo sentado à mesma mesa. Inesquecível é a cena descrita no Apocalipse: “Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo” (3, 20). Esboça-se assim uma casa que abriga no seu interior a presença de Deus, a oração comum e, por conseguinte, a bênção do Senhor. Isto mesmo se afirma no Salmo 128, que nos serviu de base: “Assim vai ser abençoado o homem que obedece ao Senhor. O Senhor te abençoe do monte Sião” (vv. 4-5).»

Conclusão e perspectivas

Vemos, portanto, que a Bíblia fala abundantemente da família, não para a «definir» como um conjunto estruturado e definitivo, mas como um lugar de vida, ao serviço da vida. Mais do que de «família na bíblia», não deveríamos antes falar de «famílias na bíblia»? À imagem de Deus, a família é o lugar onde o ser humano experimenta como crescer ele próprio à imagem e à semelhança de Deus. Espantosa família! Ela é um lugar teológico. É precisamente na família, sob todas as suas formas e nas suas diferentes composições, que o ser humano é educado para o *agapè* divino, caminho de conversão de todas as relações humanas. Nesse sentido, a família é um dom de Deus e um desafio para o homem. Um desafio para ser sempre aceite, inventado como um projeto cheio de promessas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Monique BAUJARD, «Société cherche Famille», Conferência dos Bispos de França, Service National Famille et Société, *Notre Bien Commun*, Paris, Éditions de l'Atelier, 2014, pp. 67-80.
- Philippe BORDEYNE, Juan Carlos SCANNONE, *Divorcés remariés: ce qui change avec Français*, Paris, Salvator, 2017.
- Coll., *Synode sur la Vocation et la Mission de la Famille dans l'Église et le monde contemporain. 26 Théologiens répondent*, Paris, Bayard, 2015.

A família na Bíblia: dom de Deus e desafio para o homem!

- Papa Francisco, *Amoris Laetitia, Exortação Apostólica*, 2016.
- João Paulo II, *Familiaris Consortio, Exortação Apostólica*, 1981.
- João Paulo II, *Centesimus Annus*, 1991.
- Catecismo da Igreja Católica.
- Compendium de Doctrine Sociale de l'Église, 2005.
- Philippe LEFEBVRE, *Ce que la Bible dit sur... La famille*, Bruyères-le-Châtel, Nouvelle Cité, 2014.
- Bernard PINÇON, *Ce que la Bible dit sur... Le couple*, Bruyères-le-Châtel, Nouvelle Cité, 2015.
- Revista *Lumen Vitae*, «Qui est ma famille?», vol. LX/4, décembre 2005, particulièrement:
 - H. DERROITTE, «Une catéchèse qui change avec des familles qui changent», pp. 367-383.
 - F. BROSSIER, «La Bible et la Famille», pp. 385-390.
- André VINGT-TROIS (Mgr), *La Famille*, Paris, Mame/Plon, coll. «15 questions à l'Église. Un évêque répond», 2002.

MODELOS CATEQUÉTICOS

Educação e ética no judaísmo

VERÓNICA NEHAMA (*)

“O futuro do mundo depende da respiração das crianças que estudam.” (Talmud)

Como qualquer comunidade cultural ou religiosa, o Judaísmo tem os seus próprios códigos de ética, e é considerado uma filosofia de vida, já que os seus textos sagrados são manuais de normas e preceitos para todos e cada um dos âmbitos da existência. Existem leis para as orações, as festividades, o descanso, a alimentação, o comportamento... e, claro, para a transmissão de valores através da *Educação*.

Um dos conceitos mais difíceis de definir é a Identidade judaica. Ser judeu não significa pertencer a uma raça, como evidenciam características e cor de pele muito heterogéneas, ou praticar uma religião, já que existe um amplo leque que abrange desde pessoas muito crentes que observam estritamente a *Halachá* ou lei, até agnósticos, que vivem assimilados, não comem *Kosher* (alimentos permitidos), nem frequentam a sinagoga. Os *hassidim*, com as suas vestes negras, barba e chapéu, são apontados frequentemente como protótipos, embora representem apenas 12% dos hebreus. A designação de POVO é a mais apropriada, pois nela cabem religião, cultura, tradições, festividades, história e apego à Terra de Israel e Jerusalém, que é mencionada 700 vezes na *Torá*. Existem atualmente cerca de 15 milhões de israelitas que representam apenas 0,25 da população mundial e, em Espanha, vivem aproximadamente 40.000.

(*) Casada e mãe de família. Licenciada em Química, docente universitária e escritora. Foi durante 26 anos professora e diretora do Colégio Judaico de Madrid «Ibn Gabirol-Estrella Toledano». Vice-Presidente do CEMJ.

O PROCESSO EDUCATIVO

A educação em valores, saberes e comportamentos, e a sua transmissão obrigatória, foi desde sempre a base sobre a qual assenta a vida de uma comunidade judaica.

1. EDUCADORES: Progenitores, Professores e Rabinos são os responsáveis pela transmissão de conteúdos e de valores, incutidos primeiro de forma vivencial e depois formalmente em aulas.

- A família é um conceito natural e plural que inclui aqueles que têm laços de consanguinidade ou partilham o lar. Eles são as células fundamentais que sustentam o tecido social, e em Israel é celebrado o dia da família, porque o chamado «Povo do Livro» considerou sempre prioritária a sua influência na transmissão cultural. Diz-se que os traumas de infância são complexos cristalizados na idade adulta. Os pais, responsáveis pelo equilíbrio emocional dos filhos, procuram, com amor e dedicação, colocá-los num substrato afetivo, proporcionando-lhes ferramentas para a sua autonomia futura, pois as crianças precisam de Raízes e Asas. O desenraizamento estrutural dos judeus, que durante séculos viveram na diáspora, modelou um sistema educacional baseado na coesão familiar e comunitária, cujo objetivo era suprir as deficiências provocadas pela instabilidade e pela precariedade. Os conhecimentos adquiridos e não só os aprendidos, eram bens transportáveis que ninguém podia arrebatá-los, e que permitiam reconstruir a vida em diferentes ambientes.
- Os mestres e a escola são o segundo elo, necessário para uma correta socialização, e harmonizam os seus ensinamentos com os que foram transmitidos no seio da família, oferecendo mensagens coerentes. A família e as instituições educativas complementam-se porque a primeira educa e as segundas ensinam. Ensinar é proporcionar meios para enfrentar a vida ativa, mas educar é formar e temperar o espírito, dimensão que transcende a transmissão de conteúdos.
- Os líderes espirituais, ou rabinos, têm o encargo de ministrar aulas de religião, de instruir os adolescentes para fazerem o seu Bar e Bat Mitzvah, a cerimónia de maioridade religiosa de rapazes e de raparigas, e de proporcionar palestras e cursos sobre assuntos religiosos em sinagogas, escolas e acampamentos de jovens.

2. OS TEXTOS: O mais importante é o TORÁ, palavra de Deus transmitida a Moisés a quem o Eterno encarrega: “Oferece às mulheres e impõe aos homens”, porque elas darão o cunho afetivo e eles o racional. Deus confia mais no apego emocional aos preceitos, porque o que é absorvido com o leite materno se mistura com o nosso sangue. O segundo texto de referência é o TALMUD, um extenso manual de interpretações feitas por rabinos, estudiosos e exegetas, que argumentam e oferecem pontos de vista por vezes contraditórios. O judaísmo não é dogmático ou organizacional porque não tem uma autoridade única como o Papa. O Talmud é dinâmico e enriquece-se ao longo dos séculos, estabelecendo padrões e leis de referência sobre aspetos desconhecidos na antiguidade, como a doação de órgãos, a ecologia ou a ordenação de mulheres rabínicas. Tudo o que não é expressamente proibido é interpretável e adaptável. As correntes ultra-ortodoxas não se desviam dos antigos preceitos, mas os conservadores – no seu apogeu – e especialmente os Reformistas introduziram mudanças mais de acordo com a vida moderna.

3. METODOLOGIA: No passado, baseava-se numa aprendizagem sistemática das leis e preceitos da Torá, para ensinar a viver de acordo com os mandamentos divinos. O objetivo era realizar as tarefas diárias buscando a felicidade espiritual sem se basear exclusivamente nos prazeres físicos, ou em bens materiais, e sem precisar de observar uma atitude ascética ou contemplativa. Atualmente, as disciplinas seculares coexistem com os matérias judaicas, exceto nos *Yeshivot*, centros de estudos para homens muito religiosos.

Os principais instrumentos de transmissão são:

- *Exemplaridade*. A primeira aprendizagem acontece por mimetismo. As crianças aprendem com pais, parentes, patriarcas, profetas e líderes que se apresentam como modelos a imitar. É importante mostrar uma atitude correta.
- *Cumprimento dos preceitos da Torá e do Talmud*. Não são oferecidos como rituais vazios, mas como ferramentas para uma vida harmoniosa. Existe *Berajot*, bênçãos, para múltiplas ações e orações que marcam o dia e integram a religião na vida quotidiana.

- *Celebração de ritos, cerimónias e festividades, que têm implícitos valores éticos.* A repetição converte-os em hábito e em ocasião para reunião familiar. A ceia às sextas-feiras, as orações, a recitação de bênçãos ou a leitura de textos bíblicos durante as refeições festivas envolvem toda a família.

- *Educação emocional.* O 10.º mandamento diz: «Não cobiçarás a casa do teu próximo, a sua mulher, o seu servo, o seu boi ou qualquer outro bem.» Parece redundante em relação aos preceitos 7.º e 8.º que já proibiam o adultério e o roubo. Mas restaurar a ordem não é o mesmo que antecipar comportamentos que podem quebrá-la, exigindo o controlo dos desejos para não pecar em pensamento. É melhor prevenir que remediar, e fica aberta a porta para a empatia. “Não faças o que não queres que te façam, ou ama o teu próximo como a ti mesmo. Essa é a essência da Torá... O resto são comentários “, disse o sábio Hillel.

O quinto mandamento “Honra o teu pai e a tua mãe”, estabelece a arquitetura comunitária básica, cujo núcleo é a família.

4. EVOLUÇÃO DAS DIDÁTICAS: Nos períodos Bíblico e Talmúdico, a educação baseava-se no temor e na advertência, próprios das culturas e religiões antigas (estamos no ano 5777). Era uma maneira de evitar transgressões. Em *Devarim* / Deuterónimo, logo após a promessa da chuva, *Hashem (Deus)* adverte: «Vigiai para que não seja tentado o vosso coração e vos transvieis e sirvais a outros deuses! Porque então se incendiará a ira do Eterno que fechará os céus, e a Terra não dará o seu fruto». É um método persuasivo de recompensa e punição para um povo que acabara de sair da escravidão e não conhece a liberdade. Mas perante essa essência de JUSTIÇA, o Deus dos Judeus, tem outra, não menos importante, o AMOR. Muitos versículos apresentam uma imagem de Deus próximo e paternal, preocupado com as suas criaturas, que, como pai e mestre, educa com misericórdia, para que se emendem. Um aspeto relevante é o conceito de *Comunidade*, porque as punições aplicam-se a todos os membros. Esta interdependência e responsabilidade coletiva obrigam à *Solidariedade*, essencial na educação e ética do povo de Israel, onde todos estão inter-relacionados, porque o comportamento de um membro afeta toda a sua comunidade.

Nos seus primórdios, a transmissão de conhecimentos, preceitos, valores e normas competia ao pai, cuja obrigação era «ensinar os filhos, falando sentado em casa, andando pelo caminho, ao deitar e ao levantar». O patriarca é o educador por excelência, e o profeta e legislador Moisés, designa-se como *Moshe Rabbeinu*, Moisés Nosso Mestre. Jesus também é um MESTRE, porque a sua tarefa mais importante é instruir, e os preceitos divinos são fundamentalmente uma educação explicada por Deus. A Torá torna-se um manual para ensinar e educar eticamente, pois a palavra significa instrução, orientação e ensino.

O objetivo da educação durante o estágio bíblico (tem-se apenas a palavra de Deus) é transmitir conhecimentos, experiências e destrezas, aumentá-los e preservar os valores da herança cultural e moral, promovendo o comportamento ético. Na era talmúdica (há também comentários e interpretações compiladas pelos rabinos), o ensino de mestres profissionais é institucionalizado, criando-se um sistema educativo complexo. O método mais comum de aprendizagem reside, então, na recitação, repetição e memorização de versículos e incidências históricas.

No século III a. C., Ben Sirá introduz a educação gratuita e obrigatória a partir dos 6 anos, financiada pela Comunidade. À cidade que não tenha uma escola é aplicado o *Jerem*/Anátema e funda-se a “Casa de Estudos” para preservar e transmitir o legado cultural e religioso. As sinagogas não são apenas locais de oração, mas centros sociais e didáticos, que permitem reuniões frequentes da comunidade, e onde o Rabino ou os líderes têm a obrigação de ministrar cursos para crianças e adultos. A formação de *Morim* ou mestres é incentivada, tal como a promoção de atividades lúdicas e didáticas a cargo de animadores, ou *Madrijim*. Aos 13 anos, através da cerimónia de maioridade religiosa, os rapazes são integrados numa vida comunitária responsável e ativa, e as raparigas, um ano antes, pressupondo-lhes uma maturidade mais precoce.

No Talmude são detalhados conteúdos e metodologias para ministrar uma educação correta ditando-se normas que ainda hoje vigoram, como por exemplo o estudo em pares. Dois alunos sentam-se a ler, discutir e interpretar um texto, envolvendo-se na aprendizagem partilhada, confrontando interpretações e reflexões contrastantes. É o método usado nas escolas rabínicas.

Apresentam-se e explicam-se os métodos corretivos. “Quando castigares uma criança, usa um cordão de sapatos (para não lhe causar dano), bem como orientações para um melhor aproveitamento.” Aquele que é aplicado, vai aprender. Quem não é, deve ser colocado ao lado de alguém estudioso “. “Não aceites alunos com menos de 6 anos. A partir dessa idade podes ensiná-los como quiseres”. “Cada professor deve ter cerca de 25 alunos. Se houver cinquenta, serão nomeados dois.”

Verificam-se divergências de opinião e multiplicidade de conselhos, porque não há orientações únicas nas concepções de judaísmo cujas discussões formam o Talmude, e cujos debates entre os estudiosos constituem um princípio metodológico de ensino. Existem diferentes pontos de vista que permitem diferentes perspetivas e ajudam a desenvolver um critério próprio, possibilitando expressar diversas opiniões e aprofundar as temáticas. Uma mãe judia não pergunta se o seu filho deu boas respostas na escola, espera que tenha feito boas perguntas.

Somos filhos das nossas palavras, textos, aprendizagens e vivências que têm maior incidência na formação da nossa personalidade do que o património genético. Devemos ser rigorosos e generosos quando se trata de educar as crianças, porque o primeiro conhecimento está ancorado no subconsciente e determina as suas atitudes e sentimentos futuros.

Durante 28 anos, tive o privilégio de ser professora e diretora da escola judaica de Madrid, onde descobri os infinitos benefícios da educação transmitidos com amor e rigor. Paralelamente ao programa educativo, judeus e católicos, que representavam 38% dos alunos e 60% do corpo docente, celebrávamos as festividades do calendário hebraico. Aprendemos a relacionar-nos e, sobretudo, a respeitar e a valorizar outros padrões culturais e religiosos. Forjaram-se amizades duradouras e apreço mútuo, porque o conhecimento é um meio infalível de aproximação, que gera empatia e apreço, e reverte os falsos estereótipos instilados durante séculos como um veneno mortal.

Os saberes e ideias adquiridos na infância compõem o tecido e a malha da nossa herança cultural, e temos a inevitável responsabilidade de mudar o nefasto ensinamento do desprezo, revendo constantemente os manuais escolares, as leituras dos nossos filhos, as suas opiniões e manifestações socioafetivas. Devemos também estar vigilantes e prestar uma atenção crítica

aos programas de televisão e das redes sociais, tenazes invasores que modelam de maneira passiva o espírito dos jovens, subjugados pelas suas enormes possibilidades de comunicação sem contacto. Esta tarefa titânica requer a atenção mais constante dos pais e familiares, frequentemente ausentes devido às novas exigências da sociedade.

O homem sempre se caracterizou pela especulação sobre a sua origem, destino e finalidade, sem se importar por transgredir normas estabelecidas, procurando respostas no mais além para transcender a sua biologia. Segundo alguns profetas, toda a alma possui no seu interior a sabedoria necessária para viver, mas ao nascer esquece-a. Uma bela história afirma que, enquanto o embrião está no ventre materno, Deus envia um anjo para lhe ensinar o conhecimento necessário. Mas no momento do nascimento, o anjo golpeia-o por baixo do nariz deixando uma fenda... e o bebé esquece. A formação deve, portanto, ensinar a “olhar para dentro para encontrar as respostas e resolver os conflitos que a vida apresenta”. Dentro de nós está o tesouro da sabedoria que permitirá as nossas aprendizagens e que somente a educação pode abrir. Evidentemente, uma educação integral deve ser holística e contemplar, além do conhecimento científico, literário ou tecnológico, uma formação sólida em valores que nos permitam alcançar não apenas o sucesso social, mas a plenitude espiritual. “Ninguém é pobre, exceto quem não tem conhecimento”, assegura o Talmud.

Educar, treinar, aprender, supõe um enorme trabalho pessoal. Existem 613 *Mitsvot* ou preceitos divinos na lei hebraica, mas a impossibilidade de os cumprir a todos requer como contrapartida o exercício da Misericórdia entre os homens para sermos merecedores da Misericórdia Divina. Os conselhos e orientações para cada área encontram-se no Talmud:

O esforço e a vontade: «Os filhos dos sábios raramente são sábios, porque a sabedoria não se transmite por herança» – «Faz do estudo um hábito diário. Fala pouco e faz muito. – Não digas: quando tiver tempo vou estudar; o mais provável é que não tenhas tempo».

Os alunos: podem caracterizar-se como: «Esponja, que tudo absorve. Funil, que perde tudo o que ganha. Coador, que deixa passar o vinho e retém as impurezas. Peneira, discerne entre o necessário e o descartável» – «Negar à criança o conhecimento é privá-la da sua herança».

O mestre : «O mestre severo é incapaz de ensinar. É preciso repreender com uma mão e aproximar com a outra. Se um aluno tiver dificuldade para aprender, pode ser culpa do professor – nunca ameaces as crianças. Castiga ou perdoa – Reverência ao mestre é como o temor ao Céu».

Os pais: têm a obrigação de ensinar por palavras e exemplos. «As mães devem iniciar os seus filhos no aprendizagem da Torá – O pai não deve prometer o que depois não dá, porque a criança aprende a mentir – O pai que ensina é como se ensinasse o seu filho, o filho do seu filho, e assim sucessivamente».

Durante a Idade Média, a educação continuou a privilegiar o estudo dos assuntos religiosos, mas acrescentou disciplinas seculares, especialmente nas comunidades da Espanha muçulmana, abertas ao estudo das artes e das ciências. Grandes rabinos foram, além de filósofos, cientistas, astrónomos, poetas ou médicos, como o rabino Moshe ben Maimon (Maimônides), nascido em Córdova (1135), que teve que fugir para o Egito devido à intolerância religiosa. Este grande pensador e mestre não era a favor de se oferecerem estudos superiores a quem não estava capacitado, como escreve no seu excelente tratado *Mishne Torá* ou Segunda Lei. «Devem-se prover de professores todas as aldeias e colocar a estudar as crianças de acordo com sua capacidade física ou intelectual». Afirma ainda:

«Um professor deve ser dedicado, respeitoso e experiente. Tem que sentar-se rodeado pelos seus alunos, para que todos o possam ver e escutar. Se não for compreendido, não deve aborrecer-se, mas repetir a lição. Um aluno não deve fingir entender, mas perguntar. Não deve embaraçar-se um aluno na frente dos colegas, exceto se a preguiça for a causa, para estimulá-lo».

5. UM EDUCADOR EMBLEMÁTICO. Durante a primeira metade do século XX, o médico, escritor e educador judeu polaco Janusz Korczak (Henrik Goldsmit) enunciou os princípios pedagógicos que utilizou nos centros educativos. «A criança não é um ser humano futuro, é o próprio homem. O adulto, deve tentar entender a sua psicologia e humor, tratando-o com amor e respeito», «As crianças NÃO chegarão a ser pessoas, são JÁ pessoas, cujas almas contêm a semente de todas as ideias e emoções, pelo que estamos obrigados a guiar com delicadeza o crescimento dessas sementes.»

Korczak condensou conteúdos e conhecimentos com preceitos morais e religiosos, e ousou questionar o ensino tradicional, formal e rigorista, tão alheio à realidade. Sabia que uma educação contextualizada no ambiente habitual se tornava significativa e assimilável, e defendia o direito das meninas a receberem o mesmo tratamento educativo. Formulou propostas pedagógicas que conferiram responsabilidades e autonomia aos alunos e criou um sistema de cooperação entre escola, família, instituições e estudantes. Afirmava que condições de vida adequadas possibilitariam o correto comportamento e desenvolvimento de alunos conflituosos. Como bom médico, cuidava da alimentação, higiene e descanso das crianças, bem como da infraestrutura das instalações. Recomendava um ambiente familiar propício e, para os sem lar, pedia a criação de um ambiente afetivo nas instituições de acolhimento. Insistia no respeito, no amor e na participação coletiva nas assembleias, tornando as crianças e os adultos corresponsáveis pela elaboração das normas que orientavam as suas vidas. Promoveu a edição de um jornal escolar, saídas ao ar livre, acampamentos, teatro, oficinas... estabelecendo um trabalho não só de formação, mas também produtivo graças a fazendas e fábricas que permitiam arrecadar dinheiro para apoiar e melhorar a comunidade educativa. O ensino atual nas escolas israelitas é baseado nos métodos de Montessori.

Infelizmente, o seu trabalho frutífero foi interrompido quando os nazis invadiram a Polónia, instituindo leis raciais. Korczak, confinado ao gueto de Varsóvia, abriu um orfanato, mas em agosto de 1942 os seus duzentos meninos foram forçados a subir para os comboios da morte. Janus, homem de relevo no mundo intelectual polaco, recebeu uma autorização para deixar o gueto, mas decidiu acompanhar os seus alunos, incutindo-lhes esperança até chegarem ao campo de extermínio de Treblinka, onde todos foram assassinados. Legou à Humanidade o seu amor pela infância e princípios pedagógicos e democráticos que inspiraram a Declaração dos Direitos da Criança das Nações Unidas em 1959. Estes são alguns de seus pensamentos:

- A criança tem o direito de cometer erros: renunciemos à ilusão de ter filhos perfeitos.
- A criança tem o direito de ser levada a sério e valorizada pelo que é. O seu primeiro e indiscutível direito consiste em expressar as suas ideias e

a tomar parte ativa no debate sobre a apreciação ou repreensão do seu comportamento.

- A criança tem o direito de ser defendida perante um tribunal de infância. Os sofrimentos causados pela pobreza propagam-se como piolhos: o crime e a brutalidade são nutridos por ela.
- Não se pode mudar uma criança para algo que não é. Uma faia será sempre uma faia. Pode-se despertar o que está adormecido na alma, mas não criar nada de novo.
- As crianças precisam de um sentimento de pertença que é alcançado inserindo-as num ambiente adequado, onde o seu instinto de aprender lhe permitirá conhecer e entender sua história.

O monge medieval francês, Pedro Abelardo, escreveu: «Um judeu, por mais pobre que seja, mesmo que tenha dez criaturas, as colocará a todas – filhos e filhas – a estudar, não para lucrar, mas para entender a lei de Deus» (Comentário sobre a Epístola de Paulo aos Efésios)

A educação é um dos preceitos da Torá e a obrigação para colocar uma *Mezuzá* (tubo que contém versos da Torá) no lintel das portas contém virtualmente a obrigação de ensinar a ler e a escrever. Essa obsessão intelectual permitiu a sobrevivência de um povo dissipado pelo mundo, ao longo de milénios. Graças à transmissão oral e escrita dos seus valores, conseguiu criar um vínculo espiritual que transcende a sua própria identidade e que permitiu que pessoas desesperadas superassem a adversidade. Durante o *Shoah* (Holocausto), escritores, músicos e rabinos conseguiram escrever e compor no inferno, cultivando a máxima de ser antes de estar ou ter.

A educação das mulheres.

Deborah era, além da profetisa, juíza. Na Bíblia, a mulher agia com plenos direitos, e além do mais, para educar os seus filhos, precisava de conhecer as Sagradas Escrituras. As normas restritivas foram implantadas mais tarde e aparecem na era talmúdica. No entanto, apesar de verem os seus direitos primitivos diminuídos, as mulheres *nunca* foram analfabetas,

pois sobre elas recaía a primeira educação dos filhos, fundamental para o posterior desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas. Por outro lado, a sua importância aumenta no século II, quando a lei rabínica altera a transmissão patrilinear do judaísmo bíblico. A partir de então, é a mãe quem transmite o judaísmo aos filhos, embora esses conceitos estejam hoje a ser revistos.

O ensino regulamentado veio para ajudar mães, pais e rabinos no seu labor educativo. Eles ensinaram a doutrina procurando ser o exemplo. Os Rabis – à semelhança de Jesus – levaram uma vida itinerante, percorrendo cidades, ensinando em praças, sinagogas e casas. O povo escutava-os, e um pequeno grupo de discípulos seguia-os e participava mais intimamente na sua vida e erudição.

Cristianismo e Judaísmo são herdeiros de princípios e preceitos concordes, entre os quais se destacam a educação e a transmissão de valores comuns, como sublinha a Declaração *Nostra Aetate*. O entendimento entre as culturas e a luta para melhorar a qualidade de vida, devem basear-se nos incríveis avanços científicos e no respeito pelos padrões éticos que cimentaram a nossa civilização, destacando semelhanças em vez de divergências. Um trabalho cada vez mais complexo porque o homem, convertido em «gigante tecnológico de alma liliputiana», deve recuperar a coerência intelectual e emocional que nos permitirá continuar a construir um mundo onde prevalece a condição universal dos seres humanos sobre crenças particulares.

Uma aplicação catequética prática no Reino Unido, Grã-Bretanha

CAROLINE DOLLARD (*)

1. Introdução: Um modelo catecumenal para a catequese familiar

I) À luz da *Evangelii Gaudium* e da *Amoris Laetitia*, e tomando o catecumenato (RICA) como modelo para toda a catequese¹, este artigo oferece um «tipo de iniciação» ou «jornada na fé» como base para o desenvolvimento de um modelo de catequese familiar enraizada no acompanhamento pastoral, através dos tempos e fases da vida familiar. Considera que a realidade confusa do amor nas famílias no seu «projeto de vida compartilhada e duradoura» (AL 163) é em si a linguagem fundamental que expressa a fé em Deus que é amor. Através do seu amor, as famílias já participam da vida divina da Trindade (AL 315), e isso tem profundas implicações para a Igreja mais alargada agora e no futuro, e para a forma com que acompanhamos as famílias na fé.

II) Vale a pena notar que praticamente, muitas das famílias que se aproximam da Igreja, por uma variedade de razões, estão desligadas da sua história e prática de fé, algumas desde há duas ou três gerações. Nós, como comunidades cristãs, precisamos de as alcançar, partilhando a nossa fé com a nova «alegria missionária».

(*) Casada e mãe de família. Estudou Liturgia e Teologia Pastoral e Catequética. Conselheira da equipa de *Mariage and Family Life* da Conferência dos Bispos Católicos de Inglaterra e Gales. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ Concílio do Vaticano II, SC 64-66, AG 14, CD 14; Catecismo da Igreja Católica 1229, 1233.

III) A prática costumeira, ao longo de muitos anos em Inglaterra e no País de Gales, tem sido a **catequese específica para cada idade**, com os sacramentos espalhados por vários anos e o calendário para os sacramentos variando de acordo com as tradições e práticas de cada uma das nossas 23 dioceses. Este é um modelo que separa a «educação da fé» da vida familiar, retirando as crianças e adolescentes dos seus pais, dos seus lares, separando-os para a educação religiosa, vendo as famílias mais como «objetos» da missão e a educação da fé como tarefa de profissionais, preenchendo os recetores passivos com um conjunto de conhecimentos, moldando a próxima geração. Aos poucos, movemo-nos em direção a um novo modelo pastoral-catequético integrado, guiado por Deus que sempre surpreende!² Esta abordagem baseia-se numa nova sintonia com os sussurros do Espírito Santo no trabalho com as famílias, que gradualmente é moldada através da experiência, chamando-os ao amor, e depois da nossa parte, extraindo e construindo essa experiência, tendo sempre presente que o trabalho é do Senhor, superando tudo o que podemos ver e entender. (EG 12 e AL 134). Juntamente com as famílias, e conscientes das nossas próprias esperanças e limitações, estamos a tentar imaginar e tornar possível uma verdadeira catequese centrada na família, através do companheirismo dentro da vibrante vida comunitária da Igreja, nutrida por sistemas de recursos, monitorização e orientação.

IV) Quando estão no limiar da Igreja, começamos a nossa jornada ao lado de toda e qualquer família olhando com amor, ouvindo e discernindo: O que procuram? O que é que a Igreja e a vida em Cristo podem oferecer para ajudar a celebrar as suas alegrias e suavizar as suas dores?

2. A casa como escola de discipulado – teologia da Igreja doméstica

I) Este é o lugar onde o desafio realmente começa. Quando uma família vem até nós, a Igreja, por qualquer motivo, pode reagir assim: «Socorro! O que fazemos? Por onde começamos?» Os pais podem ser incapazes de articular aquilo em que acreditam mas, no entanto, têm esperanças e sonhos para os seus filhos e vêm em busca da sabedoria e de uma tradição de fé.

² Papa Francisco, abertura do Sínodo, 2015 em <https://vatican.va/content/francesco/en/speeches/2015/October>

Nessa situação, juntamente com a teologia da iniciação cristã, temos uma teologia que acompanha a «Igreja doméstica», enraizada na teologia conciliar e pós-conciliar do Vaticano II, de que a vida na família cristã “manifesta a presença viva de Cristo”³. Continua a ser muito importante refletir sobre isto e estar pronto para afirmar a iniciativa e presença de Deus na sua realidade através do amor experimentado na família. Há uma tensão entre este modelo e um que depende do conhecimento da doutrina, acima de tudo. A teologia da Igreja doméstica oferece um novo paradigma sobre a transmissão da fé, fundada no facto de que pais e famílias são as influências mais importantes na vida de crianças e jovens, e que os pais têm o direito inalienável de serem reconhecidos, acompanhados e apoiados como os principais educadores na fé. O lar é o lugar repleto de potencial, onde a família pode gradualmente crescer na fé e viver o «discipulado» cristão através dos seus relacionamentos quotidianos, em primeiro lugar, comunicar a fé testemunhando o amor, a justiça, a misericórdia, o respeito, a fidelidade, construir a paz em casa. Como Lombaerts e Osewska fazem questão de afirmar num ensaio sobre a Família Cristã:

«Educar na fé em família não significa repetir o catecismo ou transmitir um certo conjunto de valores, normas e regras, mas muito mais ajudar os pais, na prática, a simplesmente viverem o cristianismo com os seus filhos, com todo o exemplo, explicação e atividade que isso implica».⁴

II) A doutrina da Igreja descreve ainda a vida familiar como o corpo de Cristo, mostrando Cristo presente⁵, não estando nos edifícios da Igreja ou fazendo coisas especificamente «santas» (que têm o seu lugar), mas precisamente vivendo o seu amor, que está no centro de uma crescente vida cristã de fé, da melhor forma possível, na família e com os vizinhos, os amigos e no mundo em geral. Como esta «catequese familiar precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese»⁶, o nosso ministério pastoral-catequético com as famílias deve respeitar e endossar isto, e oferecer orientação na compreensão e prática das famílias da sua

³ Vaticano II, *Lumen Gentium* 11, desenvolvido em *Evangelii Nuntiandi* 71, e em *Familiaris Consortio* 49

⁴ Ver ensaio de Herman Lombaerts e Elzbieta Osewska, «The Modern Christian Family».

⁵ *Familiaris Consortio* 54, doutrina da Igreja doméstica como «sinal da presença de Cristo».

⁶ *Catechesi Tradendae* 62.

própria sacramentalidade. Esta abordagem exige uma mudança de paradigma do modelo que diz que a fé é alimentada principalmente por «profissionais» num ambiente paroquial e escolar, para um modelo que reconhece a participação inata e instintiva das famílias na vida da Trindade e as fortalece a crescer na fé, nas suas famílias.⁷

3. Os desafios para a comunidade paroquial

Ao adotar este modelo de acompanhamento, os desafios para a comunidade paroquial podem ser, em primeiro lugar, reconhecer e confiar na dimensão doméstica da Igreja, que não se realiza em objetos religiosos ou práticas litúrgicas «emprestadas» da Igreja alargada, mas no dia a dia da experiência familiar real, que celebra o mistério pascal de Cristo. Em segundo lugar, é necessário um acompanhamento gradual, firme e tranquilizador, fazendo a ligação entre a «comunhão» das famílias, ou a «comunhão», com um «pertencer» à «comunhão» da paróquia. Este pode ser um processo mutuamente enriquecedor, desde que a paróquia possa ir além da velha mentalidade de «pertencer ao clube», do «deve acreditar e comportar-se corretamente antes de pertencer», para uma nova abordagem que diz de imediato «Você é calorosamente bem-vindo e pode pertencer aqui», construindo a confiança através de relacionamentos afetuosos e, a partir daqui, iniciar um caminho de discipulado (EG 165).

4. Para explorar ainda mais esta «mudança» de paradigma

Em 2010, o Serviço de Matrimónio e Vida Familiar da Conferência Episcopal realizou um estudo⁸ em três dioceses para ouvir as vozes de pais e avós, clérigos e catequistas na paróquia, professores e diretores das escolas católicas, especificamente sobre a questão da evangelização e da parceria da catequese no Lar, na Paróquia e na Escola. Cada «parceiro» explorou as perguntas: «O que significa ter fé e transmitir a fé? Qual é o entendimento que têm sobre o papel que desempenham na transmissão da fé e quais são os dons e responsabilidades complementares dos outros parceiros (lar, paróquia, escola), no crescer na fé das famílias? Quais são

⁷ Tema desenvolvido em Merton Strommen e Richard Hardel, *Passing on the Faith: A radical new model for youth and family ministry* (2000, St Mary's Press, Winona, MN).

⁸ Em www.passingonthefait.org.uk

as melhores formas de trabalhar com as famílias na vivência e partilha da fé?»

Havia duas simples etapas para o processo: **Etapa (1)** convites para pessoas de cada um dos três grupos parceiros (lar, paróquia, escola) para descreverem a sua realidade, e envolverem-se numa conversa orientada, e **Etapa (2)** representantes da casa, escola, paróquia, refletirem juntos sobre o que ouviram uns dos outros, e planejar um caminho para apoiar e alimentar a fé nas famílias.

Segue-se o que as vozes reais nas nossas comunidades disseram. Na Etapa (1), descrevendo a realidade

Lar: os pais falaram sobre o seu papel em partilhar a fé com os filhos

- Como uma «responsabilidade assustadora».
- Muitos lutaram para levar as suas famílias à missa.
- Preocuparam-se com o se «os meus filhos terão fé?»
- Perguntaram: «Deus está interessado nas minhas perguntas diárias?»
- Sentiram-se «julgados» pelas suas vidas menos perfeitas, embora estivessem a fazer o melhor que podiam.
- Gostariam de mais diálogo e convites quando se trata de Igreja e fé, e falar sobre fé com seus filhos.
- Os pais também falaram da necessidade de liturgias familiares e vida comunitária, bem como da necessidade de formação e de recursos que os ajudassem a partilhar a fé nos seus lares.

As Escolas Católicas disseram:

- Que não se sentiam bem apoiados pela Paróquia, e que, apesar disso, o que eles oferecem na escola é frequentemente a primeira experiência de «Igreja» que as famílias têm, e que pode ser onde as crianças e os seus pais expressam interesse pela prática da fé.

- A escola queria ajudar os pais a fazer a ligação entre as suas vidas e a vida de Deus e a verem os sacramentos como presentes para a vida, em vez de «direitos».
- As escolas disseram que os pais precisavam de um clero paroquial e catequistas abertos e recetivos e a oportunidade de procurar por si mesmos de maneira não ameaçadora e curadora.

As Paróquias disseram

- «Os pais devem trazer os seus filhos à Igreja e participar da vida da comunidade».
- Reconheceram que a comunidade paroquial nem sempre entendia, valorizava ou apoiava os pais.
- Interrogaram-se sobre o que «uma jornada na fé» deveria oferecer às famílias – seria puramente sobre doutrina e vir à missa?
- Como é que a paróquia poderia respeitar e construir o papel dos pais em casa, sem sobrecarregá-los?
- Do ponto de vista «externo», a paróquia pode parecer aos pais muito «camarada» e muito impenetrável. Como podem as famílias pertencer e ter acesso à vida cristã mais ampla?
- Muitos disseram que queriam acolher os pais com umas «boas-vindas» calorosas e ajudá-los a fazer a ligação entre o amor deles na família e o amor de Deus.

Etapa 2: Encontrando o caminho a seguir

A partir destas conversas trilaterais, surgiram alguns **princípios e soluções fundamentais**:

- Qualidade do testemunho: vida de fé da comunidade paroquial (e escolar)
- A necessidade de toda a comunidade estar ciente e assumir a responsabilidade, oferecendo hospitalidade calorosa e respeitosa a todas

as famílias e construindo fortes relacionamentos pessoais que toquem os corações.

- Escutar ativamente e respeitar a própria linguagem da família ao descrever o que lhes dá vida e esperança, a sua experiência de fé e as suas perguntas. Apoiar o seu ambiente amoroso como fundamental para alimentar a sua resposta ao Evangelho.
- Ajudar a criar uma estrutura familiar centrada no Evangelho que apoie o desenvolvimento do seu relacionamento com Cristo em casa.
- Reconhecer os pais como líderes espirituais no lar – a família como unidade primária de significado, modelando e definindo a realidade: em Cristo eles têm uma herança (raiz, identidade, propósito, chamamento).
- Incentivar, capacitar e divulgar o apoio família-a-família para diminuir o sofrimento dos outros.

5. O modelo de estilo catecumenal que está a ser desenvolvido atualmente em Inglaterra e no País de Gales

I) Estes princípios estão gradualmente a ser inseridos numa abordagem catecumenal ao ministério da família, que surgiu das prioridades dos bispos, nas dioceses da Inglaterra e do País de Gales:

- (1) Construir comunidades paroquiais de acolhimento
- (2) Afirmar a santidade quotidiana do amor e da vida na família, e,
- (3) Como descrito acima, partilhar com as famílias, numa parceria na transmissão da fé.

II) Aprecia a necessidade de identificar e apoiar o papel dos pais e realiza o objetivo de todo o nosso acompanhamento pastoral das famílias: partilhar a boa nova do amor e proximidade de Deus, integrando o apoio às relações com a espiritualidade familiar e a catequese tradicional, numa forma experimental, «centrada num encontro vital e convincente com Cristo».⁹

⁹ Papa Bento XVI, *Sacramentum Caritatis* 64; Diretório Geral para Catequese 67.

Numa cultura de acompanhamento, juntamente com as nossas famílias, queremos testemunhar, caminhar e crescer como discípulos de Jesus Cristo. E nós queremos fazer isso da maneira que o próprio Jesus nos mostra (AL 323):

- Jesus encontra as pessoas exatamente onde elas estão, não onde queremos que elas estejam.
- Jesus caminha ao nosso lado. Ele aceita, acolhe e convida.
- Jesus olha (Mc 10,21) e ouve atentamente com amor, permite silêncios para ponderar e encoraja.
- Jesus lidera pela palavra e pelo exemplo. Ele é mentor.
- Jesus reconhece que pessoas diferentes em diferentes etapas ou situações precisam de diferentes tipos de respostas. Nunca é um tamanho único para todos. É pessoal. Ninguém se sente negligenciado na sua presença. «O que queres que eu faça por ti?» (Mc 10:51)
- Jesus atrai pessoas – uma família, um indivíduo, uma comunidade – para celebrar e partilhar a vida, com ele no centro.
- Jesus ensina como perdoar, perdoadando. Como servir, servindo. Como ser humilde e orar fazendo-o. Ele infunde nas pessoas a alegria e o desejo de Deus!
- Jesus, como o Bom Pastor, ou um bom pai, conhece as suas ovelhas pelo nome, e ele dá a vida por elas (Jo 10,11).

III) Neste modelo de catequese familiar, a fé é proposta como uma experiência que depende de os paroquianos permanecerem muito próximos de Jesus Cristo, pois só partindo desta perspetiva podemos estar totalmente conscientes e oferecer esse «convite» a um espaço para crescer na confiança, tanto como «Igreja doméstica», como dentro da família mais ampla de Deus, a comunidade paroquial. E, ao olhar com os olhos de Cristo, descobrimos **que na maioria das vezes, quase inconscientemente, as famílias estão envolvidas num projeto comum de crescer na alegria do amor mútuo, tentando colocar a felicidade dos outros acima da sua própria felicidade e ultrapassar os conflitos e problemas. Em particular, quando a família não**

entende ou não se sente confiante e não se reconhece como «comunicadora» do amor, precisamos de afirmar que Deus está nela. Quando enfrentam provações, sentem vergonha, sentem-se julgados ou sem valor, e dizem: «Certamente que não podemos ser pecadores e santos», devemos defender que, ao lidar com as crises, também nos tornamos santos – o Espírito traz nova vida e o amor «suficientemente bom» também é habitado por Deus. Este acompanhamento começa com o Espírito Santo (RICA 9) que é transmitido através da nossa forma de estar (nossa atitude, nossa atenção); a hospitalidade genuína expressa numa boas-vindas calorosas e aceitação sem julgamento, reconhecendo que «A Igreja é boa para a família, e a família é boa para a Igreja» (AL 87).

IV) Como comunidades cristãs, a nossa tarefa catequética, partindo da experiência do amor na família, anda de mãos dadas com os tempos e as fases da vida familiar, procurando oportunidades para explicitar as conexões entre o amor familiar e a história de amor de Deus.

A comunidade escuta, antes de tudo, a linguagem comum que as famílias usam para expressar o amor e o seu sentido, e responde gentilmente partilhando a explicação do Evangelho, fazendo a ligação entre a sua linguagem de amor com a linguagem de Deus. As famílias vêm para compreender que a vida do dia a dia é o modo de Deus se relacionar com elas e torna-se o caminho delas para viver o amor de Deus. Dependendo das necessidades e oportunidades, há tempos de evangelização, formação e orientação, tempos mais intensos de reflexão interior e iluminação, tempos para aprofundar a compreensão da experiência de viver o mistério da fé e dos sacramentos na vida familiar; momentos de bênção e mudança, vividos nos seus lares e comunidades, ambos aumentando o seu sentido de identidade e papel como uma família cristã e membro do Corpo de Cristo, a comunidade.

V) Esta «revelação» vem predominantemente através de **uma experiência de catequese da Palavra**, que é como o oxigénio, permitindo uma «respiração em Deus» na vida da família. Todas as crianças e adultos da família podem receber e transmitir a Palavra. A Igreja disponibiliza às famílias diferentes formas pelas quais elas podem-se abrir à Palavra de Deus e permitir que ela toque e conduza as suas vidas. Com uma orientação gentil, aprendem a ouvir Deus a falar, por exemplo, num simples processo de *Lectio divina*, contando histórias, interrogando-se, as famílias começam a ver-se a si mesmas como Deus as vê – preciosas, amadas, dotadas para amar. Elas descobrem que a Palavra de Deus é uma «fonte de conforto e companheirismo» (AL 22)

e também «um critério de julgamento e uma luz para discernir os vários desafios que encontram» (AL 227). Eles fazem a ligação com as suas próprias vidas e ouvem, por exemplo, que é santo levantar-se à noite para alimentar o bebé ou cuidar de uma avó doente; é santo lavar, passar a ferro e limpar; é santo trabalhar para sustentar a família; é santo abraçar, perdoar. Esse encontro com a Palavra, forma e afirma-os na verdade da sua identidade como discípulos em crescimento, e permite uma maturidade em desenvolvimento como uma família «cristã». A Palavra transcende o tempo e o espaço e fala nas suas vidas. Muda a catequese do «conhecimento de cabeça» e da «história» para o «coração» e as «suas histórias». Para eles, a Palavra de Deus não está oculta sob camadas de interpretação. Liga-os a Deus e ao plano de Deus de presença na vida humana, na sua vida familiar!

VI) Inspirada nos princípios de uma jornada na fé (DGC 220-221), toda a comunidade é responsável por acolher as famílias e nutrir o aprofundamento da verdade ao longo da vida na experiência do amor familiar. Esta «jornada» é a obra de Deus, com Cristo no coração, e varia de acordo com as muitas formas da graça de Deus, a livre cooperação das famílias, a ação da Igreja e as circunstâncias do tempo e do lugar (RICA 5). Reconhece a consciência espiritual inata de todos os membros da família através das gerações, incluindo as crianças muito pequenas (DGC 226-227, AL 224). Pode-se dizer que o «conteúdo» é «desordenado». **É uma complexa experiência dinâmica** de proclamação kerygmática e de catequese experimentada através de inter-relacionamento entre as famílias e a vida comunitária, escritura e doutrina, ritual e liturgia, e viver a fé no serviço ao próximo. A própria vida cristã deve tornar-se a mensagem, gradualmente o coração e as mentes sintonizados com palavras e gestos da voz e do corpo, apegados à realidade de se tornarem cristãos e viverem mais profundamente o mistério pascal (RICA 37).

VII) Ao realizar juntos a jornada, procuramos identificar alguns caminhos novos ao longo da interface entre as famílias e a Igreja em todas as idades e fases da vida familiar. Padres, catequistas e ministros pastorais, defendem que não é apenas “OK”, mas essencial para as famílias continuarem sendo abertas, acolhedoras, como Cristo, frente às desconexões entre a fé nas famílias e na Igreja, e ao mesmo tempo, ajudando a discernir e a construir coisas boas, resistindo às pressões negativas das realidades de cultura moderna.

VIII) Como Igreja, temos muitas oportunidades únicas de nos aproximarmos das famílias. Ajudar as paróquias a pensar novas ideias, por ex.

- Quando as famílias nos procuram, para o batismo, para um casamento, para um funeral, ou para formação, ajuda ou assistência de qualquer espécie, o que é que eles estão a procurar e o que é que mais lhes podemos oferecer?
- Como saímos das nossas zonas de conforto? Mudando a nossa mentalidade e estando totalmente atentos à realidade das famílias, onde elas estão, ouvindo com os nossos corações a sua linguagem, a sua maneira de expressar a história de amor de Deus na vida familiar? Como podemos ajudá-las a fazer a ligação e afirmar e celebrar o que descobrimos?
- Quais as estratégias criativas e imaginativas que podemos usar para aproveitar as «formidáveis energias»¹⁰ que encontramos nas famílias, não apenas para construir a sua própria “comunhão”, mas para enriquecer a «comunhão» da paróquia?
- Como podemos ir além das dificuldades percebidas e considerar as oportunidades que temos para partilhar as suas esperanças para o florescimento da sua família e oferecer-lhes algo que nós valorizamos e pensamos que eles também valorizariam?
- Como podemos evitar a tentação nas nossas vidas ocupadas e exigentes, para julgar ou reduzir o que oferecemos aos ensinamentos de algumas doutrinas que são «às vezes mais filosóficas do que evangélicas?» (EG 165)

Esta experiência entrelaçada de catequese familiar através da relação, espiritualidade, liturgia e serviço é mutuamente encorajadora, fluindo dentro das famílias, entre as famílias e para e a partir da própria paróquia.

IX) Analisamos seis grandes etapas da experiência de vida familiar

Ao desenvolver uma nova abordagem catecumenal, quisemos oferecer uma catequese contínua, ao longo das etapas da vida familiar, do berço ao

¹⁰ Papa São João Paulo II, *Familiaris Consortio*, 43.

túmulo, e ao mesmo tempo, refletir a duradoura reciprocidade de relacionamento entre a paróquia e todas as famílias, como «comunhões de vida e de amor».

Para simplificar e responder à pergunta: «**Onde começamos com a catequese familiar?**», dividimos o «projeto ao longo da vida» em **seis amplas fases**:

1. Da concepção ao nascimento, do nascimento ao iniciar da escola;
2. Primeiros anos (5-11 anos);
3. Jovens mais novos / adolescência (12-18 anos);
4. Jovens adultos (20 a 30 anos +);
5. Noivado, casamento e etapas da vida conjugal;
6. Envelhecer: reforma e, depois, idade mais avançada.

Sabemos, por experiência, que as estações da vida não acontecem em compartimentos limpos e impermeáveis, e muitas vezes interagem umas com as outras, especialmente nas famílias e entre gerações. Indivíduos ou famílias inteiras podem mover-se entre etapas, às vezes voltando a uma etapa anterior, ou mergulhando os dedos numa etapa posterior, dependendo das suas circunstâncias naquele momento. É suficiente dizer que há muitas oportunidades para apoiar uma fé que está a crescer.

No entanto, em cada etapa, há uma oportunidade abrangente para considerar «como é a vida neste momento?», por exemplo, como pai recente, ou casal de noivos, como único membro de uma família, como pessoa mais velha. Quais são as necessidades da família? Quais são as oportunidades para alimentar aqui a fé? Quais são as estratégias, os recursos que podemos oferecer?

A metodologia propõe *uma prática pastoral-catequética* que no início **vê e se baseia na bondade das famílias**, em vez de se concentrar na decadência, definindo o que está desfeito ou pensando sobre os problemas.

Como diz o Papa Francisco, as famílias não são «um problema a ser resolvido, mas uma oportunidade». Porquê esta abordagem? Simplificando, é como Cristo. Se as pessoas são reconhecidas, elas crescem! Muitas vezes, como Igreja, podemos parecer críticos ou condenar, e as pessoas são levadas a sentir-se inadequadas porque não estão a cumprir os nossos ideais.

X) Em todos os encontros de pastoral-catequética ou oportunidades com uma família ou grupo de famílias, o modelo propõe uma abordagem baseada em 4 etapas a que pusemos o nome de: “1. Descreve, 2. Sonha, 3. Planeia, 4. Entrega”.



Primeiro Passo – Descreve

Como é a vida para a família? Escuta ativa.

- Seja qual for a razão pela qual eles vieram, no princípio, escutem ativamente as famílias, conversando. O que está a acontecer nas famílias neste momento? Quais são as coisas boas que estão a acontecer, incluindo a sua resiliência em tempos difíceis? Quais são as suas esperanças / necessidades nesta fase?

Segundo passo, em cada seção – Sonha

Pontos de partida para o ministério sensível às famílias.

- Quais são as oportunidades para a Igreja responder às famílias neste momento em que as suas vidas se cruzam com a vida da Igreja? O que podemos oferecer? Pontos de partida para o ministério sensível às famílias.
 - A. para apoiar a sua experiência de relações familiares e vida em conjunto – a sua **unidade familiar** ou comunhão
 - B. para apoiar a sua experiência da **espiritualidade familiar** – fazer a ligação entre a vivência da Palavra de Deus nas escrituras, na tradição, com o testemunho de vida em casa
 - C. para apoiar a experiência de **rituais e tradições familiares** - os gestos, as palavras e ações que fazem com que, em casa, dar e receber amor seja uma realidade
 - D. para apoiar a experiência da **família que serve os outros**, em casa e na comunidade em geral, sendo um centro de ligação para qualquer pessoa necessitada.

Cada um dos acima referidos A-D reflete o modelo da Igreja primitiva para alimentar uma fé viva. Em cada seção, o agente de pastoral ou equipa é convidado a pensar de novo sobre as realidades. A pastoral da família muitas vezes visa as famílias que raramente vêm à Igreja, e que

apenas a procuram para encontrar resposta às suas necessidades práticas (por exemplo, serviço de creche, grupos de jovens, aulas para desenvolver diferentes habilidades, educação dos filhos, ou quando um membro da família quer batizar o seu filho ou um casal quer casar-se, ou a família gostaria de ter um funeral na Igreja). Ao atender essas necessidades, as relações de confiança podem começar a desenvolver-se, e ansiedades, preconceitos ou dúvidas podem ser dissipados, as vidas podem ser tocadas e a fé pode crescer.

Terceiro Passo – Planeia

Juntos, procuramos um lugar para começar – algumas pequenas maneiras práticas pelas quais a paróquia (ou escola ou capelania) pode responder, dentro do quadro maior da educação para a fé / preparação para sacramentos, com algumas estratégias ou recursos para alimentar a fé familiar, por ex:

- Uma experiência ou «prova» de um programa ou processo ou recurso (por exemplo, rezar com as Escrituras, uma Liturgia da Palavra com recursos simbólicos para crianças ou idosos com demência, uma bênção litúrgica especial, etc.)
- Ser suporte em situações vulneráveis, partilhando informações e sinalizando para apoio.
- Proporcionar oportunidades criativas para desenvolver amizades de apoio/apoio de pares na paróquia.
- Visitas pastorais aos lares pelos membros da paróquia (doença na família, luto, problemas, celebrações, bênçãos, por exemplo, bênção de um lar).

Perguntamos: Quem na comunidade paroquial, quem nas nossas famílias, tem presentes especiais para oferecer / incentivar outra família neste momento das suas vidas (por exemplo, casais de noivos, pais que trazem os filhos para o batismo, novo bebé, um novo residente idoso)? Que recursos já temos na paróquia? O que poderia ser desenvolvido para apoiar as famílias acompanhantes nestes momentos?

As sugestões da paróquia não são, de forma alguma, exaustivas. Algumas são do senso comum. Algumas podem ser apelativas, outras não. O objetivo é apoiar um ponto de partida e desenvolver uma cultura de acompanhamento, para que as famílias possam começar a crescer em confiança como uma família 'fiel' e esperançosamente possam gradualmente encontrar-se acreditando e sentindo que são pertença, encontrando o seu lugar numa solidária família de famílias. Estamos a oferecer algo enraizado na nossa fé e nos valores do evangelho que, esperamos, apoiará as famílias, algo que acreditamos ser fundamental para uma vida familiar saudável e feliz e para a união familiar. As famílias confiam em nós como fornecedores dessa «facilidade» e, gradualmente, esperamos que comecem a ter para elas um significado maior do que imaginavam.

- Por exemplo, o grupo de pais / filhos pré-escolares não é apenas um espaço para brincar, mas através da calorosa hospitalidade, todo o ambiente fala de boas-vindas, cuidado e inclusão. Acrescente à mistura as histórias de fé, canções, jogos, tempos de oração simples e conversas de vida que acontecem, e torna-se um lugar de evangelização de primeira linha, dando àqueles que vêm uma linguagem que ajuda a dar sentido às suas vidas e os ajuda a crescer em confiança no seu relacionamento com a comunidade da família de Deus.

Etapa quatro – entregar

Partilhar / concordar / encorajar os acompanhantes, fazer a oferta, seguir os passos do acompanhamento.

6. CONCLUSÃO

O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, coloca a família no contexto da missão de evangelização da Igreja. Faz sentido, portanto, que as famílias que estão no limiar das nossas paróquias, procurando a pertença e o amor, entrem gradualmente na vida cristã, sejam encorajadas desde o início e, ao longo da sua jornada, a **ver na complexa teia de relacionamentos no lar como o lugar privilegiado onde eles aprendem, celebram e vivem o seu discipulado.**¹¹ Além disso, o acompanhamento das famílias de

¹¹ Bispos dos EUA: usccb.org/laity/follow.shtml.Doc. «Follow the Way of Love» 23.

maneira catecumenal não é um fluxo unidirecional. É uma experiência mútua de hospitalidade, diálogo e serviço radical, família para família, família para paróquia, paróquia para família. Como os bispos da Inglaterra e do País de Gales afirmam no seu documento 'No limiar', no processo de acompanhar qualquer caminho na fé, a nossa tarefa como Igreja é apoiar famílias e encontrar «maneiras de agir não tanto como porteiros todo-poderosos, mas como companheiros humildes e limitados».¹²

Através deste modelo de jornada na fé do ministério pastoral-catequético oferecido por uma comunidade paroquial, enraizada em Cristo e no seu desejo de aproximar-se das famílias, seremos mais capazes de ver, reconhecer e ser tocados pelo alegre, tenaz, corajoso, imperfeito, partido, abençoado e salvador poder do amor, no trabalho com as famílias. E, tendo escutado com todo o nosso ser, para poder dizer, a lógica do amor está em ação aqui (EG 198). Sim, certamente as famílias conhecem as alegrias e o sofrimento de Cristo! Como companheiros de jornada na fé, a nossa própria conversão se aprofunda: aprendemos com as famílias e crescemos no nosso próprio testemunho real, confuso e não-teórico do amor na nossa família de famílias, a paróquia. Com eles, ouvimos a Boa Nova de Cristo: **Ele «deu a sua vida para te salvar e agora está a viver ao teu lado todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar».**¹³

¹² Conferência dos Bispos da Inglaterra e País de Gales, «On the Threshold».

¹³ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, (2014) 64.

Apêndice:

Catequese familiar: um modelo catecumenal de acompanhamento pastoral		
Etapa da Vida Familiar: DO NASCIMENTO AO INICIAR A ESCOLA (0-5 anos) ¹		
<p>A fé nas famílias cresce através da experiência de 4 “dinâmicas” <i>inter-relacionadas</i>:</p> <p>(A) Vida e relacionamentos em casa – Evangelho arraigado em valores humanos profundos, amor humano refletindo o amor de Deus. Diariamente, em curso, testemunhado mais do que falado.</p> <p>(B) A Palavra de Deus nas Escrituras é transmitida na vida familiar como companheira, guia, fonte de vida espiritual. A Palavra nas Escrituras flui e liga-se com o centro da doutrina.</p> <p>(C) Rituais familiares em relação com a liturgia – tornam-se a linguagem de 1000 gestos, dando e recebendo o amor vivido em casa.</p> <p>(D) Servir um ao outro, em casa, e em solidariedade com todos os necessitados, a família como um lugar de acolhimento, amizade, um centro de conexão.</p> <p><i>Vai encontrar A-D refletida na resposta estratégica em cada seção – as etapas da vida familiar, do berço ao túmulo.</i></p>		
ETAPA: DO NASCIMENTO AO INICIAR A ESCOLA (0-5 anos)	Primeiro Passo: DESCREVER: Ouça atentamente a família / famílias. O que ouvimos?	
	NECESSIDADES: Humanas, emocionais, intelectuais, espirituais	OPORTUNIDADES Pastorais-catequéticas e espirituais.
Bebé / criança	Desenvolver forte vínculo com os pais como base para um posterior relacionamento consciente com Deus	Apoiar bases antropológicas para a vida de fé (relacionamentos familiares seguros e carinhos)
Pais	Relacionamento inter-parental positivo para proporcionar as melhores oportunidades de vida como base para crescer na fé.	Apoiar a ligação do amor (DGC 177) Um tempo de interrogações, de experimentar uma nova identidade como «Família».
Passo Dois: SONHE: O que é possível para o ministério sensível às famílias a partir das ideias abaixo A-D em Casa e / ou na Paróquia		
Etapas Três e Quatro: PLANEAR E ENTREGAR: um lugar para começar – algumas estratégias / recursos para apoiar o crescimento na fé. Ideias de A a D		
CASA / Família	Crescer na fé	PARÓQUIA / Comunidade Crescer na fé
(A) Experiência de relacionamento familiar em casa		(A) Experiência de vida comunitária
Vivendo o amor da melhor forma possível, testemunhando valores humanos e religiosos Apoio e incentivo entre famílias.		Acolhimento festivo da família; tempo para ouvir. Informação sobre grupos de apoio aos pais. Criar oportunidades para conhecerem outras famílias / fazer amizades. Programa de uma escola de pais.
(B) Experiência da Palavra de Deus nas Escrituras		(B) Experiência da Palavra de Deus nas Escrituras
Recursos para em casa aprofundar, em casal, o conhecimento das Escrituras e, para o bebé / criança, formas criativas de apresentar a Palavra através de histórias, jogos, teatro e músicas.		Apresentar as Escrituras como fonte de vida e espiritualidade para a família, e utilize as suas capacidades e confiança para se abrirem às Escrituras – criar espaços na paróquia usando recursos tangíveis, proporcionar experiências sensíveis. Por exemplo, como em www.Godlyplay.UK
(C) Experiência de rituais familiares e oração		(C) Experiência de Liturgia, Sacramentos
Recursos multissensoriais para pais / filhos que aprendem a celebrar o dia a dia da vida familiar como momentos de crescimento ligados ao Evangelho.		Acolher e incluir, conhecer os nomes Liturgia da Palavra para crianças. Homilias para as famílias. Bênção para novas famílias, novos bebés; preparação para o Batismo.
(D) Experiência de servir os outros, em casa e em geral		(D) Experiência de servir na comunidade em geral
Desde os primeiros anos, ajudar a criança a desempenhar o seu papel como membro da família; Família, centro de hospitalidade para os outros através das gerações.		Convidar à participação / serviço em grupos de base da paróquia, contribuir para o banco alimentar, envolver-se em visitas/apoio entre famílias.

¹ Apenas um exemplo parcial. O modelo completo inclui mais ideias para o ministério sensível às famílias.

Na linha de *Amoris laetitia*: o modelo das jornadas de catequese intergeracionais

FRANÇOIS XAVIER AMHERDT (*)

1. Preâmbulos

1.1 Ao serviço da educação humana integral

Se a catequese é convidada a colocar balizas para se aprender a viver e a ser homem, na era pós-moderna das mutações antropológicas¹, é particularmente valioso, nesta perspetiva, fazer algumas reflexões **sobre a catequese do amor, do casamento e da família**, na sequência da exortação apostólica *Amoris laetitia* (AL) (cf. n.32), ao serviço da construção integral do ser humano (cf. AL, n.279).

1.2 Plano da exposição

Antes de propor na 2ª parte um «modelo catequético» (best practice²), especialmente experimentado na Suíça francófona, as jornadas de catequese intergeracional assinalando os percursos de preparação para os sacramentos (**capítulo 3**), gostaria de esclarecer no **2º capítulo um certo número de**

(*) Sacerdote. Professor da Universidade de Friburgo em Teologia Pastoral, Pedagogia Religiosa e Homilética. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ Ver o último Colóquio do ISPC, «*Être initié à l'heure des mutations anthropologiques*», Institut catholique de Paris, 7-10.2.2017 e o número 4/2016 de *Lumen Vitae*, dirigido por Joël MOLINARIO, sobre a mesma problemática, *La catéchèse face aux mutations anthropologiques*.

² Em inglês no original (N.T.)

competências sugeridas pelo documento do papa Francisco, que se revelam indispensáveis na catequese familiar:

- aprender a **acolher**: para uma catequese geracional;
- aprender a olhar e escutar: para uma catequese «focada»;
- aprender a **acompanhar** ao longo de toda a vida: para uma catequese familiar de caminhada;
- aprender a **discernir**: para uma catequese que ilumine as consciências em todas as idades;
- aprender a **integrar**: para uma catequese familiar intergeracional incluída na catequese comunitária por todos, com todos e para todos.

2. Os impulsos catequéticos de *Amoris laetitia*: a catequese do amor, do casamento e da família: um longo acompanhamento

2.1 Uma certa mudança de tom e de paradigma: a caminho de uma renovação da catequese familiar

É mais como «**profeta escatológico**» do que como doutor da lei que o papa Francisco se exprime em *Amoris laetitia* (AL), apresentando o evangelho do casamento e da família como um apelo dirigido a todos (cf. AL, n.60; 76; 89).

O papel dos catequistas é então «revelar», no sentido fotográfico do termo, **a ação da graça que nos precede** e tornar desejável a «boa nova da família» (cf. AL, n.36), **enxertando-nos no «desejo de amor fiel e de família»** que permanece vivo, apesar dos desafios da sociedade atual (cf. AL, n.39; 49).

2.2 A doutrina é pastoral e catequética

Percorrendo toda a exortação, o princípio da misericórdia é o «coração pulsante» da doutrina cristã (cf. AL, n.309) e faz a ligação entre a «lógica do Evangelho» e da doutrina (cf. AL, n.297) e a **«lógica da pastoral»** (cf. AL, n.307-312).

Como diz o cardeal Schönborn³: «**A doutrina sem a pastoral** não é senão “címalo que retine” (1 Coríntios 13,1). **A pastoral sem a doutrina** não tem senão “um pensamento humano” (Mateus 16,23). A doutrina é antes de mais a Boa Nova: Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que nele crê tenha a vida eterna. É o anúncio da verdade fundamental da fé: Deus usou de misericórdia» (cf. *AL*, n.310, citando *Evangelii gaudium (EG)*, n.47).

Em vez de as opor, a catequese familiar deve articular entre elas «a proposta de um **ideal exigente**» (cf. *AL*, n.307; 311), aberta à graça, e «a **proximidade cheia de compaixão** para com as pessoas frágeis» (cf. *AL*, n.35-38). Convém, portanto, pôr em prática a pedagogia divina⁴ (cf. *AL*, n.297) que é infinitamente concreta em cada situação (cf. *AL*, n.304-305). E, assim, aplicar a «lei da gradualidade» (cf. *AL*, n.293-295, cf. *EG*, n.40-45) que permite procurar em cada circunstância «**o bem que for possível**» (*EG*, n.44).

Neste caminho de crescimento, a Palavra de Deus na catequese não se revela como uma sequência de teses abstratas, mas como uma «companheira de viagem», inclusivamente para as famílias em crise ou em sofrimento: ela **mostra a todos a meta do caminho** (*AL*, n.22).

Resulta daí um certo número de **competências pedagógicas requeridas em catequese familiar**.

2.3 Aprender a acolher

Primeira atitude de base, que subentende as outras competências: **a do acolhimento** (*acogida* em espanhol, *Willkommen, Aufnahme, Empfang, welcome ou accoglienza*). É o fundamento da catequese dita «generativa»⁵, tal como a vive Jesus em todos os seus encontros evangélicos: o

³ *Le regard du Bon Pasteur*, Bex / Paris, Parole et Silence, 2016, p. 86.

⁴ Cf. H. DERROITTE, «Avec les familles, pastorale et catéchèse en pleine restructuration», *Lumen Vitae* 70 (2/2015), pp. 143-156. Número publicado antes do 2º sínodo de outubro 2015 e intitulado *Vers de nouvelles alliances entre familles et catéchèse*, pp. 121-240.

⁵ Para esta noção de catequese generativa, ver o nosso trabalho com Pierre VIANIN, *À l'école du Christ pédagogue. Comment enseigner à la suite du maître?*, col. «Perspectives pastorales», n. 5, St-Maurice, Saint-Augustin, 2011.

reconhecimento de que o Espírito já está em ação em todos os seres e em todas as relações interpessoais (cf. *AL*, n.76-78)⁶.

2.4 Aprender a olhar

Porque **há a catequese do nosso olhar**... Convém, portanto, a fim de seguir Francisco, aprender a **olhar em profundidade** para podermos acompanhar-nos mutuamente nos caminhos da vida. «Olhar, escutar, discutir», diziam já os documentos dos Sínodos de 2014 e 2015⁷. Saber olhar, com a ajuda das **ciências humanas**, a antropologia, a sociologia, a psicologia e a pedagogia.

É este olhar contemplativo que Francisco convida tanto os catequistas como os catequizandos a adquirir e a trabalhar, através do exame das diversas atitudes do hino de Paulo ao amor (1 Coríntios 13). Desfiadas como as contas de um terço, podem servir de um **pequeno manual para a catequese do amor e da amizade** (cf. *AL*, n.90-119).

Então é indispensável ter um «olhar diferenciado» sobre a realidade das famílias (cf. *AL*, n.298; cf. *Familiaris consortio* n.84), incluindo aquelas que não incarnam completamente o ideal cristão. Depois poderão ser ajudadas a ir mais longe «com paciência e delicadeza» (*AL*, n. 94).

Nem rigorismo nem laxismo, o novo «ponto de vista» proposto aos catequistas é, de facto, **ainda mais exigente** do que o que existia anteriormente. Requer a capacidade de ajustar «**focando**» a objetiva da nossa câmara interior. Com muita mobilidade de coração, e às vezes mesmo o abandono das nossas referências. Em resumo, com a necessidade permanente de seguir a *via caritatis*.

2.5 Aprender a acompanhar

Outra competência pedagógica preconizada pela exortação, o «acompanhamento» (do latim *ad-cumpanis*, procurar partilhar o pão com).

⁶ Cf. o nosso trabalho com Marie-Agnès DE MATTEO, *S'ouvrir à la fécondité de l'Esprit. Fondements d'une pastorale d'engendrement*, col. «Perspectives pastorales», n. 4, St-Maurice, Saint-Augustin, 2009.

⁷ Cf. H. DERROITTE, «Avec les familles, pastorale et catéchèse en pleine restructuration», p. 17.

Esta atitude é requerida porque «a **condescendência divina acompanha sempre o caminho do homem**» (AL, n.62).

Um tal acompanhamento das crianças, dos jovens, dos casais e das famílias organiza-se por etapas, em função dos desafios espirituais ligados a cada uma delas. Desenvolve-se como uma verdadeira **catequese progressiva e permanente de caminhada**⁸, para ser realizada sob a forma de um processo gradual e contínuo de maturação: desde a educação das crianças para o amor e para a sexualidade (*philia, eros e agapè*, cf. AL, n.120); passando pela iniciação para o casamento, inserida **no conjunto do itinerário da iniciação cristã** (cf. AL, n.206-207); a valorização do noivado e depois do compromisso generoso para toda a vida (cf. AL, n.207-216); o seguimento dos primeiros anos de vida matrimonial, porque o sacramento não é senão um «sinal de partida» (cf. AL, n.217-230); as inevitáveis provações, assumidas também graças a casais experimentados (cf. AL, n.231-238); até ao acompanhamento com prudência depois de uma rotura ou um divórcio (cf. AL, n.241-246).

Pode avaliar-se assim a importância da formação inicial e contínua dos catequistas envolvidos na pastoral familiar, tanto no plano doutrinal e espiritual como no humano e psicológico, inclusive através **dos contributos de profissionais peritos** nesse domínio (psicólogos, médicos, advogados, especialistas de aconselhamento) (cf. AL, n.203-206).

2.6 Aprender a discernir

Uma semelhante formação deve servir para desenvolver nos catequistas **uma «cultura do discernimento**» (termo inaciano), nomeadamente em relação às muito numerosas situações particulares e complexas (cf. AL, n.296-300).

O reconhecimento dos condicionamentos e dificuldades da existência também deve levar a melhor **despertar e iluminar a consciência moral** das crianças e dos jovens (cf. AL, n.37; 222; 303). Pois esta apode enganar-se por ignorância ou cegueira devidas ao pecado (cf. *Veritatis splendor*, n. 62).

⁸ Cf. Luc AERENS, *La catéchèse de cheminement. Pédagogie pastorale pour mener la transition en paroisse*, col. «Pédagogie catéchétique», n. 14, Bruxelles, Lumen Vitae, 2003.

2.7 Aprender a integrar

O documento pontifício preconiza igualmente uma «**cultura da integração e da compaixão**», incluindo também os casais e famílias em situações objetivas de rotura ou de inadequação à norma (coabitação juvenil, pessoas divorciadas recasadas ou homossexuais...).

Uma tal integração passa pelo convite lançado a todos os pais, **no conjunto dos casos de figuras familiares**, «clássicas», monoparentais, recompostas, homossexuais... de exercer a sua responsabilidade de «ministros educativos» (cf. *AL*, n.85)⁹. Pela graça do matrimónio e do Espírito na origem do seu sacerdócio batismal, os pais tornam-se **eles próprios os «principais atores da pastoral familiar»**, enquanto discípulos missionários (cf. *AL*, n.200).

Todas as iniciativas catequéticas tomadas nestes últimos anos **a fim de associar os pais**, os avós e as famílias ao despertar da fé dos pequeninos, das crianças e dos jovens encontram-se assim vigorosamente confirmadas pela exortação. Neste sentido eminentemente positivo, convém valorizar aquilo que os trabalhos de psicanálise chamam **as «competências das famílias»** (segundo a expressão do psiquiatra Guy Ausloos)¹⁰, no sentido dos recursos de que elas dispõem para o acompanhamento educativo e evangélico dos seus membros.

De facto, é **toda a comunidade cristã** que está encarregada desse acompanhamento pastoral, numa catequese **de todos, para todos e por todos**. A paróquia e a unidade pastoral, enquanto família de famílias, é o lugar privilegiado para isso, visto que nela «os contributos de pequenas comunidades, associações e movimentos eclesiais [equipas de casais, agrupamentos de famílias] se harmonizam» (*AL*, n. 202)¹¹.

⁹ Cf. *FC*, n. 38 ; Cf. «Discurso do papa Francisco à Assembleia diocesana de Roma (14 junho 2015)», *Osservatore Romano*, ed. em língua francesa, 25 junho 2015, pp. 13-14.

¹⁰ «*No que respeita às famílias, falava-se sobretudo dos problemas que elas encontravam, dos seus disfuncionamentos, e não daquilo que elas eram capazes de fazer. Falar de família competente é, portanto, uma forma de restituir à família a sua competência em vez de considerar aquilo que lhe falta*» (Guy AUSLOOS, *La compétence des familles. Temps, chaos, processus*, col. «Relations», Toulouse, Ed. ERES, 2012, p. 29 (cf. também pp. 159-160), citado por H. DERROITTE, «Avec les familles, pastorale et catéchèse en pleine restructuration», p. 154).

¹¹ Cf. H. DERROITTE, *ibidem*, pp. 146.149.152 ; B. HUEBSCH, *La catéchèse de toute la communauté. Vers une catéchèse par tous, avec tous et pour tous*, coll. «Pédagogie catéchétique», n. 17, Bruxelles / Montréal / Paris, Lumen Vitae / Novalis / Bayard, 2005.

As palavras-chave são então «**abertura**»¹² – a catequese familiar não é reservada a «especialistas» – e «**parcerias**» entre as famílias e a comunidade de fé. Assim, as **catequeses intergeracionais** (CIG) constituem um modelo que favorece ao mesmo tempo a integração intercultural entre famílias de estilos e origens diferentes e a integração mútua entre os membros de uma mesma família. Ajudam os mais pequenos a tomar consciência de que não são senhores da realidade e de que é muitas vezes graças aos que «**os precederam na fé**» que eles foram «iniciados»: «Muitas vezes, são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos e “muitos podem constatar que é precisamente **aos avós que devem a sua iniciação na vida cristã**”.» (AL, n.192)

Assim, a fraternidade vivida em família e entre gerações pode constituir **uma escola de liberdade e de paz** e «uma promessa que irradia sobre toda a sociedade» (AL, n.194).

3. Um exemplo de *best practice*: as jornadas de catequeses intergeracionais (CIG), em ligação com os percursos de preparação para os sacramentos (Suíça francófona)

3.1 Nas dioceses suíças francófonas

Um pouco por todo o lado na Suíça francófona, vivem-se já há vários anos catequeses intergeracionais¹³, nomeadamente por ocasião dos percursos de preparação para os sacramentos e do **seu seguimento mistagógico**¹⁴.

Por exemplo, nas «Orientações catequéticas» que acaba de promulgar, o bispo de Sion preconiza, para cada ano e cada percurso, quatro jornadas

¹² Cf. H. DERROITTE, *La catéchèse décloisonnée. Jalons pour un nouveau projet catéchétique*, col. «Pédagogie catéchétique», n. 13, Bruxelles, Lumen Vitae, 2004; G. ROUTHIER, *Sacrée catéchèse! Quand tu déranges familles et paroisses*, col. «Pédagogie catéchétique», n. 19, Bruxelles / Saint-Barthélémy d'Anjou, Lumen Vitae / CRER, 2007.

¹³ Para mais desenvolvimento, ver o trabalho de referência: E. BIEMMI – H. DERROITTE (dir.), *Catéchèse, communauté et seconde annonce*, col. «Pédagogie catéchétique», n. 30, Bruxelles, Lumen Vitae, 2015.

¹⁴ Cf. o meu artigo «*La catéchèse intergénérationnelle et communautaire, Bildungsforschung, Apprendre ensemble et à travers les générations*» [a publicar].

intergeracionais paroquiais e comunitárias, enquanto elementos constitutivos da caminhada das crianças para o seu primeiro perdão e a primeira eucaristia assim como para a confirmação, atualmente reunidos para as crianças na idade da primária (entre 9 e 11 anos)¹⁵.

3.2 Iniciação entre gerações

Inauguradas por teólogos da pastoral catequética como Allan Harkness, com o nome de *intergenerational religious education*¹⁶, as CIG procuram de forma prometedora **pôr as diferentes gerações de uma família e várias famílias** em contacto entre elas, através de atividades partilhadas em ateliês, abordando as diversas dimensões da vida eclesial: bíblicas, espirituais, fraternas, diaconais e litúrgicas (habitualmente com a eucaristia no centro)¹⁷.

Apoiam-se na convicção de que é experimentando concretamente a realidade comunitária como família de famílias e reunião de pessoas de todas as idades, que crianças em idade de iniciação pós-batismal e «neófitos» em caminhada neocatecumenal têm mais possibilidades de se identificarem com a Igreja – povo de Deus. Assim, a comunidade eclesial – familiar **identifica-se com um processo de gestão recíproco mútuo**, as crianças a interrogarem e a «desestabilizarem» os mais velhos, aqueles que «os precederam na fé» «treinando» e encorajando os mais novos.

As atividades de CIG esforçam-se por **conjugam as dimensões de educação e de proposta da fé**, mostrando o enraizamento humano dos sacramentos. Organizam-se à volta de temáticas centrais, ao mesmo tempo antropológicas e teológicas (noções das relações interpessoais, de pecado e de misericórdia, de refeição, de memorial e de ação de graças, de Espírito

¹⁵ Cf. *site* da diocese de Sion, Orientations de Mgr Lovey, 2016: <http://www.cath-vs.ch/actualites/a-la-une/orientationsdiocesaines-pour-une-pastorale-catechetique-renouvelee/>

¹⁶ A. HARKNESS, «Une catéchèse intergénérationnelle», dans H. DERROITTE (dir.), *Théologie, mission et catéchèse*, col. «Théologies pratiques», Bruxelles / Montréal, Lumen Vitae / Novalis, 2002, pp. 47-62.

¹⁷ Ver a minha apresentação «La communauté, un milieu nourricier pour la foi», em I. MOREL – J. MOLINARIO – H. DERROITTE (dir.), *Les catéchètes dans la mission de l'Église*, col. «Cerf – Patrimoines», Paris, Cerf, 2016, pp. 121-141; assim como H. DERROITTE, «Les formes de catéchèse communautaire», em IDEM – E. BIEMMI, *Catéchèse, communauté et seconde annonce*, pp. 17-32.

Santo, de vida no Espírito e de diálogo intercultural, ecumênico e inter-religioso). As CIG respondem assim a **diversas exigências**¹⁸:

- Primeiro a um motivo de **coerência teológica**, porque desde sempre a Tradição valorizou a via da infância como paradigma do Reino (cf. Marcos 10,13-16) e a conceção da Igreja como um povo que une todas as gerações.
- Depois a uma exigência a **nível sociocultural e educativo**: as CIG contribuem para criar laços no coração do nosso contexto de fluidez pessoal¹⁹ e para edificar as comunidades como corpos vivos.
- Em seguida, no plano da **iniciação à fé**, as CIG dão a possibilidade de reunir a memória dos «seniores», o sentido de responsabilidade dos adultos e a ingenuidade dos mais pequenos, num processo de evangelização mútua.
- Por fim, a nível **pedagógico**, as CIG fornecem uma «**moldura de aprendizagem**» da fé à medida humana, segundo aquilo que os estudos de Lev Vygotski chamam as «zonas aproximadas de desenvolvimento»²⁰: acontece com a existência cristã como com os ofícios artesanais: é aproximando-se o mais perto que consigam das possibilidades do catequizando e associando-o a uma «comunidade de prática»²¹ que os catequistas podem tornar-se para ele «passadores do Evangelho»²².

¹⁸ A.G. HARKNESS, «Une catéchèse intergénérationnelle», em H. DERROITTE (dir.), *Théologie, mission et catéchèse*, col. «Théologies pratiques», Bruxelles / Montréal, Lumen Vitae / Novalis, 2002, pp. 47-62.

¹⁹ Ver, por exemplo, os estudos tornados célebres de Zygmunt BAUMAN, *La vie liquide*, Rodez, Ed. Le Rouergue/Chambon, 2006 (*Liquid Life*, Cambridge, Polity Press, 2005) ; e, no plano eclesial, de P. WARD, *Liquid Church*, Eugene (Oregon), Wipf & Stock, 2013.

²⁰ Citadas por H. DERROITTE, «Les formes de catéchèse communautaire», pp. 22-24.

²¹ Cf. J.E. REGAN, «Une catéchèse de la communauté pour tous les âges de la vie», *Lumen Vitae* 73, 2008, pp. 5-17.

²² Cf. o trabalho dirigido por C. THEOBALD e P. BACQ, intitulado *Passeurs d'Évangile. Autour d'une pastorale d'engendrement*, col. «Théologies pratiques», Bruxelles / Montréal / Paris, Lumen Vitae / Novalis / L'Atelier, 2008.

3.3 Diversas formas

As CIG revestem-se de diversas formas.

- Articulam-se com a **missa dominical** e os **tempos fortes do ano litúrgico**²³, como a série *À la rencontre du Seigneur. Dimanche autrement*²⁴.
- Destinam um grande **lugar à Palavra**, como a série *Porte Parole*²⁵.
- Dão também um grande **espaço às famílias** enquanto tais: é o caso da série *Chemins de foi*²⁶.
- Nalgumas regiões, podem ser realizadas **em «pequenas comunidades eclesiais»** que oferecem um modelo integrador para a formação das pessoas de diferentes idades²⁷.

3.4 Jornadas do perdão

Na Suíça, as CIG organizam-se à volta de celebrações sacramentais, tais como as «jornadas do perdão», no cantão de Vaud²⁸ e noutros lugares.

²³ Ver a narrativa de experiências concentradas no Advento e Quaresma de S. Fabre, «Mise en place de catéchèses intergénérationnelles au diocèse d'Amiens», em E. BIEMMI – H. DERROITTE (dir.), *Catéchèse, communauté et seconde annonce*, pp. 33-41; e as propostas do meu trabalho SMS, *Saint Messages Spirituels*, St-Maurice, Saint Augustin, 2006, como as catequeses de criação em família das coroas de Advento ou os tempos de meditação e de oração à volta das sopas ou arroz da Quaresma...

²⁴ LA DIFFUSION CATÉCHISTIQUE – LYON, *Nous marchons vers toi. Vivre un dimanche autrement. Une proposition catéchétique intergénérationnelle articulée au temps liturgique*, Paris, Mame / Tardy, Années A, B et C, 2010, 2011 et 2012.

²⁵ A coleção *Porte Parole* apresenta uma catequese a partir da Palavra de Deus para cada idade da vida, e reuniões de toda a comunidade, Paris, CRER.

²⁶ H. DERROITTE (dir.), *Chemins de foi. Cahier pour une catéchèse communautaire et intergénérationnelle*, col. «Catéchèse», Bruxelles / Paris / Averbode, Lumen Vitae / Cerf / Averbode, 2008 ; COMMISSION INTERDIOCÉSAINNE DE CATÉCHÈSE, *Propositions pour une catéchèse en communauté*, 4 volumes publicados: *Nous sommes ton Église* (2012); *Père, pardonne-leur...* (2013); *Paix aux hommes* (2014); *Esprit Saint, viens prier en nous!* (2015); *C'est à moi que vous l'avez fait* (2015); *Et Dieu créa* (2016); *Le piège de la violence* (2017), Bruxelles / Namur, Lumen Vitae.

²⁷ Cf. C. BEAUCHEMIN, «Catéchèse intergénérationnelle dans le diocèse de Saint-Jean-Longueuil (Québec)», em E. BIEMMI – H. DERROITTE (dir.), *Catéchèse, communauté et seconde annonce*, pp. 43-53.

²⁸ Cf. F. GAPANY, «Les "journées du pardon" ou comment (re)devenir levain dans la pâte», em E. BIEMMI – H. DERROITTE (dir.), *Catéchèse, communauté et seconde annonce*, pp. 69-81.

Jornada do perdão para adolescentes, as suas famílias e os paroquianos

Manhã	Todos	Celebração penitencial, com absolvição geral (todos juntos).
		Ateliês e catequese sobre a reconciliação (por faixas etárias).
Meio-dia		Refeição em comum, continuação da partilha.
Tarde	Todos	Tempo de oração e de interiorização silenciosa.
	Por turnos	«Momentos» intergeracionais à escolha: <ul style="list-style-type: none">– Oração sobre a cruz, inspirada numa oração de Taizé, com criação de uma oração para levar à missa paroquial.– Adoração do Santíssimo Sacramento.– Diálogo adolescentes/adultos.– Encontro com um padre ou um agente pastoral sem o sacramento.– Encontro sacramental individual.
No fim	Todos	Eucaristia paroquial.
Variantes		Jornada do perdão para as famílias das crianças que recebem o perdão pela primeira vez.
		Jornada do perdão para todas as crianças da catequese da unidade pastoral, seus pais e famílias e os paroquianos.

Da mesma forma, «**domingos da eucaristia**» oferecem, além de outros ateliês sobre a missa, a possibilidade para os pais de confeccionarem com os seus filhos a cruz que lhes hão de entregar aquando da celebração da «primeira das comunhões» e que alguns penduram na parede do seu quarto.

Ou ainda as «**jornadas do Espírito Santo**», destinadas a todas as camadas da comunidade, antes ou depois da missa da confirmação.

.....

4. Conclusão

4.1 A Igreja-família

As CIG ajudam a poder considerar a Igreja como uma família de fé, uma *Family Faith*, que, como qualquer família, dá a vida, alimenta, protege, apoia e envolve. Oferecem a ocasião aos pais de descobrirem os seus filhos, crianças ou adolescentes, de uma forma diferente, fornecendo-lhes a possibilidade de **redescobrir a sua própria fé** e de a testemunhar junto dos seus filhos. Evitam fazer dos pais e avós “reféns” durante a catequese, proporcionando-lhes tempos de catequese de adultos assim como momentos de partilha com as jovens gerações.

Inversamente, os mais novos beneficiam do contacto com os adultos, vendo-os rezar ou ouvindo-os falar das suas convicções. Sentem-se assim inscritos numa corrente de fé que os precede. E podem colocar as suas questões e **expressar as suas dúvidas assim como as suas descobertas** sem se arriscarem a serem julgados.

4.2 Atos instituintes

Para serem realizadas, as CIG devem ter o acordo da equipa pastoral e suscitam colaborações inéditas com os catequistas. Por ocasião de **reorganizações paroquiais**²⁹, contribuem para encontrar uma articulação entre os grandes conjuntos centralizados de serviço público e as pequenas

²⁹ Ver o número de *Lumen Vitae* que dirigi, *Les regroupements paroissiaux. Bilan et perspectives*, 67 (2012), pp. 1-120.

comunidades de proximidade de aldeias e de bairros. Constituem para as novas paróquias atos instituintes³⁰ e um dos meios pelos quais a «paróquia pode ainda evangelizar»³¹ no nosso universo em pleno movimento. É assim que a catequese intergeracional **cria tecido comunitário**.

E visto que «nenhuma família é uma realidade celeste constituída de uma vez para sempre» (AL, n.325), a catequese familiar é um ambiente propício para a iniciação à paciência e ao crescimento em «liberdade interior» (AL, n.323).

³⁰ Para esta noção, ver G. ROUTHIER, «Nouvelles paroisses. Chance ou impasse pour l'évangélisation?», *Lumen Vitae* 59 (2004), pp. 95-108; e F. MOOG, «La conversion missionnaire des communautés paroissiales», *Lumen Vitae* 67 (2012), pp. 213-219.

³¹ Para retomar, sob a forma de pergunta, o título de um outro número de *Lumen Vitae*, *La paroisses peut-elle évangéliser?*, 59 (2004), pp. 1-120.

Ousar em família.

Dez anos depois do Texto Nacional: princípios e concretização

PIETRO BIAGGI (*)

Nos capítulos que se seguem ao *Texto Nacional para a orientação da catequese em França* (2006) (TNOC) sobre os princípios de organização, o primeiro anúncio destinado às famílias ocupa um lugar particular e original na organização por lugares e reagrupamentos de vida.

Proponho-vos assim aprofundar o capítulo 2.3. sobre a família, para aí encontrar o primeiro anúncio e o processo de evangelização, e de que maneira são apresentados. O carácter dinâmico do TNOC encontra um eco na vitalidade e fecundidade das diferentes experiências catequéticas tendo em conta as diversidades e necessidades locais específicas de cada diocese.

O TNOC privilegia o aspeto sistémico da família: a família é um lugar de vida, um espaço relacional onde cada um pode despertar para uma vida de fé, quer seja adulto ou criança. As atitudes e interrogações de uns (sobre a morte, a vida...) marcam e interpelam os outros. A vida de fé da criança pode provocar o «pôr-se a caminho» ou o «despertar de novo» dos pais. O Espírito atua no seio da família e precede os catequistas.

«A família é o primeiro lugar de contacto com o Evangelho e a vida cristã»¹, e os pais são os primeiros educadores da fé dos seus filhos. No seio dessa

(*) Sacerdote. Docente de catequética no Seminário Diocesano de Bergamo e diretor do Secretariado Diocesano da Catequese na mesma diocese.

¹ *Texte National pour l'orientation de la catéchèse en France et principes d'organisation*, 2006, p. 79.

“Igreja doméstica” que é a família, os pais têm um papel capital: o Concílio Vaticano II sublinhou (LG 11) que “é necessário que pela palavra e pelo exemplo, nessa espécie de Igreja que é o lar, os pais sejam para os seus filhos os primeiros arautos da fé”.». Na espessura do quotidiano vivido, no diálogo tecido entre pais e filhos, na travessia dos acontecimentos da vida, eles são os primeiros atores do primeiro anúncio no seio da família.

Hoje já não se fala da família, mas das famílias, porque elas são muito diversificadas e vivem numa sociedade em plena mutação. É a constatação que fazem os bispos de França: «a própria imagem da família e a maneira de encarar a sua vocação educativa apresentam-se hoje de forma contrastada»². Distinguem então duas espécies de pais:

- «Os pais com um profundo sentido cristão asseguram a educação cristã dos seus filhos proporcionando-lhes o meio vital e acolhedor de uma espécie de Igreja doméstica. Poderão encontrar na sua paróquia e nos estabelecimentos católicos compreensão e apoio»³. Esses pais têm em geral as palavras ou sabem encontrar os recursos para dizer e viver a fé no coração da sua família, muitas vezes em ligação com outros lugares de vida: a comunidade cristã, a escola católica do filho. Estão muitas vezes em condições de reagir a uma situação expondo-se como crentes no seio da família, e de elaborar assim ações de primeiro anúncio nesse lugar de vida que é a sua família.
- «Outros pais já não estão em condições de ser para os seus filhos os primeiros *arautos* da fé»⁴ e por isso já não têm palavras para dizer a fé no coração da família. Na nossa sociedade pós-moderna, esta situação é maioritária. Os pais podem sentir-se interpelados, por vezes desestabilizados pelas interrogações dos seus filhos que se tornam suas. Nesse caso, precisam de ser encorajados, de entrar em diálogo com pessoas exteriores em relação ao «casulo» familiar. Neste contexto, a presença de intervenientes exteriores «que os precederam na fé» (avós, comunidade cristã, escola, outros pais, padrinhos e madrinhas...) vai revelar-se particularmente necessária e fundamental para alimentar o

² Ibid. pp. 79-80

³ Ibid. p. 79

⁴ Ibid. p. 80

diálogo no ambiente familiar e abrir um espaço à realização do primeiro anúncio.

Por vezes, nas comunidades cristãs, os catequistas sentem-se desprovidos de recursos... Proponho que nos fixemos em três pontos de insistência no TNOC que influenciaram a maneira de viver a catequese com as famílias em França nos últimos 10 anos. Estas características encontram-se também em *Amoris Laetitia* e nos textos recentes do magistério da Igreja.

1. Primeiro ponto de insistência: acolher.

No processo de evangelização, um primeiro anúncio junto das famílias necessita previamente de um acolhimento de qualidade, marcado pela escuta, pela confiança, no respeito pela liberdade e pelo caminho do outro. Isto não é facultativo e coloca a questão da formação para o «acolhimento» no seio das comunidades cristãs. Entrar em diálogo com as famílias, no mundo de hoje, exige:

- Acolhê-las com a atenção que se tem para catecúmenos: escutá-los e entrar em diálogo, com um olhar benévolo, aceitando-os tais como são, exatamente onde estão, sem qualquer juízo e no respeito pela diversidade das famílias⁵ e das culturas. É cada vez mais frequente que apenas um dos pais tenha a responsabilidade da educação cristã. A convivialidade, a atenção prestada aos seus centros de interesses, e a adaptação ao seu modo de comunicação (internet, redes sociais...) são dimensões importantes.
- Encorajar os pais, confiar neles, valorizá-los na sua vida de família, e reconhecer a complexidade e a dificuldade de ser pai ou mãe hoje.
- Adaptar-se ao seu ritmo de vida, e à aceleração do tempo, uma das características da nossa sociedade contemporânea, oferecendo-lhe ao mesmo tempo espaços e experiências de verdadeira gratuidade.

⁵ «Isto exige fundamentalmente que as famílias sejam acolhidas e respeitadas, seja qual for o estatuto matrimonial dos pais, também e sobretudo quando essas famílias estão fracas ou desunidas, impotentes ou desprovidas perante as dificuldades educativas ou os problemas materiais» TNOC, p. 82.

- Ter em consideração uma característica forte da nossa sociedade: o primado do indivíduo: o «EU» prevalece sobre o «NÓS». Numa sociedade pluralista, cada indivíduo procura construir a sua identidade; vai desejar definir as suas próprias referências e escolher ele próprio o seu sistema de valores. Os pais de hoje estão marcados por esta cultura do sujeito, que induz muitas vezes uma nova relação com a fé. Vão dirigir-se à Igreja para aí ir buscar recursos de sentido, para se construírem enquanto sujeitos, mas já não colocam espontaneamente as referências nas práticas comunitárias.
- Estar numa postura de quem os precedeu na fé, segundo uma verdadeira pedagogia de iniciação, tendo consciência de que o Espírito trabalha no coração das famílias e de que ele nos precede: «Fazer uma proposta catequética, exigente mas respeitadora de todos, exige de cada catequista que se considere ele mesmo como um discípulo reportando-se a Cristo na sua própria missão. Na Igreja, o que já tem fé é irmão em humanidade daquele que ainda procura; fazer uma proposta catequética exige considerar-se a si mesmo como um discípulo a caminho no seguimento de Cristo».⁶

Concretamente assiste-se em França a um esforço ao nível das inscrições na catequese com campanhas de comunicação que têm em conta a diversidade das famílias (província de Marselha, Le-Havre, Lille, Arras, Paris...); inscrevem-se as famílias e não apenas as crianças na catequese (Rouen). A reforma oficial dos ritmos escolares obrigou muitas vezes, de há 3 anos para cá, à deslocação da catequese da quarta-feira de manhã⁷: foi necessário encontrar uma nova organização para a catequese das crianças. Algumas paróquias proporcionaram tempos de ajuda nos trabalhos de casa, com lanche e eventualmente catequese/despertar da fé para as crianças depois da escola. Estas propostas são lugares missionários. Em primeiro lugar, aliviam e apoiam as famílias no seu papel educativo, e oferecem complementos com espaços para responder às questões existenciais, para educar para a oração, para a interioridade. Passo a passo, famílias marcadas pelo sofrimento, fragilizadas, confiam e ousam ir mais além (Valence, Lyon, Saint-Denis, Paris...).

⁶ TNOC, p. 48

⁷ Em França não havia aulas à quarta-feira, o que permitia a realização de outras atividades, como a catequese (N.T.)

2. Segundo ponto de insistência: valorizar os pontos de apoio para o Evangelho

«Não se pode chamar uma família a exercer a responsabilidade do primeiro anúncio sem começar por valorizar nela tudo aquilo que já é ponto de apoio para o Evangelho»⁸, isto é, tudo aquilo que há de bom, de belo, esses momentos da vida que colocam no caminho do Evangelho, no coração do quotidiano da família. O parágrafo cita exemplos de pontos de apoio para o Evangelho: ousar o perdão pedido e concedido, marcar religiosamente as festas religiosas, passar tempo juntos, cuidar dos doentes e dos mais pequenos, exprimir as suas interrogações diante do mal, da morte, do amor....

A responsabilidade específica do primeiro anúncio é precisamente articular, no seio do lugar de vida que é a família, evangelho vivido e evangelho anunciado. Depois de ter acolhido e escutado as famílias, todos os catequistas são chamados a discernir e valorizar estes pontos de apoio (acompanhantes de casais a caminho do sacramento do matrimónio – em França mais de metade dos casais que pedem o matrimónio já são pais – pais que pedem o batismo para o seu filho pequenino, aqueles que propõem encontros ou diligências aos pais, quer seja à volta de questões educativas quer de questões existenciais).

Uma vez identificados estes pontos de apoio, poderão propor-se diversos caminhos de anúncio explícito aos pais, tanto para eles próprios, como para viverem em família: «Podem então ser propostos aos pais diversos caminhos de anúncio explícito: ousar rezar, ousar falar da sua própria fé, mas também da sua recusa de acreditar ou das suas interrogações, (...) exprimir as suas interrogações perante o mal, a morte, o amor, ousar o perdão pedido e concedido, marcar religiosamente as festas religiosas...»⁹.

Concretamente, estes caminhos de anúncio explícito são propostos aos pais, por exemplo, na preparação para a primeira comunhão dos filhos: encontros, catequese, convite a tempos fortes (Amiens, Nantes...). Uma proporção importante da procura dos sacramentos de iniciação cristã nos adultos, particularmente a eucaristia e a confirmação decorre do envolvimento dos pais na catequese dos filhos (Toulouse). Este envolvimento vai até propor

⁸ Ibid. p. 82

⁹ Ibid. p. 83

a catequese familiar, como na Martinica, onde um grande projeto pastoral visa procurar que a catequese das crianças seja vivida primeiro em família. Em numerosas dioceses é proposta aos pais das crianças catequizadas uma catequese de adultos com encontros regulares (Poitiers).

Para viverem religiosamente são propostos às famílias no Natal e na Páscoa jogos, celebrações, retiros. Esses momentos ensinam os pais a rezar em família, a responderem às perguntas dos filhos. Esses encontros são apreciados porque as famílias gostam de encontrar outras famílias, mas também uma Igreja benevolente e acolhedora (Bayeux Lisieux, Lille, Amiens). São também facultados às famílias, a título de empréstimo, documentos, livros para todos por ocasião dos grandes destaques litúrgicos (Mala de Natal em Arras).

No espírito de «a via da beleza» (EG 167) as famílias são cada vez mais convidadas a descobrir o património religioso (Quimper, Chalons en Champagne). São numerosas as propostas de espetáculos, exposições, baladas turísticas destinadas às famílias (Associação Artes e Palavra de Chambéry).

3. Terceiro ponto de insistência: comprometer-se como comunidade cristã, particularmente na paróquia.

O TNOc insiste: «Se as famílias aceitam comprometer-se... é bom que a paróquia se comprometa também a escutá-las, a ajudá-las na sua procura, a acolhê-las na discussão, a ajudá-las em caso de problema»¹⁰. Estamos longe do modelo em que se espera que as famílias se manifestem, se inscrevam, se insiram numa proposta que não tem em conta as suas singularidades, nem os seus desejos profundos e cuja linguagem muitas vezes já não compreendem. Os bispos de França continuam: «A paróquia pode também, com toda a espécie de iniciativas, contribuir para alargar o simples círculo familiar»¹¹. É, pois necessário favorecer cada vez mais todos os laços entre famílias.

As comunidades comprometem-se a propor recursos úteis para os pais viverem melhor a sua responsabilidade de pais e para apoiarem o espaço relacional familiar. Para os pais afastados da Igreja, alguns não batizados,

¹⁰ TNOc, p. 83

¹¹ Ibid.

todas estas propostas poderão corresponder à dimensão do primeiro anúncio, oferecendo a possibilidade de articular evangelho vivido e evangelho anunciado. Torna-se, portanto, possível um primeiro anúncio aos pais que é crucial hoje em dia. Também está em jogo um primeiro anúncio no seio de um lugar de vida, de convivialidade, de partilha, que a comunidade cristã pode oferecer aos jovens pais. E esse é também um verdadeiro desafio.

Em relação a este ponto de insistência, os exemplos precedentes já mostram como a comunidade se compromete junto das famílias. Em muitas paróquias, como por exemplo «Saint Eloi» em Paris, há já alguns anos que os pais são convidados a acompanhar os catequistas das crianças durante a catequese. Também lhes são propostos tempos fortes ao domingo e foi organizada uma forma de apadrinhamento, tecendo laços com as outras famílias e toda a comunidade. Pode citar-se também «os lugares de Igreja em meio rural» onde formações, apoios à volta da parentalidade permitem a cada um assumir o seu lugar, ser ator da sua vida, descobrir-se filho de Deus e proporcionam pedidos de batismo, inscrições na catequese (Le Vivier em Lille, La petite vigne em Estrasburgo). Nessas mesmas dioceses, festas da natureza, da criação, de sensibilização para a ecologia envolvem famílias e provocam uma abertura espiritual dando vontade de ir mais longe (grupos bíblicos...).

Por fim, constata-se há muito tempo a preocupação crescente de acolher com simpatia as famílias por ocasião da Missa dominical (espaço para os mais pequeninos, missas onde os pais têm mais intervenção do que é habitual (Créteil, St Etienne). Há equipas litúrgicas que convidam cada semana um dos pais da catequese para preparar a missa de domingo (Annecy).

No TNOC, os bispos de França pediam que fosse escrito um instrumento para «encorajar e apoiar os pais no compromisso que assumiram de educar os seus filhos na fé cristã» (Anexo 1). Em março de 2011, foi publicado *En famille avec Dieu*, um livro que é um recurso para descobrir e partilhar em família a fé viva da Igreja, livro onde as questões existenciais entram em ressonância com o tesouro da fé que a Igreja transporta. A Igreja de França oferece aí recursos para pensar e atravessar essas questões existenciais, ao mesmo tempo na Escritura, na liturgia, na tradição de santidade, na arte... Está disponível um *site* de apresentação e de acompanhamento, com fichas práticas, para a valorização desse livro com as famílias:

<http://www.enfamilleavec Dieu.catholique.fr/>

O objetivo do livro é acompanhar as famílias no seu papel de transmissão da fé, pondo em ação uma pedagogia de iniciação. O que se deseja é que ele possa ser entregue em momentos fundamentais, por exemplo:

- Quando pais pedem o batismo para o filho (entre 0 e 7 anos)
- Quando um casal que já tem filhos se casa na Igreja
- Quando um catecúmeno deseja partilhar no seio da sua família

Conclusão

Podemos assim constatar que há dez anos que o Texto Nacional para a catequese envolveu a Igreja de França num diálogo criativo e dinâmico com as famílias. Se o preâmbulo deste diálogo continua a ser o respeito pela liberdade e pela valorização da releitura da vivência familiar, a finalidade é uma verdadeira oportunidade de primeiro anúncio, primeiro anúncio no sentido muito mais fundamental que cronológico. «O anúncio explícito» do Evangelho exprime-se no verbo «ousar» que os bispos de França privilegiam agora com uma iniciativa pastoral de «discípulos missionários». Este verbo aparece três vezes no parágrafo dedicado à família. Não implica um modelo único, mas dá origem a uma diversidade de propostas catequéticas audaciosas para a atualidade: «As necessidades e a procura são tão diversificadas que já não é possível desenvolver apenas um modelo único de catequese: hoje temos de ousar conceber itinerários adaptados a cada um»¹².

¹² TNOC. Conclusão, p. 101.

Colaboração pastoral entre a paróquia, a escola e a família no mesmo bairro em ordem à evangelização.

ALFREDO DELGADO GÓMEZ (*)

Introdução

Lugar. Nesta apresentação propomo-nos partilhar uma experiência que estamos a realizar num bairro residencial de Valladolid, uma cidade espanhola com cerca de 400.000 habitantes. Este projeto tem como centro uma paróquia¹ confiada ao movimento Adsis.

Agentes. Este projeto é o resultado do carisma próprio das comunidades Adsis² e do trabalho conjunto de muitos agentes pastorais da paróquia³. É também o resultado da nossa experiência em catequese familiar na América Latina⁴, e do trabalho pastoral em centros educativos por parte de alguns catequistas da paróquia e dos sacerdotes. Dois outros fatores foram

(*) Sacerdote. Pároco da paróquia Beato Florentino Asensio de Valladolid, Espanha. Docente de Educação Religiosa Escolar. Membro da Comunidade ADSIS.

¹ Paróquia Beato Florentino. www.parroquiabeatoflorentino.org. Durante vários anos, trabalhámos noutra paróquia, desenvolvendo um processo semelhante que deu muitos frutos. P. N^a S^a das Rosas, Madrid. www.parroquiariosas.org. Uma apresentação desse processo A. DELGADO GÓMEZ, "Catequesis Familiar en la Parróquia Ntra. Sr.^a de las Rosas", *Teología y catequesis* 128 (2014) 187-202 e A. DELGADO GÓMEZ, «Comunidad y catequesis en la Parroquia de Nuestra Señora de las Rosas», *Sinite*: 55: 165 (2014) 93-114.

² A evangelização dos jovens afastados da fé. Adsis é uma comunidade cristã da Igreja Católica em que vivem em comunidade sacerdotes, com irmãos celibatários e com uma família cristã.

³ Sobre este aspeto importante, B. HUEBSCH, *Dreams and Visions: Pastoral Planning for Lifelong Faith Formation* (2007) 9-26, onde tratou do papel dos agentes pastorais.

⁴ E. GARCÍA AHUMADA, «La catequesis familiar de iniciación ecucarística chilena», *Teología y catequesis* 92 (2004) 161-178.

importantes neste sentido. Primeiro, poder dispor de um bom suporte teórico e de uma boa eclesiologia. O estudo da catequese⁵ (DGC) e da pastoral juvenil ajudou a conhecer ferramentas, abordagens e atividades que se tornaram importantes na nossa proposta. Em segundo lugar, descobrir e experimentar que a catequese deve estar centrada em adultos⁶ (DGC 59) e não em crianças, o que significou uma mudança muito importante no nosso trabalho pastoral⁷.

Objetivo. Em suma, o objetivo é integrar o trabalho pastoral e catequético de uma zona num projeto unificado, procurando trabalhar em conjunto com as paróquias, as famílias e as escolas de um mesmo bairro⁸. (DGC 179). Trata-se de facilitar a vida de uma família que participa numa escola católica e numa paróquia, de modo a estabelecer uma aliança entre a família, a paróquia e a escola, sem esquecer que os pais são os primeiros catequistas e os primeiros responsáveis pela fé dos seus filhos (DGC 222 e 255) e que, se não levarem a sério e não realizarem um plano educativo na fé a longo prazo, é difícil para os filhos chegarem a um encontro pessoal com Jesus. Com base na paróquia, pretende-se estabelecer um plano que permita a colaboração destes agentes tendo em vista a evangelização de crianças, adolescentes e jovens, acompanhando-os no seu crescimento⁹ (DGC 225).

⁵ H. DERROITTE, *15 nuevos caminos para la catequesis hoy* (Santander 2008).

⁶ Considerámos o adulto como o centro a partir do qual se pensam todas as iniciativas do processo. H. DERROITTE, *La catechesi liberata. Fondamenti per un nuovo progetto catechistico* (Torino 2002) 81. O trabalho no catecumenado de adultos no Chile e em Madrid pode ver-se em A. DELGADO GÓMEZ, *Queremos ver a Jesús. Ha llegado la hora. Vol 1. Proceso catecumenal para adultos* (Madrid 2010) y A. DELGADO GÓMEZ, *Queremos seguir a Jesús. Ha llegado la hora. Vol 2. Proceso catecumenal para adultos* (Madrid 2012).

⁷ Nos primeiros anos do meu trabalho pastoral dediquei-me à evangelização de jovens que se encontram afastados da fé nas ruas e nas escolas, realizando diversas atividades de solidariedade e integrando jovens imigrantes muçulmanos.

⁸ Também com professores de religião da escola pública. Uma exposição detalhada em A. DELGADO GÓMEZ, «La colaboración sinérgica entre la familia, la parroquia y la escuela católica», *Sinite* 56:169 (2015) 273-302.

⁹ É necessário que sejam feitos planos conjuntos e que haja uma articulação dinâmica entre eles. G. ROUTHIER, *Benedetto Catechismo! Famiglie e parrocchie tra disagio e speranza* (Torino 2008) 29. También CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA, *Orientaciones pastorales para la coordinación de la familia, la parroquia y la escuela en la transmisión de la fe* (Madrid 2013). No trabalho comum entre paróquia, escola e família cfr. DGC 179.

Trabalho como sacerdote na paróquia do bairro e como professor¹⁰ de religião em duas escolas católicas locais. Por outro lado, estamos em contacto e em colaboração com outras escolas da zona¹¹. A partir destas duas plataformas, é possível manter contacto com crianças, adolescentes e jovens na vida quotidiana, mas sobretudo com os seus pais, o que nos permite propor um plano de crescimento na fé para os filhos e realizar um anúncio inovador, encorajando-os a retomar sua própria fé.

A situação

Este plano, que posteriormente procurarei detalhar, parte de algumas considerações e de uma experiência prévia, que são os dois eixos para o seu desenvolvimento. A situação concreta pode resumir-se em alguns pontos fundamentais:

1. Em Espanha, a secularização avança a passos largos. Muitos dos meus alunos não acreditam em Deus, nem eles, nem os seus pais e agora também parte dos seus avós. Vivem numa cultura secularizada¹².
2. O processo de transmissão da fé foi claramente quebrado. Passámos de uma sociedade na qual até há 40 anos atrás a fé era transmitida através de diferentes canais para uma sociedade onde essa mesma transmissão foi paralisada¹³. Além disso, em Espanha, desapareceram das paróquias gerações inteiras, uma vez que apenas participam as pessoas idosas, alguns pais com seus filhos, nos processos de primeira comunhão, e pouco mais.
3. Constata-se que muitas pessoas participam no processo de catequese da primeira comunhão da paróquia, mas, obtido o sacramento, mesmo depois de uma experiência muito positiva de catequese familiar, assim valorizada pelos próprios, o processo é abandonado e, em muitos casos,

¹⁰ Sou professor há 20 anos e tenho trabalhado como tal.

¹¹ Também colaborámos com escolas públicas que oferecem apoio escolar a crianças em situação desfavorecida e com outras escolas católicas colaboramos em diferentes atividades.

¹² C. TAYLOR, *La era secular. Tomo I* (Barcelona 2014).

¹³ Já não podemos contar com a tradicional interação entre família, escola e paróquia, como no passado. M. P. GALLAGHER, *El evangelio en la cultura actual* (Santander 2014) 46.

a própria participação na paróquia. As paróquias estão centradas nas crianças, nos sacramentos, na primeira comunhão e pouco mais¹⁴.

4. Vivemos numa sociedade com muitas pressas, fadigas,¹⁵ em que o fim de semana surge como tempo de descanso, de família, de desporto, de tempo livre, de muitas viagens, sendo muito esporádica a participação na Eucaristia dominical¹⁶. Não se pode oferecer à família atual, com os dois pais a trabalhar, com desajustamentos e vidas complicadas, o mesmo produto catequético de há 50 anos atrás. Neste sentido, é de salientar que o conhecimento real de como vive uma família no século XXI, com as suas tarefas, é fundamental. Caso contrário, propõem-se às famílias determinadas atividades e ritmos sem entender as suas vidas¹⁷. Não há atalhos a este respeito. Enquanto o padre não souber o que significa colocar a máquina a lavar, fazer as compras, conseguir que a roupa seque para o dia seguinte, preparar as refeições e ralar com os filhos, as propostas que se realizam são inconsistentes, porque não partem da realidade.
5. Os estudos sociorreligiosos e a experiência confirmam duas afirmações a este respeito:
 - A família sozinha não pode transmitir a fé¹⁸; sobretudo, não consegue que tenha continuidade a experiência que semeia na fase da adolescência.

¹⁴ 91,2% dos 300.000 catequistas em Itália nos anos 90 dedicava-se à iniciação cristã de crianças. É como se 92% dos médicos fossem pediatras. E. BIEMMI, «La perspectiva misionera: Una clave para la conversión de la catequesis y la pastoral», *Sinite* 56:168 (2015) 13-34, p. 18.

¹⁵ B.-C. HAN, *La sociedad del cansancio* (Pensamiento; Barcelona 2012).

¹⁶ Bill Huebsch está muito ciente disso. HUEBSCH, *Dreams and Visions*, 15.

¹⁷ «A primeira coisa que a catequese faz é colocar-se à escuta dos desejos, das expectativas, da sede das pessoas, para ajudá-las a descobrir toda a sua profundidade e alcance. ASAMBLEA DE OBISPOS DE QUEBEC, «Jesucristo, camino de humanización. Orientaciones para la formación para la vida cristiana», *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto* (ed. D. MARTÍNEZ – P. GONZÁLEZ – J. L. SABORIDO CURSACH) (Santander 2004) 123-162, p. 147. Valorizar o que de belo, justo, bom e verdadeiro fazem esses homens e mulheres. Olhar os pais de modo positivo e confiante é fundamental. G. ADLER, «Conocer, vivir, celebrar, orar. Las tareas de la catequesis», *15 nuevos caminos para la catequesis hoy* (ed. H. DERROITTE) (Santander 2008) 11-24, p. 18.

¹⁸ Uma família isolada, por mais cristã que seja, não transmitirá a fé, não resistirá às várias pressões desumanas de hoje. J. H. WESTERHOFF, «The Church And The Family», *Religious Education* 78:2 (1983) 249-274, p. 264.

- A escola não consegue mudar a imagem ou a experiência religiosa de uma criança¹⁹. Mais ainda, dada a influência dos seus pais, o contacto com poucos professores cristãos e a ausência de uma comunidade cristã significativa²⁰ na escola, é muito possível que ele saia de lá sem fé .
- 6. Os meios de comunicação são os verdadeiros catequistas desta geração²¹. O impacto do *smartphone* é claro. Esses meios moldam a sua maneira de entender a realidade (cosmovisão) e a sua maneira de entender as relações e a moral.
- 7. Verifica-se uma enorme dificuldade cultural, que pode ser expressa da seguinte forma: «o jovem não crê no que quer, mas no que pode²²». Ou seja, vive numa sociedade que lhe oferece uma cosmovisão e uma moral que o impedem de crer. Por outro lado, a Igreja não encontra uma proposta na qual harmonize fé e ciência, isto é, não lhe oferece uma síntese que lhe permita crer.
- 8. Em Espanha, o papel público da Igreja entrou em choque com os meios de comunicação e não soube fazer passar uma mensagem positiva e proativa, como se constatou, em França, por exemplo²³. Esta imagem

¹⁹ A. TORNOS – R. APARICIO, *¿Quién es creyente en España hoy?* (Madrid 1995) 80. However, the composite picture drawn indicates that religious schools do not influence religious development and attitudes in any powerful way Francis questioned almost 5,000 young persons attending Catholic private schools in England, and found that these schools had very little influence on students' attitudes toward Christian beliefs. A more decisive factor was the influence of the parental home. With regard to religious development, it seems that religious schools possess not so much a compensatory or independent function as a supplementary one, to the extent that they have any effect at all. F. K. OSER – W. G. SCARLETT – A. BUCHER, «Religious and Spiritual Development throughout the Life Span», *Handbook of Child Psychology: Volume One: Theoretical Models of Human Development* (ed. R. M. LERNER – W. DAMON) (Hoboken, NJ 2007) 942-998, p. 980.

²⁰ Sem comunidade de fé não há comunicação na fé. E. ALBERICH - H. DERROITTE - J. VALLABARAJ, *Les fondamentaux de la catéchèse* (Bruxelles-Montréal 2006) 254.

²¹ As crianças dão mais credibilidade aos meios de comunicação do que aos pais, aos pais, aos professores e aos idosos. L. DUCH, *La crisis de la transmisión de la fe* (Madrid 2009) 24.

²² Não se crê no que se quer, mas no que se pode e no que a tradição e o momento sociocultural permitem. J. M. MARDONES, *La vida del símbolo: la dimensión simbólica de la religión* (Santander 2003) 227.

²³ CONFÉRENCE ÉPISCOPALE FRANÇAISE, *Proposer la foi dans la société actuelle* (Paris 1996). CONFÉRENCE EPISCOPAL FRANCESA, «Proponer la fe en la sociedad actual», *Proponer la fe hoy: de lo heredado a lo propuesto* (ed. D. MARTÍNEZ – P. GONZÁLEZ – J. L. SABORIDO CURSACH) (Santander 2006) 37-84.

negativa, agora positiva, especialmente por causa da imagem amável do Papa Francisco, causou muitas dificuldades no momento de transmitir a fé.

A experiência concreta

Uma vez exposto o contexto, a história e a situação, seguidamente se apresenta com mais detalhe a experiência concreta, a partir de dois pontos de vista: a paróquia e a escola, que têm em comum a participação das famílias.

Primeiro. No contexto da *paróquia* procuramos oferecer um processo de crescimento na fé, que visa o encontro pessoal do jovem com Jesus Cristo (DGC 80). Proporciona-se um processo de catequese familiar, centrada nos adultos e cujo eixo não é receber um sacramento, mas a continuidade do jovem no processo. Sabemos que este encontro ocorrerá quando se é jovem ou quando se entra na idade adulta, daí a nossa proposta de longo prazo²⁴. O nosso objetivo é semear a possibilidade desse encontro, narrando Jesus ao jovem, contando-lhe a sua história, convidando-o a participar num grupo, numa comunidade, experimentando, jogando, celebrando a fé. Especificamente, o processo procura fazer com que o jovem sinta, saiba, experimente²⁵ e vá fazendo a sua experiência de fé, no âmbito da sua família e da paróquia²⁶.

O primeiro ano do processo é especialmente centrado nos pais, aos quais é apresentado o plano e feito um «anúncio da fé».²⁷ Procuramos «tornar precioso e desejável o que para eles não é necessário²⁸». Pretende-se, assim, voltar a fazer despertar a fé em pais que, em muitos casos, a

²⁴ Trata-se mais de acompanhar um assunto no seu desenvolvimento do que na transmissão de conteúdos.

D. VILLEPELET, *L'avenir de la catéchèse* (Paris 2003) 89.

²⁵ A iniciação permite viver e experimentar antes de qualquer explicação e escolha. D. VILLEPELET, «Los desafíos planteados a la catequesis francesa», *Sinite* 141 (2006) 87-102, p. 95.

²⁶ Sabemos que, além deste grande objetivo, a catequese tem diferentes tarefas e objetivos: acompanhar o seu crescimento humano e pessoal, a sua participação adulta na comunidade, o seu compromisso ativo na evangelização, etc.

²⁷ Às vezes, um «primeiro anúncio» e, às vezes, um «segundo anúncio». J. GEVAERT, *El primer anuncio: proponer el Evangelio a quien no conoce a Cristo* (Santander 2004). E. BIEMMI, *El segundo anuncio: la gracia de volver a empezar* (Santander 2013).

²⁸ A. FOSSION, *Dieu désirable proposition de la foi et initiation* (Montréal 2010) 10.

foram adormecendo pelo caminho²⁹. É uma oportunidade para os escutar e para os encorajar a um maior conhecimento de Jesus.

Para isso, oferecemos-lhes um *contrato de colaboração* para 15 anos³⁰. Oferecemos catequese familiar, processo de pós-comunhão e grupos de jovens. O protagonismo está nos pais³¹ (DGC 222), a quem encorajamos a viver a fé no quotidiano da vida. Um aspeto positivo deste processo é o diálogo com os pais, a escuta das suas propostas, a proposta de um ritmo adequado³² à sua vida complexa, tratando-os como adultos³³. Encorajamo-los a expressar a sua fé. E se essa fé precisa de ser atualizada, nós acompanhamo-los³⁴. Este primeiro diálogo com os pais é fundamental. Oferecemos-lhes, em suma, uma comunidade com a qual podem caminhar, juntos. Estamos convencidos de que «a comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese» (DGC 254).

O projeto está focado no crescimento da fé do jovem e na sua continuidade no processo e para isso é necessário que a criança viva a fé em casa³⁵. Estudos sociorreligiosos indicam que são os pais quem consegue criar as

²⁹ Trata-se de uma catequese missionária: aquela que se dirige aos cristãos batizados que, mesmo ligados à Igreja mediante uma certa prática religiosa necessitam de uma conversão (CT 19; DCG 18). «Se distingue de la catequesis en sentido propio, ya que ésta supone la conversión, así como del primer anuncio, en sentido estricto, pues éste se dirige a los que se sienten desvinculados de la Iglesia o han perdido la fe». COMISIÓN EPISCOPAL DE ENSEÑANZA Y CATEQUESIS, *La Catequesis de la comunidad: orientaciones pastorales para la catequesis en España, hoy* (Madrid 1983) 173.

³⁰ B. HUEBSCH, *La catequesis de toda la comunidad* (Santander 2005) 111.

³¹ Eles são os verdadeiros catequistas e os primeiros educadores da fé (DGC 255).

³² Num grande estudo realizado na Alemanha sobre a catequese da primeira comunhão, afirma-se que: «não importa que a catequese da primeira comunhão seja estruturada em blocos compactos ou em reuniões semanais, ou se o número de horas que se lhe dedica é muito alto ou muito baixo. Um número maior de horas não tem resultados automáticos para alcançar os objetivos, porque quanto mais se prolonga a preparação, mais fatores de distração podem viver». A. TREIBEL – P. FIEDLER – R. BOSCHKI, «Perspectivas para una catequesis innovadora de primera comunión», *Selecciones de teología* 53:212 (2014) 301-314, p. 304. Outro estudo K. KIESSLING, «Erstkommunionkatechese: Eine Evaluationsstudie und ihre Ergebnisse», *Wege zum Menschen* 68:3 (2016) 211-230.

³³ H. DERROITTE, *Por una nueva catequesis: jalones para un nuevo proyecto catequético* (Santander 2004) 23.

³⁴ «Ofertar a los padres entrenarles para formar a sus propios hijos». B. HUEBSCH – L. ANSLINGER, *Great expectations: a pastoral guide for partnering with parents* (New London, CT 2010) 5.

³⁵ «The goal of all catechesis is to develop households of faith» en B. HUEBSCH, *Handbook for success in whole community catechesis* (Mystic, CT 2004) 24.

condições para o despertar da fé³⁶. Mas também sugerem que eles sozinhos não conseguem fazer frente aos ataques que o jovem irá sofrer, na sua adolescência, por parte de uma cultura secularizada. Encorajamo-los, portanto, a colaborar ativamente com a paróquia e com outros agentes, como a escola ou outras instituições. Somente em colaboração podemos apresentar ao jovem uma proposta atrativa e criar as condições que possibilitem o seu encontro com Jesus Cristo, que depende mais do Espírito do que de nós.

Segundo. No âmbito da *escola* e da vida no bairro, a ideia é estar presente entre os jovens e os adolescentes, onde eles se encontram, em vez de ficar à espera que venham à paróquia. Neste sentido, foram estabelecidos diálogos com as escolas locais, tendo em vista explicar o plano e oferecer pequenas iniciativas e atividades para iniciar essa colaboração. A partir da aula de religião (no meu caso) e da presença quotidiana na escola (recreio, experiências de solidariedade, convívio), trata-se de estabelecer uma relação positiva e afetiva com eles. Através do testemunho de vida e da construção de pontes com a escola e outros professores, procuramos ser testemunhas do evangelho. Propomos, então, experiências que possam ligar esses jovens aos jovens da paróquia, encontros, espaços de oração para jovens, jantares e experiências de solidariedade. O que se pretende é criar amplas redes de relações onde possam interagir com os seus pares³⁷.

³⁶ Todos os estudos indicam que, no processo de socialização religiosa, os pais e as mães são quem exerce a maior influência, principalmente as mães, embora cada um deles desempenhe um papel específico.

E. OZARAK, «Social and cognitive influences on the development of religious beliefs and commitment in adolescence», *Journal for the Scientific Study of Religion* 28 (1989) 448-463. OSER – SCARLETT – BUCHER, «Religious and Spiritual Development throughout the Life Span», 977. «Like research on other aspects of socialization, parents are viewed as the key socializers of adolescents' religion and spirituality». P. E. KING – C. J. BOYATZIS, «Religious and Spiritual Development», *Handbook of child psychology and developmental science. Volume 3, Socioemotional processes* (ed. M. E. LAMB – R. M. LERNER) (Hoboken, NJ 2015) 975-1021, p. 997.

³⁷ «Not surprisingly, adolescents who have friends who talk about religion and spirituality have higher self-reported religious beliefs and commitment than adolescents whose friends did not talk about their faith». KING – BOYATZIS, «Religious and Spiritual Development», 999.

O desafio

Podemos assinalar alguns sucessos e alguns aspetos que se encontram ainda por desenvolver, se é que isso é possível, dada a complexidade do projeto.

Pequenos *sucessos* deste processo, no âmbito paróquia:

1. Desenvolvemos uma catequese familiar através de reuniões com pais e filhos, em simultâneo. O processo encontra-se muito consolidado e sólido. O objetivo desta catequese de primeira comunhão é apresentar este plano aos pais para que tomem consciência do propósito do processo³⁸.
2. Vamos conseguindo que um elevado número de crianças se mantenha no processo. Na adolescência, precisamos que os pais reforcem a sua participação na pós-comunhão, que é o momento crítico do processo. Eles são a chave para essa continuidade.
3. Muitos pais passam a fazer parte de grupos de adultos que desejam continuar a sua formação, porque tomaram consciência da importância da sua fé e não apenas da dos seus filhos.
4. Existe colaboração com várias escolas da zona e mantêm-se relações cordiais, presença e colaboração em diferentes áreas.
5. São realizadas experiências (oração mensal para jovens, voluntariado) que permitem estabelecer relações entre os jovens da paróquia e os das escolas.

Os *problemas* concretos desta abordagem, tão ideal, são os seguintes³⁹:

1. O primeiro problema é a dificuldade dos bispos e dos sacerdotes para se articularem num projeto deste calibre. Cada sacerdote é um pequeno

³⁸ O objetivo do processo: capacitar o jovem, acompanhado no seu processo de crescimento, a encontrar Jesus, segui-lo, comprometendo-se com o Reino, com os outros (grupo, paróquia, comunidade).

³⁹ «La colaboración exitosa entre la clase de religión, la pastoral educativa y la catequesis de la comunidad, exige que todos los implicados estén dispuestos a participar activamente». CONFERENCIA EPISCOPAL ALEMANA, «La catequesis en un tiempo de cambio», *Proponer la fe hoy: de lo heredado a lo propuesto* (ed. D. MARTÍNEZ – P. GONZÁLEZ – J. L. SABORIDO CURSACH) (Santander 2006) 87-122, p. 111.

bispo na sua paróquia e torna-se muito difícil estabelecer um plano unificado com as paróquias vizinhas.

2. O segundo é a dificuldade que as escolas têm com os seus problemas específicos.
 - O primeiro é que temos muito pouca cultura de colaboração. Até agora, cada escola se bastava a si mesma para levar a cabo o seu projeto. Agora não é assim.
 - Segundo, antes havia muitos religiosos disponíveis para tarefas pastorais. Neste momento não resta quase nenhum. Portanto, o plano escolar deverá ser executado pelos professores, que têm pouco tempo fora do horário escolar e pouca disponibilidade ao fim de semana. Ora, um plano que não tenha sido preparado por professores não será realizado por eles.
 - Em terceiro lugar, muitos dos professores não têm fé e aqueles que têm são frequentemente franco-atiradores.
 - Em quarto lugar, continuam a realizar-se atividades pastorais nas escolas, mas não são evangelizadoras e permanecem desarticuladas.
 - Quinto, algumas escolas gostariam de continuar a oferecer sacramentos, e não percebem a importância de estabelecer relacionamentos com as paróquias nas proximidades. O jovem, que até participara de processos na escola, quando sai, ver-se-á condenado ao vazio. É fundamental poder ir construindo relações que favoreçam a sua integração na paróquia (ou outros movimentos ou comunidades).
3. Um terceiro problema é a dificuldade de encontrar agentes evangelizadores e catequistas para sustentar um processo desta magnitude.

Conclusão

Este projeto é um projeto em desenvolvimento, mas no momento de o avaliar, devemos ter presente que «o melhor é o inimigo do bom⁴⁰». Ou seja, procuramos concretizar a parte que é possível hoje (o bom), sem desesperar por não conseguirmos o melhor. O projeto tem um horizonte claro e muitas dificuldades para ser implementado. Séneca já dizia que

⁴⁰ J. C. COLLINS, *Good to great: why some companies make the leap – and others don't* (New York, NY 2001) 1.

nenhum vento é bom para quem não sabe para onde ir⁴¹. Aqui o horizonte é claro, não sabemos se vamos chegar, mas confiando no Espírito do Ressuscitado, procuramos continuar a anunciar as boas novas do seu Reino e desfrutar do dom de tantos encontros onde podemos experimentar a sua presença.

⁴¹ SENECA, *Cartas a Lucilio* Libro VIII, Carta 71, 3. «Para el que ignora el puerto al que encaminarse, ningún viento le es propicio».

Modelos de catequese familiar na Alemanha

ANGELA KAUPP (*)

«A transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d'Ele, porque só assim “cada geração contará à seguinte o louvor das obras [de Deus] e todos proclamamão as [Suas] proezas” (SI 145/144, 4).»

Amoris Laetitia 287

I. A Catequese na Alemanha

A educação religiosa na Alemanha é um assunto pertinente. E, uma vez que a educação religiosa e a catequese na comunidade, são complementares uma à outra ¹, convém que o termo «catequese na Alemanha»,² como é usado, seja brevemente explicado.

Como consequência da teologia do Vaticano II e tendo em consideração a situação social e eclesial, na continuação do Sínodo das Dioceses na República Federal da Alemanha (1971-1975), a teologia alemã desenvolveu

(*) Casada. Docente de Teologia Prática e Educação Religiosa e Didática na Universidade de Koblenz-Landau, Campus Koblenz.

¹ Ver Das katechetische Wirken der Kirche, Nr. 5, 52.53; Der Religionsunterricht in der Schule. Ein Beschluss der Gemeinsamen Synode der Bistümer in der Bundesrepublik Deutschland, Nr. 3.9, in: Offizielle Gesamtausgabe, hg. v. Ludwig Bertsch u.a., Freiburg i.Br. 1976, 113-152, 152. Cf. também a declaração do Bispo Franz-Josef Bode por ocasião do Dia de Estudo da Conferência Episcopal Alemã sobre Comunicação Religiosa na Educação Religiosa e Catequese, em 26 de setembro de 2012 em Fulda, disponível em: <http://www.schuleundziehung.de/medien/16467/original/870/2012-154b-Herbst-VV-Studententag-Statement-B-Bode.pdf> (Zugriff: 29.03.2017).

² A situação na Áustria parece similar.

uma concepção de Igreja que se reflete no termo «comunidade»³. A Igreja defende um projeto que, pela comum vocação sacerdotal de todos (LG 10), aponta para a igual dignidade de todos e, na sua inerente subjetividade, como o fundamento da vida concreta da Igreja.⁴ Como a paróquia tem uma dimensão teológica, a paróquia é entendida como uma dimensão (legalmente definida pelo Direito canónico) que não é puramente administrativa.

A comunidade não é apenas um qualificado lugar de comunhão, mas tem um lugar indispensável na aprendizagem da fé.⁵ O antropologicamente acentuado objetivo de «ajudar o homem, de modo que a sua vida seja bem sucedida na resposta ao encorajamento e pedido de Deus»⁶, deve ser declinada nos fundamentos eclesiológicos básicos de Martyria, Diakonia, Leiturgia e Koinonia, pelos quais a comunicação da fé introduz no cristianismo e na prática da fé.

É deste modo que o termo «catequese comunitária» se desenvolveu. Refere-se ao «processo de aprendizagem da fé Cristã que é deliberadamente iniciado, estruturado pela partilha, biograficamente orientado e limitado no tempo, e que é organizado pela comunidade com o envolvimento de catequistas titulares».⁷ A catequese procura introduzir no Cristianismo e na vida da Igreja através de um ensino organizado e dados processos de aprendizagem, e procura ajudar «aqueles que estão dispostos para aprender a receber uma fé refletida».⁸ Tais processos catequéticos são essencialmente formatados por formas de aprendizagem que são comunicativas, criativas, meditativas e orientadas para a ação. De acordo com o Sínodo, os «crentes na sua integralidade» são os suportes da catequese e os responsáveis pela

³ Ver em Scheuchenpflug, Peter (2003): *Katechese im Kontext von Modernisierung und Evangelisierung. Pastoralsoziologische und pastoraltheologische Analysen ihres Umbruchs in Deutschland vom Ende des Zweiten Weltkrieges bis zur Gegenwart.* Würzburg; Emeis Dieter / Schmitt Karl Heinz (1986): *Handbuch der Gemeindekatechese.* Freiburg i.Br., 11-28.

⁴ Ver Bucher, Rainer (2005): *Jenseits der Idylle. Wie weiter mit den Gemeinden?*, in: Bucher Rainer (Hg.): *Die Provokation der Krise. Zwölf Fragen und Antworten zur Lage der Kirche,* Würzburg, 106-130; 110.

⁵ Ver *Das katechetische Wirken der Kirche*, Nr. 4, 49-51.

⁶ *Das katechetische Wirken der Kirche*, Nr. 3, 41.

⁷ Lutz, Bernd (2002): *Katechese in der Gemeinde*, in: Bitter, Gottfried u.a. (Hg.): *Neues Handbuch religionspädagogischer Grundbegriffe*, München, 305-310; 305.

⁸ *Katechetisches Wirken*, Nr. A 3.1, 42.

transmissão da fé. Tal é impressionantemente realizado quando os Cristãos adultos se voluntariam para a catequese. Os modelos aqui apresentados estão categorizados neste sentido de catequese.

II. A Família e a Transmissão da Fé

A mudança social levou a uma mudança em todas as áreas da vida: não só o mundo do trabalho e a importância da Igreja, mas também mudaram as estruturas familiares e a distribuição dos papéis na família. «As Igrejas Cristãs perceberam o impulso modernizador como um processo transacional em que as famílias estão envolvidas e diagnosticou um enfraquecimento das tradições religiosas, dos processos intergeracionais de transmissão da fé e o crescente insucesso da família na socialização religiosa.»⁹

Enquanto a socialização religiosa das crianças tinha lugar na vida quotidiana até meados do século XX, como resultado da interação entre a Igreja e a família, a relação entre a família e a religião é hoje mais diferenciada. Christian Hennecke distingue quatro modelos (a ocorrer simultaneamente) de gerações de pais na Alemanha, com diferenças regionais (diferenças entre o Norte e o Sul da Alemanha e entre a Alemanha de Leste e a Ocidental).

- 1ª Geração: Formatada pelo Povo de Deus, e pais e filhos vão à igreja juntos.
- 2ª Geração: Os pais enviam os filhos à igreja, mas eles mesmos não praticam nenhum ritual eclesial.
- 3ª Geração: Os pais não enviam os filhos à igreja, mas têm conhecimentos e valores básicos cristãos.
- 4ª Geração: A situação dos pais e dos filhos é de afastamento da Igreja. Nesta 4ª geração uma distinção pode ser feita entre os que têm um conhecimento religioso sobre o Cristianismo e aqueles que não participaram em nenhuma educação religiosa.¹⁰

⁹ Blasberg-Kuhnke, Martina (2015): „Familie“, in: <https://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/100100/> (Zugriff: 29.03.2017). No geral, sobre os processos de mudança e as consequências para a catequese, ver Altmeyer, Stefan/ Bitter, Gottfried / Boschki, Reinhold (2016): *Christliche Katechese unter den Bedingungen der „flüchtigen Moderne“*, Stuttgart.

¹⁰ Hennecke, Christian (2015): *Notwendiger Aufbruch. Auf der Suche nach neuen Wegen der Katechese*, in: ders. / Dörsam, Anke (Hg.) (2015): *Generationen des Glaubens. Kontexte, Modelle und Erfahrungen generationenübergreifender Katechese*, München, 10-19; 10f.

De qualquer modo, a família é indispensável para a socialização religiosa e para a formação da identidade das crianças.¹¹ A investigação mostra que os pais e os outros membros da família são importantes para o desenvolvimento religioso, e que apesar da decrescente relação com a Igreja, as famílias hoje ainda têm uma prática religiosa.¹² Ulrich Schwab identifica esses processos religiosos ao longo de três gerações que conduzem a uma religiosidade familiarmente-específica («religiosidade familiar»)¹³. Os valores cristãos, em particular, vão sendo transferidos de geração em geração nas famílias. Martin Friedrich Schomaker analisou a importância da família para os processos catequéticos e a importância de pais e avós para o desenvolvimento moral das crianças.¹⁴ Regina Sommer mostrou que as formas de aprendizagem religiosa nas famílias são uma ajuda para a prática da sua própria religiosidade, muitas vezes uma religiosidade distante da Igreja. Assim, a família essencialmente contribui para os processos de integração religiosa tradicional.¹⁵

A «religiosidade familiar», no entanto, vive uma relação distante com a doutrina da Igreja e as formas de prática religiosa eclesial. A religiosidade familiar pode ser eclesial mas não eclesiástica¹⁶. É assim que o termo «catequese comunitária» surgiu. Refere-se aos «processos de aprendizagem da fé Cristã que é deliberadamente iniciado, estruturado pela partilha,

¹¹ Ver Domsgen, Michael (2004): *Familie und Religion. Grundlage einer religionspädagogischen Theorie der Familie*, Leipzig; Zehnder Grob, Sabine (2009): *Religiöse Sozialisation in der Familie. Eine empirische Studie*, in: *Zeitschrift für Pädagogik und Theologie* 61 (3), 227–239; Forschungsgruppe „Religion und Gesellschaft“ (2015): *Werte – Religion – Glaubenskommunikation*, Wiesbaden. Zum aktuellen Forschungsüberblick zu Familie und Religion vgl. Zehnder Grob, Sabine (2015): *Religiosität, psychische Gesundheit und Kohärenzsinn. Eine empirische Befragungsstudie Adoleszenten*, Dortmund. Online verfügbar unter <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:101:1-2016120957>, 30-33. (Zugriff: 29.03.2017).

¹² Ver Kaupp, Angela (2005): *Junge Frauen erzählen ihre Glaubensgeschichte*, Ostfildern; Forschungsgruppe „Religion und Gesellschaft“ (2015): *Werte – Religion – Glaubenskommunikation*, Wiesbaden; Könemann, Judith / Sajak, Clauß Peter / Simone, Lechner (2017): *Einflussfaktoren religiöser Bildung. Eine qualitativ-explorative Studie*, Wiesbaden, 156-167.

¹³ Ver Schwab, Ulrich (1995): *Familienreligiosität. Religiöse Traditionen im Prozess der Generationen*, Stuttgart u.a.

¹⁴ Ver Schomaker, Martin Friedrich (2002): *Die Bedeutung der Familie in katechetischen Lernprozessen von Kindern. Eine inhaltsanalytische Untersuchung von Konzepten zur Hinführung der Kinder zu den Sakramenten der Beichte und der Eucharistie*, Münster.

¹⁵ Ver Sommer, Regina (1998): *Lebensgeschichte und gelebte Religion von Frauen. Eine qualitativ-empirische Studie über den Zusammenhang von biographischer Struktur und religiöser Orientierung*, Stuttgart u.a.

¹⁶ N.T: No sentido de canónica.

biograficamente orientado e limitado no tempo, e que é organizado pela comunidade com o envolvimento de catequistas titulares». ¹⁷

Um exemplo:

A celebração do Natal na Alemanha (e possivelmente na Áustria e na Suíça germano-falante) é um exemplo típico da «religiosidade familiar»: mesmo num contexto pós-cristão, o Natal não só é celebrado pela maioria das famílias como é a celebração familiar mais importante em todo o ano. Nas famílias, uma mistura de costumes de inspiração Cristã e costumes não-Cristãos formam a tradição. A celebração do nascimento de uma criança na família serve de cenário para a anual construção ou reconstrução da sua própria família. Também em face das numerosas mudanças (nascimentos, mortes, divórcios).

As tradições da Igreja têm ainda um papel como algo que se adequa ou suporta uma tradição familiar. Ainda hoje, as crianças aprendem sobre os espólios das tradições Cristãs na família, sem as quais os ecos cristãos extensamente se extinguiriam.

III. Modelos de trabalho catequético com as famílias ou com os pais

Não é mais importante queixarmo-nos sobre a situação religiosa das famílias do que desenhar um trabalho catequético que as famílias possam ver como uma ajuda nas suas vidas e na sua procura de sentido. Em consequência, os modelos catequéticos devem questionar-se sobre em que medida têm em conta a situação religiosa das famílias e procurar correlacionar-se com a vida familiar e a prática religiosa de cada um.

1. A preparação para a receção do batismo

Nalguns lugares, a catequese batismal é dada em grupos de pais, pelo que a preparação para o batismo da criança é mais do que simplesmente falar com o sacerdote para completar o registo batismal. Uma equipa de pais e de mães prepara o grupo, de quatro a seis casais, ao longo de cerca

¹⁷ Lutz, Bernd (2002): Katechese in der Gemeinde, in: Bitter, Gottfried u.a. (Hg.): Neues Handbuch religionspädagogischer Grundbegriffe, München, 305-310; 305.

de quatro encontros pré-batismais. Tematicamente a preparação diz respeito ao novo papel dos pais, o sentido do batismo e a sua preparação. Muitas vezes uma cerimónia de batismo conjunta tem lugar e as famílias são convidadas para os Dias das Famílias nos anos subsequentes.¹⁸ Embora este modelo se tenha desenvolvido há cerca de vinte anos, está implementado em apenas umas quantas comunidades. Tal significa a perda de uma oportunidade de os pais conversarem uns com os outros e de discutirem temas religiosos entre si durante os anos pré-escolares das crianças, e talvez até se perca a oportunidade de formar novas comunidades na fé. As diferentes gerações de pais poderiam enriquecer-se mutuamente.

2. A preparação da Primeira Comunhão com a participação especial das famílias

Desde os anos de 1970 que, especialmente as mães – raramente os pais – das crianças da Primeira Comunhão, se envolvem na catequese.¹⁹ Como catequistas, vão liderar os grupos de crianças que se prepararão para a Comunhão e as crianças recebem o testemunho da experiência de fé das mães. Além disso, os pais são convidados para Serões para pais. Tal organização varia entre as opções de educação de adultos até uma discussão exclusivamente centradas nas necessidades organizativas da Primeira Comunhão. Desde os anos de 1990, tornou-se notório que muitos pais já não pertencem à primeira geração mas à segunda e à terceira gerações. Além disso, as mudanças das condições de trabalho (alargamento do horário de abertura das lojas, emprego de ambos os pais, etc.) restringe as possibilidades de voluntariado. Em resultado, o número de catequistas vai decrescendo e muitos pais sentem-se menos acolhidos.

Em ordem a contrariar o afastamento dos pais, já nos anos setenta se tinham desenvolvido modelos que colocavam parte da catequese nas mãos

¹⁸ Ver Hofrichter, Claudia (2003): *Wir möchten, dass unser Kind getauft wird. Eine Handreichung für Taufgespräche in Elterngruppen*, München; Hofrichter, Claudia / Ball, Matthias (2009): *Wir möchten, dass unser Kind getauft wird. Die Taufe verstehen und feiern*. Elternheft, München.

¹⁹ Sobre os efeitos da catequese para a Primeira Comunhão com pais e filhos, ver o grupo de investigação "Religion und Gesellschaft" (2015): *Werte – Religion – Glaubenskommunikation*, Wiesbaden.
Ver Schwab, Ulrich (1995): *Familienreligiosität. Religiöse Traditionen im Prozess der Generationen*, Stuttgart u.a.; Morgenthaler, Christoph / Hauri, Roland (2010): *Rituale im Familienleben. Inhalte, Formen und Funktionen im Verhältnis der Generationen*, Weinheim.

dos pais.²⁰ E desde os anos noventa que o modelo de preparação para a Primeira Comunhão de Elsbeth Bihler se espalhou.²¹ A sua ideia principal é a orientação para o Ano Litúrgico e a liturgia. Os pais devem apoiar a preparação das crianças rezando com elas, conversando sobre textos bíblicos e o calendário do Ano Litúrgico, assim como da celebração das festividades pessoais na família. O retrato base da família para este modelo é o tradicional. É interessante que no Livro da História Familiar, a avó lidera as conversas sobre a fé com a criança.²² Obviamente, este modelo apela a pais que pertencem à 1ª geração; para pais da 2ª geração será difícil e pais pertencentes à 3ª e à 4ª geração não conseguem ir ao encontro das suas expectativas.

Por mais de vinte anos, o modelo de «catequese familiar» de Albert Biesinger foi-se propagando na Alemanha.²³ A ideia básica é o modelo de «*catequesis familiar*» criado no Chile.²⁴ O seu ponto focal é a conversação sobre a vida do dia a dia e sobre a fé, na família. As fases da vida familiar devem ser tidas em consideração assim como ocasiões tais como a Primeira Comunhão.²⁵ A meta é «promover a comunicação da fé na família e as competências dos pais para a educação religiosa». Para além das conversas em família, também têm lugar encontros em grupos de crianças e encontros em grupos de pais, e que também fornecem apoio às conversas em família. No entanto, há algumas dúvidas sobre esses intercâmbios argumentativos, que versam desde as discussões familiares ao tema da Eucaristia, quando são planeados para famílias onde essa cultura de conversação é incomum. Quando pais da 2ª à 4ª geração se unem e a família nunca conversou sobre questões de fé, há o risco de estas conversas se tornarem artificiais. Os pais da 3ª e da 4ª geração sentir-se-ão desamparadamente mergulhados em conteúdos, salvo que eles próprios se integrem na catequese, a partir de um intenso envolvimento em temas religiosos.

²⁰ Ver Stüsser, Helmut (1982): Hinführung zur Eucharistie durch die eigenen Eltern, in: Lebendige Seelsorge 33, 160-163.

²¹ Ver Bihler, Elsbeth (2006): Kommt und seht. Familienbuch zur Erstkommunion, Limburg-Kevelaer; dies. (2008): Kommt und seht. Weg-Gottesdienste zur Erstkommunion, Limburg-Kevelaer.

²² Ver Arzt, Silvia (2008): Großeltern als TradentInnen von Religion und/oder Kirchlichkeit?, in: Ritzer, Georg (Hg.): Mit euch bin ich Mensch - Festschrift anlässlich des 60. Geburtstages von Friedrich Schleinzer, Innsbruck/Wien, 265-282.

²³ Ver Biesinger, Albert / Schramm, Melanie (2004): Gott mit neuen Augen sehen. Wege zur Erstkommunion. Neuausgabe, München.

²⁴ Sumariando, cf. Jakobs, Monika: Neue Wege der Katechese, München 2010, 74-78.

²⁵ Hauf, Jörn (2011): Familienbiographische Katechese, in: Kaupp, Angela u.a. (Hg.) (2011): Handbuch der Katechese. Für Studium und Praxis. Freiburg u.a., 464-474; 473.

3. Catequese Intergeracional / Catequese Geracional ou Gerações de Fé (GdF)

Os modelos de catequese intergeracional desenvolveram-se originalmente nos Estados Unidos da América e têm sido usados na década passada, entre outros, por Bernd Lutz e Christian Hennecke, bem conhecidos na Alemanha. Até agora tem sido mais amplamente testado no norte da Alemanha (Arquidiocese de Hamburg, Diocese de Osnabrück) e na Arquidiocese de Cologne, mais a sul. Na Suíça (Zurich) o modelo é chamado de «Catequese Geracional»²⁶.

O ideal da Catequese Intergeracional é que haja catequese oferecida por uma paróquia que verse sobre diferentes tópicos dirigidos a pessoas de todas as idades: «em conjunto [...] encontrar-se como povo de Deus e crescer juntos no seu caminho».²⁷ Não se dá por garantido que as pessoas devessem integrar-se sempre em comunidades já existentes, mas sim que um espaço de comunhão seja criado através da coexistência. Sob este ponto de vista, o modelo difere dos já descritos, pois nestes a meta seria a integração em estruturas pré-existentes.

As GdF entendem a catequese como um processo de aprendizagem e de crescimento na fé, ao longo da vida. Conseguem contrariar a escolarização da vida das crianças e, ao mesmo tempo, é uma «falsa familiarização da catequese».²⁸ Porque uma exclusiva orientação familiar passa ao lado de «pessoas singulares que não encontram na sua família ou no seu ambiente familiar pessoas com a mesma mentalidade». E também para as crianças cujos pais pertencem à 2ª geração. Hoje, se nos concentramos no núcleo familiar, torna-se difícil para as crianças encontrar-se com os seus pares fora do âmbito da escola ou conhecer adultos que sejam testemunhas de fé.

²⁶ Ver Departamento de Educação Religiosa da Igreja Católica no Cantão de Zurich: Intergenerationale Katechese. Abrufbar unter:

<http://www.religionspaedagogikzh.ch/index.php?na=7,6,0,0,d> (Zugriff: 29.03.2017).

²⁷ Hennecke, Christian (2015): Notwendiger Aufbruch. Auf der Suche nach neuen Wegen der Katechese, in: ders. / Dörsam, Anke (Hg.) (2015): Generationen des Glaubens. Kontexte, Modelle und Erfahrungen generationenübergreifender Katechese, München, 10-19; 17.

²⁸ Lutz, Bernd (2015): Intergenerationell durch GoF – statt fragmentiert wie sonst. Praktisch-theologische Reflexionen zum US-amerikanischen Ansatz „Generations of Faith“ (GoF), in: Hennecke, Christian / Dörsam, Anke (Hg.) (2015): Generationen des Glaubens. Kontexte, Modelle und Erfahrungen generationenübergreifender Katechese, München, 20-27; 25.

Numa sociedade em processo de envelhecimento, o encontro entre os mais velhos e os mais novos pode provocar crenças criativas. Embora este modelo não seja apelativo para todos, deve ser assumido por diferentes grupos de idades, por pessoas com diversos graus de proximidade com a fé e a Igreja, e que fazem um caminho juntos, ou então que estão a abrir caminho através de estruturas relevantes, tornando novas formas de comunicação possíveis.

As duas abordagens que se seguem têm sido testadas em diversos modelos catequéticos e são ambas compatíveis com as abordagens da catequese intergeracional.

4. Dia da Família

Especialmente nos estados federais ocidentais os «Dias da Família» têm tradição. A sua preocupação é a de «ajudar os Cristãos de várias idades a ser bem-sucedidos num contexto pós-moderno de diáspora».²⁹ Os «Dias da Família» tratam fundamentalmente de temas de vida Cristã ou de fé. O tratamento do tema tem uma duração aproximada de três horas (depois de uma introdução comum, a troca de ideias tem lugar em grupos por idades). No final, o trabalho é concentrado num plenário. É possível que uma celebração/oração seja adicionada, assim como uma refeição. Modelos semelhantes estão atualmente a ser usados na Catequese Intergeracional, mas nesse caso envolve mais pessoas interessadas, para além dos núcleos de membros das famílias. Neste caso, pessoas com mais idade também são visadas, uma vez que pertencem à mesma geração dos avós. Deve-se enfatizar que os Dias Intergeracionais dão grande relevância à oportunidade de partilhar as refeições e à hospitalidade da atmosfera: a comunidade não deve apenas falar sobre a fé, mas deve praticá-la.

5. Catequese sensível ao género

Finalmente, gostaria de terminar a nossa reflexão com a catequese que é sensível ao género, e que considera que não só a vida das mulheres e dos

²⁹ Ver Scheidler, Monika (2011): Kinderbibelwochen und katechetische Familientage, in: Kaupp, Angela u.a. (Hg.) (2011): Handbuch der Katechese. Für Studium und Praxis. Freiburg u.a., 476-488; 484.

homens é diferente, mas que as crenças diferem de sexo para sexo.³⁰ Em muitas famílias, a responsabilidade das questões religiosas é atribuída às mulheres. Do mesmo modo, na Alemanha, a atividade do ministério de catequista está, na maioria das vezes, entregue a mulheres. Mesmo nos serões para pais, a maioria das pessoas presentes são mulheres. Como uma minoria, muitos homens sentem-se desconfortáveis e afastam-se ainda mais do campo da «religião». Quando se organizam serões para pais, na preparação da Primeira Comunhão, os homens sentem-se mais à vontade para falar da sua fé, especialmente se a liderança é também de um homem. Outros temas são discutidos nesses encontros, uma vez que o dia a dia das vidas de muitos homens – ao menos durante as etapas da sua infância – difere do das mulheres.

Os Dias «Pais e Crianças», ou o Dia do «Pai e Filho», na preparação da Primeira Comunhão, versando sobre o catecismo, oferece a oportunidade de um contributo que é devido ao facto de crianças e adolescentes poderem testemunhar não só a fé das suas mães mas também a dos seus pais, como pessoas para quem a fé também tem um papel importante nas suas vidas.

IV. Uma perspetiva global: A vida no contexto da catequese – social e espacialmente posicionada

Desde o início dos anos 90, o conceito de «orientação socioespacial» foi-se desenvolvendo no trabalho social e no trabalho com jovens.³¹ Esta abordagem extrateológica pode ajudar-nos a compreender, ainda com maior precisão, quais as condições que a catequese com as famílias requer e como se torna uma tarefa comum. A orientação Socioespacial entende o Espaço como Espaço de relações. A comunidade – distrital – em que uma pessoa se sente em casa surge das inter-relações.

³⁰ Ver Kaupp, Angela / Kaupp-Herdick, Markus (2012): Katechetische Lernprozesse geschlechtersensibel durchbuchstabieren. Ein Beitrag zur religiösen Identitätsfindung, in: Lebendiges Zeugnis 67 (3), 188-198.

³¹ Para o conceito e sua discussão cf. Früchtel, Frank / Cyprian, Gudrun / Budde, Wolfgang: Sozialer Raum und Soziale Arbeit. Textbook: Theoretische Grundlagen, Wiesbaden 2013; Fürst, Roland / Hinte, Wolfgang: Sozialraumorientierung. Ein Studienbuch zu fachlichen, institutionellen und finanziellen Aspekten, Wien 2014; Noack, Michael: Kompendium Sozialraumorientierung. Geschichte, theoretische Grundlagen, Methoden und kritische Positionen, Weinheim/Basel 2015.



Esboço: Noack, Michael: Kompendium Sozialraumorientierung. Geschichte, theoretische Grundlagen, Methoden und kritische Positionen, Weinheim/Basel 2015, 115.³²

Esta conceção procura desenhar os ambientes em conjunto, com aqueles a quem se dirige e toma seriamente em conta o envolvimento individual num dado contexto. A Orientação socioespacial segue os seguintes princípios:

- O ponto de partida é a vontade e os interesses das pessoas
- Ativar o trabalho tem precedência sobre supervisionar o trabalho
- Os recursos pessoais e socioespaciais têm um papel essencial
- As atividades são criadas através de um grupo alvo e suas subdivisões
- O networking e a integração através de campos individuais é essencial.³³

³² Compêndio de Orientação do Espaço Social. História, Fundamentos teóricos, Métodos e posições críticas, Weinheim / Basel 2015, 115.

³³ Ver Hinte, Wolfgang: Sozialraumorientierung – Konzepte, Debatten, Forschungsbefunde, in: Fürst, Roland / Hinte, Wolfgang: Sozialraumorientierung. Ein Studienbuch zu fachlichen, institutionellen und finanziellen Aspekten, Wien 2014, 9-29; 15.

O paralelismo com a catequese intergeracional pode ser claramente visto. A catequese socioespacial terá primeiro em conta uma análise daquele espaço. A aprendizagem crente e o reconhecimento da fé podem ser então entendidos como processos que se caracterizam pelas relações espaciais.³⁴ Em consequência, a fé não pode ser aprendida sem um contexto. O espaço social, por assim dizer, tem uma «função catequética». A catequese planeada deste modo procura cooperar com outros aliados neste espaço social.

Em consequência, os recursos colaborantes podem ser usados para melhorar o espaço social e as vidas daqueles que estão a aprender a fazer o caminho de fé. No sentido da orientação para o espaço social, o interesse e a atividade dos sujeitos são encaminhados para que estes decidam que ações são importantes para eles e como eles podem realizar as suas crenças na vida quotidiana.

Tal abordagem, pelo outro lado, edifica uma significação teológica para a aprendizagem biográfica. A orientação socioespacial protege de um estreitamento individualista que descreve a fé em termos puramente internos. Promove e exige a ação conjunta de educadores e educandos. A sua meta pode ser descrita com as palavras do Sínodo: «ajudar o homem a ser bem-sucedido na vida respondendo à promessa e ao pedido de Deus».³⁵ Vale a pena pensar sobre o trabalho catequético com as famílias a partir daqui.

³⁴ As «Teologias da Libertação» na América Latina enfatizam a importância de cada «espaço», assim como as abordagens teológicas oriundas de África e da Ásia.

³⁵ Synodenpapier „Katechetisches Wirken” – zit. n. Gemeinsame Synode der Bistümer in der Bundesrepublik Deutschland, Offizielle Gesamtausgabe II (Ergänzungsband), Freiburg/Basel/Wien 1977, 31-97; 41. Documento Sinodal «*O Trabalho catequético*» – cit. Sínodo Conjunto dos Bispos da República Federal da Alemanha, Edição Oficial Completa II, (Suplemento), Freiburg / Basel / Vienna 1977, 31-97; 41st.

A tarefa missionária da família na iniciação cristã dos filhos. Um modelo

LUCIANO MEDDI (*)

1. Compreender a crise da Iniciação Cristã (IC) com os filhos.

Em Itália, como em qualquer país de tradição cristã e de “cultura ocidental”, os processos iniciáticos e de socialização encontram-se modificados devido a alguns fenómenos sociais.¹ Já não se desenvolvem de forma intergeracional, mas ao nível do grupo de pares, em que a transmissão de valores marginaliza a família e muitas vezes não ocorre ou ocorre de diferentes maneiras. Esta transmissão é marcada pela nova condição antropológica de subjetividade, liberdade e aprendizagem por experimentação. Modalidades que relativizam o modelo tradicional, centrado na autoridade de quem transmite, e acentuam a seleção e a aquisição horizontal desses valores.²

Tudo isso desafia o modelo tradicional de socialização e iniciação religiosa que a Igreja tem vindo a experimentar. No entanto, “desafiar” não significa necessariamente impedir ou anular, mas sim inovar na continuidade. Neste caso, significa permanecer na abordagem iniciática que prolonga a oferta formativa, reinterpretando os sacramentos em perspetiva missionária mais do

(*) Sacerdote. Catequeta, Professor da Faculdade de Missiologia da Universidade Urbaniana, Roma. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

¹ M. DIANA, *Le nuove iniziazioni sociali*, in Aa.Vv., *Iniziazione cristiana per i nativi digitali. Orientamenti socio-pedagogici e catechistici*, Paoline, Milano 2012, 39-61. Cf. *Crisi delle strutture di iniziazione*, in «Concilium», 15 (1979) 2.

² L. MEDDI, *Apprendere nella Chiesa oggi: verso nuove scelte di qualità*, in ASSOCIAZIONE ITALIANA DEI CATECHETI (AICA) - P. ZUPPA (a cura di), *Apprendere nella comunità cristiana. Come dare “ecclesialità” alla catechesi oggi?*, Elledici, Torino 2012, 95-131.

que litúrgica. Por outro lado, João Paulo II ensinou-nos a seguir os caminhos do Homem para realizar a missão própria da Igreja.³

2. As perspectivas de iniciação em Itália

A minha experiência e reflexão⁴ refere-se, obviamente, a Itália. Deve enfatizar-se, desde já, que a situação italiana é plural. Nas Igrejas diocesanas do norte de Itália há uma certa diminuição na procura dos sacramentos para as crianças, enquanto no centro e no sul esta procura é apoiada ainda por um consenso social, tanto para a iniciação cristã como para outros sacramentos. Muitas vezes a procura da confirmação coloca-se numa idade precoce, com números que são certamente significativos o suficiente para se tornar uma clara necessidade pastoral. A situação de tripla iniciação prevista pelo RICA (1972) é, portanto, claramente confirmada.

Na Igreja italiana, a renovação da IC para as crianças e adolescentes está limitada por alguns equívocos.⁵ Em primeiro lugar, a confusão entre IC (*tarefa*) e modelo catecumenal (*método*). A tarefa de *iniciar*, de facto, não se identifica com o modelo catecumenal. Em segundo lugar, pela simplificação entre o catecumenato de adultos e crianças e adolescentes. Não é possível usar um modelo que pressupõe a livre decisão de um adulto com um modelo cuja finalidade é justamente *fazer nascer* a decisão para a vida segundo o Evangelho. Em terceiro lugar, da pouca atenção aos processos culturais e espirituais da pessoa que ainda é considerada como destinatária e não como sujeito guiado pelo Espírito Santo. Como consequência, criou-se um curto-circuito entre desejo iniciático e modelos pastorais e pedagógicos.⁶

³ *Redemptor Hominis*, 1979, 14; *Centesimus Annus*, 1991, cap. VI “O homem é o caminho da Igreja”.

⁴ *Generare credenti. La complessa realtà pastorale dell'iniziazione cristiana*, in «*Insieme Catechisti*», (1991) II-XIV; *Il rinnovamento dell'Iniziazione Cristiana dei ragazzi: i punti discussi*, in «*Orientamenti Pastoral*», 53 (2005) 5-6, 92-123; *Il Catecumenato Crismale. Risorsa per la pastorale degli adolescenti*, Elledici, Torino 2014; *Il cammino di fede. Riorganizzare la catechesi parrocchiale*, Elledici, Torino 2016. In particolare L. MEDDI-A. MARIA D'ANGELO, *I nostri ragazzi e la fede. L'iniziazione cristiana in prospettiva educativa*, Cittadella editrice, Assisi 2010.

⁵ L. MEDDI, *Impoverimento della catechesi missionaria in Italia? Una interpretazione*, in C. CACCIATO (a cura)-ASSOCIAZIONE ITALIANA DEI CATECHETI, *Catechetica in ascolto*, Elledici, Torino 2016, 54-85.

⁶ Neste equívoco, involuntário, caiu também a *segunda nota*, dedicada às crianças e adolescentes (CONSIGLIO EPISCOPALE PERMANENTE DELLA CEI, *L'iniziazione cristiana - 2*.

A limitação deste projeto foi confundir a organização externa do itinerário catecumenal com a sua natureza interior (cf.: RICA 1972; DGC 1997). De facto, é muito importante repensar a IC das crianças numa perspetiva catecumenal. Mas a sua simplificação ofuscou a questão educativa e utilizou “adultamente” o modelo catecumenal, sem o repensar em contexto da idade pré-juvenil. Como consequência, o itinerário catequético foi obrigado a deixar de lado a sua reflexão pedagógica específica. Em última análise, confunde-se finalidade iniciática e modelos pedagógicos, entre os quais o catecumenal. Em boa verdade, as atuais propostas quase sempre “melhoram” o modelo anterior, mas não conseguem entrar em interação com a cultura das novas gerações.

3. Iniciação como processo de inculturação

Ao repensar a IC das crianças e adolescentes⁷ no nosso contexto, devemos perseguir três finalidades. A primeira é a de garantir a transmissão da fé (melhor dizendo, *a socialização cristã*); mas este não é o único propósito e nem o mais urgente. Outra finalidade é reconstruir o tecido das comunidades, favorecer a pertença ao povo de Deus e à sua missão, desenvolver o ministério dos jovens e adultos.

A minha proposta surge, particularmente, do desejo de superar (terceira finalidade) a dissociação entre fé e vida (EN 19 e 20) na qual a maioria dos batizados permanece; situação causada pela tradicional proposta infantil e pela escolha de não favorecer uma catequese centrada na liberdade de decisão.⁸

Orientamenti per l'iniziazione cristiana dei fanciulli e dei ragazzi dal 7 ai 14 anni) e a sequente *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi* (SERVIZIO NAZIONALE PER IL CATECUMENATO, *Guida per l'itinerario catecumenale dei ragazzi*, Elledici, Torino 2001). Para a verificação dos itinerários propostos ver: C. CACCIATO INSILLA, *L'iniziazione cristiana in Italia dal Concilio Vaticano II ad oggi*, Las, Roma 2009; C. SCIUTO, *Il punto sul rinnovamento dell'iniziazione cristiana*, in *La Vita in Cristo e nella Chiesa*, 1 (2010) 45-48.

⁷ Prefiro essa definição que permite indicar a continuidade, mas também a diferença do modelo catecumenal introduzido pela RICA (1972) e adotado pelo DGC (1997) nn. I, 2 nn. 61-76.

⁸ L. MEDDI, *Il compito della catechesi nella nuova evangelizzazione. Superare la dissociazione fede e vita*, in «Catechesi», 82 (2012-2013) 2, 12-18.

Seria benéfico repensar o processo iniciático à luz da perspectiva social e teológica da *inculturação*⁹. Com o termo “iniciação”¹⁰ entende-se uma atividade importante da vida da Igreja, a de servir a missão do Espírito que *faz nascer e crescer os novos crentes*. Este “acontecimento” tem uma dupla natureza. *Divina* (porque ninguém pode desejar renascer do alto *sozinho*) e *Humana* (porque a vida nova é também o fruto da *estrutura decisória* da pessoa). Consequentemente, a IC realiza-se através da interação de *três atividades precisas*.

A *primeira* é o testemunho da proposta cristã. A *segunda* é a de ajudar à resposta da fé e a formação de novos crentes. De facto, ser cristão implica uma transformação do próprio projeto de vida, assumindo o de Jesus e tornando-se seus discípulos. A *terceira* é “garantir”, ou melhor, tornar presente e interiorizar o dom do Espírito através da mediação dos sacramentos da IC.¹¹

A tradução desta perspectiva teológico-pastoral implica a necessidade de repensar a IC das crianças e adolescentes dentro de todo o processo formativo das novas gerações. A *iniciação acontece* dentro de um processo formativo, isto é, de transformação ou crescimento da pessoa na fé, constituído de *4 etapas*: socialização, evangelização, interiorização, integração.¹²

Com a *socialização* uma geração transmite à outra a riqueza da sua experiência, a cultura e os bens necessários à vida. Mas a pessoa também precisa de *evangelização* ou de receber a *proposta direta* do Evangelho, para reler sua própria existência e o projeto de vida à luz da fé de *Jesus*. *Interiorização* significa passar de um anúncio escutado para um anúncio que se torna consciência e orientação da pessoa e, portanto, critério de juízo e decisão. O fruto da interiorização é a *conversão*. Finalmente, a

⁹ A expressão é agora decididamente ambígua porque vem significar uma maneira de evangelizar e não a interação profunda entre Igreja e cultura na perspectiva de uma verdadeira ação salvífica; cf. L. MEDDI, *La inculturazione della fede nella nuova “catechesi missionaria”*. *Le ambiguità del Direttorio Generale per la Catechesi (1997)*, in S. MAZZOLINI, *Vangeli e culture. Per nuovi incontri*, Urbaniana University Press, Città del Vaticano 2017, 147-167.

¹⁰ L. MEDDI, *Iniziazione cristiana*, in G. CALABRESE - PH. GOYRET - O.F. PIAZZA, *Dizionario di ecclesiologia*, Città Nuova, Roma 2010, pp. 740-747.

¹¹ Na perspectiva do catecumenato dos adultos, a terceira atividade torna-se a primeira.

¹² L. MEDDI, L. MEDDI, *Proporre la fede: inculturare per socializzare e iniziare*, in L. MEDDI - A.M. D'ANGELO, *I nostri ragazzi e la fede. L'iniziazione cristiana in prospettiva educativa*, 111-130.

integração sublinha que a iniciação se realiza quando a mensagem reconstitui a unidade da pessoa como discípula.

Numa breve análise pode constatar-se que à comunidade cristã não falta a dimensão *socializante*! Mas muitas vezes os projetos da IC das crianças não preveem ou não se repensam nos momentos remanescentes *da inculturação* da fé. Na verdade, a proposta oferecida pela Igreja, em Itália, entre 1995 e 2014, prevê a *reorganização dos sacramentos*, com a consequência de que a IC das crianças e dos adolescentes termina antes que eles possam decidir algo de importante das suas vidas. Na minha opinião, é a própria comunidade eclesial que se auto exclui da vida das crianças e dos adolescentes.¹³

4. Uma proposta de itinerário em consonância com a *receptio*

Tendo em conta as análises e as reflexões¹⁴ realizadas até agora, é possível fornecer uma descrição sintética de reformulação de um itinerário abrangente de IC com os adolescentes. Aceitamos por base a *opção de fundo* já expressa: *repensar em perspectiva educativa* indicações do modelo catecumenal.¹⁵

Uma proposta da IC, de crianças e adolescentes, numa chave educativa e autenticamente *iniciática* pode ser desenvolvida em 4 passos ou etapas pastorais:

1. Primeira etapa: *reevangélizar a família*: “Da proposta e pedido do batismo à organização de um catecumenato familiar, à celebração do batismo”.

¹³ Por essa razão, devemos optar por uma metodologia de inculturação que, usando diversas práticas missionárias e formativas conhecidas, organiza a comunicação e a experiência da fé, e poderia chamar-se de “metodologia hermenêutica”. Realiza-se em *quatro etapas*: narrar a vida; compreender-se a si mesmo; confrontar-se com a narrativa evangélica; converter, curar, redesenhar e integrar a experiência pessoal. Usando a linguagem da tradição eclesial, trata-se de organizar o catecumenato dos jovens como pedagogia da “*receptio*”. Cf. TH GROOME, *Christian religious education. Sharing our story and vision*, HarperColins Publishers Ltd., New York 1980.

¹⁴ Reflexões resumidas em L. MEDDI, *Educare la risposta della fede. La receptio fidei compito della catechesi di “Nuova Evangelizzazione”*, in «Urbaniana University Journal», 56 (2013), 3, 117-161.

¹⁵ Estas reflexões e propostas são inevitavelmente inspiradas pela minha *contribuição para o futuro itinerário* em L. MEDDI – AM D’ANGELO, *I nostri ragazzi e la fede. L’iniziazione cristiana in prospettiva educativa*, 131-156. Ver nota n.º 5.

Nesta etapa, a família, a sociedade e a Igreja estão empenhadas em realizar a “transmissão do alfabeto de vida. “É uma tarefa que a pedagogia chama de “primeira socialização” e que também inclui uma *primeira socialização religiosa*. Neste contexto, a família tem uma tarefa prioritária que pode ser alcançada através de um catecumenato familiar.¹⁶

2. Segunda etapa: *socializar a vida da comunidade*: «Da celebração do batismo à introdução na comunidade e primeira celebração da Eucaristia». O ponto de partida para a compreensão desta segunda etapa é reafirmar a importância que tem para todo o futuro da vida cristã. A proposta formativa que é oferecida deve fazer nascer o desejo de *permanecer na comunidade*. A qualidade da inserção na vida da comunidade deve ser a *finalidade* que norteia toda a organização dos itinerários. Esta é, de facto, a idade da (segunda) socialização e da construção das primeiras redes de relações eclesiais. Podemos falar de *socialização cristã* através de um verdadeiro catecumenato paroquial (eclesial).¹⁷

3. Terceira etapa: *evangelizar a vida cristã*: “Da inserção na vida da comunidade até ao conhecimento do projeto de Deus”. Esta terceira etapa encontra os catequizandos na idade da passagem à pré-adolescência (11-14 anos) e dá início ao verdadeiro e próprio *catecumenato crismal* apresentado na quarta etapa. O propósito deste momento é realizar o *primeiro e verdadeiro momento de evangelização* entendido como “compreensão da situação da vida na perspetiva do Evangelho”. É um anúncio proposto através da categoria teológica *projeto de Deus*. É uma escolha motivada a partir da tarefa vital desta etapa: passar da infância à juventude e à idade adulta.¹⁸

4. Quarta etapa: *iniciar-se à vida cristã*: “Da pertença à comunidade, à interiorização e opção pelo Evangelho”. É este o tempo que consideramos ser propriamente *iniciático*, na medida em que os jovens são conduzidos a tomar consciência das diferentes possibilidades de vida e podem *decidir* seguir a proposta Evangélica. Por isso consideramos ainda *muito útil* ligar este momento à celebração do sacramento do crisma. Esta etapa formativa pode assumir o carácter verdadeiro e próprio do catecumenato crismal a partir e tendo em vista a celebração da *confirmação*.¹⁹

¹⁶ L. MEDDI , *Il cammino di fede. Riorganizzare la catechesi parrocchiale*, 61-73.

¹⁷ L. MEDDI , *Il cammino di fede. Riorganizzare la catechesi parrocchiale*, 74-90.

¹⁸ L. MEDDI , *Il cammino di fede. Riorganizzare la catechesi parrocchiale*, 91-103.

¹⁹ L. MEDDI , *Il cammino di fede. Riorganizzare la catechesi parrocchiale*, 104-119.

Sem um autêntico catecumenado crismal, será difícil *desenvolver uma pastoral vocacional* compreendida em todos os seus significados: a vocação para o ministério ordenado, para a vida religiosa, mas também, e sobretudo, para outros ministérios pastorais.

Na nossa situação pastoral, o tempo da adolescência parece ser o verdadeiro momento iniciático e vocacional.²⁰ Tempo no qual os adolescentes que foram levados a tomar consciência das diversas possibilidades da vida (cf. *Evangelizzare. Proporre il Vangelo ai ragazzi*) podem tomar a *decisão de seguir a proposta evangélica, de desenvolver a personalidade cristã capaz de viver a missão eclesial de interiorizar e integrar na personalidade a experiência cristã já anteriormente experimentada.*

5. A tarefa e a competência da família

A maior parte das instituições da comunidade cristã são derivadas da chamada cristandade, na qual a evangelização parecia não ter necessidade de existir. No nosso contexto pós-cristão, há uma necessária redistribuição das tarefas missionárias. À escola é confiada a tarefa da socialização religiosa realizada num estilo de pesquisa cultural. À comunidade a tarefa de iniciação e formação mistagógica. À família, a socialização *religiosa* primária. A educação cristã assemelha-se à aquisição da língua materna e aos instrumentos fundamentais para se orientar na vida. Esta língua será a base das escolhas futuras em ordem ao projeto de vida e, portanto, da fé.

A família é sujeito missionário?

No desempenho da sua tarefa, a família sofre pelo menos de três problemas: a afasia espiritual, a incompetência fruto da formação recebida, a ausência de um papel eclesial definido. De um modo particular, a tarefa ou a responsabilidade da vocação ministerial da família parece sofrer de uma contínua incerteza teológico-pastoral expressa na pergunta: de que forma a família é um sujeito pastoral?²¹

²⁰ Será útil ter em mente os propósitos expressos na *Constituição Apostólica sobre o sacramento da confirmação* de Paulo VI (1971). Cf. também L. MEDDI, *Il Catecumenato Crismale. Risorsa per la pastorale degli adolescenti*, Elledici, Torino 2014; cf. também A. CENCINI, *Confermati o congedati? La cresima come sacramento vocazionale*, Paoline, Milano 2014.

²¹ No que se refere à Itália, importa notar que o episcopado foi sempre muito cauteloso em não dar à família um papel que vá além do mero testemunho e da formação moral.

Na realidade, a sua tarefa diz respeito à dimensão religiosa da pessoa e dos grupos sociais. A dimensão *iniciática* no sentido profundo do termo não parece ser a sua tarefa, nem é – pelo que foi dito – a dimensão evangelizadora. A dimensão religiosa é a tarefa que todas as religiões confiam à família: a tarefa da socialização cultural²². Também nesse sentido é um grande equívoco continuar a limitar a IC das crianças apenas à idade da infância (0-11 anos).

Nesta perspetiva, parece-me que a tarefa e o contributo da família podem ser melhor delineados em referência à missão eclesial. A base de seu serviço é o papel educativo dos pais e não a teologia do matrimónio cristão.²³ Quer os pais o queiram ou não, este papel envolve sempre a dimensão religiosa, mesmo no caso de uma não adesão plena à vida eclesial.²⁴ A qualidade das imagens de Deus e da vida interior nos primeiros anos de vida não é indiferente para o desenvolvimento da pessoa humana. A pastoral eclesial não deve tanto convidar os pais (enquanto pais!) a assumir um papel de evangelizadores que, de facto, não escolheram, mas consciencializá-los e capacitá-los na sua inevitável função de educar na simbólica religiosa.

A finalidade da atual redefinição do papel da família não pode ser o de deslocar-se da incapacidade das comunidades paroquiais ou diocesanas, mas colaborar na superação do mundo mágico-sacral típico da religiosidade infantil.

A tarefa: a dimensão religiosa e a leitura cristã da vida

Para a compreensão desta tarefa refiro-me principalmente às propostas de A. Godin e J. Folwer.²⁵ Eles baseiam-se, entre outras coisas, na evolução da tarefa da religião no desenvolvimento da pessoa, conforme elaborada por

²² L. MEDDI, *Religioni e pratiche formative. Analisi e prospettive*, in «Redemptoris Missio» 20 (2004) 2, 3-28.

²³ Cf. *Gravissimum educationis* n. 3: *I genitori, primi educatori*.

²⁴ Nesta perspetiva, considerem-se as reflexões de M. Montessori, S. Cavalletti, A. Godin; e ainda o trabalho de M. Fargues e o próprio *Lasciate che i bambini vengano a me*, Catecismo para as crianças da Conferência Episcopal Italiana (Roma 1973 e1992).

²⁵ A. GODIN, *Le mete della catechesi nelle varie tappe dello sviluppo*, in *Le mete della catechesi. Atti del 2° convegno "Amici di catechesi"*, Elledici, Torino 1961, 105-134; J. FOWLER., *Stages of Faith. The Psychology of Human Development and the Quest for Meaning*, Herper Collins, New York 1981.

muitos autores pós-freudianos.²⁶ Esses autores partilham pelo menos três dimensões que considero importantes.

Em primeiro lugar, que a tarefa da família é favorecer o *despertar religioso* de modo que não permaneça nas características do animismo, da magia e da interiorização das figuras parentais; causa principal do infantilismo religioso. Em segundo lugar que o serviço para a formação de um correto *juízo religioso* apresenta-se como um caminho individual, mas também social, que tem as suas etapas. De modo particular, as etapas de aquisição da linguagem religiosa formal, da crise da mesma linguagem, da sua reelaboração cultural. A verdadeira formação religiosa configura-se como uma purificação da linguagem e não como a única socialização da cultura religiosa da geração precedente. Isto levanta, obviamente, questões teológicas sobre a Tradição-tradições. Por fim, concordam em afirmar que a aprendizagem da linguagem religiosa está intimamente ligada à sua significação, ou seja, à capacidade que a religião tem de dialogar com as tarefas evolutivas da pessoa numa cultura específica.

Em suma: desenvolver a tarefa da educação religiosa não se pode limitar apenas à questão da transmissão de uma tradição religiosa, porque a socialização religiosa é parte do problema e não a solução da crise do papel religioso contemporâneo. Esta tarefa dos pais também deve incluir a questão hermenêutica da linguagem religiosa, como superação da perspectiva mítica, em ordem a uma perspectiva pessoal e de projeto.

As Competências

A tarefa a confiar à família implica da parte das comunidades cristãs uma responsabilidade formativa. Os adultos-pais encontram-se em dificuldades pelo facto de viverem eles próprios formas de vida religiosa e cristã inautênticas. Também por esta razão, a figura missionária que a Igreja lhes pode confiar não pode ser mero testemunho, mas deve configurar-se como uma tarefa educativa *através de* uma qualificação para compreender, antes de tudo, o significado da dimensão religiosa presente na própria existência.

²⁶ G. Jung, A. Vergote, A. H. Maslow, GW Allport, E. Fromm, R. Assagioli, EH Eriksson, J. Piaget, cf. E. FIZZOTTI-M. SALUSTRI, *Psicologia della religione con antologia dei testi fondamentali*, Città Nuova, Roma 2001.

Portanto, é correto propor aos adultos-pais percursos de reevangelização, mas tendo bem claro que não se trata de recordar as emoções da infância ou de propor novas formas de pertença eclesial, mas de um verdadeiro percurso de repensar a linguagem religiosa. As igrejas querem isso?

A tarefa missionária dos adultos-pais reclama uma competência:

- Globalmente, trata-se de ajudar o adulto a reler a sua própria experiência religiosa na figura de uma verdadeira desmitificação da linguagem recebida, da consciência da presença de Deus na vida, do verdadeiro despertar religioso e da adesão ao Evangelho de Jesus.
- Perante as novas gerações trata-se de habilitá-los para a alfabetização religiosa *bíblica e cristã*. No centro desta tarefa está a introdução à *primeira narração* da experiência religiosa e, de um modo particular, a de Jesus e não a doutrina; portanto, não evidenciar a questão da verdade, mas a questão dos significados e orientações de vida.
- As narrações dizem respeito, principalmente, às linguagens simbólicas da fé: escritura e liturgia. Estas são simbólicas porque transmitem (*tradere*) significados, mas também exigem novas interpretações (*reddere*), ou seja, novos recontos e símbolos. São realidades *criativas*. É por isso que a narração comporta, por parte do adulto, a competência interpretativa e existencial de modo que a narração se torne um reconto pessoal e familiar.

Finalmente

Como se pode ver, a minha proposta (e reflexão) reconhece a validade dos projetos e documentos catequéticos que afirmam com insistência a tarefa missionária da família. Não se trata de indicar essa tarefa na perspectiva da socialização como trabalho que fará sucessivamente a catequese oficial da paróquia. Seria uma nova temporada de formalismo religioso. A minha proposta persegue o objetivo de tornar os adultos competentes na responsabilidade de transmissão da fé num contexto de expressão da liberdade da religião-fé.

A família entre a educação cristã e a proposta de fé.

Reflexão sobre os modelos catequéticos em curso

ANDRZEJ KISINSKI (*)

Não é suficiente inserir uma preocupação genérica pela família nos grandes projetos pastorais, para que as famílias se sintam sujeitos ativos da pastoral familiar, mas requer-se “um esforço evangelizador e catequético dirigido ao âmago da família”. (AL 200)

Ao longo dos séculos, a Igreja desenvolveu alguns modelos de anúncio da fé que se tornaram objeto de estudo a fim de identificar o melhor modo de comunicar os mistérios da fé. Todavia, como demonstra a pesquisa teórico-prática, não existe um caminho melhor, mas sim o mais congruente em relação à situação da fé da Igreja. De facto, no campo catequético, vem-se notando que o modelo pode ser descoberto, construído, criado e apresentado se estiver bem inserido num modelo pastoral de Igreja.

A palavra *modelo* deriva da palavra *modulus*, isto é, medida ou modelo ou protótipo, pelo qual a opção pastoral se torna a representação gráfica ou descritiva do todo ou da parte da realidade salvífica da Igreja, para facilitar a análise das atividades presentes e futuras do planeamento pastoral. Na verdade, o modelo é ele próprio uma proposta ou um ideal que brota da análise da realidade eclesial, a fim de encontrar um caminho de ação para

(*) Sacerdote. Vice-reitor da Universidade Católica João Paulo II de Lublin e chefe do Departamento de Pedagogia Catequética. Membro da Equipa Europeia de Catequese.

a evangelização e para o aprofundamento da fé. Na teologia pastoral o conceito de modelo é usado amplamente e de forma eficaz. Existem numerosos modelos de pastoral: modelos de tipo teórico (por exemplo, os da teologia pastoral, da catequese, da diocese ou paróquia); modelos de tipo prático (por exemplo, os da pastoral geral, dos jovens, da catequética); modelos “do alto” (os indicados pelo Magistério da Igreja, construídos a partir da base, plasmados das comunidades singulares ou de grupos ou movimentos eclesiais).

Fala-se também de modelos relacionados com a atividade pastoral individual (por exemplo, do padre, do pároco, do vigário, do capelão escolar, hospitalar, prisional e militar) e da comunidade eclesial (por exemplo, da paróquia urbana ou da paróquia rural, da comunidade religiosa, dos missionários e dos grupos de padres empenhados em várias paróquias).

Na construção de um modelo de pastoral da Igreja, a teologia pastoral sugere sempre o assumir como critério a centralidade da pessoa humana em situação, como princípio fundante da construção de um modelo. De facto, essa é uma representação simplificada do fenómeno humano em que a Igreja apresenta a salvação de Cristo, referindo-a às diferentes situações da vida. Pode dizer-se que o cuidado pastoral das famílias e das suas atividades se torna um modelo porque, compreendendo as suas características peculiares, apreende-se a essência da educação cristã.

O uso do conceito de modelo tem muitas vantagens. De facto, permite estudar a educação cristã nas suas várias dimensões, mas, ao mesmo tempo, deve também aceitar algumas simplificações e generalizações, já que seria impossível incluir nela toda a riqueza da realidade.

1. A família e a catequese no modelo tradicional da Paróquia

Este modelo de catequese realiza-se essencialmente de três formas: catequese para a preparação dos sacramentos, catequese ligada ao processo de evangelização e catequese em sintonia com as atividades da vida familiar.

A ocasião principal para a catequese dos pais acontece com o pedido para o batismo da criança. Naturalmente, afirma-se sempre que o batismo das

crianças é celebrado na fé da Igreja, de que são garantia os pais e os padrinhos. De facto, estes comprometem-se a dar testemunho de Jesus Cristo por meio da educação na fé da criança batizada. Infelizmente, mesmo na Polónia, não é garantido que os pais peçam o batismo por motivos de fé; explica-se, assim, que na comunidade eclesial as catequese dirigidas a pais e padrinhos partem de aspetos fundamentais de evangelização, ou seja, do *kerygma* (cf.: *EG*, 164). Na verdade, as catequese pré-batismais ajudam os pais a aprofundar a sua fé e a terem consciência de que o batismo é celebrado na fé da Igreja, professada publicamente. Por esta razão, se insiste em conteúdos como a memória do próprio batismo, a renúncia a satanás, a profissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e a pertença à Igreja una, santa, católica e apostólica. Acontece frequentemente que os pais se tornam eles mesmos sujeitos ativos da catequese, assumindo verdadeiramente o compromisso de educar na fé o próprio filho, acompanhando-o tendo em vista os outros sacramentos da iniciação cristã.

A segunda fase da catequese dos pais é a sua participação na preparação da criança para a primeira comunhão. As *Indicações Pastorais do Episcopado Polaco, em sintonia com o Diretório para as Missas com crianças*, exortam os sacerdotes e os pais a preparar as crianças de modo a participarem conscientemente na celebração eucarística, através de uma catequese específica e outras celebrações litúrgicas, para uma formação humana e cristã. Estas *Indicações* convidam os párocos e os catequistas a enfatizarem a família, apesar das dificuldades, como lugar de relações verdadeiras e humanas, lugar de oração cristã, lugar no qual Deus habita.

Além disso, a catequese dos cônjuges e dos pais compreende dois aspetos: ajudar a ser formadores genuínos para a vida cristã na família e torná-los conscientes das potencialidades do apostolado familiar no mundo contemporâneo. Naturalmente, para realizar esses aspetos, é necessário que a família se concentre em escutar a Palavra de Deus, participar na Eucaristia, viver o perdão mútuo, com o selo do sacramento da reconciliação, celebrar a oração litúrgica, preparar os ritos de bênção da família, viver as festas dos aniversários, participar nas peregrinações, retiros e dias de recolhimento, valorizar as tradições polacas associadas com as festas, em especial a vigília de Natal. Sem uma catequese adequada, pode ficar-se prisioneiro da cerimónia que, apesar de bela, não é bem compreendida à luz da fé. A liturgia é o cume da vida da Igreja e a catequese acompanha e explica

os seus significados fundamentais. Sem uma autêntica correlação entre liturgia e catequese, pode incorrer-se no erro de um rito mágico ou no erro de um puro endoutramento.

2. A família e os grupos, as associações e os movimentos no modelo de catequese de tipo catecumenal

A catequese dos cônjuges e dos pais na comunidade eclesial adquire particular importância no período pós-conciliar, juntamente com o desenvolvimento progressivo de grupos, movimentos e associações. A catequese de tipo catecumenal tem aqui a finalidade de ajudar a caminhar para a santidade através do desenvolvimento pessoal de cada um dos cônjuges e de reforçar o vínculo matrimonial na presença de Deus (por exemplo, Movimento Luz-Vida, Equipas de Nossa Senhora, Caminho Neocatecumenal, etc.).

De uma análise da prática da catequese de grupos, associações e movimentos, sem entrar em detalhes sobre a distinção entre primeira evangelização, catequese e nova evangelização, emerge de facto, de modo mais ou menos coerente, um modelo de catequese de tipo catecumenal. Neste contexto, insiste-se numa formação cristã distinta de formas de aconselhamento familiar, de psicoterapia ou de retiros “tradicionais”. Uma dessas experiências diferentes é a do “Encontro Matrimonial” (Spotkania Malzenskie).

Uma característica específica da primeira catequese dirigida aos esposos e pais, no contexto descrito acima, é a proclamação do *kerygma cristão*, colocando o casamento no plano de Deus e enfatizando o ato de amor de Deus na criação. O ser humano foi criado por amor e é chamado a amar; isto exprime, de facto, a sua vocação fundamental.

Um tema catequético no qual parece insistir-se é a reflexão sobre o homem e a mulher criados um para o outro. Aprofundam-se, em particular, as seguintes passagens bíblicas: “não é bom que o homem esteja só”; Deus dá ao homem uma mulher que é “carne da sua carne”, que é para ele igual e próxima; “por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua esposa e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24). Assim, insiste-se, numa visão integral do homem, do matrimónio e da família, enfatizando as duas realidades presentes: a graça e o pecado.

A catequese dos cônjuges e dos pais de tipo catecumenal evidencia a centralidade da Palavra de Deus, o amor pela Liturgia e o compromisso para com o testemunho evangélico. Por esta razão, organizam-se encontros frequentes sobre o estudo da Palavra de Deus, a fim de dar fundamentos ao diálogo matrimonial e familiar.

3. A família e os media no modelo de catequese contemporânea

A catequese dos cônjuges e dos pais, através dos *media*, está presente nas atividades da Igreja Católica na Polónia. Dos *media* recebemos e apreciamos uma linguagem atrativa e fácil e a capacidade de superar as barreiras de tempo e espaço. Numa época em que para a maioria das pessoas quase todas as informações sobre a sociedade e o ambiente provêm da TV, da Internet, da rádio e dos jornais, estes tornam-se areópagos contemporâneos onde é possível promover a catequese.

A catequese presente nos *media* (católicos, públicos e privados) pode caracterizar-se por sistemática e de ocasião, destinada aos esposos e às famílias, mesmo em situações particulares.

A catequese sistemática realizada por alguns *meios de comunicação* católicos na Polónia (por exemplo, Rádio Maria) pode ser entendida como educação de adultos, que inclui, principalmente, o ensino da doutrina cristã, normalmente transmitida em modo sistemático e abrangente, para conduzir os crentes na plenitude da vida cristã. Este ensinamento inclui muitos elementos da missão pastoral da Igreja: o primeiro anúncio do Evangelho, isto é, a pregação missionária através do *kerygma*, a fim de suscitar a fé; a atividade apologética, isto é, a procura dos argumentos que apresentam razões para acreditar; a prática da vida cristã; a vida sacramental; a plena participação na comunidade eclesial; o testemunho da vida apostólica e missionária.

As catequese ocasionais incidem principalmente sobre argumentos que são objeto de discussão nos *media*: a visão cristã sobre a fertilização in vitro; a criação de uma política familiar; a vanguarda tecnológica da medicina e o tratamento da infertilidade; o conceito de família fundada na união de um homem e uma mulher, etc. Estas catequese acontecem também nas ocasiões de memórias litúrgicas (São José, Sagrada Família, Santa Gianna

Beretta Molla) ou de transmissões de santuários em ocasiões de eventos especiais relacionados com a vida cristã dos casais e das famílias (por exemplo, Encontro Mundial das Famílias). Uma outra forma de catequese ocasional é o contacto direto com os interlocutores (por telefone, por correio) de modo que se possa refletir sobre aspetos particulares da vida cristã relacionados com a vida conjugal e familiar.

A catequese através dos *media* também se dirige aos cônjuges e famílias em situações especiais: casais sem filhos, famílias mistas com crianças deficientes, famílias atingidas pelo desemprego, famílias com toxicodependentes, mães solteiras, idosos etc. Também se reflete, naturalmente, sobre situações anómalas: famílias divididas, uniões civis, coabitações livres. Estas pessoas são encorajadas a participar na vida cristã e a empenharem-se na educação cristã dos filhos, integrando-se na vida paroquial, abertas ao plano de Deus para o matrimónio.

Uma releitura parcial do Congresso

FREI ENZO BIEMMI (*)

Introdução

Todos compreendem que Henri Derroitte, pai de cinco filhos, autor e partidário da catequese intergeracional, estaria melhor colocado para reler este congresso.

Pediram-me para o substituir, contando com a vossa indulgência, devida a uma situação não prevista. Ides pois escutar as reações de um velho celibatário que, apesar de tudo, nasceu e foi educado numa família e que, sem nenhum mérito, é Irmão da Santa Família.

Vim a Madrid com os olhos na EVANGELII GAUDIUM e na AMORIS LAETITIA.

a) Para começar, com o olhar da EG, que é atravessada por uma única preocupação: levar a todos, verdadeiramente a todos, a graça de Deus, o seu amor, a sua misericórdia. É o que a EG chama «conversão missionária». A EG interpreta a ação pastoral da comunidade eclesial (e no interior desta, a função da catequese) como uma diaconia da graça, isto é, da ação do Espírito Santo nos corações dos homens e das mulheres de hoje. Ou seja, um serviço de mediação da graça que age em toda a pessoa, em todos os laços familiares e em todas as culturas, e compreendendo a cultura líquida pós-moderna.

(*) Irmão da Congregação da Sagrada Família. Catequeta, Diretor do Instituto Superior de Ciências Religiosas de Verona, especialista em catequese de adultos. Foi Presidente da Equipa Europeia de Catequese, de que é membro.

b) O segundo lugar vem da AL, que interpreto assim: acompanhar a família por um discernimento que procura o bem que é possível, não o bem ideal abstrato, mas o bem que é possível em cada situação. É o que o Antonio Ávila assim resumiu: um olhar de inquietude, de misericórdia, de esperança. É também o que François-Xavier nos recordou com o entusiasmo que o caracteriza. Entre parêntesis, assinalo-vos que ele foi o único neste congresso a fazer ao mesmo tempo uma conferência e a apresentação de uma prática de catequética! Como vedes, os milagres acontecem também na nossa cultura pós-moderna.

A minha leitura do congresso é marcada por esta sensibilidade.

Um olhar parcial que, no entanto, não tem nenhuma ambição de ser sistemático e exaustivo, mas que tem a única função de dar início à partilha da assembleia.

Direi umas palavras sobre a problemática, sobre os contributos dos especialistas e sobre as práticas que escutámos. Terminarei relançando a problemática inicial.

A problemática

Os nossos amigos do Comité, Stijn, Salvatore e Joël introduziram-nos a problemática através de um jogo de papéis muito estimulante. Stijn mostrou-nos que um mundo acabou, pelo que uma forma de transmissão da fé terminou também. Esses esquemas que opuseram dois modelos de transmissão da fé desencantaram-nos, se por acaso já não o estávamos anteriormente.

Salvatore Currò, que é italiano, filho de uma família do sul de Itália, e a família que de facto, nessa parte de Itália, ainda tem um papel de tradição e de socialização importante, mesmo que enfraquecido, fez-se o defensor convencido da educação no seio da família, e disse-nos que a fé é uma questão de coração e de corpo, que Deus já lá está, inscrito nas relações familiares muito antes das salas de catequese, e que a inteligência da fé, não sendo de todo secundária, é segunda. Convidou a catequese a restituir à família o seu papel fundamental na transmissão da fé.

Joël, parisiense, pai de família, que parece mais consciente do que Salvatore da liquidez cultural, desempenhou um papel de quem nos lembra que a crise da transmissão não é uma crise dos métodos, mas uma crise da herança recebida e da autoridade dessa herança. Assim, ele introduziu

umas nuances na posição de Salvatore e propôs-nos, apoiando-se em AL 279, que se articule educação familiar e proposição da fé, para que uma iniciação que já lá está se torne uma iniciação integral. Mas ele terminou a sua intervenção colocando-nos de prevenção: a aliança família – comunidade cristã é *uma aliança de fragilidades*.

Finalmente, os dois foram os defensores de Deus e o único advogado do diabo foi Stijn, que procurou opor-se-lhes e dividi-los, o que é a especialidade do diabo.

Creio que o benefício deste jogo de papéis é o de ter iluminado o contexto desta aliança família – comunidade cristã que é a de restituir a fé à sua dimensão humana, a sua carne: uma fé que toma forma nos laços familiares é uma fé iniciática, feita de coração, de corpo, que respira da vida. Uma fé que se faz carne cada vez mais e sempre melhor, como diz EG 165. Mas ela é também uma fé que se torna palavra e procura a sua inteligência. Nesta visão de fé a família tem todo o seu lugar e a catequese também.

Creio que foi esta a orientação da problemática: a vida humana, que encontra nos laços familiares o seu nascimento e a sua formação primeira, o alfabeto de Deus, certamente. Ao mesmo tempo, este alfabeto pode ser lido apenas por aqueles e aquelas que o sabem decifrar. Dito de outro modo, esta gramática do humano torna-se gramática de Deus, o Pai de Jesus Cristo, somente se houver uma comunidade que precede e anuncia. Educação e proposição da fé não se opõem. Elas são chamadas a aliar-se, mas no nosso contexto cultural trata-se claramente da aliança de duas fragilidades.

Contributo dos especialistas

Agora, uma palavra para os contributos dos especialistas, também ela parcial.

– Dominique Foyer mostrou-nos de uma maneira lúcida, quase impiedosa, a realidade desta fragilidade. A família não aparece como lugar de transmissão eficaz, por causa da rutura na perceção e na experiência de espaço e de tempo. A sua questão final («poderemos ver para além dos limites espaciais e temporais?») provocou a assembleia e ajudou-nos a colocar de novo a questão fundamental: nesta cultura pós-moderna, a educação

familiar e a catequese têm ainda um futuro? Ainda há oportunidade para o evangelho? Haverá uma possibilidade de transmitir a experiência de Deus capaz de toda a recriação?

– Cristina Carvalho retomou, ao seu modo de mulher e de mãe, essa interrogação. O seu relato ajudou-nos a assumir, por um lado, toda a complexidade dos laços familiares e, por outro, a relançar a nossa confiança.

O seu relato ofereceu-nos a prova de que podemos e de que devemos viver a complexidade da vida e da cultura líquida com esperança e que a transmissão dos valores e da fé às novas gerações, pela educação e pelo testemunho da fé, não se interrompeu.

O relato de Cristina mostra-nos um jovem da geração líquida que não é de todo desprovido de valores, de questionamentos, de desejo de autenticidade, de esperança. Ele provoca a sua mãe precisamente sobre os seus valores, sobre a sua fé e o sentido que ela dá à sua vida. A sua mãe vem da cultura da tradição. Ela associa à sua vida (ao seu itinerário de doença e de sofrimento) a geração pós-moderna e esta mostra que ela acolhe a herança operando uma rutura de formas. A geração da tradição é assim convidada a não fazer coincidir as formas com as quais aprendeu a sua fé à fé sem mais.

Vemos então que uma tradição familiar se oferece, no coração de uma dinâmica de rutura. É assim que uma mãe da cultura da tradição engendra um filho da cultura líquida e um filho da cultura líquida remete para o mundo uma mãe da tradição.

O relato de Cristina recebeu a confirmação pelas intervenções que se lhe seguiram, as de Antonio Ávila e de Christophe Rimbault, mas também nas palavras do Arcebispo de Madrid Carlos Osoro.

Os contributos teóricos abriram assim um debate sobre questões propriamente teológicas, inevitáveis quando se fala de família. Elas necessitam ser aprofundadas, porque uma boa teologia da catequese requer uma boa teologia, mas ao mesmo tempo a reflexão catequética é chamada a elaborar a sua abordagem original e específica, que vem de uma dupla escuta.

É por isso que os nossos Congressos dão sempre um lugar relevante às práticas, desta vez às práticas da catequese familiar.

As práticas analisadas

Escutámos oito propostas de catequese familiar. Renuncio a fazer um ensaio de interpretação, pois isso exigiria mais tempo e mais reflexão. Viram a distância que há entre um relato de uma prática e o testemunho direto, no local, que tivemos na paróquia de Las Rosas. Percebe-se um segundo hiato se há uma participação direta como observadores da própria prática. Limito-me, pois, a fazer duas chamadas de atenção gerais.

a) O programa do Congresso falava de «modelos catequéticos», de modelos de catequese familiar. Neste sentido, oito modelos catequéticos ser-nos-iam apresentados. A minha primeira chamada de atenção é sobre como adotámos a noção de «modelo» num sentido bastante lato, e mesmo muito amplo. Para nós existe um interesse de precisar o vocabulário que utilizamos. De facto, nós escutámos os relatos de práticas ou de propostas de práticas, não de modelos de catequese familiar, de práticas que respondessem a certas tipologias diferentes, recorrendo a estratégias e a metodologias diversificadas e que se traduzissem em percursos variados. Mas quantos modelos pudemos efetivamente identificar? Talvez todas as práticas e as propostas escutadas reenviem para o mesmo modelo, para o mesmo imaginário de catequese. Salvaguardo a noção de modelo para designar uma forma de inscrição e de proposição da fé numa cultura determinada, que responde a uma imagem de Deus, a uma conceção de destinatários, a uma forma determinada de Igreja, etc. Neste sentido, estritamente falando, só se conhecem quatro modelos de catequese na história da Igreja: um modelo narrativo ou querigmático que caracterizou a comunidade da primeira hora dirigindo-se aos judeus, um modelo iniciático próprio do catecumenado dirigido a uma cultura pagã mas religiosa, um modelo sociológico próprio de uma sociedade cristã, um modelo escolar adaptado a uma cultura moderna e científica. Este quarto modelo mostra toda a sua fragilidade numa cultura mudada, mas ainda não elaborámos um novo modelo. O que é interessante ver é como as práticas escutadas são ensaios de elaboração de um novo modelo, estando-se ainda no antigo modelo. Deste ponto de vista, apresentam-se na sua fragilidade mas, ao mesmo tempo, na sua criatividade. Elas enviam-nos índices reconfortantes. Entrevê-se, por exemplo, que ultrapassam a delegação fazendo da família

não o objeto, mas o sujeito da catequese; saem de uma abordagem redutora da fé, simplesmente intelectual/cognitiva; oferecem o evangelho como uma graça de humanidade, o que implica a pessoa em todas as suas dimensões; não reduzem mais a catequese à sala do catecismo, etc. Creio que uma reflexão sobre as práticas escutadas, à procura dos indícios de um novo modelo que se desenha, seria para nós muito instrutivo. Devemos, pelo menos, adivinhar que elas poderiam anteceder a reflexão catequética, interrogá-la e apelar à sua reformulação, simplesmente porque elas são guiadas por essa paixão e essa intuição que nesta jornada nós não hesitamos a chamar pelo seu próprio nome: Espírito Santo. Certamente trata-se de uma interpelação implícita, mas não menos interessante por isso. Aí também, a realidade é mais importante que a ideia, e no nosso caso, precede-a. Acompanhar a catequese familiar pede-nos que aprendamos da sua prática uma nova modalidade de a conceber e, a partir daí, ajudá-la a orientar-se por uma reflexão que a assuma até ao fim da realidade.

b) Nesta linha de investigação de um modelo adaptado à nossa cultura, reconheci três tipologias nas práticas escutadas: propostas de catequese **para** as famílias (tradicionalistas ou missionárias que sejam); formas de catequese **da** família ou **na** família (foi para isso que Antonio Ávila chamou a nossa atenção); formas de catequese **com** a família. Para, de/na, com.

Alfredo tinha identificado uma dupla proposição na catequese familiar: missionária – no seio das famílias para as próprias famílias. Esta distinção é muito pertinente mas nós vimos também que há formas de catequese **com** as famílias. Tal acontece quando uma comunidade cristã acompanha as famílias com a finalidade de redescobrir o conjunto da fé, diria, de reler e de recompreender o conjunto do evangelho: o evangelho da família lido com os olhos da família (das famílias concretas e não ideais). Nesse caso, não há uma catequese *para*, nem uma catequese *pela* família, mas *com*.

Esta catequese é totalmente missionária, mas ela é-o para os dois sujeitos implicados (famílias e comunidades) que são assim reevangelizadas, num movimento de hospitalidade recíproca. Trata-se de um processo de engendramento recíproco mútuo (François-Xavier) não só entre crianças e adultos, mas sobretudo entre famílias e a comunidade eclesial. É, pois, ao nível comunitário, a mesma lógica que vimos na relação entre Cristina e o seu filho.

Retorno à problemática inicial

Termino retornando à problemática inicial. Conforme o nosso colóquio se ia desenrolando, não pude impedir que um versículo do evangelho, que faz parte do patrimônio espiritual da minha família religiosa, surgisse progressivamente em mim e se tornasse, de algum modo, em mim, um elemento catalisador: «E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2,52).

É inútil fazer aqui a exegese deste versículo, pois a melhor exegese foi-nos oferecida na intervenção de Caroline Dollard. Ela fez reviver diante dos nossos olhos o contexto que permitiu ao filho de Deus, filho de Maria e de José, tornar-se humano num quadro familiar e religioso caracterizado por uma mesma visão de vida, um entendimento feliz. Trata-se da aliança entre duas forças, um quadro homogêneo que alia educação na família e, diríamos hoje, catequese na sinagoga.

Mas tal não faz mais do que relançar a nossa questão de partida. O filho de Deus pôde crescer na sua humanidade e na sua fé judia no interior de uma cultura onde as duas instâncias regulavam de pleno acordo as dimensões da existência. Esse mesmo Jesus, morto e ressuscitado, terá uma oportunidade de crescer numa cultura onde a família e a comunidade cristã estão em estado de fraqueza extrema?

– Parece-me que nós dissemos que sim: aquele que se incarnou na cultura judia não tem dificuldade em plantar a sua tenda na cultura pós-moderna. Os relatos e as intervenções dos especialistas confortaram-nos nessa direção. Apesar de tudo, nós dissemos que sim assumindo o desafio de aceitar que esta encarnação do filho de Deus se faça pela aliança não mais entre duas forças, mas entre duas fragilidades.

Trata-se de duas fraquezas que têm muitos pontos em comum. No nosso contexto cultural a família está chamada a dar uma educação (de a dar, verdadeiramente) renunciando a obter a imitação (falamos de rutura); a comunidade cristã é chamada a propor a fé (a propô-la, verdadeiramente) renunciando ao enquadramento. Para ambas, trata-se de propor renunciando ao controlo, O que une estas duas fragilidades é a lógica da «proposição»: dar o exemplo na família (segundo uma expressão tradicional), dar o seu

testemunho sem a pretensão de uma resposta em Igreja. As duas Instâncias experimentam uma tensão que sempre foi verdadeira: engendrar e, ao mesmo tempo, deixar partir: é a lógica da maternidade e da paternidade. Mas neste momento esta dupla dinâmica de vida (assinalada pela conjunção «e», engendrar e deixar partir) tornou-se uma só ação: engendrar à vida e à fé na nossa cultura é deixar partir.

As duas instituições (família e comunidade) experimentaram um descontrolo assim que elas assumem até ao fim a sua tarefa de proposição sem retrocesso. Não se transmite a fé, já o dissemos em numerosas retomas, nem na família nem na catequese: testemunha-se.

Mas eis-nos na segunda questão: será que esta aliança de duas fragilidades é uma aliança frágil? Não, pois ela é a única possibilidade de permitir ao Senhor Jesus crescer numa cultura na qual a decisão livre se tornou incontornável, mas também porque é a maneira mais adequada de mostrar o Deus de Jesus Cristo.

A fragilidade da família na cultura líquida e a fragilidade da comunidade eclesial na cultura pós-cristã tornam-se, uma vez aliadas, a revelação de um Deus que sempre se propõe sem jamais se impor, um Deus que (para retomar a expressão de André Fossion) decidiu ele mesmo tornar-se «não necessário», pois decidiu ele mesmo propor-se na fragilidade, na fraqueza, exposto à liberdade humana sem jamais retirar, por isso, o seu amor.

Longe de ser um handicap, a situação atual da educação na família cristã de da proposição da fé na nossa comunidade de famílias pode tornar-se, paradoxalmente, revelação de Deus e da justa mediação, para que ele recupere a carne na nossa cultura e para que ele cresça no coração daqueles e daquelas, certamente uma minoria, que o acolherão na liberdade. É assumindo esta fraqueza que a família e a comunidade cristã se tornarão «lugar teológico», como nos disse Christoph Raimbault. Estas duas fragilidades gerarão, assim, uma força.

É o desejo que retiro do nosso Congresso, mas também uma tarefa e uma responsabilidade que nos é confiada.